

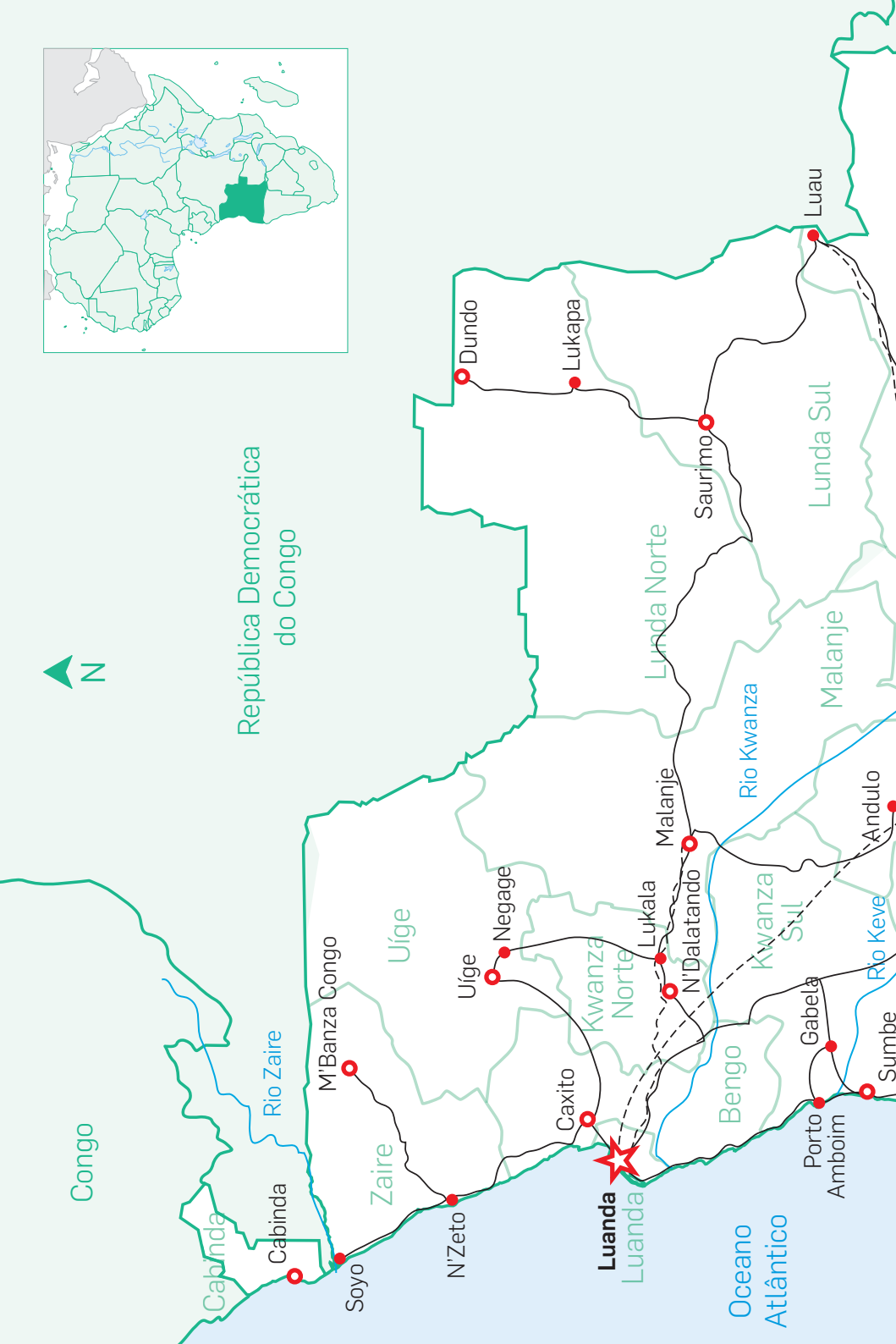
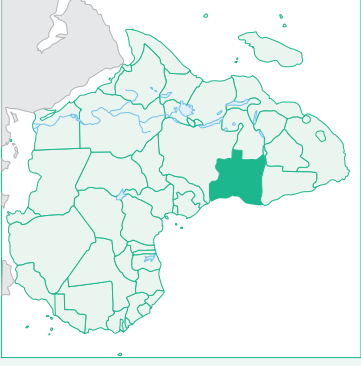
Joost De Raeymaeker

À DESCOBERTA DE ANGOLA

.....
UM GUIA ALTERNATIVO do país mais fascinante de África
DICAS PARA O VIAJANTE • INFORMAÇÕES PRÁTICAS
.....

15
PERCURSOS
DE NORTE
A SUL

OFICINA
DO LIVRO



República Democrática do Congo

Congo

Cabinda

Rio Zaire

Cabinda

Soyo

M'Banza Congo

N'Zeto

Zaire

Uíge

Uíge

Negage

Luanda

Caxito

Luanda

Kwanza Norte

Lukala

N'Dalatando

Malanje

Lunda Norte

Saurimo

Lukapa

Dundo

Porto Amboim

Gabela

Sumbe

Rio Keve

Andulo

Oceano Atlântico

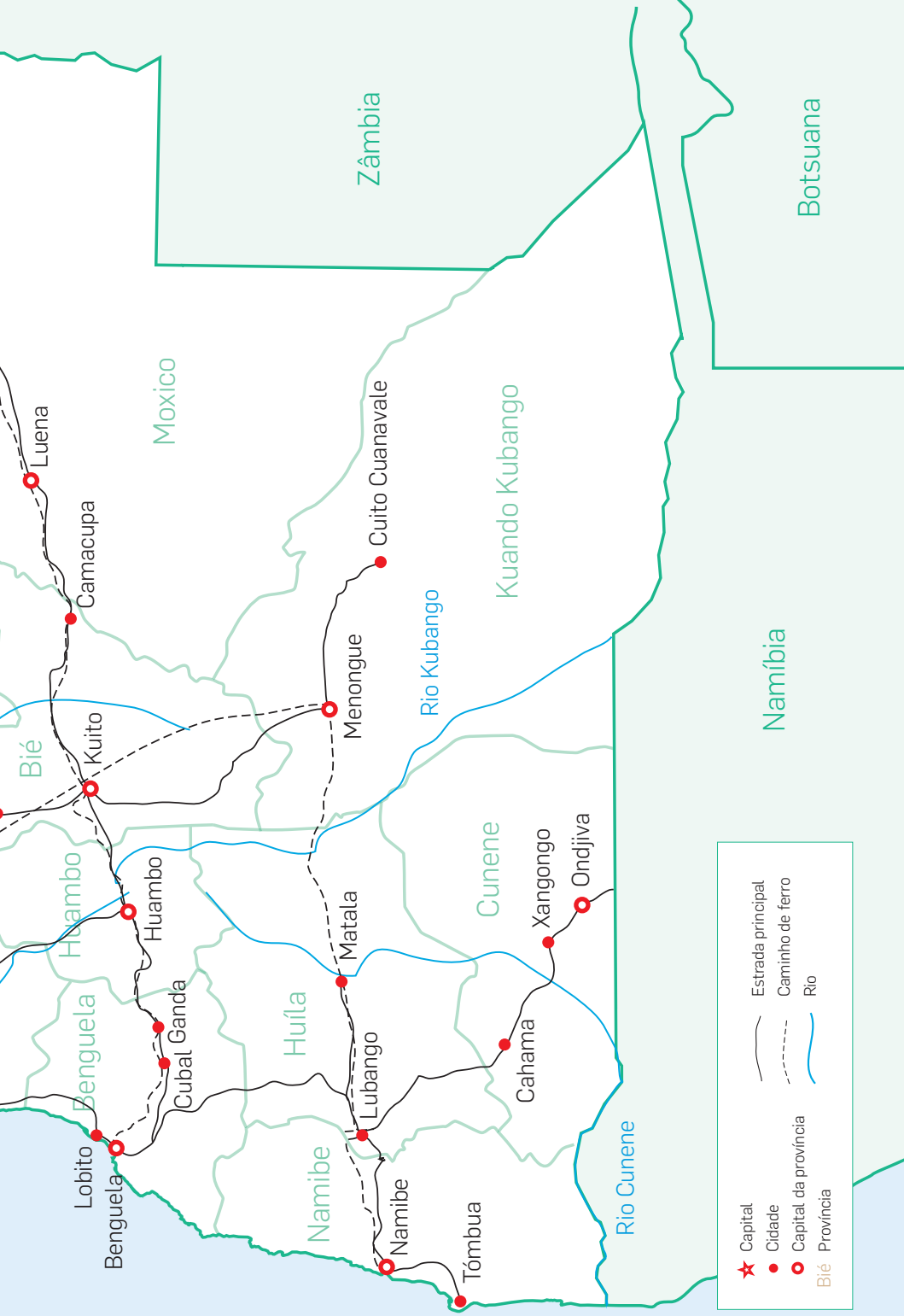
Rio Kwanza

Bengo

Kwanza Sul

Malanje

Lunda Sul



★	Capital	—	Estrada principal
●	Cidade	- - -	Caminho de ferro
○	Capital da província	—	Rio
□	Província		

★ Capital

● Cidade

○ Capital da província

□ Província

— Estrada principal

- - - Caminho de ferro

— Rio

Namíbia

Botsuana

Zâmbia

Moxico

Kuando Kubango

Rio Kubango

Cunene

Rio Kunene

Namibe

Huíla

Huambo

Benguela

Bié

Lobito

Benguela

Cubal Ganda

Huambo

Camacupa

Luena

Cuito Cuanavale

Menongue

Matala

Lubango

Tómbua

Namibe

Cahama

Xangongo

Ondjiva

Título: *À Descoberta de Angola*
©2012, Joost De Raeymaeker
e OFICINA DO LIVRO — SOCIEDADE EDITORIAL Lda.
Texto e Fotografias: Joost De Raeymaeker

Revisão: Elsa Gonçalves
Capa: Joana Tordo
Design Gráfico: Joana Tordo e Luz Cancela de Abreu

1.ª edição: novembro, 2012
ISBN: 9789897410109

Oficina do Livro
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, 2
2610-038 Alfragide
Tel.: 21 041 74 10 . Fax: 21 471 77 37
E-mail: info@oficinadolivro.leya.com
www.oficinadolivro.pt

ÍNDICE

Introdução	6
PARTE UM » INFORMAÇÕES PRÁTICAS	8
Caraterização do país	10
Um pouco de História	14
Geografia e clima	18
População	22
Arte e cultura	32
Gastronomia	40
Dicas para o Viajante	46
PARTE DOIS » PERCURSOS	78
#1. Luanda-Ramiro-Sumbe	82
#2. Sumbe-Lobito-Benguela	98
#3. Benguela-Cubal-Ganda	114
#4. Ganda-Huambo-Kuito	126
#5. Kuito-Lubango	142
#6. Lubango-Namibe	156
#7. Namibe-Ondjiva-Matala-Lubango-Luanda	170
#8. Luanda-Uíge	184
#9. Uíge-Camabatela-Cacuso-Pungo Andongo-Kalandula- -Malanje-Luanda	200
#10. Luanda-Menongue	216
#11. Menongue-Luena	230
#12. Luena-Saurimo	246
#13. Saurimo-Dundo-Luanda	260
#14. Luanda-Cabinda-Soyo-Luanda	274
#15. Luanda	290
Agradecimentos	312
Índice Remissivo	314



Bem-vindo a Angola, o país mais fascinante de África, povoado há milénios, «descoberto» há 500 anos mas, mesmo assim, ainda por descobrir. Foi isso que fiz ao longo de várias viagens, num total de 180 dias no terreno.

Desloquei-me de autocarro, em caixas de carga de carrinhas e camiões ou como pendura de motos. Dormi em pensões, nas casas de pessoas que me ofereceram um teto e, muitas vezes, também passei a noite ao relento. Comi no meio da rua, em tascas escondidas e nos omnipresentes *buffets* angolanos, saboreando funges, pirões, verduras, cogumelos gigantes, até lagartas e, por pouco, também macaco e suricata...

Cada um dos percursos deste guia corresponde a uma aventura, mas também a uma prova de que é possível viajar de maneira segura e descontraída pelo imenso território de Angola. As dicas e informações que recolhi e compilei para este livro são uma boa ajuda para reduzir os imprevistos e aumentar o prazer de uma viagem por este país intenso e inesquecível, tanto nos seus paradoxos como nas suas gentes e paisagens.

Boa viagem!





PARTE UM

INFORMAÇÕES PRÁTICAS >>>>



INFORMAÇÕES PRÁTICAS

CARACTERIZAÇÃO DO PAÍS

ANGOLA EM POUCAS PALAVRAS

Praias

São 1650 quilómetros de costa, a maior parte inexplorada. Há praias para todos os gostos: *surf*, pesca desportiva, mergulho ou, claro, só para fazer praia.

Paisagem e natureza

Da floresta tropical ao deserto, passando por savanas, montanhas e praias, a paisagem é sempre magnífica. Existem mais de uma dúzia de parques, num total de 82 000 quilómetros quadrados, quase sete por cento do país. Os parques angolanos são um paraíso para apreciadores de toda a espécie de fauna e de flora. Angola tem tudo a perder de vista.

Gastronomia

Comida espetacular. Não visite Angola sem provar uma moamba com funge e feijão de óleo de palma, um mufete ou um calulu. Mesmo na rua, há pinchos, espetadas de carne, kitabas e muitas outras iguarias que nunca irá esquecer.

Povo

Os angolanos têm um fantástico sentido de humor. Vá e converse com

eles ou, se tiver vergonha, fique a ouvir as conversas e brincadeiras a uma pequena distância.

Clima

As temperaturas raramente baixam dos 20°C à noite e geralmente não ultrapassam os 30° durante o dia. Uma delícia para fugir aos invernos frios da Europa.

História

Desde as pinturas rupestres no Namibe às tradições dos povos bantu que se fixaram na região, passando pelos traços da presença portuguesa, como a mais antiga igreja de pedra a sul do Sara. O país está cheio de vestígios da sua rica história, a maior parte por desvendar.

Aventura

A não ser os sítios mais conhecidos, está tudo por descobrir: pessoas, natureza, cultura, a tal praia mais bonita do mundo. Se quiser aventurar-se mesmo, é possível e permitido fazer campismo na maior parte do país. É uma maneira de poupar dinheiro e descobrir a natureza.

Descanso

Saia de Luanda e vá para um dos muitos *resorts* espalhados pelo país e tome um *cocktail* ao lado da piscina ou na praia. Se preferir, poderá também passear no planalto, a dezenas de quilómetros do ser humano mais próximo.

Arte contemporânea

Luanda está na crista da onda da arte contemporânea. O país ferve com criatividade. Exposições, teatro e dança são uma constante.

Música

Kuduro, semba, kizomba, tarrachinha, espetáculos de música ao vivo. Não se vá embora de Angola sem assistir a um concerto ou de ver as pessoas a dançar na rua.

Noite

Sair à noite é uma experiência única em Luanda. Há música para todos os gostos e muitas das pessoas ficam na praia para ver o nascer do Sol, a dançar.





BILHETE DE IDENTIDADE

Designação: República de Angola

Presidente: José Eduardo dos Santos, desde 1979

Data da independência: 11 de novembro de 1975

Capital: Luanda

Moeda: Kwanza (kz)

Superfície: 1 246 700 km² (23.º no *ranking* mundial)

Províncias: **Norte:** Cabinda, Zaire, Uíge, Malanje, Lunda Norte, Lunda Sul, Bengo, Luanda, Kwanza Norte; **Centro:** Kwanza Sul, Huambo, Bié, Moxico, Benguela;

Sul: Huíla, Cunene, Kuando Kubango e Namibe.

SOCIEDADE

População: 18 milhões (estimativa de 2009)

Densidade populacional: 14,8 habitantes / km² (estimativa de 2009)

Esperança média de vida: 50 anos

Língua oficial: Português

Principais línguas nacionais: Kikongo, kimbundu, umbundu, nganguela, tchokwé e ukwanyama

FERIADOS

1 de janeiro: Ano Novo

4 de fevereiro: Dia do início da luta armada

8 de março: Dia da Mulher Angolana

4 de abril: Dia da Paz (assinatura dos acordos de paz de 2002)

1 de maio: Dia do Trabalhador

25 de maio: Dia de África

1 de junho: Dia da Criança

15 de agosto: Feriado municipal em Luanda

17 de setembro: Dia do Herói Nacional e Dia de Agostinho Neto, primeiro presidente de Angola

2 de novembro: Dia de Todos os Santos

11 de novembro: Dia da Independência

24 de dezembro: Feriado em Luanda

25 de dezembro: Natal

O Carnaval e a Sexta-Feira Santa também são feriados nacionais.



INFORMAÇÕES PRÁTICAS

UM POUCO DE HISTÓRIA

Século vi – Povos bantu, vindos do Norte, ocuparam grande parte do território que hoje é Angola. Alguns séculos mais tarde, existiam vários reinos, o maior dos quais era o reino do Congo. Ocupava uma área que se estendia desde os Camarões até à barra do Kwanza. No reino do Congo circulava moeda (neste caso conchas) como meio de pagamento e havia um avançado sistema de tributação.

1482 – Diogo Cão lança âncora na foz do rio Congo. O título que o soberano local usava era N'Gola, daí o nome que os portugueses deram ao país. No espaço de alguns anos, embaixadores do Congo foram a Lisboa para estudar a língua, a escrita e, claro, o cristianismo. Não tardou até que o rei se convertesse e adotasse um nome português.

1575 – Os portugueses estabelecem uma feitoria em Luanda, com o nome de «São Paulo de Loanda». Fixam-se primeiro na ilha, mas rapidamente ocupam a área onde hoje se situa o Forte de São Miguel e depois toda a baía de Luanda. Os negócios vão de vento em popa, sobretudo o dos escravos, que são levados para

o Brasil. Muito mais interesse em Angola não havia, para além da conversão religiosa.

Século xvii – Os holandeses aproveitam a fraqueza temporária dos portugueses, quando estes perdem a independência sob o domínio dos Filipes. Incentivam a rainha Jinga, que se alia ao povo jaga, a revoltar-se contra os portugueses, em 1618. Quando Portugal reconquistou a sua independência em 1640, os holandeses estavam prestes a ocupar Luanda. Em 1648, é enviada uma expedição sob o comando de Salvador Correia de Sá, que atravessa o Atlântico com alguns navios e chega a Benguela. Não levava muita gente e, ainda por cima, trezentos homens afogaram-se quando um dos navios se afundou. Porém, quando os navios restantes se aproximavam de Luanda, os holandeses julgaram que seria só a vanguarda da «armada» lusa e fugiram.

Século xix – Depois da independência do Brasil em 1822 e do fim do comércio de escravos, começa a olhar-se pela primeira vez para as reais possibilidades do país, e inicia-se

uma exploração mais sistemática do interior. Com as investidas europeias em África, sobretudo inglesas e francesas, os portugueses convocam uma conferência internacional e Otto von Bismarck organiza-a em Berlim, em 1884-1885. São então definidas as fronteiras de Angola. Nessa época, as pessoas que se fixavam no interior do país eram em grande parte presos deportados de Portugal. Entre eles estava o famoso Zé do Telhado, que se estabeleceu em Malanje como negociante de borracha, deixou crescer uma barba enorme, casou com uma angolana, teve três filhos e morreu de varíola.

Século xx – Com a implantação da República em 1910, a colonização torna-se mais sistemática e a exportação de café, sisal e outros produtos gera muita riqueza. Porém, mais tarde, já na década de 1950, com as independências concedidas pelos ingleses e franceses às colónias africanas, começam a surgir os movimentos pela independência angolana (FNLA, MPLA e UNITA).

1961 – Inicia-se a luta armada pela independência de Angola. Salazar ainda tenta travar esses movimentos com força militar, uma atividade de colonização e obras de infraestruturas mais intensas, sob o lema «Para Angola, rapidamente e em força!». De pouco valeu, porque a ditadura

estava prestes a cair. Em 1974, o novo regime político em Portugal concede a independência às colónias.

1975 – Angola torna-se independente a 11 de Novembro. Agostinho Neto é o primeiro presidente do novo país. Porém, os diversos movimentos revolucionários não se conseguem entender e envolvem-se numa longa guerra civil.

1992 – Depois da assinatura dos acordos de Bicesse, há pela primeira vez eleições no país. Tudo leva a crer que a paz será finalmente uma realidade, mas alegações de fraude eleitoral levam a que Jonas Savimbi, líder da UNITA, pegue outra vez em armas. Seguem-se mais dez anos de um conflito armado que espalhou vinte milhões de minas pelo país, um pesadelo até hoje. Savimbi foi morto num raide na mata do Moxico em 2002. No dia seguinte, iniciam-se as conversações de paz. É o fim de uma guerra que se estendeu por 27 anos.

ALGUMAS FIGURAS HISTÓRICAS EM POUCAS PALAVRAS

Rainha Jinga Mbandi

Nasceu no fim do século XVI e fez frente aos portugueses, formando várias alianças para o efeito. Chegou a batizar-se católica, com o irrepreensivelmente português nome de Dona Ana de Sousa.

Por ocasião da assinatura de um tratado em que não lhe tinham preparado uma cadeira, chegou a sentar-se nas costas de um súbdito de gatas para ficar à altura dos outros intervenientes. Rapidamente voltou a «desconverter-se» e a insurgir-se contra os portugueses. Morreu aos 80 anos, outra vez católica, mas a luta que desenvolveu contra a ocupação da sua terra e o facto de ela própria ter liderado as suas tropas em batalha fazem dela a primeira grande heroína nacional. Não faltam na Angola de hoje bustos e ruas com o seu nome.

Agostinho Neto

O primeiro presidente de Angola estudou Medicina em Portugal e consta que nas suas passagens por Lisboa era frequentador assíduo da discoteca Jamaica. Foi perseguido pela PIDE e fugiu à prisão domiciliária imposta. Kennedy recusou apoiá-lo, optando por outro grupo de libertação de Angola (o FNLA de Holden Roberto), por isso Agostinho Neto virou as suas atenções para Cuba e o bloco soviético. Morreu em 1979 numa mesa de operações em Moscovo, dando origem a especulações sobre a sua morte.

José Eduardo dos Santos

Nasceu no famoso bairro do Sambizanga em Luanda, e uma jovem carreira na luta pela libertação pôs os portugueses no seu encalço.



Conseguiu fugir no barco que hoje está exposto no Lobito. Regressou a Angola em 1970, em 1979 herdou o país em guerra de Agostinho Neto e é presidente desde então. O facto de ter conseguido que a UNITA se sentasse à mesa das negociações, depois da morte do seu líder, Jonas Savimbi, e assinasse finalmente um acordo duradouro de paz valeu-lhe a alcunha de «arquiteto da paz». Depois de 33 anos no poder, foi a eleições pela primeira vez em 2012.

Hoji Ya Henda

Um herói nacional, com pelo menos uma rua em seu nome em cada cidade. Nasceu José Mendes de Carvalho e morreu num ataque aos portugueses em 1968 na província do Moxico. O dia da sua morte, 14 de abril, tornou-se o Dia da Juventude Angolana.

Mapa de Angola com divisão administrativa, principais cidades, estradas, rios e caminhos de ferro.



INFORMAÇÕES PRÁTICAS

GEOGRAFIA E CLIMA

O TERRITÓRIO

Angola está localizada no Sudoeste africano, no hemisfério sul, sensivelmente entre as latitudes de 4° e 18° sul e as longitudes 12° e 24° este. Do lado oeste, a costa estende-se por 1650 quilómetros. Praias não faltam. Os países vizinhos são a Namíbia a sul, a Zâmbia a leste e a República Democrática do Congo a norte e leste. O enclave de Cabinda, a norte do resto do território, está prensado entre a República Democrática do Congo e a República do Congo. As fronteiras do país ficaram delineadas em 1885, na Conferência de Berlim, com algumas pequenas alterações, a última das quais em 1927. Os vizinhos belgas precisavam de mais um pouco de terra perto de Nóqui, no Norte do país, por ser mais fácil construir um troço de caminho de ferro neste pedaço de terra do que mais a norte. Em troca cederam mais de 3000 quilómetros quadrados na zona do Luau, no Leste, devolvendo uma parte de território que, segundo os portugueses, teria sido entregue aos belgas devido a um erro cartográfico. Mal sabiam os belgas que a zona estava cheia de diamantes.

A maior parte do território angolano situa-se acima de mil metros de altitude. Existe uma faixa litorânea baixa, seguida de uma zona de colinas e montes que sobe para os planaltos, esses com altitudes entre mil e dois mil metros. Os planaltos no centro do país são bastante férteis, atravessados por vários rios. Os principais são o Kwanza, o Cunene, o Zaire, o Keve e o Kubango. O ponto mais alto do país é o monte Moco, com 2620 metros de altitude. Fica na província do Huambo. O Sul do país é desértico e o Norte mais tropical. O interior de Cabinda já faz parte da floresta húmida equatorial.

As principais cidades são Luanda, Huambo, Lobito, Benguela e Lubango. Estas cidades e muitas outras mudaram de nome depois da independência, dando lugar a nomes tradicionais. Segue uma pequena lista para orientação daqueles que insistem em usar os nomes coloniais. *(ver tabela da página seguinte)*

Para além de grande parte dos nomes ter mudado, há alguma confusão adicional em termos de ortografia. Com a independência, surgiu uma

NOME ATUAL	NOME COLONIAL	PROVÍNCIA
Bailundo	Vila Teixeira da Silva	Huambo
Benguela	São Filipe de Benguela	Benguela
Caála	Vila Robert Williams	Huambo
Kalandula	Duque de Bragança	Malanje
Camacupa	Vila General Machado	Bié
Ganda	Vila Mariano Machado	Benguela
Huambo	Nova Lisboa	Huambo
Kuito	Silva Porto	Bié
Lubango	Sá da Bandeira	Huíla
Luená	Vila Luso	Moxico
M'Banza Congo	São Salvador do Congo	Zaire
Menongue	Serpa Pinto	Kuando Kubango
Namibe	Moçâmedes	Namibe
Ndalatando	Vila Salazar	Kwanza Norte
Ondjiva	Vila Pereira d'Eça	Cunene
Saurimo	Vila Henrique de Carvalho	Lunda Sul
Soyo	Santo António do Zaire	Zaire
Sumbe	Novo Redondo	Kwanza Sul
Tómbua	Porto Alexandre	Namibe
Uíge	Carmona	Uíge

vontade forte de quebrar com o passado e com tudo o que fazia lembrar os colonizadores. Isto criou alguma confusão, quando mesmo as indicações oficiais na estrada e nas cidades diferem umas das outras. É possível encontrar-se placas com Cuanza, Kwanza e até Kuanza num raio de escassas centenas de metros. Tentarei ser consequente na nomenclatura e usar a forma mais comum usada em Angola, mesmo que signifique escrever Kuito (capital da

província do Bié) e Cuito Cuanaval e no mesmo mapa.

O CLIMA

A temperatura máxima média anual a nível nacional é de 27 graus e a mínima 17. De modo geral, no litoral, não há muita diferença entre temperaturas máximas e mínimas. Nos planaltos, a amplitude térmica é muito elevada na época do cacimbo e relativamente pequena nas chuvas. O Norte do país é de modo












geral mais quente do que o Sul, com exceção do deserto do Namibe. Existem duas estações, uma de chuvas e outra seca. Geralmente, as chuvas começam em setembro e terminam em abril. Entre maio e setembro não chove, com exceção do extremo norte do país, onde existe todo o ano a possibilidade de chuva. A época seca, conhecida por cacimbo, é a mais fria do ano. No cacimbo, os dias nascem muitas vezes com céus cobertos em tons de cinzento-escuro, e são frequentes os dias em que o sol não chega a penetrar a grossa camada de nebulosidade. No planalto sudeste, as temperaturas mínimas podem chegar perto de 0 graus. Há vantagens e desvantagens em qualquer altura do ano, mas para quem quer viajar pelo interior do país, de modo geral é mais indicado visitar Angola no cacimbo, ou logo no início das chuvas, quando os efeitos ainda não se fazem sentir muito. Para se andar por terra, de carro ou de transportes comuns, o melhor é evitar o período janeiro/abril. Para quem não pretende ir muito longe qualquer altura do ano é boa para visitar Angola. Os apreciadores de praia têm muitas opções, sem irem muito longe das principais cidades costeiras. É muito pouco frequente chover dias a fio, mesmo na época das chuvas, e a época do Natal e passagem de ano é muito popular entre angolanos para passar uns dias na praia.



Por outro lado, o período do ano e o sítio para onde quer ir, ou o percurso que quer fazer, são importantes para decidir que roupa levar na bagagem. Em Luanda, e de modo geral no litoral, pode usar-se calções e *T-shirts* durante todo o ano. À noite, quando arrefece um pouco, calças compridas, sapatos, camisola ou um blusão ajudam a enfrentar alguma brisa mais fria. No interior, e sobretudo no cacimbo, as noites são bastante mais frescas do que os dias. Convém levar mesmo um casaco quente para suportar as temperaturas baixas à noite. Durante o dia nunca faz frio.

Etnias de Angola



- | | | |
|--|---|--|
|  Bakongo |  Herero |  Ganguela ou Tchinganjela |
|  Kimbundu |  Ganguela |  Khoisan |
|  Umbundu |  Ambó |  Xindonga |
|  Kioko |  Nhaneca-Humbe | |

INFORMAÇÕES PRÁTICAS

POPULAÇÃO

ETNIAS E LÍNGUAS

O «angolano» é um ser que não existe, embora seja muito comum, dentro e fora do país, fazer crer que existe.

É sempre mais cómodo dizer-se que o angolano é assim ou assado, como de resto fazemos com a maior parte das nacionalidades. Habitámo-nos a fazer essa identificação da nação com o seu povo. Dentro do país, ajuda a aumentar uma sensação de nacionalismo, por sinal muito cultivada na imprensa oficial. Enquanto na Europa a palavra nacionalista passou a ter uma conotação negativa, em Angola é um termo usado com orgulho para especificar todos os que de alguma forma se empenharam na luta pela independência. Seja como for, as generalizações não acabam aqui. Os próprios angolanos têm ideias relativamente fixas em relação às várias etnias do país. Os kimbundu (sobretudo os kaluanda) são mais astutos, os umbundu mais trabalhadores, e os bakongo são mestres nos negócios.

Verdade ou não, quem são esses kimbundus, umbundus e bakongos? Como referi, a partir do século vi, vários povos de origem bantu vieram do Norte para se fixarem no território

angolano. A população original da região, os khoisan, mais baixos e com um tom de pele mais claro, ainda existe em pequenas áreas mais ou menos isoladas no Sul do país. Os bosquímanos são um bom exemplo dessa população original.

Como mostra o mapa, existem dez grupos distintos de origem bantu, para além das pequenas minorias khoisan. Desses dez grupos, os três maiores são, por ordem, os umbundu, os kimbundu e os bakongo. Correspondem às áreas mais densamente povoadas do país. Luanda é um caso à parte. Como resultado da mistura e da urbanização da capital, neste momento com mais de cinco milhões de habitantes, a maior parte dos jovens luandenses tem hoje em dia o português como língua materna. Alguns ainda conseguem uma ou outra expressão em kimbundu ou noutra língua nacional, mas de um modo geral não passa disso. No interior das províncias, longe dos centros urbanos, acontece por vezes o contrário: muitas pessoas falam bem a sua língua materna bantu, mas em português não se sentem muito à vontade. As crianças só aprendem a língua de Camões



em idade escolar. São reconhecidas por volta de 42 línguas nacionais, e a televisão estatal (TPA) tem algumas emissões, como o noticiário, em pelo menos sete dessas línguas.

Muitas palavras das línguas nacionais encontraram o seu lugar na língua portuguesa, tanto em Angola como no Brasil ou até em Portugal. Muitos jovens pelo mundo fora sabem o que é kizomba, e embora kuduro não seja propriamente uma palavra tradicional, a maior parte da juventude internacional sabe o que é.

Segue uma pequena lista de palavras ou expressões para facilitar o diálogo, ou a «descriptação» de conversas em Angola. Se misturar

algumas dessas expressões e frases na conversa, é capaz de fazer rapidamente alguns amigos e até ser convidado para tomar um copo ou comer em casa de alguém. Talvez até receba um convite para uma festa de quintal. Não existe melhor oportunidade para conhecer «o angolano». *(ver tabela da página 26)*

O POVO

Voltando às generalizações, há algumas características gerais entre os angolanos que tornam a estada e as viagens pelo país bastante agradáveis. As pessoas têm habitualmente um fantástico sentido de humor e uma gargalhada nunca está longe. É muito refrescante encontrar um povo que sabe brincar

com a sua própria situação. Essa relativização ajuda a ultrapassar as dificuldades do dia a dia e é um sinal de inteligência. O humor está presente em tudo à nossa volta, das conversas nos botequins às letras das músicas. Outra característica muito positiva dos angolanos é a hospitalidade. Ser convidado para casa de alguém acontece com muita facilidade. Daí a essa pessoa nos levar a casa de outra, e por sua vez outra e outra, é a coisa mais normal. Ninguém fica admirado por alguém aparecer com um estranho para o almoço, há sempre um prato a mais para qualquer eventualidade.

Como a maior parte dos africanos, os angolanos respeitam muito os mais velhos. Qualquer falta de respeito para com uma pessoa mais velha é muito mal vista. Geralmente são carinhosamente chamados de tio, tia, kota, mais velho, mais velha, avô ou avó. Existe uma hierarquia etária implícita nos contactos sociais. As crianças estão no degrau mais baixo e, à primeira vista, ninguém lhes parece ligar muito. Não costumam fazer patifarias nem falar muito quando estão acompanhadas por adultos. É perfeitamente normal ver uma criança sentada ao lado ou ao colo de sua mãe ou completamente sozinha, num transporte público qualquer durante uma viagem de muitas horas, sem se irritar e até sem falar. Não quer dizer que elas

sejam acanhadas ou reprimidas. Basta reparar nessa mesma criança alguns minutos depois com os seus amigos na rua para a ver brincar, com um brilho nos olhos e às gargalhadas. Mas como são as pessoas que vamos encontrar em Angola, depois de sair do Aeroporto 4 de Fevereiro? Nos próximos parágrafos, segue uma curta descrição de alguns tipos de angolanos que encontrará de certeza.

O motorista de candongueiro

É fácil detetar esta personagem em qualquer parte de Angola. As carrinhas Toyota Hiace, pintadas de azul e branco, são omnipresentes. O motorista de candongueiro tem uma expressão facial praticamente imutável face a qualquer acontecimento. O *stress* do trânsito horrível de Luanda e os buracos do tamanho de um carro em algumas estradas na província não lhe afetam minimamente a calma. As regras de trânsito são para os outros, e não é em vão que se diz em Angola que só bate num candongueiro quem quer. Eles é que não param. É a nós que compete decidir se queremos amolgar o carro ou ser atropelados. A maior parte dos motoristas de candongueiro gosta de pôr a música muito alto. Geralmente só baixam o som para atenderem uma chamada, para se rirem de uma história de um passageiro ou para darem ou receberem instruções do cobrador.

PALAVRA	SIGNIFICADO
Banga	Estilo, vaidade
Bitola	Cerveja
Birra	Cerveja
Bué	Muito (está entretanto no dicionário de português)
Bufunfa	Dinheiro
Bumbar	Trabalhar
Cacimbo	Época seca e mais fria do ano
Cambuta	Pessoa de baixa estatura
Camone	Anglo-saxónico, americano
Candongueiro	Carrinha que serve de táxi
Chuinga	Pastilha elástica
Chupar	Beber (em excesso)
Coxe	Um pouco
Cubico	Casa
Dama, damo	Namorada, rapariga; namorado, rapaz
Dica	Coisa
Dred	Homem, rapaz
Farra	Festa
Fobado	Com fome
Garina	Rapariga, namorada
Guimbo	Forma particular de cabeça, com proeminência atrás
Guita	Dinheiro
Hiace (pronunciado <i>íásse</i>)	Carrinha Hiace que serve de táxi coletivo; o mesmo que candongueiro
Imbambas	Tralhas, pertences (mas pouco)
Jindungo	Malagueta
Ginguba	Amendoim
Kamba	Amigo
Kandandu	Abraço
Kanuko	Criança, irmão mais novo
Kaporroto	O mesmo que kapuka
Kapuka	Bebida espirituosa, às vezes com adição de «carvão de pilha», ou seja, ácido de bateria
Keta	Uma música
Kimbo	Aldeia
Kinguila	Pessoa que se dedica ao câmbio informal de dinheiro
Kota	Pessoa mais velha, pai

PALAVRA	SIGNIFICADO
Kuiar	Agradar («esta música me kuia»)
Kumbu	Dinheiro
Kupapata	Moto-táxi
Langa	Cidadão do Zaire (RDC)
Latona	Uma mulata
Madié	Homem, fulano
Mambo	Coisa ou situação, acontecimento
Maka	Problema (não há maka)
Massa	Dinheiro
Matabichar	Tomar o pequeno-almoço
Matumbo	Burro, ignorante, foleiro
Muangolé	Angolano
Mussequê	Bairro de lata ou de construção não regulamentada, favela
Muxima	Coração, sentimento
Pato	Penetra (de festas)
Patar	Penetrar festas
Pentear	Extorquir dinheiro; geralmente dito da polícia quando mandam parar um carro e cobram uma «multa informal»
Pincho	Espeto
Pitéu	Comida, refeição
Pula	Branco, português
Semba	Música ritmada muito popular, dançada com par
Soba	Chefe de aldeia, geralmente com um género de uniforme bege e um chapéu
Tarrachinha	Dança sensual, com par, corpo a corpo
Tarrachar	Dançar tarrachinha
Uawé	Expressão de surpresa, um português diria epá, ou chixa e um brasileiro, «minha nossa»
Xé	Expressão para chamar a atenção de alguém no início de uma frase
Zungueira	Vendedora ambulante, quitandeira
Estão a te chamar naquele kota	O senhor está a chamar-te
Me leva só na ilha	Leve-me à ilha, por favor
Desconsegui	Não consegui
Está tomado	Está bêbedo

O cobrador de candongueiro

É a figura que grita o nome do destino do candongueiro em alta voz. «Congolenses praça, Congolenses praça», «Mutamba, Mutamba» ou «aeroporto, aeroporto» devem ser palavras que continuam a sair da boca desses indivíduos, mesmo durante o sono. Normalmente têm um maço de notas, bem ordenadas por valor, dobrado a meio ao longo da nota, entre o indicador e o anelar, passando por baixo do dedo do meio. Estas figuras estão habituadas a ficar em posições de fazer inveja a muitos contorcionistas entre a porta, as imbambas e os joelhos dos passageiros. São geralmente muito bem-dispostos e enérgicos, mas a boa disposição pode muito rapidamente dar lugar a ameaças e gritos se um passageiro se recusa a pagar ou não tem dinheiro. Felizmente, a má disposição nunca dura muito tempo. Instantes depois, o cobrador já está a rir-se ou a contar uma história qualquer (desde que o volume de som o permita). Geralmente também não é boa ideia chamar um candongueiro por esse nome. Nem o motorista nem o cobrador gostam. Preferem a palavra «táxi», mas pode dizer Hiace.

A zungueira ou quitandeira

É a mulher que anda pelas ruas com um cesto na cabeça e geralmente com uma criança às costas, envolta

num pano. O tamanho e o peso do cesto desafiam as leis da física e da resistência humana. As mulheres vendem peixe, fruta, livros, jornais, bolachas, resumidamente tudo que se pode vender e transportar num cesto. As zungueiras ambulantes gritam o nome daquilo que vendem. «É peixe, é peixe, é peixe» é um dos gritos muito ouvidos. Frequentemente as vogais são transformadas em «é» por permitir um som um pouco mais estridente. «Querépéé» é carapau. O grito é outro, o peixe é o mesmo. Muitas também estão sentadas à entrada dos supermercados, ou em certos pontos da cidade, como nas arcadas da Marginal de Luanda. Zungar é um verbo. «A mana Zita zunga ginguba» quer dizer que a Zita vende amendoim.

O roboteiro

Os roboteiros não gostam do nome com que ficaram. Dizem preferir «trabalhador». Para um estranho, nenhum dos dois explica o que possam ser na realidade. São as personagens que ficam ao pé das paragens dos transportes com uns carros de mão artesanais, feitos com uma roda e um pneu de um carro, sobre os quais montam uma estrutura de madeira. Por umas dezenas de kwanzas transportam as nossas imbambas para casa ou para o próximo transporte.

O pastor da igreja carismática

No rasto da altamente lucrativa Igreja Universal do Reino de Deus, vulgo Igreja Universal, surge um sem-fim de igrejas «carismáticas» brasileiras, um pouco por todo o país. Até uma imitação da Igreja da Cientologia vi no meio do Moxico, irreprensivelmente chamada Igreja de Cristo Cientista. Os pastores dessas igrejas são muitas vezes angolanos, mas por uma razão que me ultrapassa, dirigem o rebanho com um portentoso sotaque brasileiro. É comum ouvi-los até do outro lado da rua a debitar a ladainha sobre o inferno.

O vendedor ambulante

É o jovem que vende tudo e mais alguma coisa no meio das filas de trânsito da cidade ou em qualquer

lugar onde os carros não conseguem andar com mais velocidade do que uma bicicleta. O vendedor ambulante resiste a tudo: chuvas torrenciais, sol abrasador e, provavelmente, o pior de tudo: gases de escape durante a maior parte do dia. Alguns vendem «sumos e água descartáveis» e cerveja, em enormes sacos de plástico transparente, cheios de pedras gigantescas de gelo. Ganham umas poucas dezenas de kwanzas por cada bebida vendida, e por isso é raro vê-los a beberem aquilo que vendem, mesmo nos dias mais quentes. Outros vendem todos os artigos imaginários, desde pentes e carregadores de telemóveis até quadros da Mona Lisa e armários inteiros. Pode não conseguir encontrar aquilo de que está à procura num determinado dia, mas seja qual for





a sua necessidade, há de aparecer à venda nas ruas das cidades angolanas.

O novo-rico

Se lhe aparecer um carro que nunca viu em lado nenhum por ser demasiado caro, pode ter a certeza de que lá dentro vai um novo-rico. Fatos Armani, com colete, gravata, *blazer* e *pochette*, no calor tropical sufocante? Um novo-rico. Caixas de champanhe *Veuve Cliquot* para o pequeno-almoço, ou pensando melhor, a qualquer hora do dia? Novo-rico. Este espécime gosta de dar nas vistas, de mostrar a «banga». O modo como ficou rico pode não ser o mais correto ou legal e a sua conduta pública às vezes irritante

e desrespeitadora dos outros, mas é sempre bom ter alguns novos-ricos como amigos, nem que seja para aproveitar uma ou outra garrafa de champanhe ou um almoço daqueles de que nunca mais nos esquecemos.

O pato

Nos casamentos e nas festas, há sempre algumas pessoas não convidadas. Como é normal os padrinhos do casamento terem também direito a convidar um certo número de pessoas, é relativamente fácil passar-se por convidado. Basta ter lábia. Nas festas mais informais, é ainda mais simples, porque toda a gente tem o hábito de levar sempre mais pessoas. Apesar de um pouco incómodo, o pato é uma figura imprescindível em muitas festas enfadonhas. Os patos são os que dão mais espetáculo. Animam mais um casamento do que qualquer um dos convidados. Quando todos estiverem cansados ou sem vontade de dançar, é o pato que anima a pista de dança.

O polícia

Mais cedo ou mais tarde, será confrontado com a polícia angolana. Como turista, os momentos em que é mais provável ser-se confrontado com a polícia é no trânsito, se cometer alguma infração (real ou não), numa operação *stop*, ou se estiver a fotografar. É provável que lhe peça uma «gasosa» ou, mais recentemente,



um «saldo» (um carregamento do telemóvel, que custa 900 kwanzas). Geralmente é mais barato e cómodo pagar a «gasosa» ou o «saldo» do que a multa. Pode sempre insistir na sua razão, mas o tempo que vai perder e a energia que vai gastar podem não valer a pena.

O louco

Não se espante se de repente vir um indivíduo todo nu a atravessar uma praça qualquer, a falar consigo mesmo ou a exclamar frases incoerentes, sem que ninguém lhe ligue. Trata-se daquilo que se chama «os loucos» em Angola. São pessoas desenquadradas, geralmente sem abrigo, que vivem

à margem da sociedade. As outras pessoas não se metem com os loucos e mantêm distância.

O lavador/arrumador/ guardador de carros

Ao estacionar, é normal que alguém o ajude e depois se proponha lavar e guardar o carro. A lavagem é relativamente barata, mas convém estabelecer o preço antes de concordar. Com a quantidade de poeira no ar, sobretudo no cacimbo, uma lavagem superficial pode ser muito útil. No que toca a guardar o carro, estes indivíduos não são tão eficazes e estão longe de ser uma garantia de não acontecer nada ao veículo.



INFORMAÇÕES PRÁTICAS

ARTE E CULTURA

Este capítulo é uma pequena compilação despreziosa da cultura angolana. É perfeitamente impossível resumir a riqueza cultural de um país com a tradição, tamanho e história de Angola. Em vez de tentar ser exaustiva, esta listagem dará uma pequena ideia daquilo que julgo importante ver, ler, ouvir e sentir antes ou durante uma viagem a Angola. Ou depois, se voltar mordido pelo bichinho angolano.

MÚSICA E DANÇA

Até há pouco, não havia muita atenção para a música tradicional angolana. Apesar de existir uma riqueza em ritmos tribais e instrumentos tradicionais como o batuque, a marimba, o reco-reco e outros, não havia muita música gravada, e muito menos com sucesso comercial. Os Jovens do Hungo vieram alterar isso. Com o êxito que foi o disco *Sembele*, rapidamente começaram a surgir conjuntos de música tradicional. Os grandes inspiradores dos próprios Jovens do Hungo eram o Grupo Kituxi, que por sua vez voltou a editar um disco em 2008 com o nome *Kufikissa*, de música tradicional misturada com elementos mais modernos.

Na maior parte dos casos, a música e a dança aparecem de mãos dadas, e o nome do estilo musical confunde-se com o nome da dança. A única exceção é a dança tradicional tribal, que geralmente é conhecida como tal. Há alguns grupos de dança tribal ativos em Angola, mas sem grande relevo fora do país. A nível internacional, o grupo mais conhecido é o Batoto Yetu, de Júlio Leitão, que começou como associação recreativa e cultural nos arredores de Lisboa. Entretanto, existem também delegações em Nova Iorque e em Luanda.

A avó de quase toda a música contemporânea angolana é a rebita, uma dança em roda, muito popular até hoje nos casamentos. É uma música ritmada, geralmente instrumental, que data dos anos de 1930. Caso o DJ se esqueça de pôr a tocar uma rebita numa festa de família, haverá sempre uma tia ou uma avó que se queixa e não fica satisfeita até a ouvir e dançar. Uma grande parte da música angolana do último meio século nasce nos musseques luandenses. É por isso que, para além do português, a única língua nacional normalmente ouvida é o kimbundu. Com a influência cubana,

nasce a rumba angolana, género parecido com a rumba congoleza. Surgem nomes como os N'Gola Ritmos, que fizeram sucesso com *Muxima*. Os Jovens do Prenda, Os Merengues, Os Kiezos, Teta Lando, Rui e André Mingas e o Duo Ouro Negro são outros nomes importantes. Estes últimos foram os primeiros a ter um grande sucesso fora de fronteiras, já em 1956.

Graças aos estúdios Valentim de Carvalho, editora portuguesa que abriu um estúdio de gravação em Luanda, a riqueza da música angolana dessa época ficou registada para a eternidade. Existem algumas coletâneas como *Angola Saudades 60*70*, *Angola 60's: 1956-70*, *Angola: Greatest Songs from the 60's and 70's* e *Soul of Angola*, todas disponíveis no iTunes e na Amazon.

Entretanto, tinha nascido mais um género: o semba, que partilha raízes com o samba. É mais rápido do que a rumba angolana, misturando guitarras com ritmos tradicionais rápidos. O nome semba quer dizer «umbigada» em kimbundu. Segundo Carlos Burity, um dos maiores cantores do género, a origem da música tem que ver com o significado da palavra. Em algumas danças tradicionais, o homem agarrava a mulher pela cintura e puxava-a contra si, dando a tal «umbigada», ou semba. Outros grandes cantores do semba são Bonga, Eduardo Paim e Paulo

Flores. Recentemente, houve um grande revivalismo do semba, e artistas como Don Kikas, Puto Português, Matias Damásio, Yuri da Cunha e o próprio Paulo Flores enchem pavilhões e estádios com os seus espetáculos.

Mais lento e com uma dança em par mais «colada», o kizomba é um ritmo que conquistou o resto de África, grande parte da Europa e também o Brasil. Em Angola, uma grande parte do kizomba costumava ser de origem cabo-verdiana, mas hoje em dia a produção é quase exclusivamente nacional. Muitos dos artistas que gravam discos de semba incluem algumas músicas kizomba, ou vice-versa. Don Kikas, Paulo Flores, Eduardo Paim e Puto Português são exemplos disso. Para além destes, alguns grandes nomes do kizomba são Yola Semedo, Pérola, os Irmãos Verdades, Neuza e Maya Cool. Uma variante do kizomba muito na moda nas discotecas angolanas (e não só) é a tarrachinha e, vendo a dança, não é preciso muita imaginação para se perceber de onde vem o nome. O ritmo é mais lento do que no kizomba tradicional e a batida mais forte e mais grave.

No final dos anos de 1990, surge o kuduro, uma dança rápida, sem par, com uma batida *techno*, mas com acentos tradicionais angolanos e africanos. As letras costumam ter bastante piada e muitas vezes



transmitem alguma crítica social. Tony Amado é considerado o inventor do género, mas foram outros como Dog Murras que o popularizaram dentro e fora de fronteiras. As danças chegam a ser bastante acrobáticas, e têm nomes próprios como milindro. Além do semba, é o género musical que mais se ouve nos candongueiros, com o som no máximo. Outros nomes importantes são Os Lambas e, apesar do nome, os Buraka Som Sistema, que deram sucesso internacional ao género.

Para além dos géneros mais ou menos «nacionais», há uma série de artistas que cantam R&B ao estilo americano, misturando às vezes português e (mau) inglês. Exemplos são Os Kalibrados, Zona 5, Big Nelo,

os SSP (dos quais Big Nelo fazia parte nos anos de 1990), Anselmo Ralph e Dji Tafinha. Um outro excelente exemplo da fusão da música angolana com tendências mais modernas internacionais é o trabalho recente de Aline Frazão, *Clave Bantu*, editado no final de 2011.

Segue uma pequena lista não exaustiva de discos destes artistas disponíveis no iTunes ou na Amazon. Quando estiver em Angola, aproveite as últimas músicas de sucesso (as que «estão a bater») ou o chamado «enchimento», que estão sempre à venda em CD num posto de combustível qualquer, pelas mãos de um vendedor ambulante.

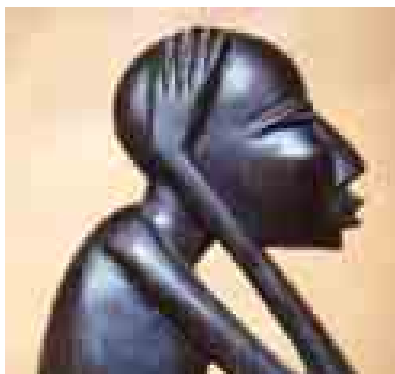
ARTISTA	DISCO
Jovens do Hungo	<i>Sembele</i>
Grupo Kituxi	<i>Kufikissa</i>
N'Gola Ritmos	<i>Angola Saudade 60*70</i>
Teta Lando	<i>Angola Saudade 60*70; Angola: Greatest Songs from the 60's and 70's</i>
Jovens do Prenda	<i>Reviver os Jovens do Prenda; Angola Saudade 60*70; Angola: Greatest Songs from the 60's and 70's</i>
Os Merengues	<i>Êxitos de Hoje</i>
Os Kiezos	<i>Reviver Os Kiezos; Angola Saudade 60*70; Angola: Greatest Songs from the 60's and 70's</i>
Rui Mingas	<i>Monangambé</i>
André Mingas	<i>Coisas da Vida</i>
Duo Ouro Negro	<i>Duo Ouro Negro (coletânea)</i>
Carlos Burity	<i>Malalanza</i>
Bonga	<i>O Melhor de Bonga</i>
Eduardo Paim	<i>Do Kaiaia</i>
Paulo Flores	<i>Best of Paulo Flores</i>
Don Kikas	<i>Regresso à Base</i>
Puto Português	<i>Geração do Semba</i>
Matias Damásio	<i>Amor e Festa na Lixeira</i>
Yuri da Cunha	<i>Kuma Kwa kié</i>
Yola Semedo	<i>Minha Alma</i>
Pérola	<i>Cara e Coroa</i>
Irmãos Verdades	<i>Verdades 10 Anos</i>
Neuza	<i>Amor</i>
Maya Cool	<i>Coolissimo</i>
Tony Amado	<i>Sexy Musa</i>
Dog Murras	<i>Angolanidade xx</i>
Buraka Som Sistema	<i>From Buraka to the World</i>
Os Lambas	<i>O Estado Real do Kuduro</i>
Os Kalibrados	<i>Negócio Fechado</i>
Rei Hélder	<i>Para Dar mais Raiva</i>
Zona 5	<i>Caixa dos Sonhos</i>
Big Nelo	<i>Karga</i>
SSP	<i>99% de Amor</i>
Anselmo Ralph	<i>As Últimas Histórias de Amor</i>
Dji Tafinha	<i>Dji Tafinha</i>
Aline Frazão	<i>Clave Bantu</i>

ARTE E ARTESANATO

As grutas de Citundo, Ulo e Caningiri têm exemplos belos de arte rupestre, tanto gravuras como pinturas.

Recentemente, em 2011, foram descobertas mais cinco estações na zona de Tómbua, na província do Namibe, que juntamente com as outras já existentes são neste momento candidatas a património mundial da UNESCO.

Da arte mais tradicional e pré-colonial, destacam-se as típicas máscaras, usadas em cerimónias para celebrar a vida ou a morte, ritos de passagem, novas colheitas ou o início das caçadas. A mais emblemática obra é a estátua de madeira do pensador Lunda-Chokwe. A figura do pensador é recorrente em muitas culturas bantu, e esta versão caracteriza-se pela posição da figura. Trata-se de uma figura masculina esguia, sentada, com os joelhos levantados, as mãos na cabeça e os cotovelos a repousar nos joelhos. Se estiver interessado em comprar arte e artesanato tradicional angolano, o lugar mais indicado é o mercado de artesanato de Benfica, à saída de Luanda, em direção ao Sul. Lá encontrará uma multidão de pensadores, máscaras, obras de madeira esculpida, pintura e têxteis. Não se esqueça de que é preciso um selo de origem do Instituto Nacional do Património Cultural na Rua Major Kanhangulo, em Luanda, para poder



Pensador angolano

exportar obras de arte. O custo do selo é simbólico e não deve ultrapassar 100 kwanzas.

As artes plásticas mais recentes, no período pré-independência, centravam-se maioritariamente nos temas da luta pela libertação e do chamado nacionalismo angolano e das vivências do dia a dia. Artistas como Marcela Costa, que estabeleceu o Celomar, um centro cultural independente no início da ilha de Luanda, começaram o seu trabalho nessa altura. Outro exemplo são os murais do Hospital Militar, da autoria de Teresa Gama.

Na arte contemporânea, destaca-se a mistura de elementos universais com alguns tradicionais, e hoje em dia vive-se, graças ao interesse por parte de instituições e empresas investidoras, uma cena artística em ebulição. Um bom exemplo foi a instalação e produção recente da primeira residência de artistas jovens,

o Jaango, com obras interessantes de artistas como Carlos Major, feitas com lixo encontrado nas ruas de Luanda. Um dos artistas mais conhecidos fora de Angola é Fernando Alvim, que divide o seu tempo entre Bruxelas, Joanesburgo e Luanda. Foi ele que impulsionou o nascimento da Trienal de Arte em Luanda.

LITERATURA

A produção poética e literária começa nos anos de 1950, e ganha forma nos anos sessenta e setenta. Um dos poetas angolanos mais conhecidos até hoje continua a ser o primeiro presidente Agostinho Neto. A poesia

tem merecido um relevo especial na cultura angolana. Mesmo escritores mais recentes como João Melo, filho do célebre Aníbal de Melo, escreveram uma vasta obra de poesia e de ficção. Junta-se uma pequena lista com alguns escritores e exemplos da sua obra. É muito interessante entrar no pensamento desses escritores, a fim de entender um pouco melhor o país e a sua cultura.

Devido à história do país, existe uma vasta obra literária de não ficção sobre Angola, escrita por angolanos, portugueses e muitos estudiosos estrangeiros. É evidente que nem

ESCRITOR	LIVRO	TIPO
Agostinho Neto	<i>Sagrada Esperança</i>	Coleção de poemas
João Melo	<i>O Caçador de Nuvens</i>	Poesia
João Melo	<i>O Dia em que o Pato Donald Comeu a Margarida pela Primeira Vez</i>	Contos
José Eduardo Agualusa	<i>As Mulheres do Meu Pai</i>	Romance
José Luandino Vieira (Prémio Camões 2006)	<i>A Cidade e a Infância</i>	Contos
José Luandino Vieira	<i>A Vida Verdadeira de Domingos Xavier</i>	Novela
José Luandino Vieira	<i>Nós, os do Makulusu</i>	Romance
Ondjaki (Grande Prémio Camilo Castelo Branco 2007)	<i>Os da Minha Rua</i>	Contos
Ondjaki	<i>Quantas Madrugadas Tem a Noite</i>	Romance
Pepetela (Prémio Camões 1997)	<i>A Gloriosa Família</i>	Romance
Uanhenga Xitu	<i>Maka na Sanzala</i>	Contos populares



sempre estão de acordo uns com os outros. Um livro que aconselha vivamente é o relato do escritor polaco Ryszard Kapuscinski, *Mais Um Dia de Vida*, sobre o período turbulento logo depois da independência em 1975.

TEATRO, DANÇA E EVENTOS

Os missionários usavam o teatro ou, melhor dizendo, a representação teatral como forma de transmitir a mensagem do Evangelho e ajudar na conversão dos povos indígenas angolanos. Na altura da guerra pela independência e da guerra civil, o teatro, como muitas outras formas de arte, caiu no esquecimento. No entanto, ultimamente a produção teatral tem-se desenvolvido, em grande parte graças a duas companhias: a Miragens e a Elinga.

Esta última tem a sua casa no Teatro Elinga, um lindo edifício entre a Marginal e a Rua Rainha Jinga. Como existem planos para o demolir, se tiver a oportunidade de o visitar e ver uma peça de teatro, é de aproveitar. A Companhia de Dança Contemporânea de Angola existe desde 1991 e tem uma agenda de produções muito interessante. Algumas envolvem deficientes em cadeiras de rodas. A maior parte das produções é exibida no Cine Teatro Nacional, no Chá de Caxinde, na baixa de Luanda. Para além desses eventos, há um sem-número de espetáculos, eleições de misses (ainda mais popular desde que Leila Lopes, a Miss Angola, foi eleita Miss Universo em 2011) e outras manifestações culturais.



INFORMAÇÕES PRÁTICAS

GASTRONOMIA

Devido à longa presença dos portugueses em Angola, há alguma influência da culinária portuguesa na angolana. Alguns pratos portugueses são hoje em dia considerados quase nacionais, mesmo que os ingredientes tenham de vir do outro lado do mundo. Um bom exemplo disso é o bacalhau, pescado na Noruega, salgado e seco e depois importado através de Portugal. Outros pratos típicos de inspiração portuguesa que não terá problemas em encontrar são o arroz de marisco, o bitoque, o prego, a caldeirada, o arroz de cabidela e o incontornável cozido à portuguesa.

A cozinha nacional angolana é geralmente à base de guisados, com ou sem carne, peixe e óleo de palma, acompanhada de funge, uma massa de farinha de mandioca (chamada fuba, ou fubá para os brasileiros), ou pirão de milho. Para os visitantes, há algumas particularidades que vale a pena realçar. Existe uma variedade muito grande de peixes que não existem na Europa. Muito desse peixe é vendido seco, o mesmo sucedendo com a carne. Na costa há abundância de marisco e é frequente ver vendedores que o tentam «ceder» em troca de algum dinheiro na berma



da estrada. Camarão ou lagosta grelhados são muito populares na praia.

Para conhecimento, segue uma pequena lista de ingredientes e pratos que fazem parte de muitos menus angolanos. (*ver tabelas seguintes*)

Nas ruas angolanas, há uma série de pratos e iguarias à venda que não

custam mais do que umas dezenas de kwanzas e que servem perfeitamente para matar a fome. O mais caro que encontrará na berma de uma qualquer estrada no interior do país é churrasco de galinha com batata frita, normalmente com um preço máximo de 500 kwanzas. O mais barato são os ovos cozidos, que circulam em caixas em cima de muitas cabeças

PRATO	DESCRIÇÃO
Funge	Pasta de fuba, ou seja, farinha de mandioca fervida com água. É preciso «bater» o funge, com um pau de madeira, para eliminar os grumos.
Pirão de milho	Mais popular no interior e no Sul, em vez de funge. Usa-se farinha de milho em vez de farinha de mandioca.
Kisaka	Guisado feito de folhas da mandioca.
Calulu	Guisado de peixe fresco e seco, com óleo de palma e folhas de abóbora, quiabo e beringela. Dependendo da zona, um ou mais ingredientes podem ser substituídos ou não fazer parte do prato.
Macosso ou catato	Guisado de lagartas pretas com riscas brancas, secas e depois cozidas. Apesar da ideia algo repugnante, o sabor é ótimo.
Mufete	Peixe grelhado, com um molho de cebola crua, jindungo e limão, acompanhado de farofa, batata-doce e/ou mandioca cozida. Um almoço de esplanada excelente.
Musongué	Caldo de peixe, com óleo de palma, mandioca e/ou batata-doce. Também conhecido como «caldinho». Ótimo para curar ressacas.
Pinchos	Espetadas de carne, geralmente grelhadas em fogareiros ao lado da estrada.
Moamba de galinha	Guisado de galinha do campo com óleo de palma e quiabos. Pode ser feito com ou sem ginguba.
Canjica	Guisado de feijão com milho.
Feijão de óleo de palma	Guisado de feijão com óleo de palma, acompanhado de farofa e banana.



INGREDIENTES	DESCRIÇÃO
Fuba (fubá)	Farinha de mandioca.
Fuba de milho	Farinha de milho.
Ginguba	Amendoim.
Jindungo	Piripiri.
Óleo de palma	Azeite de dendê ou dendém. Obtido a partir do fruto da palmeira. Tem uma cor avermelhada e um sabor e cheiro fortes.
Quiabo	Pequeno legume parecido com a curgete.
Bombó	Mandioca fermentada, geralmente frita ou cozida. Vendido na rua e muito bom para matar a fome.
Farofa	Farinha de mandioca, frita. Usada para acompanhar musongué e mufete (ver ao lado).
Lombi	Verdura, geralmente folhas de abóbora. No Sul é um nome comum para designar as folhas de várias plantas que podem ser usadas para se fazer um guisado.
Bagre	Peixe geralmente vendido seco, e à primeira vista nada apetitoso. É um peixe de rio bastante saboroso.
Cacusso	Peixe muito popular, sobretudo no mufete.
Kiteta	Amêijoia pequena.

Os ingredientes de um Mufete



Choco frito



de vendedores na rua. Um ovo dá direito a sal, jindungo ou um molho de cebola.

Os fogareiros em que fazem os pinchos, o bombó e a banana grelhados, limitam a mobilidade dos vendedores, ou seja, essas iguarias não vêm ter connosco. Deixe-se guiar pelo seu olfato para as encontrar. A ginguba, assada ou pisada, servida em placas com jindungo, com o nome kitaba também está sempre presente. A kitaba vale mesmo a pena experimentar. Se quiser algo mais ocidental, há sempre pão com chouriço e cachorros quentes, vendidos em pequenas barracas, onde também pode beber um sumo ou uma cerveja. Quanto aos doces, a escolha é um pouco mais limitada, mas vale a pena referir a paracuca, que é ginguba assada com açúcar, e o pé-de-moleque, umas placas também à base de ginguba e açúcar. Um doce popular em Angola é a ngonguenha, que é farinha de mandioca misturada com leite e açúcar.

BEBIDAS

Existe uma série de bebidas nacionais com e sem álcool.

Os sumos de tâmara, gengibre e de múcua são deliciosos. Esse mesmo sumo de múcua fermentado, ou seja, ligeiramente alcoolizado e filtrado, chama-se kissângua. Há variantes de kissângua da casca de ananás e de milho. O kimbombo é quase igual

à kissângua, mas fermentado durante mais de dois dias, a fim de ficar mais forte. Para fechar a lista de bebidas tradicionais alcoólicas, fica a kapuka, ou kaporroto, destilada a partir de açúcar, ao qual se acrescenta muitas vezes «carvão de pilha», a substância preta dentro das pilhas. Mais suave é o maruvo, ou vinho de palma, que é seiva de palmeira fermentada. Angola produz bastante cerveja, e há várias marcas nacionais, como a Cuca, a Eka, a Ngola e a Nocal, e algumas locais, como a Tchizo em Cabinda. A maior parte dos angolanos saberá dizer-lhe em que lugar do país determinada cerveja é melhor ou pior do que as outras. O sabor varia consoante a água usada para fabricá-la. Um conhecedor sabe que a Cuca é melhor no Lobito, e a Ngola no Uíge. Umas são melhores em garrafa, outras em lata. Para não complicar demasiado a vida, o mais fácil é ver o que a maioria das pessoas está a beber e pedir a mesma marca. O café é normalmente servido como em Portugal, em chávenas pequenas, tipo expresso. O galão é muito mais claro.



INFORMAÇÕES PRÁTICAS

DICAS PARA O VIAJANTE

VIAJAR

Vistos

Tirar o visto para Angola é sempre uma aventura. Não vale a pena refilar muito no consulado, porque de pouco adianta. Passam por lá milhares de pessoas por mês e o melhor que pode fazer é ficar bem disposto, com um sorriso na cara. A gentileza leva mais longe.

Pode haver momentos em que fica tão desesperado com o processo de pedido de visto, que mais apetece desistir, mas de experiência própria posso dizer que acaba sempre por sair e que a espera compensa. No seu primeiro dia em Luanda já não se lembrará de nada e restará uma memória longínqua, até ao dia em que voltar a tratar do visto para outra visita. Portanto, o segredo é não desanimar.

Para começar, consulte o *site* do consulado, para perceber o processo e para se informar dos documentos que deve reunir.

Endereços dos consulados

Lisboa

Telefone: 213 602 060
www.consuladogeral-angola.pt

Porto

Telefone: 222 058 902
www.consuladogeralangola-porto.pt

Faro

Telefone: 289 897 100
www.consuladogeralangola-faro.pt

Para quem quiser viajar pelo país, há dois tipos de visto a considerar: o visto ordinário e o visto de turismo. A principal diferença está no preço, nos documentos pedidos e na eventual renovação, uma vez em Angola. Em Portugal, o visto ordinário custa 120,60 euros e o visto de turismo 90,60 euros. Os 60 cêntimos são para mim um mistério.

A diferença principal é que o visto de turismo não requer carta de chamada, mas só permite, depois do prazo original de trinta dias, uma única renovação de igual período. Para cidadãos portugueses que queiram ir a Angola em prospeção de negócios, ainda existe um visto especial com maior duração.

Na prática, tudo começa com passos muito simples. Talvez o primeiro seja tratar da consulta de viajante, fazer a vacina da febre amarela e pedir um boletim internacional de vacinação

onde conste essa vacina. Não está na lista, mas podem pedir o boletim e, para entrar em Angola, vai precisar da vacina, a não ser que queira ser vacinado no aeroporto, já em Luanda. A seguir, obtenha o registo criminal para «emissão de visto em passaporte» no Campus da Justiça em Lisboa ou numa loja de cidadão, e mande visar pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, na Rua Visconde Valmor, 19 r/c, em Lisboa, dias úteis das 09h30 às 12h00 (Telefone: 217 929 757). Vá a uma agência de viagens e peça para fazer uma reserva de ida e volta para Luanda, e fique com o documento impresso, para o apresentar no consulado. Aproveite para fazer também uma reserva num hotel em Luanda, com comprovativo. No caso de um visto ordinário, é preciso pedir a uma pessoa ou a uma empresa em Angola para lhe fazerem uma carta de chamada. Essa carta tem de mencionar sempre o seu nome completo, número, dados de emissão e validade do passaporte, assim como o período exato que tenciona passar em Angola. A carta tem de ser enviada por fax para o consulado em questão. Peça uma cópia também para si. O passo seguinte consiste em provar os meios de subsistência, os chamados «dólares». Pode variar um pouco, mas geralmente no consulado de Lisboa um extrato bancário com 4500 euros em conta,

certificado pelo banco e assinado por si é o suficiente. Nos outros consulados podem mesmo pedir prova de compra de 6000 dólares (USD), igualmente certificado pela instituição bancária. Outra exigência relativamente recente é um seguro de viagem pelo período de estada em Angola. É preciso ter alguma pontaria para acertar com as datas. Por isso, o melhor pode mesmo ser a opção por um seguro de longo prazo. Aconselho vivamente começar a tratar de todo o processo com um mês de antecedência, senão corre o risco de o visto não sair antes da data pretendida de viagem. Entrar em Angola como jornalista tem algumas particularidades. Em teoria, os jornalistas precisam de um visto ordinário, mas não é necessária carta de chamada. Têm no entanto de enviar um fax ao Centro de Imprensa Aníbal de Melo (CIAM), em Luanda, explicando as razões do pedido do visto e pedindo que enviem de lá um fax ao consulado onde estiver a iniciar o processo. Nesse fax, têm de mencionar essa informação, juntamente com todos os dados relevantes do seu passaporte, como número, emissão e data de expiração. O número de fax do CIAM é +244 222 397731, e pode ser enviado ao cuidado dos senhores Olímpio de Sousa e Silva, Rufino Neto e Tomás Teixeira. À chegada a Angola, dirija-se ao CIAM, na Rua Cerqueira Lukoki, 124, ao lado do Ministério das Relações

Exteriores, na baixa de Luanda, e peça uma credencial de jornalista. Custam 6500 kwanzas e são válidas por trinta dias. É preciso levar duas fotografias tipo passe. A vantagem da credencial é que dá oficialmente o direito de tirar fotografias e de filmar.

VOOS INTERNACIONAIS

TAAG – www.taag.com

TAP – www.flytap.com

British Airways

www.britishairways.com

Air France – www.airfrance.com

Iberia – www.iberia.com

KLM – www.klm.com

Brussels Airlines

www.brusselsairlines.com

Segue uma lista das companhias europeias que voam para Luanda e os seus endereços principais em Portugal e em Angola.

TAAG

Depois de alguns anos de castigo na lista negra das companhias aéreas, a TAAG voltou a receber autorização para voar internacionalmente e sem restrições. Há voos diários de Lisboa e duas vezes por semana do Porto, ao sábado e ao domingo. Para o Brasil, há voos de ida e volta à terça, quinta e domingo para o Rio de Janeiro e para São Paulo nos outros dias da semana. A TAAG ainda opera voos para São Tomé, Cabo Verde, China, Cuba e Dubai.



Portugal:
Telefone 213 575 899
E-mail: reservas@taag.pt

Angola:
Telefone 222 33 2077 / 223 32 387
E-mail:
TAAGSAC@flytaag-angolaairlines.com

TAP

A companhia de bandeira portuguesa tem voos diários de ida e volta Lisboa-Luanda. Viajar do Porto ou de Faro implica fazer escala em Lisboa.

Portugal:
Telefone 707 205 700
Angola:
Telefone 222 63 2000

British Airways

A companhia inglesa opera há muitos anos em Angola e tem dois voos por semana, a partir do aeroporto de Heathrow. A ida é às segundas e quintas e a volta às terças e sábados. É possível comprar bilhetes a partir de Lisboa, Porto e Faro em Portugal, e das cidades com ligações British Airways no Brasil.

Angola:
Telefone 222 309 251

Air France

Outra velha presença em Angola, a Air France tem um voo semanal a partir do Aeroporto Charles de Gaulle à segunda, voltando à terça; e outro à quarta, voltando à quinta.

Angola:
Telefone 222 335 417

Iberia

A Iberia começou a voar duas vezes por semana de Madrid para Luanda no final de 2011, e é neste momento a opção mais barata a partir de Portugal, com preços para os voos regulares abaixo de 800 euros, ida e volta.

KLM

A real companhia aérea holandesa tem um voo à segunda, com regresso à terça e outro à sexta, voltando no sábado. A KLM, pertencendo ao grupo da Air France, partilha o mesmo escritório em Luanda, na Marginal.

Portugal:
Telefone 707 222 747 / 707 222 330
Angola:
Telefone 222 335 417

Brussels Airlines

A companhia belga tem voos Lisboa, Faro ou Porto-Bruxelas-Luanda. A saída de Portugal é quarta e sábado, de Bruxelas é quinta e domingo de manhã. O regresso é ao final da tarde nos mesmos dias. Os voos comprados com origem e destino a partir de qualquer aeroporto português têm a vantagem de incluir uma noite em Bruxelas no preço do bilhete, uma vez que é a única maneira de garantir a ligação no dia seguinte.

Portugal:

Telefone 707 200 424

Angola:

Telefone 222 311 447

CHEGAR

O que podemos esperar à chegada a Luanda? Primeiro: não é preciso ter medo de nada. Os tempos do «grande desconhecido» e dos roubos de bagagem no aeroporto já pertencem ao passado. Longe vão os dias em que reinava a confusão nas chegadas. À chegada, espera-o um autocarro, que o levará à zona de controlo de passaportes. Algumas companhias aéreas ainda distribuem os formulários de desembarque, mas não tem sido necessário preencher ou entregar nada. Mantenha o seu passaporte e o boletim de vacinas pronto. Há quatro filas distintas, uma para cidadãos nacionais, outra para cidadãos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), uma terceira para passaportes internacionais e uma última para passaportes diplomáticos ou de serviço.

Depois do controlo de passaporte, passa-se por um corredor, onde terá de mostrar o seu passaporte de novo, para confirmar se realmente foi carimbado. Uns metros à frente, alguém com uma bata de médico verifica o seu boletim de vacinas. Embora nem sempre esteja presente, convém ter o boletim à mão e as vacinas em dia, ou corre o risco de



ser vacinado contra a febre amarela ali mesmo no aeroporto. Os tapetes da bagagem estão bem indicados e geralmente não é preciso esperar muito tempo. Com a bagagem, tem de decidir se vai para a fila «Nada a declarar», ou para a outra. Existe um limite na importação de tabaco e álcool, mas na prática ambos são bastante mais baratos em Angola. Pode ser necessário passar a sua mala no raio X nesta fase, mas muitas vezes pode simplesmente avançar. Ainda há umas mesas do lado esquerdo, onde são verificadas as bagagens de alguns passageiros, mas a probabilidade

de isso acontecer é relativamente pequena. Depois desta zona, sai-se para a área pública do terminal, onde as pessoas estão à espera dos familiares, ou os motoristas aguardam os executivos. Mantenha consigo os talões da bagagem que deram no *check-in*. É possível pedirem-lhe prova de que a bagagem que leva para fora da zona controlada é sua.

Dependendo da hora de chegada, há logo ao lado da saída da zona das bagagens alguns *guichets* de câmbio. Caso o seu voo chegue muito cedo ou muito tarde, há também uma caixa ATM, chamadas Multicaixa em Angola. Como as taxas cobradas

para o levantamento de kwanzas são exorbitantes, o melhor é levantar o máximo de uma só vez: 18 000 kwanzas. O limite diário são 36 000 kwanzas, ou seja, dois levantamentos do montante máximo. As caixas Multicaixa não aceitam cartões Maestro ou Mastercard, só VISA, VISA-Electron e cartões Multicaixa angolanos. Se tiver alguém à sua espera, acaba aqui a sua aventura. O seu hotel também pode fornecer um serviço de *shuttle*, mas nalguns casos o custo é de 10 000 kz, por isso é melhor confirmar com antecedência esse valor. Uma alternativa muito boa



Domingo na baixa de Luanda

é a Afritaxis, em que uma corrida custa 400 kwanzas de bandeirada mais 20 kwanzas por cada minuto. Caso não haja nenhum Afritaxi à porta, pode sempre chamar um. O número de telefone da Afritaxis é o 222 311 179. Há muitos táxis não oficiais, alguns melhores do que outros. O segredo está em negociar um bom preço e verificar bem o carro antes de entrar.

REGRESSAR

Partir de Luanda tem alguns passos extra em relação a uma partida da Europa. Na maior parte dos voos, convém confirmar a partida 72 horas antes, para evitar o risco de o seu lugar ter sido ocupado por outro passageiro. Se não fizer *check-in online* (perfeitamente possível nos principais voos de e para Luanda), esteja no aeroporto com pelo menos duas horas e meia de antecedência. Ao entrar no aeroporto, é preciso mostrar o seu bilhete de avião, ou o seu cartão de embarque impresso. No caso de um bilhete eletrónico, é preciso levar a folha da reserva. Mostrar o bilhete ou o *e-mail* de confirmação no seu telefone ou no iPad pode ser o suficiente, mas não é garantido. Logo depois, a sua bagagem passa pelo raio X. Ao chegar à zona dos balcões de *check-in* passa por um funcionário que tem uma folha com todos os lugares e nomes dos voos. Depois de verificar se está mesmo na lista, pode ir finalmente para a fila dos

balcões de *check-in*. Se este for rápido e verificar que ainda é cedo para o seu voo, tem sempre a hipótese de voltar para a cidade para tomar uma última Cuca antes de viajar. Caso contrário, pode avançar para o controlo dos passaportes.

Falta uma última verificação antes de entrar na sala de embarque. Junto das escadas, há uns funcionários zelosos que confirmam se não leva dinheiro a mais para fora do país. É permitido levar 15 000 USD, e desde há pouco tempo 50 000 kwanzas. Aqui, o melhor é não arriscar.

Antes de entrar no autocarro que o levará para o avião, pode haver um pré-*check-in*, ou seja, verificam o seu cartão de embarque e o seu passaporte para poupar algum tempo. Depois é só olhar para trás mais uma vez, encher o nariz do ar angolano e entrar no avião.

VOOS DOMÉSTICOS

Angola é muito grande e viajar de um lado para outro do país pode demorar bastante tempo por meios terrestres. Para além da questão da distância, há o estado geral das estradas. Embora tenha melhorado muito, em muitas províncias continua a ser difícil de viajar. Outro fator importante é o tempo. Nem toda a gente tem disposição nem paciência para viajar de sol a sol na parte de trás de um camião com mais umas dezenas de

pessoas e suas bagagens, por mais interessante que possa ser. Quem diz tempo diz dinheiro. A maior parte dos voos domésticos não são muito caros, comparados com o resto dos preços. Voos para as capitais de todas as províncias angolanas custam entre 10 000 e 18 000 kz. Por vezes há promoções a partir de 6000 kz. Curiosamente, o preço da volta quase nunca é igual ao preço da ida, mas a diferença limita-se a 1000 ou 1500 kz. Existem voos de Luanda para todas as capitais de província, mas voos entre as várias capitais são uma raridade. A passagem por Luanda é praticamente obrigatória. O aeroporto doméstico em Luanda fica colado ao aeroporto internacional, uma vez que a pista é a mesma. Se for a pé, a partir do terminal internacional, é do lado esquerdo, na rua que ladeia o aeroporto. Se for de carro, há indicações na zona da entrada do aeroporto internacional para o doméstico. As principais companhias com voos domésticos são a TAAG, a Sonair, a Diexim, a Air26, a Fly540, a AirJet e a Air Guicango. Nem todas têm voos para todos os destinos. A TAAG é geralmente considerada a mais cara das companhias, mas tem a vantagem de poder fazer marcações via internet, e usa aviões Boeing 737 modernos. Pode sempre comprar o seu bilhete na cidade (veja o endereço através do site da companhia),

sem necessidade de se deslocar ao aeroporto. Outra possibilidade é comprar a sua viagem através de uma agência na cidade, como a Paccitur, que vende bilhetes para a maior parte das companhias. Pagará uma comissão de 900-1000 kwanzas por cada bilhete emitido, mas muitas vezes mais vale isso do que ir ao aeroporto e voltar para comprar o bilhete numa das outras companhias. A Paccitur fica na Rua Liga Nacional Africana, 27A (uma transversal entre a avenida da embaixada portuguesa e o Kinaxixi). O número de telefone é o 222 430 586 ou o 921 275 549. A agência também tem um *guichet* no terminal doméstico do aeroporto. Viajar dentro do país é menos complicado, mas mesmo assim há algumas situações a ter em consideração. A primeira delas é que passará sempre pelo Serviço de Migração e Estrangeiros. Portanto, convém ter o passaporte consigo, com um visto válido. Algumas regiões mais sensíveis como Cabinda ou as Lundas podem suscitar perguntas por parte dos agentes. Responda que está a fazer turismo e quer apreciar a beleza do país inteiro. Antes de entrar no avião, terá de confirmar a sua bagagem de porão. É preciso indicar a nossa mala, antes que esta seja posta no avião. Se se esquecer de o fazer, a mala ficará em terra, provavelmente (ou talvez



não) até ao seu regresso. À chegada, passará outra vez pelo SME. Depois é só recolher a sua bagagem e sair do aeroporto.

Os aeroportos ou aerogares domésticos no interior estão localizados muito perto das capitais das províncias. Geralmente pode apanhar um kupapata, a não ser que tenha muita bagagem. Se estiver a chover, ou nas cidades sem kupapatas, há sempre táxis. No caso de Cabinda, Benguela/Lobito e Lubango, há Afritaxis.

Antes de sair do aeroporto, confirme os horários dos voos de regresso, caso não tenha bilhete de ida e volta. Neste caso, até pode aproveitar para comprar já o seu bilhete de regresso, porque os aeroportos só estão abertos quando há aviões a chegar e a partir.

DESLOCAÇÕES INTERNAS

Rent-a-car

Os voos domésticos levam-nos às capitais das províncias, mas há um mundo por descobrir que não vemos lá de cima. As paisagens que mudam gradualmente de norte para sul e da costa para o interior. As pessoas pelo caminho, alguns animais, o avançar do dia, os cheiros e as cores de Angola estão lá para quem anda com os pés ou as rodas na terra.

Tal como nos outros países, é possível alugar um carro em Angola através de uma das agências que operam a nível mundial, como a Hertz, a Avis, a Sixt ou a Europcar. Todas têm agências locais e os *sites* podem ser usados para fazer a marcação previamente. Até é aconselhável marcar com alguma antecedência, para garantir um veículo.



Em relação a preços, o normal é pagar por volta de 10 000 kz/dia por um carro simples, e 20 000 kz/dia por um 4x4 básico. O carro simples não é boa opção se pensar sair de Luanda. Fora da capital, há alguns hotéis que oferecem também um serviço de *rent-a-car*, mas de modo geral não há possibilidade de entregar o carro noutra cidade.

A carta de condução nacional portuguesa ou brasileira pode ser usada durante alguns meses, mas se pensar em ficar mais tempo em Angola, terá de usar uma carta internacional, a não ser que não se importe de pagar umas quantas «gasosas» pelo caminho. Algumas agências, como a Eco-Tur, alugam carros com motorista, o que pode ser uma boa opção se precisar de

se deslocar para vários lugares dentro de (ou perto de) Luanda no mesmo dia. Os preços ficam tipicamente à volta de 20000 kz, com o carro, e não incluem as refeições do motorista. Para além das agências internacionais, ainda há algumas locais que podem ter carros disponíveis, mesmo quando as outras já não têm. Seguem alguns endereços.

Sixt

www.sixt.com

Chegadas internacionais do Aeroporto
4 de Fevereiro

Telefone 934 785 825

Hertz (Agente)

[http://www.hertz.co.uk/rentacar/
car-hire/angola/luanda](http://www.hertz.co.uk/rentacar/car-hire/angola/luanda)

Rua da Missão, 20 (Mutamba)

Telefone 222 393 679

Avis

<http://www.avis.co.za/main.aspx?ID=1219>

Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro
Telefone 222 321 551

Europcar

<http://www.europcar.com/car-rental-ANGOLA-LUANDA.html>
Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro
Telefone 222 641 581

Ecotur

www.eco-tur.com
Tchinguali (Benfica)
Telefone 912 501 387
paul@eco-tur.com

Ango Car, Lda

Rua Gomes de Sousa, 51, 2.ª, Sala 1
Luanda
Telefone 222 390 572.

Aventour**Rent-a-Car e Turismo, Lda.**

Alameda Manuel Van Dunem, 152
Luanda
Telefone 222 442 215

Táxis

Dentro de Luanda e das outras cidades que tiveram estádio novo e jogos do CAN em 2010, há uma empresa de táxis que funciona muito bem, com carrinhas novas e tarifas oficiais ao minuto. É a Afritaxis e opera em Luanda, Cabinda, Benguela/Lobito e Lubango. O tarifário é 400 kwanzas de

bandeirada e 20 kwanzas por minuto. Desde que não haja filas enormes de trânsito, é uma maneira relativamente barata de se deslocar. Em algumas das outras cidades, há tarifas únicas. Em Cabinda, um Afritaxis do aeroporto para a cidade custa 1000 kwanzas.

Afritaxis

Luanda
Rua Major Kanhangulo, 156/7
Telefone 222 311 179 / 222 311 754 / 935 570 790
Benguela
Telefone 272 225 531 / 935 654 043
Lubango
Telefone 923 399 000 / 937 881 013
Cabinda
Telefone 923 388 069

Para além da Afritaxis, há uma série de táxis não oficiais (para não dizer clandestinos), sobretudo concentrados em pontos onde chegam outros meios de transporte, como os autocarros de longo curso, os comboios e os aviões. Como é de esperar, não há tabelas oficiais para estes táxis, e como estrangeiro é difícil saber com alguma certeza se não está a pagar demasiado, a não ser que conheça o trajeto e a tarifa normais.

Candongueiros e companhia

De modo geral, não há necessidade de recorrer aos táxis clandestinos, porque ainda dentro da categoria de táxis há as várias formas de



Estação ferroviária do Namibe e Candongueiro na Marginal

transportes coletivos, como o «turismo» e o «candongueiro», ambos disponíveis em grandes quantidades e para qualquer tipo de deslocações por rotas fixas. Com outras palavras: vão a qualquer lado. Dentro das cidades, os preços são fixos e as rotas também.

Os candongueiros são carrinhas Toyota Hiace, carinhosamente chamadas de «iásse», ou simplesmente táxi. Os condutores e cobradores não gostam muito do nome candongueiro, porque implica uma certa ilegalidade. As carrinhas são pintadas de azul e branco,

e são facilmente reconhecíveis. Ultrapassam pela esquerda e pela direita e, se pudessem, por cima e por baixo. Nas esquinas das ruas há paragens fixas e o cobrador grita em alta voz o destino do candongueiro. Dentro de Luanda e na maior parte das outras cidades, o preço fixo é 100 kwanzas por trajeto, mas às vezes à hora de ponta o valor aumenta para o dobro. Seja como for, em Luanda são o meio de transporte mais rápido para se chegar a qualquer lado.

Os turismos são carros pequenos, geralmente Toyota Corolla ou qualquer coisa parecida, e circulam por trajetos fixos. O preço é o mesmo de um candongueiro. Se vir um carro pequeno desses a circular relativamente devagar, pode mandá-lo parar, apontando para o chão, ou abanando ligeiramente a mão em direção ao solo. Nas cidades mais pequenas, os carros desta categoria são usados como candongueiros, e pintados de azul e branco. Funcionam da mesma forma.

Nos lugares mais pequenos, ainda há os chamados kupapatas, motos que fazem o serviço de táxis dentro e fora das comunidades. É a maneira mais rápida e cómoda de se deslocar. O preço varia entre 50 e 100 kwanzas, dependendo do lugar. Os kupapatas são normalmente motos de pequeno ou médio porte de marcas chinesas ou indianas.

Tanto os candongueiros como os



turismos e os kupapatas (com mais cilindrada) fazem também viagens de médio ou longo curso. A única desvantagem dos primeiros é que costumam ir cheios até ao tejadilho de pessoas e carga, mas com um pouco de sorte arranja o lugar de frente, ao lado do motorista, que costuma ser mais confortável. O trajeto determina qual o meio de transporte mais adequado. Em estradas boas, um turismo é o mais rápido. Em estradas más, o turismo não se atreve, e o candongueiro torna-se mais rápido. Em estradas muito más, às vezes só há motos, camiões e jipes. O mais rápido nessas estradas são as motos. Nas estradas mesmo muito más, como a que liga Kuito e Luena, só conseguem passar motos, jipes de grande porte e determinados

tipos de camiões, como os Kamaz. Os preços variam muito, mas para distâncias e estradas normais, o custo parece gravitar à volta de 10 kwanzas por quilómetro. As estradas muito más e mesmo muito más são muito mais caras. Os jipes, geralmente um Land Cruiser, operam da mesma maneira que qualquer outro transporte de médio ou longo curso. Na periferia das cidades, há praças dedicadas aos transportes. Muitas vezes, há uma praça para cada destino ou direção. Os camiões também param nos mesmos sítios e procuram encher a cabina e a caixa aberta de bagagem e gente. Há ainda miniautocarros que partem das mesmas praças. Um dado muito importante é que não há horários. O melhor é ir sempre para

a praça muito cedo de manhã, por volta das 06h00, às vezes mais cedo ainda. Outra possibilidade é passar na tarde anterior, pedir informações e marcar logo com o motorista um lugar num transporte para o dia seguinte. Qualquer dos transportes só sai quando estiver cheio, o que de manhã cedo geralmente não demora muito tempo. Se chegar tarde, é possível que o carro já não encha e tem de esperar até ao dia seguinte. Não é de todo fora do comum ver-se pessoas a passar alguns dias à espera nas praças, dormindo e comendo lá, aguardando que o Land Cruiser ou o camião encham.

Qualquer que seja o seu meio de transporte, aproveite para conversar com as pessoas ao lado. Geralmente todas as pessoas começam a conversar depois de algum tempo e por vezes contam as mais incríveis histórias de feitiçaria e traições. Essas histórias são «comedoras de horas». Ajudam a que o tempo passe muito rapidamente. Geralmente há paragens de duas em duas horas para comer alguma coisa e para necessidades fisiológicas. Se precisar de uma paragem, é só pedir ao motorista, que geralmente não terá problemas em fazer um pequeno intervalo. A cobrança costuma ser feita no final da viagem. A poucos quilómetros da chegada, alguém dirá que «está a cobrar» o dinheiro da viagem e, no caso dos camiões ou nas carrinhas



de caixa aberta, costuma haver uma paragem no meio do nada, para evitar que os passageiros fujam já perto de casa sem pagar. Pagar no fim dá alguma segurança aos passageiros. Afinal, só se paga depois de uma viagem completa. A desvantagem é para os motoristas, que nem sempre veem o dinheiro de todos os passageiros.

Autocarros

Em Luanda, há autocarros municipais da empresa TCUL (Transportes Coletivos Urbanos de Luanda). Em 2010, transportaram (segundo dados oficiais) mais de 26 milhões de passageiros e, julgando pela forma



Vendedora de carne seca no autocarro, Benguela

como os autocarros cor de laranja ficam abarrotados de gente à hora de ponta, não duvido, apesar mesmo das poucas carreiras existentes. No Largo da Mutamba, há um gabinete da empresa para quem queira mais informações. O preço de uma viagem é de 30 kwanzas. Aconselho tentar pelo menos uma vez apanhar um destes autocarros. Num dia de calor ou de chuva, é uma aventura algo surreal, com cheiro a sovaco e por vezes pancadaria à mistura. Nos engarrafamentos, um autocarro não dá muito jeito, e pode compensar gastar mais 70 kwanzas para apanhar um candongueiro e ver os passageiros do autocarro quase a serem

espremidos janela fora ao passar por ele. Os destinos na periferia de Luanda são mais aconselháveis de se fazer com estes e outros autocarros.

O trânsito é igualmente caótico e muito intenso, mas não tão mau como nas artérias dentro da própria cidade.

Para viagens de longo curso, as camionetas são muito boas e aconselho-as vivamente. Ao contrário dos transportes officiosos como as carrinhas e os candongueiros, têm horários, e oferecem mais segurança.

As duas maiores empresas na área são a SGO e a Macon. Os autocarros da SGO são facilmente reconhecíveis pelos riscos tipo zebra com que os veículos são pintados. A Macon usa autocarros um pouco mais pequenos de fabrico chinês. São brancos, com o nome da empresa pintado de lado.

Recentemente surgiu uma terceira empresa chamada Ango-Real, com autocarros vermelhos.

Das três, a Macon tem mais destinos, seguida da SGO e da Ango-Real.

Até a TCUL já oferece transportes interprovinciais até ao Sumbe. As principais carreiras da SGO e da Macon são Luanda-Benguela, Luanda-Malanje-Saurimo, Luanda-Huambo, Luanda-Uíge, Benguela-Lubango, Benguela-Cubal-Ganda, Lubango-Namibe, Lubango-Ondjiva-Santa Clara. As saídas são geralmente de manhã muito cedo, devido às distâncias. Convém ir a uma das bases entre as 05h00 e as 06h00

da manhã. Pode sempre tentar apanhar um autocarro fora dos terminais normais, mandando parar na estrada, mas corre o risco de não haver lugar sentado, o que para uma viagem de várias horas nem sempre é o mais agradável. Há três principais praças de partida da SGO, dependendo do destino. Todas são fora da cidade. A saída para Huambo, Malanje e Benguela é feita em Viana, perto da estação dos caminhos de ferro. É a chamada «base de Viana» e qualquer candongueiro de Luanda em direção a Viana sabe onde fica. Para ir a Viana, tem de apanhar primeiro um candongueiro

na cidade para «Congolenses, Praça e/ou Triângulo» e depois um outro em direção a Viana. Os autocarros para Benguela também saem de Luanda Sul, na zona de Morro Bento, junto de uma clínica chamada Multiperfil. Qualquer candongueiro que sai de Luanda em direção ao Sul (a apanhar na zona do aeroporto) sabe onde fica. A terceira praça, com saída em direção ao Uíge fica no mercado dos Kwanzas (ou «Os Kwanza» como dizem os locais). Um candongueiro da cidade até ao ex-mercado do Roque (Santeiro) e depois outro para os Kwanzas levam-no para a praça de onde saem os autocarros da SGO



e da Macon. Na época das chuvas, andar nesta zona é algo desafiante e, por isso, aconselho vivamente a calçar um bom par de botas. Para mais informações, incluo informação de contacto das empresas.

SGO Transportes

Estrada Nacional de Viana, Km 18
Viana
(perto da estação dos caminhos de ferro)
Telefone 222 447 435

Macon

Base do Rocha Pinto, a sul de Luanda, depois do aeroporto
Telefone 923 616 158
Nova base no Kilamba Kiaxi (cidade nova para lá de Viana)

Ango-Real

Avenida Comandante Valódia,
310-P-308
Luanda
Telefone 222 449 220

TCUL

Largo da Mutamba
Luanda
Telefone 927 110 389 / 923 277 265

Boleia (carona)

Uma alternativa a todos esses transportes oficiais e menos oficiais é viajar à boleia. É pouco comum em Angola, mas é possível. Esticar o polegar, como em Portugal, não

terá grande efeito, porque é um gesto desconhecido por grande parte dos angolanos. Melhor é abanar ligeiramente a mão estendida em direção ao chão. Os pontos ideais para se pedir boleia são nos controlos da polícia na estrada. Às vezes os próprios polícias podem ajudá-lo a arranjar uma boleia. Outros sítios indicados são os postos de combustível à saída das vilas e cidades.

Se pedir boleia indiscriminadamente, o mais certo é que pare um turismo, um candongueiro, uma carrinha ou um camião e, nesse caso, terá de pagar como qualquer outro passageiro. O segredo está em olhar bem para o tipo de veículo e a sua ocupação e só pedir boleia a quem obviamente não está a transportar pessoas por dinheiro. Mesmo assim, muitas vezes, as pessoas esperam que lhes pague alguma coisa no fim da viagem.

ONDE DORMIR

À primeira vista, dormir é caro em Angola. Isto não quer dizer que seja impossível encontrar uma pensão ou um pequeno hotel barato, mas é preciso ter algumas coisas em consideração.

A primeira é o nível geral de preços em Angola para se passar a noite. Um hotel com uma ou duas estrelas em Luanda custa entre 15 000 e 25 000 kz, dependendo do lugar. O novo Sana Epic, no centro da cidade, tem cinco estrelas e um quarto fica por 45 000 kz

Há algumas peculiaridades para quem se quer deslocar em Angola. Segue uma pequena lista com dicas que podem ser importantes:

Tudo é perto. Se pedir informações sobre um lugar e como lá chegar, a resposta inclui quase sempre um «é já ali». Esses «já ali» são muitas vezes bem menos perto do que levariam a crer. Cheguei a caminhar mais de uma hora ao sol com a mochila para um desses lugares que era «já ali».

Ninguém sabe nomes de ruas. É quase completamente inútil perguntar por uma rua pelo nome, a fim de chegar a um lugar qualquer. Já me aconteceu estar na própria rua em questão e ninguém me poder dizer onde ficava. Terá mais sorte em pedir o caminho para o lugar, edifício ou casa comercial onde quer ir.

A orientação é feita por pontos de referência, muitas vezes de empresas ou edifícios que hoje já nem existem. Em Luanda, o Zé Pirão é uma paragem muito conhecida dos candongueiros, mas nada do que lá existe hoje tem alguma coisa que ver com o tal de Zé Pirão.

Se viajar de carro, abasteça à saída ou entrada de cada cidade ou vila, e sempre que encontrar bombas de combustível pelo caminho. No interior, há partes de várias centenas de quilómetros sem nenhuma bomba, e nem sempre têm gasolina. No interior, são abastecidas por camiões-cisterna ao serviço da Sonangol, e muitas vezes a procura ultrapassa a oferta.

Caso aconteça ficar sem gasolina, há sempre a via menos oficial. Ao lado da estrada, encontrará garrafas de litro com gasolina por um preço um pouco mais elevado. Em vez dos 60 kwanzas da bomba, pagará 100 por litro, para ocasiões em que é preciso tomar uma decisão entre ficar parado na estrada ou pagar mais um pouco. A gasolina é a mesma da bomba, porque é de lá que vem na maior parte dos casos.

por noite. Recentemente, alguns hotéis ficaram um pouco mais baratos, mas o mercado neste segmento está longe de saturado e muitos destes hotéis de topo estão praticamente reservados para os próximos anos.

A segunda coisa a ter em consideração é o nível de serviço oferecido pelo preço. Não é de todo estranho pagar-

-se mais de 10 000 kz por um quarto e haver falhas constantes de luz e, conseqüentemente, de água corrente. O balde de água na sua casa de banho está sempre cheio e não tem nada que ver com a decoração.

Tendo em consideração o fator qualidade/preço, é preciso ajustarmos-nos um pouco à realidade e saber

o que esperar quando entramos numa hospedaria ou num hotel.

Há hospedarias a partir de 4500 kwanzas, em algumas províncias, e 6000-7000, em outras. Oferecem condições que podem ser definidas eufemisticamente como pouco luxuosas. Nalguns casos incluem um «pequeno» pequeno-almoço. Muitas vezes não têm água corrente nem eletricidade em grande parte do dia e não é surpresa nenhuma se tivermos muita companhia insetiforme durante a noite.

Em algumas províncias, os preços dos hotéis começam por volta de 7000 kwanzas, mas geralmente são acima de 10 000 e muitas vezes o dobro disso. Costumam oferecer pequeno-almoço tipo *buffet* e têm restaurante para as outras refeições. Alguns até têm piscina e ginásio, o que se reflete no preço. É possível encontrar sítios com designação de hotel, mas na realidade não são muito mais do que uma hospedaria.

Outra categoria completamente diferente são os muitos *resorts* que começam a aparecer em pontos com algum interesse turístico no país. Os seus preços variam bastante, mas não espere pagar menos de 17 000 kz por noite. Por esse preço, tem direito a um *bungalow* com ar condicionado, televisão e frigorífico. O pequeno-almoço está incluído e costumam ter restaurante e bar.



Procurar alojamento

Os exemplos da segunda parte deste guia podem servir de base para uma viagem a todas as províncias do país, mas de modo geral não é difícil encontrar um ou vários lugares onde passar a noite em qualquer cidade angolana. Mesmo nas pequenas vilas há sempre uma ou outra hospedaria para passar um ou mais dias. O centro das cidades é um pouco mais caro, mas vale a pena estar perto da maior parte das atrações, restaurantes e lojas. Ao chegar, dê uma volta pelas ruas e avenidas principais, entre em alguns dos lugares de alojamento, pergunte preços e peça para ver os quartos. Outra boa opção é pagar 100 kwanzas e apanhar um *kupapata*. Peça ao motorista para o levar a uma hospedaria boa e barata. Por vezes, conversando assim com as pessoas, recebe-se um convite para uma refeição ou mesmo para passar a noite em casa delas. Nos subúrbios e nas entradas das cidades, há geralmente indicações

para hospedarias nessas mesmas zonas. São um pouco mais baratas, mas muitas vezes as condições são menos boas do que no centro. Em termos de segurança, nunca tive problemas com roubos no quarto, mas neste ponto, como em qualquer situação, a nossa atitude é o mais importante. Muita ostentação e uma disposição negativa podem hostilizar as pessoas.

Se chegar a algum lugar e estiver mesmo desesperado, há muitas missões (católicas ou protestantes), um pouco fora das cidades e vilas, que podem albergar pessoas por uma noite ou duas. Às vezes pedem algum dinheiro em troca.

ONDE COMER

Comer fora é caro. Um restaurante básico em Luanda pede facilmente 2000 kwanzas por um simples mufete. Muitos cobram entre 3000 e 4000 por um bom funge. Fora da capital, os preços podem ser um pouco mais baixos, mas muitas vezes são exatamente iguais ou até mais caros. A razão parece ser assegurar os ingredientes em quantidade e qualidade e atenuar as despesas de consumos básicos, como água e luz. A opção mais popular em Angola para refeições fora é o *buffet*, muitas vezes com preços ao quilo. É uma opção para experimentar um pouco de tudo, porque têm uma boa seleção das comidas nacionais e regionais e

às vezes têm um preço único. Hotéis e restaurantes nas províncias têm em alguns casos a opção do *buffet* só disponível durante a maior parte da semana. Outra possibilidade a ter em consideração é no interior não haver refeições nos restaurantes, a não ser por encomenda.

Mas comer fora não precisa de ser tão caro. Há um grande circuito paralelo de botequins, quintais e casas com chão de terra, onde servem refeições por menos de 500 kwanzas. Às vezes encontra-se casas meio escondidas nos arredores das cidades com um funge simples de frango com kisaka por 300 kwanzas. Também existe sempre a possibilidade de comer um churrasco ou uns pinchos na rua. Estes últimos costumam custar 100 kwanzas cada. Pessoalmente nunca fiquei maldisposto devido a comida não oficial, sem controlo de higiene. Estes sítios têm muita saída e a comida nunca fica demasiado tempo exposta ao calor tropical. Como proteção adicional aconselho a usar bastante jindungo em qualquer prato. Diz-se que mata bactérias.

SAÚDE

Existe uma série de doenças que são mais frequentes ou se restringem aos trópicos, e quase todas marcam presença em Angola. Com a preparação e com os cuidados certos, voltará do país tão saudável como partiu. O mais indicado é marcar com



alguma antecedência uma consulta de viajante. Em Lisboa, os dois lugares habituais para se fazer a dita consulta são os seguintes:

Instituto de Higiene e Medicina Tropical

Rua da Junqueira 100
1349-008 Lisboa
Dias úteis, das 09h30 às 18h30.
Encerra entre as 14h00 e as 15h00
Marcação:
Por telefone: 213 652 600.
Por e-mail:
medicina.viagens@ihmt.unl.pt

Hospital Curry Cabral

Rua da Beneficência, 8
1069-066 Lisboa
Telefone 217 924 322 / 217 924 200

Caso já tenha a vacina da febre amarela em dia, nada o obriga a ir à consulta do viajante. Se tiver muita experiência em viajar em países tropicais, saberá o que fazer e o que deixar de fazer. Mesmo assim, a informação que se segue pode ser interessante para refrescar a memória. Lembre-se sempre de que em caso de doença grave o melhor é ativar o seguro de viagem e pedir o repatriamento.

Vacinas

É obrigatório ter a vacina da febre amarela em dia para se entrar em Angola. Caso não a tenha, pode estar sujeito a ser vacinado à chegada ao aeroporto, ou pior, ser impedido de entrar no país.

As seguintes vacinas são consideradas estritamente essenciais:
Febre amarela (validade dez anos);
Tétano (validade dez anos).

A série seguinte é de extrema importância. Não iria a Angola sem estas vacinas:

Hepatite A (duas doses com um intervalo de seis meses – validade 25 anos);
Febre tifóide (validade três anos);
Poliomielite (validade dez anos, geralmente).

A última lista de vacinas é sempre aconselhável, mas habitualmente menos crítica do que as primeiras:
Hepatite B (geralmente três doses);
Raiva – mais importante fora de Luanda, e se estiver em contacto

frequente com animais;
Meningite – aconselhável se a estada for mais longa;
Cólera – por vezes há pequenas epidemias dessa doença em Angola.

HIV/Sida

As estatísticas oficiais apontam para números relativamente baixos de prevalência de infeções por HIV em Angola, em relação aos países vizinhos. Nas províncias fronteiriças e em Luanda, a percentagem é a mais alta. A longa guerra e as consequentes limitações de circulação levaram a que a prevalência da sida seja de modo geral mais baixa. Isto não quer dizer que não haja riscos. A prevalência de pessoas infetadas é mais alta do que na Europa. Se tiver relações sexuais, a forma mais



comum de transmissão, use sempre um preservativo.

Malária/paludismo

A malária é uma doença transmitida pela picada de um determinado tipo de mosquito. Esse mosquito tem de picar uma pessoa infetada com o parasita, e depois picar outra pessoa para transmiti-lo. A malária é endémica em Angola e uma parte considerável da população tem uma infeção mais ou menos crónica do parasita.

Mesmo para passar um curto período de tempo em Angola, não vale a pena correr riscos. Na consulta de viajante, o seu médico irá aconselhar um antimalárico que deverá tomar uma vez por semana, a começar uma semana antes da viagem, durante toda a estada e duas semanas depois do regresso. Uma alternativa é a doxiciclina, um antibiótico que também é eficaz na prevenção da doença. É preciso tomá-la diariamente e tem a vantagem de ser mais barata e ajudar a prevenir ou combater também muitas outras infeções bacterianas que pode contrair durante a sua estada.

Caso esteja em Angola, é muito importante ficar atento aos sintomas da doença, que podem ser confundidos com uma gripe: febre alta, dores musculares, dor de cabeça e às vezes vómitos e diarreia. Se sentir esses sintomas, vá a um posto de saúde e faça o teste da gota espessa. Mesmo

num posto privado, não custa mais de 500 kwanzas e está pronto numa hora. Todas as principais cidades e vilas têm postos de saúde, ou em último recurso uma farmácia. Caso esteja com malária, saberão dizer exatamente o que tomar, em que quantidades e com que frequência. Leve alguém consigo para apontar tudo. Seja como for, o importante é fazer o teste e iniciar a medicação o mais rápido possível, a fim de evitar o pior.

Esteja atento aos sintomas até um ano depois da viagem, porque o parasita pode ter ficado dormente no seu fígado, antes de surgir pela primeira vez, ou mesmo depois de uma cura completa. Vá às urgências e diga logo ao seu médico que esteve em Angola, e que pode ser paludismo em vez de uma gripe sazonal. Farão um teste de plasmódio no sangue para determinar se está infetado ou não. Mais uma vez, é muito importante que vá ao médico quanto antes, porque a consequência de uma malária não tratada pode ser a morte.

A prevenção é o melhor remédio. Faça tudo para evitar picadas de mosquito. Leve sempre um repelente e, se possível, uma rede mosquiteira tratada com inseticida.

Água

Evite beber água não fervida, mesmo que veja outras pessoas a beber. Pela mesma razão, pode ser boa ideia não

comer saladas ou ingerir bebidas com pedras de gelo, mas nesses casos o risco é mais pequeno. O mais importante é evitar a água da torneira. Pode desinfetá-la com umas gotas de lixívia por litro, ou fervendo durante pelo menos 15 minutos.

Outra fonte de parasitas e bactérias são as águas paradas. Pequenas poças ou lagos não são aconselhados para entrar descalço ou para tomar banho. Banhos do rio são seguros desde que a água não esteja estagnada, mas aí o problema pode ser bem maior e mais imediato na forma de crocodilos.

Medicamentos

As farmácias angolanas costumam ter antibióticos, anti-inflamatórios, anti-histamínicos, antimaláricos e analgésicos. Costumam vender remédios avulsos, ou por *blister*, e mesmo os antibióticos podem de modo geral ser adquiridos sem prescrição médica. Há farmácias em todas as cidades e vilas maiores, mas se estiver no mato, pode não ir a tempo de encontrar uma suficientemente rápido para tratar algum problema de saúde. Daí ser importante ter um *kit* médico de viagem com o mais importante:

- Antimalárico;
- Antibiótico;
- Anti-inflamatório;
- Analgésico;

- Anti-histamínico;
- Pomada antibacteriana;
- Saquetas hidratantes para casos de diarreia;
- Remédio para a diarreia.

DINHEIRO

A moeda de Angola é o kwanza. Um euro vale mais ou menos 130 kwanzas e um dólar norte-americano (USD) por volta de 100. Os câmbios USD/kwanza flutuam um pouco, mas nos últimos anos não muito. Entre 2007 e 2011 ficaram quase constantes.

Em todas as grandes cidades, há casas de câmbio. São a maneira mais oficial e segura de trocar dinheiro, mas a taxa de câmbio é um pouco mais baixa. O melhor é levar USD em vez de euros, por ser mais fácil de se trocar e por render mais. Reais podem ser trocados em casas de câmbio, mas o melhor é mesmo levar USD.

Nas ruas há pessoas que trocam dinheiro. São os chamados «kinguilas» e têm o câmbio mais alto. Existem histórias de ocidentais enganados por kinguilas, mas pessoalmente nunca tive problemas. A vantagem é o câmbio mais alto e a omnipresença. Em qualquer parte do país, encontrará alguém que possa trocar USD. São facilmente reconhecíveis, porque costumam ter grandes maços de notas nas mãos ou numa mala. Muitas senhoras que vendem cartões telefónicos chamam com um assobio e fazem o sinal universal do dinheiro,

esfregando o polegar e o indicador. Nos últimos anos, surgiram muitas agências bancárias por todo o país. Todas as principais vilas e cidades têm pelo menos uma dependência bancária e uma caixa automática baseada no sistema português. O sistema chama-se Multicaixa e é possível levantar até 18 000 kwanzas de uma vez, com um máximo de dois levantamentos no mesmo dia. O sistema Multicaixa aceita cartões VISA e VISA electron. Maestro e Mastercard só são aceites nas caixas do BNI (Banco Nacional de Investimento), que não estão tão divulgadas. As caixas chamam-se

Expresso 24, e em Luanda há na Marginal, na Rainha Jinga e no Belas Shopping.

Para uma estada prolongada, pode ser interessante abrir uma conta bancária local e pedir um cartão Multicaixa. Os cartões mais simples não são personalizados e podem ser utilizados na rede inteira.

SEGURANÇA

Assaltos

Não acredite nas histórias que possa ter ouvido sobre Angola. Em todas as minhas viagens pelo país, com a máquina fotográfica às costas,



nunca fui assaltado, nem nunca vi um assalto.

A realidade é que há alguns assaltos em Luanda, mas longe vão os dias em que era melhor não atender o telefone na rua. Pessoalmente, nunca tive problemas em Luanda, e andei imenso a pé e de transportes públicos na cidade.

Muito depende da nossa própria atitude e de onde e quando nos encontramos. É melhor evitar circular sozinho de carro à noite, sobretudo em zonas que não conhece e se tiver de ficar algum tempo parado na rua ou na estrada. Não deixe nada de valor à vista no carro, feche o vidro e tranque as portas durante o dia para evitar assaltos rápidos.

Se andar a pé, evite zonas desertas, sobretudo à noite. Evite ir aos musseques sozinho. Se quiser ir, vá com alguém conhecido, ou comece aos poucos. Uma boa ideia é ir parando nos botequins e cafés e conversar com as pessoas, tornar-se um elemento menos «forasteiro» no lugar. Seja como for, seja discreto, não leve muito dinheiro consigo e não dê nas vistas com o último iPhone.

No interior do país, a criminalidade violenta é praticamente inexistente para quem viaja. Como disse, andei sempre com uma máquina fotográfica a tiracolo por todo lado e nunca tive problemas. Em Luanda, tinha-a sempre num saco e tirava-a só na altura de fazer alguma fotografia.

Minas

Um dos resultados mais desumanos e horríveis da guerra em Angola é a enorme devastação que as minas antipessoais fizeram e continuam a fazer. Felizmente, as campanhas de desminagem avançam a bom ritmo, mas ainda há lugares onde continua a haver minas.

Há principalmente boas notícias.

Cada vez mais áreas estão livres de minas. As estradas que tiveram obras nos últimos dez anos têm todo um corredor desminado de umas dezenas de metros para cada lado, assim como as linhas de comboio. Para além disso, grandes áreas foram limpas, e mesmo nas zonas que falta há boas indicações até onde avançaram as equipas de desminagem.

A população local saberá também dizer se determinado lugar tem minas ou não, e de modo geral é fácil verificar que zonas com muita circulação de gado e de pessoas estão limpas. Se encontrar na mesma área algum marco ou capim muito alto, evite entrar. Lembre-se que qualquer pedaço de plástico ou de metal que parece inocente pode ser uma mina. Dito isto, a probabilidade de um turista deflagrar uma mina em Angola é bastante reduzida, sobretudo se tiver em mente estes conselhos.

FOTOGRAFIA

Qualquer turista gosta de fotografar tudo que seja minimamente

interessante. No entanto, em Angola isto nem sempre é possível, por várias razões. Devido à cultura política durante a guerra, fotografar era um ato suspeito e, na maior parte dos casos, proibido por razões estratégicas e militares. Essa mentalidade continua a existir, sobretudo na geração que passou por esse período conturbado da história angolana. Por isso, é muito frequente ouvir comentários de pessoas quando se fotografa algo. Às vezes podem mesmo tentar impedi-lo de fazer uma determinada fotografia, independentemente de estarem dentro do enquadramento ou não. Pior é a polícia, que geralmente proíbe a fotografia na rua, pede para apagar as fotos em questão, ou pede uma «gasosa».

Outra das razões por que é mais difícil de fotografar é por uma simples questão de segurança. Em Luanda, não é aconselhável andar com máquinas fotográficas à vista, sobretudo quando é óbvio que somos turistas. Um assalto ou um roubo por esticção acontecem num instante, e podem deixá-lo sem maneira de registar o resto da sua estada em fotografia. No resto do país, não há muitos problemas de segurança, mas pode haver bastante desconfiança em relação a estrangeiros com máquinas fotográficas nas Lundas e em Cabinda. Apesar desta desconfiança em relação à fotografia, não deverá haver problemas em fotografar na



maior parte das situações. Deixo algumas dicas:

Caso fotografe uma pessoa, peça sempre a sua autorização. É proibido fotografar qualquer edifício oficial. Pelo mesmo motivo, nunca fotografe edifícios militares, pessoal militar e polícias sem autorização. No interior, e mesmo nos transportes, é mais fácil fotografar do que em Luanda. Crianças e jovens não têm os preconceitos dos mais velhos e gostam muito de ser fotografados.

É normal uma pessoa fotografada pedir uma cópia da foto. Se não puder entregar uma cópia da fotografia em papel ou por *e-mail*, não prometa que o vai fazer. Seja honesto, e não dê má fama aos turistas por prometerem coisas que não cumprem. Quanto maior a câmara, mais dará nas vistas, e mais desconfiança criará. Se não conseguir fazer uma determinada fotografia, não se preocupe, Angola é muito rica em oportunidades fotográficas. Ao virar da esquina há um mundo pronto para ser descoberto.

ENERGIA E ÁGUA

A luz falta muito. Mesmo em Luanda, há períodos em que não há energia elétrica durante dias a fio em determinados bairros ou prédios. No interior, há lugares onde não há simplesmente energia da rede, ou só em determinadas horas do dia. O mesmo se aplica à água canalizada. Muitas vezes não há porque depende das eletrobombas, e quando não há luz, não há água corrente. Fora do centro das maiores cidades, o fornecimento de água depende de camiões-cisternas, que abastecem poços de água, que por sua vez usam uma eletrobomba, que requer energia elétrica. É uma cadeia em que muita coisa pode falhar. Por outro lado, parece pior do que é. Aprende-se a viver com esses «fluxos» de disponibilidade da luz e

da água. Para quem viaja dentro do país é importante ter em consideração alguns aspetos:

Não espere até esgotar as baterias dos seus aparelhos eletrónicos, como telemóveis, computadores e câmaras. Desde que haja energia, carregue logo tudo.

Aproveite para tomar banho de água corrente, caso esteja disponível. Não é certo haver daqui a uma hora, e é sempre mais agradável tomar banho de chuveiro do que de caneca.

Use lâminas de barbear, em vez de máquinas elétricas.

Quando há água corrente, aproveite sempre para encher alguns baldes.

ANIMAIS SELVAGENS

A guerra, responsável por muitos males de que Angola sofre, também foi responsável pelo desaparecimento de quase todos os animais selvagens de médio e grande porte. Até a palanca negra, símbolo nacional, esteve desaparecida durante muitos anos. Recentemente começou a ser protegida e criada na zona de Malanje. Dizem que há leões e outros felinos, mas não vi nenhum de perto. Felizmente, há uma série de parques nacionais que ocupam vastas áreas no país, que foram repovoados com elefantes, girafas e outros animais vindos da África do Sul e de outros países vizinhos. O mais próximo de Luanda é o Parque do Kissama. Se nunca foi a um parque com animais

de grande porte e felinos soltos, é importante saber que nunca deve sair do carro para passear a pé.

Há cobras em Angola, mas poucas têm veneno mortal. Por outro lado, as cobras têm mais medo de nós do que nós delas. Se for passear em zonas descampadas, use um bom par de botas e calças compridas para que o risco seja reduzido. Caso seja mordido, procure ajuda médica o mais rápido possível, mantenha imóvel a área afetada e não tente chupar ou cortar a mordedura.

À beira-rio, tenha muito cuidado com crocodilos. Ataques a adultos não são muito frequentes, mas é melhor evitar do que remediar.

Cães e outros animais que encontre podem ser portadores de raiva. Evite qualquer contacto.

Os lacraus ou escorpiões encontram-se frequentemente no deserto do Namibe e menos noutras províncias. Recomenda-se também bom calçado e calças compridas nos passeios. Porém, o risco maior nem sempre vem de onde pensamos: a verdade é que o animal mais mortífero do continente africano é o mosquito.

TELEFONE E INTERNET

O código internacional de Angola é +244.

Os custos de *roaming* são muito elevados. Aliás, todas as chamadas telefónicas são caras, sobretudo as internacionais. Quando chegar ao país, é melhor comprar um cartão SIM (o chamado *chip*) para o seu telemóvel numa loja de uma das duas operadoras nacionais. É possível



comprar o cartão na rua, mas se o perder será impossível obter uma segunda via. Nas lojas das operadoras, custa 720 kwanzas.

As duas operadoras nacionais são a Unitel e a Movicel. Muitos angolanos têm dois telemóveis (chamados de celulares ou terminais em Angola), um de cada rede. Para se poder comunicar, é preciso carregar «saldo» no cartão. Existem saldos de vários valores UTT, que são as unidades dos carregamentos móveis. Um minuto de chamada ou uma mensagem custam um certo número de UTT. A única verdade universal é que um saldo não dura muito tempo.

Estes saldos existem geralmente em 125 UTT (900 kwanzas), 375 UTT (2700 kwanzas), 625 UTT (4500 kwanzas), e 1250 UTT (9000 kwanzas). Os saldos têm uma validade de trinta ou sessenta dias. A cobertura das duas operadoras é muito boa e abrange todas as maiores vilas e cidades. No mato, pode não haver rede.

Há alguns cibercafés em Angola, mas são relativamente caros. O mais indicado é levar um computador portátil ou um *tablet* e comprar localmente uma *pendrive* 3G ou um cartão SIM numa das duas operadoras. Peça um cartão para dados e internet e não de chamadas. O custo é igual ao cartão normal, mas o tráfego internet é muito maior para o mesmo valor de recarga. Como referência, um saldo

de 625 UTT (4500 kwanzas) da Unitel dá direito a 2 GB e tem uma validade de trinta dias. A cobertura é bastante boa nas capitais de província em 3G, em muitos dos casos melhor do que em Luanda, onde há uma certa sobrecarga da rede em determinadas alturas do dia.

Resista à tentação de usar a internet no seu telefone. É possível carregar um saldo de dados, ou de usar a internet de modo avulso, saindo do saldo de voz, mas é pelo menos dez vezes mais caro do que um cartão de dados. Um saldo de 625 UTT no telemóvel só dá direito a 200 MB, e com os telefones modernos, 200 MB podem ser gastos em poucos dias.

ENDEREÇOS ÚTEIS

Embaixada e Consulado de Portugal em Luanda

Avenida de Portugal, 50
Caixa Postal 1346
Luanda
Telefone 222 333 027 / 222 333 443

Consulado Geral de Portugal em Benguela

Av. Fausto Frazão, 40
CP 1444
Benguela
Telefone 272 232 462 / 272 230 224
cg.portugal.benguela@netangola.com

Embaixada e Consulado Geral do Brasil em Angola

Av. Presidente Houari Boumediène, 132
C.P. 5428 Miramar
Luanda
Telefone 222 441 307 / 222 442 010
emb.bras@ebonet.net

Hospital Josina Machel (Maria Pia, hospital público)

Rua Amílcar Cabral
Luanda
Telefone 222 336 346

Clínica Sagrada Esperança (Clínica privada)

Avenida Murtala Muhamad (final da ilha)
Luanda
Telefone 222 309 688/034/687/360

Serviço de Migração e Estrangeiros (antiga DEFA)

Questões relacionados com o visto, prorrogação
Rua Amílcar Cabral – Bairro da Maianga (ao lado do Hospital Josina Machel)
Luanda
geral@sme.ao
www.sme.ao



PARTE DOIS

PERCURSOS »»

Em vez do mais tradicional «uma província, um capítulo», a organização desta segunda parte do guia segue a viagem como a fiz em duas alturas diferentes de 2011. A estrutura é baseada em grandes pontos de referência pelo caminho percorrido através das 18 províncias angolanas. São 15 capítulos repletos de informações práticas sobre transportes, estradas, restaurantes, hotéis e atrações turísticas.

No fim de cada capítulo, inclui uma parte narrativa que conta a história da viagem na primeira pessoa.



#1.





PERCURSO #1.

Luanda » Ramiro » Sumbe



O CAMINHO

Sair de Luanda é quase sempre uma experiência caótica e demorada, dependendo do meio de transporte e da altura do dia ou da semana em que se inicia a aventura. A direção em que se vai não faz muita diferença. Seja norte, este ou sul, as filas de trânsito são uma constante. Pode ter sorte, mas é sempre bom contar com duas ou três horas para fazer os primeiros 25 a 30 quilómetros. Depois desta parte complicada, o caminho torna-se mais fácil.

A estrada é recente e relativamente boa. Até ao Sumbe são 335

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Luanda » Ramiro: 40 km

Ramiro » Cabo Ledo: 85 km

Cabo Ledo » Porto Amboim: 140 km

Porto Amboim » Sumbe: 70 km

A NÃO PERDER

O **Parque Nacional do Kissama**, elefantes e girafas no seu safari à saída de Luanda.

O **Museu da Escravatura**, com uma exposição permanente sobre o negócio dos escravos.

Surf! A praia do **Cabo Ledo**, a 125 km de Luanda, é a meca do *surf* angolano.

As **cachoeiras de Binga**, a força e a beleza da natureza, com parque de merendas.

Uma **esplanada** ao final da tarde na marginal do Sumbe, com vista para o mar.

quilómetros. Se for de carro, é melhor abastecer antes de sair de Luanda, ou nas bombas do Ramiro, cerca de 40 quilómetros a sul da cidade.

No Ramiro também chega ao fim a vista do Mussulo, que nos acompanha desde Luanda, mas antes disso passamos pelo Museu da Escravatura, que merece uma visita. Pouco depois, nas encostas, também do lado direito,

há um miradouro com uma vista espetacular sobre as escarpas em tons de amarelo e vermelho e o mar ao longe. É o famoso Miradouro da Lua. Gradualmente começam a aparecer kimbos (aldeias com palhotas) ao longo da estrada, com roupa a secar no capim, e telhados de palha.

Os primeiros embondeiros que verá encontram-se também nesta estrada. A vegetação fica ligeiramente menos densa e com um aspeto um pouco menos tropical ao longo do caminho. A própria estrada parece curvar vagarosamente, passando por Porto Amboim a caminho do Sumbe. É uma ótima paragem para comer e beber alguma coisa, esticar as pernas, encher o depósito do carro e ver a linda baía antes de continuar a viagem.

A VER PELO CAMINHO

Museu da Escravatura

É um museu dedicado à escravatura e tem uma boa coleção de artefactos do tráfico de escravos e informação sobre aquilo que foi tristemente durante séculos a atividade económica mais importante da área.

O museu fica a umas curvas de distância na estrada depois do mercado de artesanato de Benfica. É um edifício à beira-mar do lado direito para quem viaje em direção ao Sul.

Miradouro da Lua

Uma paisagem que dá alguma justiça ao nome, mas com cores mais

parecidas com Marte, em escarpas íngremes que descem para uma zona plana de praias. Fica a 20 quilómetros do Mussulo. É uma paragem rápida e obrigatória para quem tenha máquina fotográfica consigo.

Barra do Kwanza

A 70 quilómetros de Luanda, o rio Kwanza desagua no Atlântico num lugar calmo e de uma beleza natural extraordinária. É o sítio ideal para passar um fim de semana ou uns dias longe da confusão de Luanda sem ter de viajar para longe. Existem alguns *lodges* nas duas margens do rio.

Parque Nacional do Kissama

Qualquer um dos empreendimentos turísticos da barra do Kwanza também pode servir como base para uma visita ao Parque Nacional do Kissama, logo a sul do rio. Se quiser visitar a barra do Kwanza e o parque a partir de Luanda, a melhor opção é uma das viagens organizadas regularmente pela Eco-Tur.

Uma visita ao Kissama é uma ótima ideia para passar um dia a partir de Luanda. O Kissama tem uma boa quantidade de animais e uma qualidade mágica que falta a muitos dos outros parques, graças à beleza inerente das vistas do rio Kwanza. É fácil integrar uma viagem de barco no rio Kwanza numa excursão de um dia ao Kissama. O rio estende-se por



960 quilómetros e, perto da barra do Kwanza, é um paraíso para todo o tipo de aves. O parque é bastante grande, com cerca de 12 000 quilómetros quadrados, e é delimitado pelo rio Kwanza a norte e oeste e pelo rio Longa a sul. Este último é o rio mais austral de África, onde se encontra o peixe-boi ou manatim, um grande mamífero marinho. Com alguma sorte, poderá ver também um ou outro crocodilo.

Nem sempre é fácil ver-se vida selvagem no Kissama, mas é uma aventura ir à procura dela. Muita gente queixa-se da falta de manadas facilmente visíveis, mas com um pouco de paciência e os guias certos é perfeitamente possível ver-se todas as espécies existentes no parque. A verdade é que há neste momento

animais suficientes no Kissama, depois de o projeto Arca de Noé ter trazido muitos exemplares do Botswana e da África do Sul. Foi uma tentativa de contrariar os efeitos nefastos da longa guerra na vida selvagem.

É possível ver-se manadas de mais de sessenta elefantes de uma só vez, e a população original de vinte antílopes gigantes cresceu para duzentos. Pode ver igualmente girafas, zebras, avestruzes, gnus, gazelas e muitos tipos diferentes de antílopes. A Eco-Tur organiza viagens na maior parte dos fins de semana. Para mais informações, veja a página www.eco-tur.com, onde encontrará fotografias do parque e do rio Kwanza. No Facebook, pode procurar por Eco-Tur Angola. O número de telefone de Paul, o gerente, é o 912 501 387.

RESORTS

Acampamento do Kawa

Dentro do Parque Nacional do Kissama
15 *bungalows* para duas pessoas
Telefone 925 314 949 / 912 430 630
Preço médio: 18 000 kz

Complexo Turístico Doce Mar

Cabo Ledo (praia de *surf*)
Telefone 923 339 649
Preço: 12 000-36 000 kz

Kwanza Lodge

Barra do Kwanza
Telefone 912 440 052
Preço: 17 500 kz

Mangais Golf

18 buracos
Miguel Lourenço
Telefone 931 536 853
mlourenco@mangais.com

Mangais Lodge & Spa

Junto ao campo de golfe
Cátia Correia
Telefone 938 765 025
catia.correia@mangais.com

Cabo Ledo

Para os amantes de *surf*, as praias do Cabo Ledo, a pouco mais de 100 quilómetros de Luanda, são um local de referência. Se não pratica *surf*, é sempre bom passar o dia na praia: areia branca, falésias e água limpa devem ser o suficiente para convencer qualquer um. É também o lugar onde desembarcou em 1648

a frota de Salvador Correia de Sá para reconquistar Angola aos holandeses.

INFORMAÇÃO PRÁTICA

Há postos da Sonangol no Ramiro, Porto Amboim e no Sumbe (logo à entrada da cidade, do lado esquerdo). É sempre aconselhável atestar o carro em todos os postos de abastecimento que encontrar no percurso, para evitar ter uma surpresa desagradável numa bomba que não tenha combustível. Comida e bebida não falta, tanto nas bombas de gasolina como em numerosas «praças» pelo caminho.

SUMBE

É uma cidade relativamente pequena, com ruas recentemente alcatroadas. Na zona alta à volta da rotunda onde fica a paragem da SGO e dos outros autocarros há algumas hospedarias e o mercado central. A entrada pelo norte é feita numa descida, e vê-se a baía e o mar. À volta da cidade propriamente dita, encontra-se o habitual aglomerado de musseques e casas de adobe.

A parte baixa da cidade, a marginal, tem uma série de hotéis, restaurantes e bares na praia. Um mergulho ao final da tarde é maravilhoso. E se quiser algo mais desportivo, pode alinhar no jogo de voleibol na praia.

O que ver e fazer

O mercado municipal no centro da cidade vale uma visita para quem

Festas do Sumbe e de Porto Amboim – 15 de setembro

Em **março** celebram-se também as **Festas do Mar**.

Reserva Natural de Kumbira – Um paraíso cheio de espécies endémicas.

Nas cachoeiras de Binga, em vez de passar pela ponte, vire para cima e continue 25 quilómetros para dentro da mata. É preciso um veículo 4x4.

Festisumbe – Em setembro, um festival com muita música nacional e internacional, com a presença diária de dezenas de milhares de pessoas. Vale a pena.

sai de Luanda. É um mercado municipal típico, com coloridas bancas de legumes e verduras.

A marginal serve perfeitamente para um dia de praia e para tomar um copo numa esplanada, debaixo de uma árvore, enquanto ganha coragem para mais um banho ou um jogo de voleibol de praia.

As cachoeiras de Binga são umas cascatas no rio Keve, a 30 quilómetros do Sumbe. Para além da vista magnífica da força da natureza, a frescura do parque de merendas junto das quedas é perfeita para passar uma tarde agradável.

De carro, é uma viagem de meia hora a partir do Sumbe. Siga a estrada em direção a Luanda e esteja atento à saída para a Gabela. Siga essa estrada até encontrar as indicações para o «parque de merendas» ou para as cachoeiras. Se passar por uma ponte nova sobre o rio Keve, ao lado de uma outra partida, foi já demasiado longe.

Volte a descer 2 quilómetros e entre do seu lado direito no parque.

É perfeitamente possível fazer a visita às cachoeiras recorrendo a transportes públicos. Do centro da cidade, vá de kupapata para a praça do Chingo (100 kwanzas) e daí apanhe um transporte em direção à Gabela ou ao Libolo (antiga zona de produção de café), por 300 kwanzas. O melhor é ir bem cedo de manhã, por volta das 07h00.

Chegar, estar e partir

Os autocarros da SGO saem da rotunda ao fundo da Avenida dos Aliados. São 1500 kwanzas até Luanda e 1000 kwanzas para o Lobito ou Benguela.

A partir da praça do Chingo (entrada da cidade), há autocarros em direção à Zâmbia.

Dentro da cidade, a maneira mais fácil de se deslocar é de kupapata.

As viagens no interior custam 100 kwanzas.
Avião: Há voos que fazem escala no Sumbe, a partir de Luanda. O preço é de cerca de 10 000 kz.

Onde dormir

Hotel Ritz

Avenida Marginal do Sumbe – 4 de Fevereiro
Telefone 236 230 447 / 222 230 761
Single 1: 12 350 kz
Single 2: 14 250 kz
Casal vista mar: 19 000 kz
Casal lateral: 17 000 kz

Suite executiva: 33 250 kz
Gerente: Marcilene Noy
Telefone 935 414 290

Pensão Santa Isabel

Junto do mercado municipal
Quarto simples: 5000 kz, com casa de banho partilhada.

Pensão Santa Margarida

Raul de Sousa (dono)
Telefone 925 782 802
Avenida dos Aliados
Quarto simples: 4000 kz, com casa de banho privativa, sem água corrente.



Hotel Kwendale

Rua Lucrecia Paim

Telefone 236 230 234 /

913 657 697 / 923 263 881

Casal: 10 000 kz

Duplo: 10 000 kz

Solteiro: 7500 kz

Casal especial

B: 14 000 kz

C: 16 000 kz

D: 18 000 kz

Pequeno-almoço incluído

Hotel Sumbe

Largo 23 de Janeiro

Telefone 236 230 509 /

936 002 789 / 936 165 105

Single: 7000 kz

Duplo: 10 000 kz

PM: 12 000 kz

Casal: 15 000 kz

Suite: 20 000 kz

Pequeno-almoço incluído

Hotel Sol Nacional

Na marginal

Telefone 236 230 440 / 236 230 483

Single: 15 000 kz

Duplo: 25 000 kz

Single suite: 25 000 kz

Suite dupla: 30 000 kz

Sem vista para o mar: 13 000 kz

simples, 18 000 kz duplo.

Pousada do Wembele

Fora da cidade, a caminho de Benguela.

Praia do Wembele

Telefone 924 698 075 / 928 954 985

Single: 12 000 kz

Casal: 14 000 kz

Onde comer

Restaurante Oásis

Bairro E, n.º 15

Telefone 929 650 713

Na marginal, há imensas esplanadas na praia e os hotéis também servem comida. A Pensão Santa Margarida faz pequenas refeições, tipo bitoque, por 1000 kz e tem gelados.

Rio Keve, Kwanza Sul



Barra do Kwanza



Barra do Kwanza



Cachoeiras de Binga, Kwanza Sul



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #1.

Bombas de gasolina do Ramiro, meio da tarde. Para sair de Luanda, deu-me boleia o Oliveira, que cresceu em casa de uma amiga minha. Oliveira é um luandense típico, enérgico, bom conversador e sempre com um olho aberto para a próxima oportunidade de ganhar alguns trocos. Não lhe chamaria «esquemático», mas é decididamente aquela pessoa que ficou esperta com as lições e as oportunidades que a vida lhe foi mostrando. Segundo ele próprio, só tem um defeito: as mulheres. Como consequência dessa imperfeição, está sempre com falta de dinheiro. Sustentar os filhos que foram naturalmente surgindo ao longo dos anos é caro. Neste momento – ele garante isto com alguma seriedade na voz – está a esforçar-se por resistir à tentação feminina. Vive com a mãe de alguns dos seus filhos e virou costas à vida de engatatão. Pelo caminho fomos conversando sobre os sítios que me propõe mostrar em Luanda, quando regressar desta minha viagem pelo país. A maior parte das sugestões gira à volta de uns bons petiscos, acompanhados de umas Cucas e convívio com o sexo oposto, geralmente uma combinação fatal para quem está a tentar endireitar os seus caminhos.

O Oliveira deixa-me nas bombas de gasolina do Ramiro. Pouco depois aparece o «tio» Guelito. Conheci o tio no Alentejo, quando visitava com alguma frequência Moura. Com a mulher e as filhas, era uma das três famílias angolanas nessa pequena vila. Fechou o negócio que lá tinha e voltou à terra que o viu partir 15 anos antes. Entretanto viveu no Morro Bento, mas é um bocado mais longe de Luanda que se sente bem. O Ramiro é um sítio calmo, parte vila adormecida e esquecida, parte destino de fim de semana de pessoas de Luanda. Lado a lado encontram-se edifícios em mau estado de conservação e casarões modernos. Uns com famílias que lá vivem desde sempre, crianças tomando banho de caneca nas traseiras, outros com vedações, guardas, geradores pesados e bombas de água. A eletricidade da rede falha muito e água corrente não há, como em muitos lugares à volta de Luanda, mas a vista do mar e do Mussulo ao pôr do Sol fazem esquecer rapidamente tudo isso. O tio e a tia conseguiram converter uma das casas velhas num sítio agradável e aconchegante. Ao final da tarde, estamos sentados no pátio, enquanto na casa ao lado umas meninas aproveitam a última luz do dia para fazer um

«comboio» de tranças, o fenómeno que se produz quando a menina a ser trançada por sua vez trata do cabelo de outra. Para nós, é conversando que o dia termina no Ramiro.

No dia seguinte de manhã, após uma visita rápida à padaria local – onde não há pão, por causa de um problema com o gerador – e à lota de peixe, faço-me à estrada. Depois de umas tentativas frustradas de pedir boleia nuns camiões a caminho do Sumbe (o chefe segue na carrinha e não podem levar pessoas na cabina), para o Olímpio, que me pode levar até Cabo Ledo, onde fico novamente na estrada até aparecer um candongueiro fora de serviço.

O motorista está a caminho de um funeral em Benguela com alguns primos e não tem problema nenhum em levar-me até ao meu destino.

Um «gasosas» depois – nem todos os polícias perdoam a falta do selo de 2011, mesmo indo para um funeral – estou ao pé do mercado central do Sumbe. Troco uns dólares nuns kinguilas ao lado de um dos bancos da



.....

cidade e pergunto a um casal de compras na mão onde poderei encontrar uma pensão barata para passar a noite. Levam-me à Pensão Santa Isabel, que logo à primeira vista me agrada, mas depois o dono garante-me que já todos os quartos foram alugados a uma empresa qualquer. Agradeço ao casal, que já andou uns quarteirões comigo, e outra pessoa leva-me à Pensão Santa Margarida. A rainha e padroeira da Escócia é-me mais favorável e arranjo facilmente um quarto. Ao final da tarde estou outra vez na praia, desta vez na marginal do Sumbe, onde um trio de chineses toma um banho de mar, vestidos a rigor para o efeito, touca incluída. Um grupo de jovens está entusiasmado com um jogo de voleibol, alguns casais passeiam e encontro os camionistas do Ramiro bem-dispostos, de cerveja na mão. Aparentemente o chefe já não está a vigiá-los.

De manhã, acordo cedo e apanho um kupapata para o Chingo, a praça dos transportes para o interior, e no meio dos autocarros velhos com destino à Zâmbia encontro um miniautocarro em direção à Gabela. Felizmente enche depressa e pouco depois estou já nas cachoeiras de Binga. Não sei se é por ser dia de semana ou por ser muito cedo, mas estou completamente sozinho para admirar a força e a beleza da natureza. Na vila, ao lado da nova ponte – dizem-me que é a terceira – lava-se roupa no rio Keve e o mercado está à espera de clientes. Faço-me à estrada e arranjo boleia numa carrinha com duas vacas nervosas amarradas, controladas com muito esforço por uns jovens. Pouco depois estou outra vez no mercado central do Sumbe e parto à descoberta da cidade.





Restinga do Lobito, Benguela

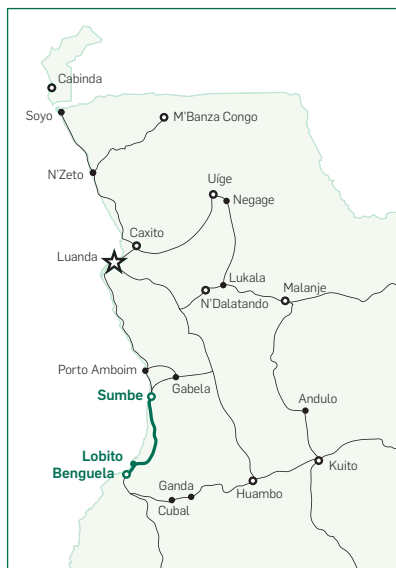
#2. ■





PERCURSO #2.

Sumbe » Lobito » Benguela



O CAMINHO

A estrada é relativamente nova, as últimas partes são de 2007. É mais estreita do que o troço Luanda-Sumbe. Sobretudo à noite convém ter mais cuidado. Paisagem contínua de cubatas pelo caminho, kimbos e paragens várias. Perto do Lobito a paisagem começa a ficar mais árida e muito mais poeirenta. A descida para o Lobito tem muitos musseques e casas de adobe e pedra de construção rápida, muitas com a cor da terra, um pouco mais amarelada por estas bandas. Às vezes há bastante trânsito na descida para a parte baixa da

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Sumbe » Lobito: 170 km

Lobito » Catumbela: 15 km

Catumbela » Benguela: 15 km

A NÃO PERDER

A **restinga do Lobito** é como a ilha de Luanda, mas mais calma e bem organizada. Boas praias, com bares, restaurantes, antigas casas coloniais e igrejas.

O **mangal** entre o centro e a restinga do Lobito ao final da tarde, onde os flamingos contrastam com o verde da água.

A mítica **praia Morena** de Benguela.

Aprece um pôr do Sol fantástico, desfrutando uns amendoins e uma bebida fresca comprados a uma quitandeira, sentado debaixo das árvores.

O governo provincial, os correios e os outros edifícios no **centro de Benguela**, tal como o Museu Nacional Arqueológico de Benguela, com mais de nove mil peças.

A **Baía Farta** e as praias a sul de Benguela, das melhores do país.

cidade. A vista sobre o Lobito é linda. Veem-se os mangais e o mar. Depois da relativa calma do Sumbe, pode parecer um lugar um pouco caótico. Entre o Lobito e Benguela, passando



pela Catumbela, a estrada é toda asfaltada e tem duas vias em cada direção.

LOBITO

O Lobito é uma cidade com dupla personalidade.

Há muito comércio e movimento no centro da cidade. É o segundo porto do país e, como tal, muito importante. Os carros com matrícula BG (provincia de Benguela) são desalfandegados aqui. Tirando a descida para entrar no Lobito pelos morros cheios de musseques, a cidade é plana e bastante poeirenta, apesar de ter sido alcatroada recentemente. No centro, encontramos à volta do largo principal o mercado municipal e alguns hotéis e hospedarias.

Atravessando o mangal, entramos num mundo diferente. A restinga é um tipo de mini-ilha de Luanda, mas a meu ver melhor. Aqui há praias maravilhosas, igrejas, edifícios coloniais lindos, bares, hotéis e restaurantes. Para um turista qualquer, há pouca necessidade de se deslocar ao centro, a não ser para ir às compras ou por necessidade médica.

O que ver e fazer

Na restinga

Mais para o fundo da restinga, está exposto o famoso barco *Zaire* em que José Eduardo dos Santos fugiu dos portugueses. Alguns populares preferiam o monumento anterior, mas o barco vale uma visita, nem que seja só por razões históricas.

O caminho até à ponta da restinga é repleto de boas praias e antigas casas coloniais, que são vilas bastante luxuosas. Na final da restinga, há uma rotunda com muitos bares e restaurantes, com árvores que protegem do sol quente.

Enquanto está na restinga, vale a pena fazer uma visita à Igreja de Nossa Senhora da Arrábida. Na baía ao lado, há uma pequena estátua de uma sereia e mais para o fundo da restinga fica o Museu Regional de Etnografia.

No centro

Na baixa do Lobito, há um renovado mercado municipal, com uns bares no andar de cima. O mercado é espaçoso e a própria baixa dá para uns passeios agradáveis.

O mangal, um género de lagoa, que fica na avenida entre a baixa e a restinga, é muito bonito ao pôr do Sol. Em certas alturas do ano está cheio de flamingos cor de rosa.

Entre o Lobito e Benguela, na Catumbela, podemos ver um dos quatro estádios de futebol construídos para o CAN 2010.

Chegar, estar e partir

Há autocarros de e para o Norte, Luanda e o Sumbe. A paragem da SGO fica entre a descida dos morros do Lobito e a baixa, numa avenida muito concorrida. As outras companhias têm paragens na mesma zona. Para

Luanda, a viagem custa 2500 kwanzas, e para o Sumbe 1000 kwanzas.

De carro, a viagem para Luanda faz-se pela estrada principal e tem de contar no mínimo com seis horas para chegar ao destino. Há bombas de gasolina à saída do Lobito, no Sumbe, em Porto Amboim e, antes de chegar a Luanda, no Ramiro.

O caminho para o interior, em direção ao Huambo, tem algumas partes em bom estado, a seguir a Benguela, mas há alguns troços em bastante mau estado e, sobretudo na época das chuvas, é fácil ficar atolado na lama se não tiver experiência e um bom carro. Esta viagem leva-nos da zona costeira até ao Planalto Central, com altitudes à volta dos 1500 metros, e passa pela zona agrícola do Alto Hama. Há bombas a meio caminho, mas convém atestar no Lobito ou em Benguela e é boa ideia levar um jerricã cheio na mala do carro.

A opção mais relaxada, fotogénica e aventureira é apanhar o comboio que sai do Negrão, entre o Lobito e Benguela. Veja a secção Benguela-Cubal-Ganda para mais informações. O caminho para o Sul, em direção ao Lubango, é mais fácil através do interior, seguindo a primeira parte do caminho para o Huambo e virando para sul em Catengue. Há partes muito más na estrada, com bastante risco de ficar atolado na época das chuvas. Aconteceu-me com um autocarro da SGO, no sentido inverso.

O autocarro Lobito-Benguela-Lubango custa 3000 kwanzas. A viagem para o Huambo fica em 2500 kwanzas. Este percurso também é muito popular entre Hiaces e miniautocarros.

Ainda há uma «estrada de ladrões» diretamente até ao Namibe, ao longo da costa, sem a necessidade de subir para o Planalto Central e descer outra vez no Lubango, mas é preciso um bom 4x4 para conseguir chegar ao destino. Em contrapartida, o percurso é agradável. Dentro do Lobito e entre o Lobito e Benguela circulam Hiaces, táxis e até Afritaxis. Um Hiace dentro da cidade custa 100 kwanzas e entre as duas cidades 300 kwanzas.

O aeroporto da Catumbela tem voos diários de várias companhias a partir de Luanda, com preços à volta de 14 000 kz.

Onde dormir

Na baixa

Opções não faltam. Há imensos pequenos hotéis e pensões com preços à volta de 10 000 kz.

Hotel Navegante

Rua 25 de Abril, 52

Telefone 272 224 481/2

Individual e casal: 14 875 kz

Inclui pequeno-almoço. Por mais 2900 kz tem direito a *buffet* completo.

Restinga

Também há muitas opções ao longo da avenida principal e nas pequenas

paralelas e perpendiculares no início da restinga.

Casa Verde

Rua Fragoso de Matos, 192; perto do antigo cinema.

Telefone 272 225 104 / 917 253 789

Gerente Manuel Brito – Telefone 935 745 253

Preço: 6000 kz, casa de banho partilhada, com AC e frigorífico no quarto.

Hotel Terminus

Rua Robert Williams, 16 (Restinga)

Telefone 272 225 930/1/2/3

Reservas – Telefone 935 684 387

Single: 30 000 kz

Double: 33 000 kz

Tem uma esplanada na praia.

Onde comer

Há muitos restaurantes e bares na restinga e na baixa do Lobito.

Os preços andam por volta de 2000 kz para *buffet*. Na praia é possível comer um prego no pão por menos de 1000 kz.

BENGUELA

Benguela é uma cidade mais mística do que o Lobito, eternizada em músicas, literatura e poesia. É a capital da província com o mesmo nome. Há aqui um consulado português, caso seja necessário tratar de alguns papéis.

Apesar de o Lobito ser mais importante economicamente, é aqui

que encontramos os edifícios do governo provincial, na praça principal da cidade, à volta da qual se estendem algumas avenidas em xadrez. Do centro da cidade até à famosa praia Morena são algumas centenas de metros por uma dessas avenidas. Há poucos anos, o centro da cidade resumia-se a ruas poeirentas, que em tempos tiveram pavimento. Porém, recentemente, toda a cidade foi alvo de obras e neste momento é um sítio extremamente agradável, com ruas alcatroadas, bons locais para comer e beber e praias lindas.

Há muitos vestígios do tempo colonial, como velhos reclamos luminosos nos telhados dos edifícios no centro.

O que ver e fazer

No centro da cidade, destacam-se o palácio do governo da província e os antigos correios. Há uma série de edifícios coloniais antigos, alguns ainda com reclamo luminoso na fachada, como testemunha do tempo dos portugueses.

Não deixe de visitar a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, construída em 1748. O estilo é o típico barroco à



RESORTS

Kapembawé

Baía Farta

20 km a sudoeste de Benguela,
junto ao parque de Chimalavera

Telefone 933 490 306

www.kapembawe.com

A partir de 15 000 kz

portuguesa da época. Outra igreja que vale uma visita é a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, do século XX, que tem um teto muito inclinado.

A praia Morena é muito popular junto da população local, sobretudo domingo à tarde. Há jogos de futebol de praia, vendedoras de ovos, amendoins e cerveja.

A sul da cidade, há mais praias que vale a pena visitar, como a praia Azul e as praias da Caota e da Caotinha, lugares mais calmos e perfeitos para uma tarde a aproveitar o sol e as ondas do mar. A maior parte das praias em Benguela tem uma linha de árvores que fazem sombra para os dias de sol mais intenso.

Um pouco a norte da praia Morena, há uma pequena vila piscatória onde pode ver os pescadores a trazer o peixe a terra para ser vendido.

Chegar, estar e partir

A SGO tem uma paragem perto da estação de comboios de Benguela.

Veja a secção acima sobre transporte do Lobito. A viagem até Lobito em Hiace custa 300 kwanzas.

No centro da cidade há bombas de gasolina Sonangol para atestar o carro de quem regressa ou continua a viagem.

Veja a secção do Lobito para informações sobre voos.

Onde dormir

Hotel Luso

Rua Aires de Almeida Santos

Telefone 272 231 292 / 923 579 587

Casal: 13 965 kz

Casal: 13 300 kz

Single: 10 450 kz

www.hotelluso.net

A Sombra

Rua Ilha da Madeira, 2

Telefone 272 233 152 /

917 212 254 / 923 781 884

Solteiro: 8000 kz

Duplo: 10 000 kz

Casal: 12 000 kz

Pensão com pequeno-almoço

Bar/terraço/restaurante

Hospedaria 30 de Novembro

Rua Monsenhor Keiling

Telefone 924 032 758

Double: 8500 kz

Twin: 9500 kz

Pequeno-almoço, AC e chuveiro,

mas pode faltar gasolina no gerador.

Reserva Parcial do Búfalo

Neste parque natural pode apreciar o **búfalo preto, leões, onças, palancas vermelhas, hienas e muito mais**. Em linha reta, fica a 30 quilómetros de Benguela na direção de sudeste. O caminho é mau e vai precisar de um veículo 4x4. Parta de Benguela para Huambo e na bifurcação Huambo/Lubango, saia da estrada em direção ao norte.

O parque acompanha a subida para o Planalto Central e a altitude varia entre 300 e 1200 metros, com bastantes formações rochosas e quatro rios que atravessam os seus 400 quilómetros quadrados.

Parque ambiental AMAC e Kapembawé

Uma área com *bungalows* e um parque ambiental com a criação de alguns animais locais, como o burro. A partir deste empreendimento turístico, também pode visitar o **Parque Regional da Chimalavera**, 20 quilómetros a sudoeste de Benguela, que tem uma boa população de zebras na sua savana.

Preços para o Kapembawé começam a partir de 15 000 kz.

Contactos: Telefone 933 490 306 e www.kapembawe.com.

Dia da Cidade de Benguela – 17 de maio

Dia da Cidade do Lobito – 2 de setembro

Onde comer

No centro da cidade há muitas opções com esplanada, e preços por volta de 1000 kz para um prato simples tipo prego ou hambúrguer.

Esplanada O Tropical

Rua Comandante Kissange, 2A

Hambúrguer: 500 kz

Prego: 400 kz

Sopa: 250 kz

Praia Morena, Benguela



O "Zaire" na restinga do Lobito, Benguela



O estádio da Catumbela, Benguela



Benguela, Benguela



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #2.

Há quatro anos, fiz uma viagem Luanda-Benguela de autocarro. Lembro-me de passar pelo Sumbe e de ver um «mais velho» a pintar de laranja uns bancos compridos de madeira. Quando voltei para Luanda dois dias mais tarde, continuava o meticuloso trabalho de pintura. Tudo isto só para dizer que neste momento estou sentado num desses famosos bancos cor de laranja, e pelos vistos a demora nas pinceladas valeu a pena. Estão como novos. E ainda bem, porque a espera é longa.

Não é que faltem autocarros. Passam vários, vindos de Luanda, a caminho de Benguela ou do Lubango, mas estão invariavelmente cheios ou mais que cheios. Isto de entrar a meio caminho nem sempre é fácil. Ainda por cima, não sou o primeiro na fila de espera. A alguns metros de mim está um jovem à espera de transporte desde as nove da manhã. Chama-se Nelito, é do Lubango e veio ao Sumbe visitar uns familiares. Sei isso porque a pausa até à chegada da segunda vaga de autocarros vindos de Luanda é grande e como «companheiros de destino» começámos a conversar sobre o que nos trouxe cá nesta manhã de muito calor. Nelito não é nenhuma exceção. Noto que muitas pessoas estão interessadas em saber quem sou e o que estou aqui a fazer, sobretudo quando descobrem a minha máquina fotográfica. Adoram conversar sobre tudo e mais alguma coisa. A abertura e o sentido de humor dos angolanos são muito contagiantes. Aqui, ao contrário de Luanda, posso andar com a câmara a tiracolo sem receio de ficar sem ela num encontro menos feliz e entrega involuntária em mãos alheias.

Pelas 13h30, aparece finalmente um autocarro com lugares livres. Nelito entra primeiro e encontra um lugar mais atrás. Felizmente, há um assento livre e, ainda por cima, estou com a sorte de ficar sentado ao lado de uma rapariga bonita. A espera valeu a pena. O motorista é muito cuidadoso e, talvez também devido ao facto de a estrada não ser muito larga, trava com a aproximação de todos os carros que vêm em sentido oposto. Sendo assim, já passa das 16h00 quando chegamos ao Lobito. Nelito e eu sentamo-nos fora do parque dos autocarros, bebemos uma Cuca e esperamos por boleia. Ele despacha-se primeiro, o que me dá tempo para umas fotografias e mais uma Cuca, sentado numa cadeira «espera-condições» ao lado da dona da

caixa térmica de onde saiu. Nininho – os diminutivos parecem ser populares por aqui – aparece pouco depois. Conheci-o em Luanda, numa esplanada na Talatona, e ofereceu-se para me mostrar a sua cidade. A primeira paragem é na sua oficina ao ar livre, ao lado do mangal, onde o Sol se põe em tons quentes sobre a água, num cenário de carros em variados estados de desmontagem. Só faltam os flamingos, que teimam em não aparecer. Ao cair da noite, depois de conhecer grande parte da família, damos uma volta de carro pelo centro da cidade e pela lindíssima restinga. Comemos um pica-pau no Gama Beach – um café-restaurant na praia – e ele deixa-me na Casa Verde, a pensão onde encontro um quarto por um preço simpático, a menos de cem metros da praia. Com a segunda chávena de chá nas mãos, no pátio da Casa Verde, de manhã cedo, ainda estou um tanto fraco. As coisas estavam a correr bem de mais.





Baixa de Benguela, Benguela

Bastou a picada de um mosquito umas semanas antes, ainda em Luanda, para eu sentir as suas consequências: paludismo. Um pequeno amontoado de remédios está à minha frente. Agora que a febre baixou, consigo lembrar-me do que devo tomar e quando. Ontem, a situação era bem diferente. Por mais que me explicassem que tal remédio era para tomar depois de comer, mas antes de um outro, e este por sua vez ainda antes de outro, a minha cabeça febril não conseguia fixar nada. Depois de muitas viagens por vários países africanos ao longo dos últimos anos, tive finalmente direito ao meu batismo pouco agradável de plasmódio.

À terceira chávena consigo comer um pão com fiambre. Não é que eu estivesse assim tão doente, mas pelo simples facto de o fiambre estar ainda congelado. Com um pouco de destreza consigo separar umas fatias. Enquanto aprecio o pequeno-almoço, um senhor europeu de alguma idade desce as escadas com uma jovem angolana e despede-se dela à porta da pensão, antes de tentar a sua sorte com a carne fria. Eu passo o resto do dia passeando na restinga e no centro do Lobito, com direito a um mergulho ao final da tarde no Atlântico Sul,



Praia Morena, Benguela

intercalado com algumas sonecas para recuperar forças e continuar a viagem. Benguela, praia Morena ao final da tarde. É domingo, e muitas pessoas, sobretudo jovens, passam os últimos momentos do fim de semana na praia ou à volta dela. Hoje de manhã saí do Lobito – desta vez o pequeno-almoço já estava descongelado –, passei pela Catumbela para ver o estádio construído para o CAN e cheguei finalmente a Benguela. A cidade está bastante diferente do que era há quatro anos. Na altura, as ruas não eram asfaltadas e, como consequência, havia uma poeira tremenda no ar. Neste momento, o único problema parece ser a quantidade de chuva que tem caído nas últimas semanas e que deixou as ruas cheias de poças de água. Antes de voltar para o centro da cidade e comer alguma coisa numa das esplanadas que vi mais cedo, encontro a Gina, que me pede para fazer uma fotografia dela com a filha. Conversamos um bocado e a sorte volta a estar comigo. Tem familiares que trabalham nos caminhos de ferro, e com um telefonema dela sei que amanhã tenho de estar às 06h00 na estação do Negrão para apanhar o comboio em direção ao Huambo. Próxima paragem: Cubal e Ganda.



#3. ■





PERCURSO #3.

Benguela » Cubal » Ganda



Esta secção trata da viagem de comboio no CFB, o famoso Caminho de Ferro de Benguela. Em tempos, esta linha de comboio alimentava a economia de todas as cidades e vilas até à fronteira com a República Democrática do Congo, mas algumas décadas de guerra conseguiram deixar a linha completamente intransitável.

Hoje o comboio vai até ao Huambo, mas espera-se que no final de 2012 chegue de novo à fronteira. Quando fiz a minha viagem, no início de 2011, a linha terminava no Cubal, e o comboio e as carruagens já

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Pela estrada, as distâncias são as seguintes:

Benguela » Cubal: 150 km

Cubal » Ganda: 50 km

A NÃO PERDER

Se conseguir ir de comboio, não perca a viagem. A paisagem é muito variada e de uma beleza extraordinária. Tanto o Cubal como a Ganda estão praticamente como foram deixados quando a maior parte dos portugueses se foi embora. É possível andar pelas ruas e imaginar como terá sido em outros tempos.

tinham visto melhores dias. Neste momento, porém, a situação melhorou e o material que circula na linha é moderno e confortável.

Como indicação de preços, em março de 2011, um bilhete Negrão-Cubal custava 500 kwanzas. A velocidade média do comboio é de cerca de 50 km/h, o ideal para apreciar a fantástica paisagem e relaxar. Há imensas paragens pelo caminho, por isso não é preciso preocupar-se com comida nem bebida.

O CAMINHO

O comboio apanha-se no Negrão, a meio caminho entre Benguela e o Lobito. Uma Hiace de Benguela até ao Negrão custa 150 kwanzas. O comboio sai às 07h00, mas é melhor estar na estação meia hora antes para comprar o bilhete. São 194 km até ao Cubal, 423 km até ao Huambo e mais de 1000 km até à fronteira.

Há bastante polícia e militares, ao longo da caminho e também na estação do Negrão. Deve ser o trauma da guerra que destruiu completamente a linha.

O comboio sobe gradualmente mais de mil metros até ao Cubal e mais quinhentos até chegar ao Huambo. A paisagem passa da floresta tropical para a savana do planalto e começam a aparecer montanhas bastante altas. A linha vai-se cruzando com rios, como o Keve, e há pontes sobre vales a perder de vista. Nas paragens, encontram-se os habituais vendedores e fogareiros de carvão.

CUBAL

É uma pequena cidade com algumas ruas principais à volta da estação, que voltou agora a ganhar importância e ajudará no desenvolvimento do lugar. Há um mercado perto da estação. Se estiver cansado de andar de comboio, ou só quiser percorrer um pouco da linha e voltar logo para Benguela, pode ir de transportes alternativos. Há muitos miniautocarros e Hiaces,

tanto em direção a Benguela como ao Huambo. A próxima cidade no percurso para o Huambo é a Ganda. Miniautocarros, turismos e Hiaces custam entre 500 e 600 kwanzas. Se quiser passar a noite, há pelo menos uma hospedaria e um hotel no centro e alguns sítios para comer. Os preços para pernoitar variam entre 7500 e 9000 kwanzas nos hotéis.

GANDA

A Ganda é ainda mais pequena do que o Cubal. No fundo, resume-se a duas ruas paralelas dos dois lados da linha de comboio e uma perpendicular, com comércio e bancos.

Há uma bomba Sonangol à saída da cidade em direção ao Huambo.

No centro, há uma hospedaria chamada Jango. Não consegui verificar os preços, mas não devem ultrapassar 7500 kwanzas.

O único alcatrão que resta na cidade é do tempo dos portugueses. Alguns passeios ainda têm restos de calçada à portuguesa.

O transporte para o Huambo custa 1500 kwanzas em Hiace. Há uma praça na saída da cidade em direção ao Huambo. Basta atravessar a linha de comboio à direita. Fica no mercado informal, bem visível da estrada.

Cubal, Benguela



Igreja, Ganda, Benguela





Missão baptista, Ganda, Benguela



Ombé, Benguela



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #3.

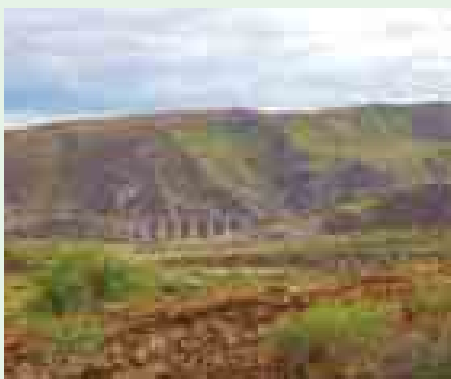
Sempre gostei de viajar de comboio. Na Bélgica, onde cresci, havia uma publicidade dos caminhos de ferro que dizia «Andar de comboio é sempre um pouco como fazer uma viagem», e acho que tinham razão. O comboio tem qualquer coisa de mágico, e nestas minhas divagações pelo mundo apanho um sempre que consigo. Por isso, estou sentado num duro banco de madeira de uma carruagem de origem sul-africana à espera do arranque do famoso comboio do Caminho de Ferro de Benguela. Lá fora, há muitos polícias e soldados armados. Devem ser receios que vêm do passado. Este percurso nem sempre foi pacífico, a reabertura é relativamente recente e em Angola parece perfeitamente normal que, de segurança para cima, ande tudo armado. Por enquanto, o trajeto para passageiros acaba no Cubal, a uns 180 quilómetros de Benguela, mas disseram-me que já é possível viajar até ao Huambo de comboio.

O dia começou cedo. Acordei às 05h00 e tomei banho, ou melhor, tomei meio banho. Ainda bem que negocieei o preço da pensão, porque o rapaz responsável esqueceu-se de comprar gásóleo para o gerador. Por causa das chuvas, a luz na cidade faltou ontem à noite e, a meio do banho, foi-se o combustível do gerador, a luz do quarto e a eletrobomba. Devia ter desconfiado quando vi a luz piscar várias vezes durante a noite. Felizmente, o balão ainda tinha pressão suficiente para terminar rapidamente o meu duche. Foi à luz do telemóvel que arrumei as minhas coisas. Desci para apanhar um táxi – dizendo assim, soa muito mais chique do que dizer candongueiro ou Hiace – e às 06h00 estava a comprar o bilhete para a viagem até ao Cubal a um dos vendedores na «estação».

Arrancamos, o comboio anda a uma velocidade razoável. À medida que subimos para o Planalto Central, o terreno e a paisagem mudam rapidamente. Começam a aparecer montes e montanhas, com pedaços de savana no meio. A vegetação é de um verde de «aleijar as vistas», como dizem por cá, e os rios transbordam de água castanha. A temperatura desce bastante em relação ao calor de Benguela. As paragens pelo caminho são muito curtas e a velocidade e condição física das zungueiras nas estações são de inveja a muitos atletas olímpicos. Chegam a todas as carruagens do comboio a correr e despacham

o conteúdo dos cestos num ápice. Os vendedores de frango assado no carvão necessitam de uma grande precisão de *timing*. Um pequeno atraso e ficam com o frango meio assado, enquanto o comboio já vai a caminho da próxima estação.

LUSSONGOLI – acho que é este o nome do jovem que já vai a meio do seu segundo pacote de vinho – tenta abordar uma rapariga que viaja sozinha, mas ela muda rapidamente de lugar. Para não passar vergonha e devido à monumental bebedeira com que está, o jovem começa a mandar bocas. No meio de risada geral, diz que é doador de sangue e que não lhe passa «sidadania». De repente, lembra-se que na doação de sangue não recebeu «bolinho» como lhe prometeram. Felizmente tinha com ele o «Dom Cacho» e, nas palavras dele, «tiraram sangue, mas abasteci logo». Já entre o Cubal e a Ganda, há confusão no candongueiro. O motorista para no meio da estrada e ameaça pôr três passageiros fora, tudo por causa de uma aldrabice do motorista que os trouxe de Benguela. Disse-lhes que pagassem o trajeto





.....

completo até à Ganda e que ele acertaria com o outro motorista o pagamento do troço Cubal-Ganda. Felizmente, e uma vez que fica provado que a culpa não é dos passageiros, a boa disposição vence, e pouco depois estamos todos na Ganda.

No Lobito, visitei uma igreja batista à entrada da restinga, onde descobri um cartaz com as missões batistas do país. Mostrei interesse em visitar uma delas e a Ganda foi escolha fácil, por ficar a caminho do Huambo, onde vou a seguir. O pastor do Lobito ofereceu-se para avisar o colega da minha chegada.

A missão fica no primeiro andar de um daqueles edifícios «inacabados» como há muitos por todo o país, deixados em tosco pelos portugueses. O interior foi rebocado à pressa e nas janelas só há portadas de madeira. Fui recebido pela mulher e pela nora do missionário. A mulher, pelo que fiquei a perceber, era diaconisa e, por sinal, também vendedora de gasolina avulsa na estrada em frente à missão. Insistiram que me instalasse no quarto de hóspedes.

Já tínhamos almoçado – como não sabiam que comia funge, fizeram-me arroz – quando chegou finalmente o pastor, de gravata. Eduardo Sikiya apresentou-se. Sentámo-nos na sala a conversar, ao som da chuva torrencial que entretanto caía lá fora. Quando a chuva parou, fiz uma série de retratos da família, que completei com algumas fotografias fora de casa.

Próxima paragem: Huambo.



#4. ■





PERCURSO #4.

Ganda » Huambo » Kuito



O CAMINHO

Entre a Ganda e o Huambo passa-se pelo Alto Catumbela, uma área de agricultura muito importante para a zona e para o país.

A estrada é parcialmente de terra batida, mas alguns troços são alcatroados e novos. Na época das chuvas podem surgir alguns problemas. Na altura da minha viagem, ruiu uma ponte na Caála e tive de fazer a travessia a pé para apanhar um outro transporte do outro lado.

Se viajar de noite, lembre-se que pode ficar bem fresco. A altitude é de 1700

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Ganda » Huambo: 140 km

Huambo » Kuito: 150 km

A NÃO PERDER

Monte Moco, o ponto mais alto de Angola. São 2620 metros de altitude. Para os apreciadores de aves, uma visita imperdível.

Os **jardins do Huambo**, com quinhentas espécies de dalias e uma estufa.

Os edifícios dos governos provincial e municipal no Huambo e no Kuito.

A **Tasca do Tio João** à entrada do Kuito, um empreendimento *sui generis*, construído com materiais encontrados pelo próprio tio.

O **Jardim Pouca-Vergonha** no Kuito. Ficou com este nome devido à presença de uma estátua de uma senhora nua.

A fonte é um lugar predileto para as crianças brincarem. Fica perto do governo provincial.

metros no Huambo e, sobretudo no cacimbo, a amplitude térmica é muito grande, com as mínimas perto dos 0° C e as máximas por volta dos 20° C. É uma zona bastante fértil e de pluviosidade elevada na época das chuvas. A paisagem pelo caminho é de

pedras altas e uma vegetação verde e mais baixa, tipo savana.

O Kuito já faz prever um pouco a paisagem das províncias orientais, que é de floresta baixa, embora menos densa. Aparentemente uma das maiores florestas africanas é esta, que se estende do sul de Angola, ocupando toda a zona oriental, até ao interior da República Democrática do Congo.

Entre a Ganda e o Huambo, a norte da estrada, vê-se o monte Moco, o ponto mais alto de Angola. Se o quiser visitar, vá pela estrada à esquerda na aldeia Ukuma e siga uns 60 quilómetros. Em alternativa, pode ir a partir do Huambo pelo Alto Hama em direção ao Lobito e virar à esquerda na ponte a uns 20 quilómetros, em direção à reserva. Há um parque de campismo a 1780 metros de altitude, em Ukuma.

HUAMBO

A cidade do Huambo é dividida em duas partes, a cidade alta e a cidade baixa, ligadas por duas avenidas largas. A cidade alta tem duas praças principais. Uma é a rotunda com os edifícios do governo e a outra «a cultura», com estátuas de Norton de Matos, o palácio do governador, um jardim e algumas esplanadas.

A cidade baixa fica perto da estação de comboios e alberga o mercado municipal e uma série de restaurantes e tascas.

Huambo é a segunda maior cidade de Angola. Tem entre quinhentos mil e um milhão de habitantes e sofreu muito na guerra. São cada vez menos, mas ainda há bastantes sinais do conflito armado que assolou o país. Muitos edifícios têm buracos de balas. A antiga assembleia na cidade baixa é um exemplo disto.

Huambo foi tomada pela UNITA nos anos de 1970 e foi palco prolongado de conflitos. Até hoje, há bastantes minas à volta da cidade. Nos últimos anos, houve bastante esforço na reconstrução e na «limpeza» dos sinais da guerra. O facto de o Caminho de Ferro de Benguela ter voltado a chegar à cidade fomenta a economia e ajuda no desenvolvimento da região. Huambo chamava-se Nova Lisboa no tempo colonial, e os portugueses pensaram fazer da cidade a capital de Angola.

O que ver e fazer

Na cidade alta, vale a pena uma visita ao largo da «cultura», com a estátua de Norton de Matos e alguns deuses da mitologia grega. Os jardins são limpos e ótimos para um passeio. A cem metros da «cultura» encontra-se a rotunda central da cidade alta, com a obrigatória estátua de Agostinho Neto.

A um quarteirão da «cultura» fica o Museu Municipal, uma visita interessante, com algumas peças do reino de Ekuikui. Está aberto das

10h00 às 17h00 nos dias úteis e a entrada é grátis.

Entre a cidade alta e a cidade baixa, há uma vasta área verde, em jeito de jardim botânico e parque. Dentro dessa área verde, há um parque infantil e uma estufa.

Se quiser ver alguns dos últimos vestígios da guerra, vá à Rua 5 de Outubro, que sobe da cidade baixa para a cidade alta. Lá encontrará a antiga assembleia, com a fachada crivada de balas.

A nova estação de comboios vale uma visita, nem que seja para admirar as obras dos chineses.

Chegar, estar e partir

Há várias opções de viagem de e para o Huambo. Por terra e em transportes comuns, há autocarros, Hiaces e turismos em direção a Benguela, Luanda e Kuito.

A norte da rotunda da cidade alta, na estrada de entrada na cidade, há uma praça de transportes que se chama Alemanha. A explicação é simples. A alegria da participação de Angola no campeonato de futebol de 2006 foi muito grande. Como foi inaugurada nessa altura, a praça ficou com o nome do país que organizou o mundial. Desta praça saem os transportes para



norte e oeste. Um autocarro da SGO até Luanda custa 3000 kwanzas. Um turismo para o Kuito custa 1500 kwanzas e leva duas horas a percorrer os 190 quilómetros. Sai de uma pequena praça ao fundo da cidade baixa, no início da estrada para o Kuito.

A praça para o Lubango é um pouco mais acima. Esta viagem é, muitas vezes, só possível com um Land Cruiser, mas na época seca há muitos Hiaces. A estrada é bastante má. Se estiver a viajar num carro normal, não arrisque a viagem na época das chuvas. Nessa altura, há autênticos lagos, obrigando a desvios com «portagens» para a estrada alternativa. A população local liberta um caminho através da mata e aproveita para pedir alguns trocos pela passagem. De Land Cruiser, o preço é 4500 kwanzas e conta com um dia inteiro de viagem (um mínimo de oito horas), com muitos buracos pelo meio.

O comboio é a melhor opção para Benguela, e no futuro em direção ao Moxico.

Kupapatas dentro da cidade custam 100 kwanzas.

Avião: Há voos diários com várias companhias para Luanda. É uma questão de ir ao aeroporto, ou verificar numa agência como a Paccitur. A TAAG tem um escritório na cidade na Rua Primeiro de Maio, entre a rotunda e a «cultura» na

cidade alta. O telefone é 241 220 275 e o preço do bilhete é à volta de 10 000 kz. As outras companhias que operam são muitas vezes ligeiramente mais baratas.

Onde dormir

Hotel Ritz Roma

Av. 5 de Outubro

Telefone 241 223 817 / 926 745 487

Preços acima de 20 000 kz

Hospedaria Tchambanyama

Rua Carvalho Lopes (ao fundo da rua do Hotel Ritz)

Solteiro: 8000 kz

Duplo: 14000 kz

Casal: 12000 kz

Os quartos têm duche e AC.

Inclui pequeno-almoço;

Ainda há várias opções na cidade alta, entre a rotunda e a «cultura» e na cidade baixa nas avenidas paralelas à 5 de Outubro.

Onde comer

Santa Rosa

É o nome popular, o nome verdadeiro é Planalto Central.

Na rotunda da cidade baixa.

Buffet por 1500 kz

Bom convívio ao final da tarde.

Há alguns restaurantes e bares na avenida que passa em frente da estação e ao lado da «cultura» há uma pizaria e uns bares com esplanada.

KUITO

A cidade é bastante pequena e resume-se a duas avenidas cruzadas, com algumas ruas paralelas.

A meio da avenida principal, fica o governo da província. O hospital e a universidade Agostinho Neto ficam a poucos quarteirões do lado noroeste da avenida principal, a contar do governo da província. Foi também construído um novo aeroporto, junto à entrada sul da cidade.

Ver e fazer

O jardim central junto do palácio do governo tem um repuxo de água e duas estátuas, muito populares junto das crianças para se refrescarem. O mercado do Tchingo à entrada da cidade é um lugar típico informal com barracas de madeira num terreno lamacento. É de lá que sai a maior parte dos transportes.

À entrada da cidade, a Tasca do Tio João, uma hospedaria com *bungalows*, bar, restaurante e até discoteca, é uma visão do outro mundo. O tio João construiu tudo sozinho ao seu gosto peculiar, com peças e pedaços que foi encontrando. Recomenda-se uma visita para beber um copo ou dar um pé de dança, por muito que o tamanho das colunas de som possa assustar. A natureza à volta da cidade e a área da periferia onde vão construir uma nova centralidade são ótimos sítios para dar um passeio de carro e fazer umas fotografias ao pôr do Sol.



Ainda há uma placa à entrada da cidade para os heróis que derrotaram a UNITA em 2002. O Kuito, ao contrário do Huambo, nunca esteve nas mãos da UNITA.

Chegar, estar e partir

Transportes entre o Kuito e o Huambo saem da praça do Tchingo, à entrada da cidade, e custam cerca de 1500 kwanzas num turismo.

Da mesma praça saem carros para Menongue (Kuando Kubango). Custam 2500 kwanzas e a viagem de pouco

menos de 300 quilómetros faz-se em três horas.

Os Land Cruisers e camiões Kamaz são a única opção de transporte (para além de motos) para chegar ao Luena, a pouco mais de 400 quilómetros, na província do Moxico. A estrada não é boa e o Moxico é muito arenoso, o que impossibilita a maior parte dos meios de transporte de circular. Um Land Cruiser para o Luena custa 6000 kwanzas e a viagem prolonga-se por 15 a 16 horas. Os camiões levam pessoas no meio da bagagem, são um pouco mais baratos, mas demoram 24 horas. Leve um bom cobertor, porque as noites são muito frias na época seca.

Há bombas de gasolina na avenida principal, mas muitas vezes há filas para abastecer.

Avião: Há voos diários para Luanda. Os preços andam à volta de 10 000 kz. Para horários, o mais fácil e rápido é informar-se no aeroporto.

Onde dormir

Hotel Cassoma

Telefone 928 513 100
Inclui pequeno-almoço
Suite: 23 100 kz
Casal: 17 100 kz
Duplo: 14 400 kz
Simples: 12 600 kz

Pensão Dadinha e Filhos

Rua Sagrada Esperança
Telefone 923 677 089 / 928 612 123
Quarto: 5000-6000 kz com pequeno-almoço, casa de banho partilhada ou privada.

Tio João

À entrada da cidade.
Telefone 931 383 122
Bungalow: 5000 kz

Pensão Central

Rua Sagrada Esperança
Telefone 923 227 777
A partir de 3000 kz

Hospedaria Snack Bar Chico e Filhos

Na Rua Serpa Pinto, entrar ao lado da Sonangol.
Quarto: 5000 kz

Onde comer

Tio João

1500 kz para vários pratos correntes.

Pensão Central

Comida angolana e vietnamita.

Ao fundo da avenida principal, antes de chegar à bifurcação da esquadra da polícia, virando à direita, há dois restaurantes onde param muitos portugueses e expatriados para comer. *Buffet* entre 1000 e 1500 kz.

SUGESTÕES

Barragem do Ngove

Esta barragem foi recentemente reconstruída e irá fornecer eletricidade à cidade do Huambo. A albufeira que alimenta as turbinas é uma boa área para fazer praia em pleno planalto angolano. A barragem fica a 20 quilómetros do Huambo, no desvio do Cruzeiro localizado na estrada para o Kuito.

Procissão de Nossa Senhora

Todos os anos, festejam-se no Chinguar as aparições de Nossa Senhora aos Pastorinhos (em Fátima, Portugal) no dia 13 de maio. Há uma procissão ao morro Tchingambo a partir do Chinguar.

Dia da Cidade do Huambo – 21 de setembro

Festas da Cidade do Kuito – entre 14 e 31 de agosto



A pedra do alemão, Huambo



Amigos, Huambo



Aluno, Kuito, Bié



Estrada no Huambo



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #4.

A reconstrução não é coisa que se aplique como uma demão de tinta. Não se vê descer do céu um brilho novo para cobrir o que está velho, gasto e maltratado. Ingenuamente, às vezes imagino que assim aconteça, ou talvez sonhe que assim seja. A verdade é algo diferente. É preciso remover a tinta antiga, remendar ou substituir partes rotas, lixar, encher os buracos, lixar outra vez, aplicar uma camada-base, e só depois é que se pode seguir a tal primeira demão de tinta, o tal brilho e cheirinho a novo. E, claro, falta acrescentar que não se pinta tudo de uma assentada. No caso de uma cidade, uma província, um país, uma casa de cada vez pode demorar muito tempo até que o comum dos observadores realmente veja que a reconstrução está em marcha.

Isto tudo para dizer que estou no Huambo. Esta cidade sofreu muito durante a guerra. Não visitei o Huambo nessa altura, mas lembro-me de fotografias horríveis de prédios que mais pareciam queijos suíços de tantos buracos de balas. As coisas hoje em dia estão bastante diferentes. Na cidade alta, na rotunda principal, uma estátua de Agostinho Neto representa o primeiro presidente a observar atentamente um caderno, cujo conteúdo só podemos tentar adivinhar. Parece que, a qualquer momento, o pai da nação poderá levantar a cabeça. Se o fizesse, veria um Huambo com cada vez mais demãos de tinta e cada vez menos buracos de balas.

Depois de ter passado pelo lindo Alto Catumbela, zona de agricultura, tive de fazer a última parte do percurso numa combinação de suado trabalho pedonal e um não menos suado candongueiro. Tudo porque a ponte sobre o Lufefena cedeu com as fortes chuvas que se têm feito sentir. Negócio garantido para as moto-táxis e os candongueiros de cada lado da cratera na ponte. Depois de apanhar um desses táxis, estou na cidade baixa, em frente ao «Santa Rosa», como é carinhosamente conhecido pelos fregueses. Isto de viajar sem traçado delineado tem destas coisas do acaso. Paro aqui, meio por sorte, meio por causa da fome que trago. O reclamo na fachada diz «Planalto Central», mas se pedir a localização com esta referência não se chega longe.

Consgo perceber por que motivo tantos dos meus amigos que nasceram aqui querem voltar para cá. Os seus pais fugiram da cidade porque quiseram poupar as suas famílias aos horrores da guerra, mas agora o ambiente no Huambo é



completamente diferente. É uma cidade pacífica, com um clima chuvoso mas agradável. Não há filas intermináveis de trânsito, sinto-me seguro a fotografar nas ruas e as pessoas são extremamente acolhedoras. Claro que ainda há edifícios *emmental*, mas a maior parte das casas e fachadas estão arranjadas. Claro que a antiga assembleia mais parece surgida de uma cena do Apocalipse, mas do outro lado da rua está em construção a nova estação dos caminhos de ferro. Claro que os prédios inacabados continuam nesse estado, mas logo ao lado há um lindo e funcional mercado municipal. As pessoas parecem felizes e a nova geração brinca na rua, sem medo da guerra que só conhecem de ouvir falar.

Voltando ao botequim: o *buffet* tem um delicioso pirão de cabrito, que é exatamente o que estava a precisar para recuperar as forças que fui gastando ao longo de muitos quilómetros de estrada. Viajar muitas horas num lugar apertado num carro de turismo produz efeitos de alucinação ligeira. Creio ser a maneira que o nosso cérebro encontra de ultrapassar a monotonia. Noutra mesa, vejo algumas pessoas a olhar na minha direção com alguma curiosidade e até meterem conversa é um instante. Como mais uma prova da simpatia do povo desta cidade, uma das pessoas leva-me a sua casa – está a chover a potes – até aparecer um amigo de um amigo, que por sua vez dá umas voltas comigo à procura de uma pensão económica. Ao final da tarde, encontro-me na companhia de um grupo misto de angolanos, portugueses, espanhóis e um outro belga – disseram que estava um bocado doente, mas apareceu logo quando o chamaram e lhe anunciaram que estava um compatriota à mesa – a falar como se nos juntássemos no «Santa Rosa» desde sempre.

Quando entro no carro para o Kuito, encontro já sentado um jovem com um pedaço enorme de cartolina espalmado entre os joelhos e o assento da frente. Tento perceber o que se passa mas, com medo de parecer um branco ignorante, desisto da pergunta óbvia. Às vezes a lógica do porquê das coisas aqui escapa-me. Mas, desta vez, pelos vistos não é ignorância minha, porque a senhora que se senta no meio também não entende e pergunta-lhe por que raio anda a viajar de uma cidade para outra com um pedaço enorme de cartolina, se no Kuito há falta de cartolina – risada geral no carro. A resposta



em nada é transcendente: a enorme caixa cheia de sapatos que o rapaz quer vender no destino – Angola está cheia destes pequenos negociantes – não cabia na mala do carro, mas o conteúdo despejado permite com algum esforço que se feche a tampa. Mistério resolvido.

Tasca do tio João, entrada do Kuito. Um amigo do belga que conheci no Huambo trouxe-me cá ao final do dia, para conhecer o tio João em pessoa e para admirar o resultado de muitos anos de trabalho. O tio João construiu e decorou o espaço com todo o material disponível. Pneus de carros, máscaras tradicionais, sobras de azulejos, penas de aves, peles de felino, parece que tudo encontra um lugar nos espaços por vezes labirínticos daquilo que há muito deixou de ser uma simples tasca. Há a discoteca, com umas colunas que me parecem desmesuradamente grandes, os *bungalows* para passar a noite, o bar, o restaurante. Tudo parece possível no espaço algo psicadélico que o tio João montou entre a praça de táxis e a cidade.

Já me tinha instalado numa pensão no centro do Kuito, mas, na segunda noite, Carlos insiste que durma em casa dele.

Estamos – Carlos, a mulher, os dois filhos, os guardas e eu – neste momento a admirar o barulho e o brilho do camião-cisterna que está quase operacional. Só faltam algumas peças para que possa entrar no lucrativo negócio de entregar água a casa das pessoas.

O vermelho do camião espelha o vermelho do céu ao final da tarde no estaleiro do Carlos, no campo fora da cidade, e hoje é com o chilreio dos pássaros que termino o dia, sempre em boa companhia.



#5. ■





PERCURSO #5.

Kuito » Lubango



O CAMINHO

A paisagem de savana com vegetação baixa vai mudando gradualmente para vegetação menos densa. Esta é uma das zonas mais altas do país.

O Lubango fica a quase dois mil metros de altitude. Humpata, uma vila junto à descida da serra da Leba, tem mesmo essa altitude.

No caminho de estrada em más condições entre o Huambo e o Lubango, há várias zonas de «floresta» plantada. Na maior parte, são pinhais e eucaliptais que vêm desde o tempo dos portugueses. Na época das chuvas, grande parte da

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Huambo » Lubango: 400 km

Lubango » Serra da Leba: 40 km

A NÃO PERDER

A **serra da Leba**, a «estrada mais bem construída» de Angola é o ex-líbris por excelência do país. A descida de quase dois mil metros em curvas apertadas na encosta da serra da Leba pode ser facilmente fotografada a partir do miradouro na Humpata.

Tundavala, uma fenda natural com uma profundidade de mais de mil metros, um cenário que mostra em último plano o início da província do Namibe.

Os **Barracões**, a igreja e o cemitério onde estão enterrados os primeiros portugueses que se fixaram no Lubango.

O monumento do **Cristo Rei**, visível de toda a cidade, oferece uma vista panorâmica sobre o Lubango e a área à volta da cidade.

Nossa Senhora do Monte, um complexo turístico à saída da cidade, com muitas opções de lazer.

estrada transforma-se em autênticos lagos de água e lama. Há poucas bombas de gasolina pelo caminho, só na parte alcatroada, por isso

convém abastecer no Lubango e trazer um jerricã cheio para qualquer eventualidade.

Nas chamadas segundas e terceiras pistas (ao lado da «estrada» principal) é preciso ter cuidado, porque pode aparecer de repente uma árvore atravessada na rua, deixada lá pelos locais, que pedem «portagem» para passar. Afinal foram eles que desbravaram essas segundas e terceiras pistas. Sem elas, não havia possibilidade de fazer a viagem por terra.

À noite faz bastante frio, sobretudo na época seca. Na época das chuvas, como o nome indica, chove e bastante.

LUBANGO

É uma cidade agradável, daquelas que ainda fazem suspirar as pessoas

que lá nasceram, cresceram e por alguma razão tiveram de ir embora. A parte central não é muito grande e resume-se basicamente a uma avenida principal, com o palácio do governo, a sede do MPLA e alguns edifícios oficiais. Duas perpendiculares desta avenida concentram a maior parte do comércio e a Sé fica ao fundo de uma dessas perpendiculares. Um pequeno rio atravessa a cidade do lado sul. Por vezes, o ambiente pode ficar algo pesado, dependendo do sítio onde se está hospedado ou por onde se circula ao fim de semana. É tudo devido ao abuso de álcool. De madrugada, há muitos bêbedos na rua na zona da Sé.

À saída da cidade, do lado ocidental, encontramos o complexo turístico de Nossa Senhora do Monte, com *lodges*, restaurantes, hotéis e mais. Até vi um minigolfe por lá.

A melhor torrada que comi na minha vida foi na pastelaria Art Doce na Rua Hoji Ya Henda, uma das avenidas centrais que saem da praça principal. Embora haja muitas obras de requalificação, alguns edifícios coloniais estão por restaurar nas avenidas. Fora da cidade, encontra-se bastante agricultura. Na província da Huíla, o chamado jardim de Angola, vingam muitas qualidades de legumes e frutas que de resto só se encontram na Europa.

RESORTS

Vanjul Lodge

Entre Lubango e Humpata.
Telefone 936 315 662 /
936 315 663 / 916 131 690
www.vanjullodge.com

Casper Lodge

Complexo turístico de Nossa Senhora do Monte, Lubango.
Telefone 261 245 015
www.casperlodge.com
Entre 10 000 e 23 000 kz



O que ver e fazer

A Tundavala é uma fenda com mais de mil metros que mostra a descida abrupta para o vale em baixo, já quase ao nível do mar. Antigamente empurravam daqui opositores políticos ou bombistas para uma morte certa. No fundo da rua que vai para o complexo turístico de Nossa Senhora do Monte, vire à direita em direção à fábrica da Coca-Cola. Logo a seguir, vire à esquerda e siga durante vários quilómetros, passando pela barragem, até chegar a uma rotunda onde pode deixar o carro. A poucos metros verá a famosa fenda. Alugar um táxi custa 1000-1500 kwanzas para ir e voltar. Os Barracões situam-se no lado oriental da cidade, depois da praça do

Xioco, a caminho do aeroporto. É uma igreja com as campas dos primeiros portugueses (por sinal madeirenses) que se fixaram aqui no século XIX. A estação de comboios da antiga linha de Moçâmedes será outra vez inaugurada na altura da reativação da linha Namibe-Menongue. Fica na estrada entre a cidade e os Barracões e vale uma visita rápida. Neste momento, já há comboios entre Matala, a 200 quilómetros do Lubango, e Ondjiva. O ex-líbris por excelência de Angola é a serra da Leba, uma descida em curvas apertadas de uma altitude de perto de dois mil metros para a província do Namibe, ao nível do mar. Mesmo que não queira descer para o

Namibe, há um miradouro na estrada para a serra, depois da Humpata, a uns 30 quilómetros do centro do Lubango. O acesso ao miradouro fica a 2 quilómetros do lado esquerdo da estrada principal, logo antes da descida. Todas as fotografias da serra da Leba são feitas daqui.

Para além do Rio de Janeiro e de Lisboa, também o Lubango tem uma estátua de Cristo Rei. Fica num ponto alto do Lubango e é visível a partir de qualquer ponto da cidade, sobretudo à noite. Para chegar à estátua, vá pela estrada em direção à Humpata e vire à esquerda à saída do Lubango. Lá de cima, terá uma vista fantástica sobre a cidade, o aeroporto e o novo estádio de futebol, construído na altura do CAN em 2010. O próprio estádio também vale uma visita num dia de jogo.

A Sé, ao início da Avenida Deolinda Rodrigues, uma das perpendiculares da avenida principal, é um edifício sóbrio com uma luz agradável. Data da época colonial.

Chegar, estar e partir

Autocarro: Para Luanda (1000 km), Benguela e Namibe (225 km) da SGO a partir da praça do Xioco por 6000 kwanzas (Luanda), 3000 kwanzas (Ondjiva) e 1000 kwanzas (Namibe). A estrada, tanto em direção a Benguela como para Menongue, é má. Saindo de manhã cedo do Lubango, chegará ao meio da tarde ao Lobito

e por volta das 23h00 (se não ficar atolado na lama) a Luanda. A praça do Xioco fica a norte do centro e um kupapata custa 100 kwanzas até lá. Convém comprar os bilhetes no dia anterior. Se estiver com muito pouco dinheiro, pode passar a noite na praça, na companhia de algumas dezenas de outras pessoas à espera do primeiro autocarro da manhã.

A outra praça principal de transporte chama-se Praça João de Almeida e é de lá que saem carros mais pequenos e miniautocarros para o Namibe. Qualquer kupapata leva-o lá por 100 kwanzas. O preço até Namibe é 2000 kwanzas. Aqui também pode apanhar um transporte para o Huambo. Na época das chuvas o mais fiável é um 4x4, que fica por 6000 kwanzas. No cacimbo, há Hiaces e carros mais pequenos que fazem o percurso.

O comboio para Menongue e Namibe deverá voltar a funcionar no final de 2012.

Viagens dentro da cidade em kupapata são 100 kwanzas. Para fora da cidade, é uma questão de negociar. Um Hiace dentro da cidade fica por 80 kwanzas.

Avião: Há voos diários da maior parte das companhias. Como sempre, o mais fácil é dirigir-se ao aeroporto (um kupapata custa 100 kwanzas) e verificar os horários do dia e da semana. Voos para Luanda ficam por volta de 14 000 kz.

Onde dormir

Grande Hotel do Huíla

Av. Dr. Agostinho Neto
Telefone 261 220 512
Mais de 20 000 kz

Jacil

Rua Deolinda Rodrigues
(perto da ponte e da Sé)
Quarto: 4700 kz, com lavabo,
casa de banho partilhada.
Bar/restaurante em baixo.

Pensão Ivonelar

Rua Hoji Ya Henda (paralela à Rua
Deolinda Rodrigues)
Telefone 261 223 320
Quarto: por volta de 9000 kz

Residencial AGMS

Rua Deolinda Rodrigues
Telefone 261 220 015
Quarto: 10 000 kz

Onde comer

Jacil

Rua Deolinda Rodrigues
Pregos, etc.: 700 kz

Pastelaria Art Doce

Rua Hoji Ya Henda
Melhor torrada do mundo.

Nossa Senhora do Monte

Muitas opções para comer e beber.

SUGESTÕES

Festas da Cidade do Lubango

Fazem-se todos os anos durante todo o mês de agosto, com o ponto alto no dia 15, com uma missa. Há uma feira agropecuária durante as festas, e provas automobilísticas no fim.

Parque Nacional do Bicular

Fica a 90 quilómetros a este do Lubango. Tem uma importante população de búfalos negros, onças, leopardos, gnus, elefantes e outras espécies.

O Bicular é um dos três parques nacionais que receberam alguma forma de infraestrutura. Tinha sido colocada uma cerca para a proteção dos animais contra caçadores furtivos, mas posteriormente foi deitada abaixo por causa das migrações de gado dos povos nómadas da região sul de Angola.

É preciso um 4x4. Saia do Lubango em direção ao aeroporto e continue pela estrada em direção ao sul. Quando passar pelo Dongue está ao lado do parque e, se seguir este caminho em direção à fronteira com a Namíbia, passará pela parte sul do parque.

Serra da Leba com nevoeiro, Huíla



Barragem, Huíla



Pensão/restaurante Jacil, Lubango



Lubango, Huíla



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #5.

Alemanha, início da tarde. Hoje de manhã vim do Kuito, e estou à espera que o carro em direção ao Lubango se encha para partirmos. A primeira frase até parece um erro, uma distração, mas estou mesmo na Alemanha. Não no país, mas na praça – neste caso, um descampado enorme – com o mesmo nome. Não é a única em Angola, e a explicação é muito simples: a praça de carros e autocarros de longa distância do Huambo mudou-se para esta zona exatamente na altura em que Angola se qualificou para o campeonato mundial de futebol na Alemanha. Em verdadeiro sentido patriótico, ficou com o nome. O sol está muito forte e a maior parte dos outros passageiros está dentro de uma barraca a refrescar o corpo e a alma com quantidades industriais de Cuca. Avizinham-se muitas paragens sanitárias pelo caminho. Alguns já dormem debaixo de um camião avariado, ou estão sentados nos poucos centímetros de sombra ao lado da barraca.

Pouco depois, estamos na estrada. Estou feliz, porque arranjei lugar ao lado do motorista. Dá jeito para as fotos durante a viagem, mas veio com o aviso de que aquece bastante. Pensava que seria por causa do sol quente do início da tarde, mas não. Tiraram um revestimento qualquer ao motor e o calor sobe todo para o meu lugar. Mesmo com o casaco do motorista, a mala de uma passageira que fomos buscar a casa na Caála, alguns trapos e as minhas botas, não conseguimos tapar todas as fendas para travar a subida do ar quente. Enquanto tento mudar os meus pés para o sítio de menor calor, lembro-me de um programa de culinária que vi na Bélgica sobre a cozinha lenta. A ideia principal era preparar carnes muito lentamente num forno com temperaturas à volta dos 50-60 graus. Esta é mais ou menos a temperatura do espaço pequeno em que consigo movimentar os meus pés, e começo a imaginar o ponto de cozedura em que estarão depois das oito horas de viagem até ao Lubango.

«A estrada é muito boa. Só falta um bocado entre x e y» é coisa que se ouve com muita frequência. Hoje não é exceção, e estamos neste momento a atravessar o tal troço que falta. Alguns sítios têm tanta água que dava mais jeito um veículo anfíbio do que o jipe em que circulamos. Com as chuvas das últimas semanas, só camiões pesados e 4x4 arriscam fazer o trajeto entre

Huambo e Lubango. São cinco horas de «massagem africana», como alguém carinhosamente o alcunhou. No entanto, como recompensa, espera-nos ao fundo da picada um funge de lombi e galinha, num pequeno kimbo, ao cair da noite. Sentar-me um pouco solidamente sem que esteja constantemente a mexer e comer um prato quente e delicioso até faz esquecer rapidamente o chocalhar da viagem até aqui. Agora só faltam umas horas até Lubango – por uma estrada alternativa, porque as chuvas levaram parte de uma ponte na via principal.

São 22h30 e chegámos a João de Almeida, uma das praças de transportes de longa distância do Lubango. Deixámos alguns passageiros na cidade, mas como já é muito tarde para andarmos à procura de um sítio para dormir, resolvemos dormir dentro do carro. Temos uma escolha muito simples pela frente: manter os vidros fechados e suportar o calor de oito adultos e duas



crianças a dormirem num espaço muito pequeno, ou abri-los e aguentar os mosquitos. Escolhemos o prémio da cortina dois, e não tarda estou a tentar adormecer ao som de uma sinfonia de zumbidos em *surround sound*. A meio da noite, o bloco do motor arrefeceu o suficiente – felizmente, as pernas só ficaram meio cozidas – para os mosquitos encontrarem o caminho para a única parte do corpo que não está coberta. Nota pessoal: não viajar mais de calções. Gosto do Lubango. É uma cidade com ar fresco, clima agradável e um bom ambiente. À exceção da pensão que encontrei para passar a noite – com muita confusão e até tranças arrancadas no chão do corredor de manhã cedo –, é uma cidade calma. Tal como o Huambo, parece relativamente pequena. O centro, deixado pelos portugueses, é pequeno, mas à volta erguem-se imensos bairros que se estendem por muitos quilómetros, como se pode ver da estátua de Cristo Rei, que do alto vigia a cidade inteira. Estou aqui com o *Pistola*, que frequenta agora a igreja mas nada pode fazer para que as pessoas

Lubango visto do Cristo Rei



Lhe deem outra alcunha. É amigo de uma amiga, e dispõe-se a mostrar-me muitos dos sítios e vistas imperdíveis do Lubango.

Nos Barracões, encontro o cemitério com a campa dos «primitivos», os primeiros portugueses que se fixaram na região. Depois destes anos todos a ver os postais e a publicidade turística angolana, finalmente vejo a famosa serra da Leba. Infelizmente, um nevoeiro cerrado sobe rapidamente, e só consigo fazer uma fotografia, antes de a vista ficar tapada. A mesma sorte me espera na Tundavala. Só dá para imaginar que a fenda tem uns mil metros de profundidade. O *Pistola* garante que não ajudou a atirar bombistas da UNITA lá para baixo.

Dizem que o azar nunca vem só, e na Pensão Jacil, onde estou hospedado, tenho de trocar de quarto. O meu, apesar de não ter água corrente, sofreu uma inundação. Não vale a pena tentar perceber. Continuo a gostar do Lubango e amanhã é outro dia.





#6. ■





PERCURSO #6.

Lubango » Namibe



O CAMINHO

Esta viagem leva-nos pela fantástica serra da Leba, uma descida de uma altura de dois mil metros até ao nível do mar em poucos quilómetros.

É considerada a melhor estrada de Angola. São vários terraços pelo caminho, num percurso que curva e contracurva até à província do Namibe, lá em baixo.

Para além de uma descida brusca, a mudança de clima não é menos repentina. Em cima, um verde húmido fresco e uma temperatura que faz lembrar a Europa do Sul. Em baixo, um deserto gradualmente mais

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Lubango » Serra da Leba: 40 km

Serra da Leba » Namibe: 140 km

Namibe » Tómbua: 100 km

(Flamingo Lodge – 75-80 km)

Tómbua » Baía dos Tigres: 130 km

Baía dos Tigres » Foz do Cunene: 50 km

A NÃO PERDER

Veja o **deserto** e a *Welwitschia mirabilis*, uma planta única que só existe nesta parte do planeta e que pode viver mais de mil anos.

Visite o oásis e as formações rochosas do **Arco**, perto de Tómbua.

Conheça a famosa **baía dos Tigres** e corra contra o tempo nas dunas até à foz do Cunene, a fronteira com a Namíbia.

Praias, praias e mais praias. Mais perto da cidade do Namibe, a praia Amélia e as escadinhas.

Dentro da cidade do Namibe, a

Fortaleza de São Fernando é um ponto de referência.

amarelo, aridez e calor seco.

O deserto é plano, mas perto da escarpa da província da Huíla ainda tem alguma vegetação. A própria viagem leva umas três ou quatro

horas para completar, dependendo do estado da estrada. O facto de o Namibe ser desértico não significa que não tenha problemas de inundações. Na época das chuvas, por vezes a quantidade de água que vem serra abaixo é suficiente para alagar a estrada principal e as pontes pelo caminho. As chuvas em 2011 deixaram a serra da Leba praticamente intransitável, com pedregulhos do tamanho de pequenos carros a bloquear a passagem. Há bombas de gasolina no Lubango e no Namibe. Pelo caminho é difícil encontrar combustível fora das bancas informais ao lado da estrada com garrafas de litro.

NAMIBE

O Namibe é uma cidade calma, relativamente pequena, mas poeirenta por causa do deserto. O clima é quente e agradável. A proximidade

do mar ameniza as temperaturas, mas as noites no cacimbo podem ser bastante frias.

A avenida central tem o tribunal no topo e desce para a saída da cidade em direção ao Lubango. Na parte mais baixa da avenida, estende-se de um lado o centro da cidade, com uma mistura de edifícios coloniais de dois pisos e outros prédios modernos. Encontra-se aqui a maior parte dos bancos, farmácias, postos médicos e bombas de gasolina. Do outro lado da avenida, podemos descer para a marginal, que é bastante animada ao fim de semana, com bares, restaurantes e esplanadas na praia. Um pouco mais a sul, as praias são calmas, começando na praia Amélia. A menos de 10 quilómetros, encontra-se a praia das Escadinhas, com um ótimo areal e uma vista excelente.

Se for passear no deserto, o melhor é levar um bom calçado fechado, para se proteger dos vários insetos e pequenos animais que vivem nesta área. É relativamente fácil ser-se picado por um lacrau e não costumam ser picadas agradáveis.

O que ver e fazer

Como acabo de referir, há praias interessantes um pouco a sul do centro da cidade. Mais longe, a 45 quilómetros do Namibe, em direção à foz do Cunene, há um empreendimento turístico, o Flamingo

RESORTS

Flamingo Lodge

Entre Namibe e Tómbua
(seguir indicações a 45 km do Namibe).
Telefone 933 782 226/
912 825 045/ 923 494 992
Tem campismo por 2000 kz
Organizam viagens de pesca e para
o Sul em 4x4.
www.aasafaris.com



Lodge, que organiza excursões à baía dos Tigres e à foz do Cunene. Que saiba, também é o único empreendimento que tem um género de parque de campismo.

Uma visita à foz do rio Cunene é quase impossível fazer-se sozinho, por causa das marés. É preciso escolher perfeitamente a altura da maré baixa, em que se faz a viagem por uma faixa muito estreita de areia, senão corre-se o risco de ficar com o carro submerso no mar, ao subir da maré.

Depois de passar pelo Flamingo Lodge, chegamos a Tómbua, a 75 quilómetros do Namibe. É uma pequena cidade, em si mesma

pouco interessante. Porém, virando para dentro do deserto por mais 20 quilómetros, encontramos o Arco. É um oásis com arcadas de pedra erodida pelo vento. Nesta zona também há várias grutas e pedras com pinturas rupestres. A maneira mais fácil de encontrar todos os pontos de interesse é contratar um guia ou aproveitar uma viagem organizada numa agência no Namibe ou no Flamingo Lodge.

Não é preciso ir tão longe para ver uma das curiosidades da província e outro ex-líbris da área e do país. A *Welwitschia mirabilis* é uma planta algo estranha que cresce só



nesta parte do mundo. No deserto do Namibe e no Norte da Namíbia, pode ver-se estas plantas que crescem cerca de um milímetro por ano e sobrevivem mais de mil anos no clima seco de deserto. Os primeiros exemplares de *Welwitschia* encontram-se a pouco mais de 20 quilómetros do centro da cidade do Namibe. Veem-se alguns aglomerados dessas plantas a partir da estrada para sul, logo a seguir ao aeroporto.

Dentro da cidade, há várias igrejas que valem uma visita. O forte por cima da marginal e da baía é uma instalação militar e não pode ser visitado, mas ao ser admirado de fora é necessário cuidado com as fotografias. O jardim

municipal, no meio da avenida principal, foi completamente renovado e tem bancos e árvores para descansar um pouco à sombra. Antes de chegar ao tribunal no cimo da avenida, encontramos o cineteatro, um lindo edifício do tempo colonial que merece um olhar atento.

Chegar, estar e partir

Há autocarros para o Lubango. Miniautocarros saem ao lado da padaria ao fundo da avenida principal e a SGO tem uma paragem mais à frente. Os miniautocarros custam 750 kwanzas e a SGO 1000 kwanzas. A Angola Adventure Safaris (www.aasafaris.com) organiza, a partir do Flamingo Lodge, viagens para sul

e à foz do Cunene. Em carro próprio 4x4 é arriscado.

No fim de 2012, deverá voltar a circular o comboio para o Lubango, Matala e Menongue. Os chineses, que estão a restaurar a linha, já fazem viagens técnicas e de teste na linha. Kupapatas dentro da cidade custam 100 kwanzas.

Avião: Há vários voos semanais da TAAG e outras companhias. Como na maior parte das cidades, o melhor é ir ao aeroporto e verificar quais os voos do dia e para os próximos dias. O aeroporto fica na saída sul da cidade e um kupapata até lá custa 200 kwanzas. Os voos rondam os 14 000 kz, dependendo da companhia.

Onde dormir

Hotel Moçâmedes

Rua Rainha Jínga Mbandi
Telefone 264 261 165
Acima de 10 000 kz

Lady Di

Rua Cahomba
Telefone 935 147 388
6000-9600 kz
Inclui pequeno-almoço.

Praia das Escadinhas

Estava em construção no início de 2011. Deve estar já em funcionamento. Os preços serão parecidos com os da Vila Doroteia Silva.
Bungalows

SUGESTÕES

Festas do mar

Todos os anos no mês de março, com muitos eventos musicais, provas desportivas e corridas de automobilismo.

Parque Nacional do Iona

O extremo sul da província do Namíbe é um gigantesco parque que ocupa mais de 15 000 quilómetros quadrados. Aqui pode encontrar rinocerontes negros, leões, elefantes, palancas negras (supostamente) e outras espécies. A paisagem é de deserto, com arbustos baixos e *Welwitschia mirabilis*.

Festas da Cidade do Namíbe

4 de agosto

Vila Doroteia Silva

Bungalows na praia Amélia
Telefone 936 247 240
15 000 - 12 000 - 30 000 kz
Inclui pequeno-almoço.

Onde comer

Na marginal, há uma série de restaurantes. Os preços variam, mas é possível comer um prego por menos de 1000 kz.

Hotel Moçâmedes

Pratos a 2000 kz

Vila Doroteia Silva

Jantar por 2500-4000 kz

Baixa do Namibe



Cine-teatro , Namibe



Forte na marginal do Namibe



Deserto, Namibe



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #6.

As forças da natureza continuam a impressionar-me. Normalmente, não damos pela hostilidade dos elementos, porque vivemos relativamente seguros em cidades ou vilas, nas nossas casas climatizadas. Mesmo nos lugares mais recônditos do país, nos kimbos, estamos sempre em sociedade. As estruturas que criámos como seres humanos, desde que o *homo sapiens* se tornou sedentário, protegem-nos dos elementos e dos animais. Protegem-nos, em suma, dos perigos do nosso próprio planeta. No século XXI, nem mesmo os povos nómadas o são no verdadeiro sentido da palavra, e beneficiam de todas as artimanhas de comunicação e proteção que o mundo moderno e globalizado tem para oferecer.

Ao passar temporadas a viajar, por vezes por lugares onde me encontro verdadeiramente a sós com o planeta, a natureza, os elementos e os animais, dou-me conta de que somos muito pequenos e vulneráveis e, sobretudo, completamente indefesos. Digo isto a respeito das muitas chuvas que têm caído, sobretudo no sul de Angola. No caso da chuva, o equilíbrio entre pouco, suficiente e demasiado é muito frágil, e este ano caiu decididamente a mais. Estou a descer a serra da Leba em direção ao Namibe. O cartão de visita de Angola está a verter água por todo o lado. E não só: rochas do tamanho do autocarro em que estou a viajar estão no meio da estrada, árvores caídas quase impedem a passagem e derrocadas de lama surtem o mesmo efeito. Felizmente, a grande maioria dos motoristas angolanos dominam bem os veículos que conduzem, e o nosso não é exceção.

Estou sentado ao lado de uma senhora com dois filhos ao colo. Os perigos da descida já estão atrás de nós, e tudo está a correr muito bem. Relaxo, brinco às caretas com as crianças da minha vizinha e troco alguns sorrisos de cumplicidade com ela. Ao meu lado, a paisagem familiar dos últimos dias, verde e abundante, dá lugar a uma vegetação mais escassa e, por fim, só se vê uns arbustos que crescem aqui e ali. Daqui até à foz do Cunene é só deserto. Paramos na primeira praça de alimentação na província do Namibe, e a minha vizinha decide comprar uma dose de galinha de churrasco com batata frita, em dois pequenos sacos de plástico transparentes. Podia ter imaginado o resultado. Começa com uma pequena mão de criança, depois duas, e quando



.....

dou por mim, estou coberto de gordura da refeição da minha vizinha de lado e dos filhos. Ao que tudo indica, terei pela frente uma sessão de lavar roupa hoje à noite. O cansaço dos últimos dias é mais forte do que este pensamento e, pouco depois, adormeço. A entrar num sono leve, ouço um grito ao meu lado: «Mijaste.» Aparentemente, a gasosa que acompanhava o churrasco foi excessiva para a bexiga da criança. A minha vizinha deve ter-se apercebido logo ao primeiro sinal de humidade nos pés, e felizmente isso dá-me tempo suficiente para levantar as minhas botas e a minha mochila e salvar-me de uma sessão mais séria de lavar roupa. Como pai, sei que às vezes passamos alguma vergonha por causa dos nossos filhos, e por isso ainda consigo devolver com um sorriso o olhar apoloético.

Não é preciso viajar centenas de quilómetros para se apreciar o que deve ser uma das plantas mais estranhas à face do planeta. A poucos minutos do aeroporto do Namibe, no interminável amarelo do deserto rumo ao Sul, começam a surgir os primeiros exemplares. Estão a umas dezenas de metros umas das outras, e parecem rastejar lentamente para fora da areia. E quem diz lentamente quer dizer mesmo muito lentamente. Estou a falar da *Welwitschia mirabilis*, uma planta que só aparece naturalmente no Namibe e no Norte da Namíbia. Diz-se que só cresce alguns milímetros por ano, o que significa que o exemplar à minha frente fez recentemente o seu milésimo aniversário. Também significa que posso voltar aqui já velho, cheio de netos e com um pé no caixão, e não verei muita diferença. Um pensamento que põe em perspetiva a nossa vida e a nossa importância em relação àquilo que nos rodeia. Conheço umas tantas pessoas insolentes a quem faria bem visitar este sítio e chegar à mesma conclusão.

A cidade do Namibe é muito pacata nesta segunda-feira de manhã. As ruas do centro, um pouco poeirentas devido à proximidade do deserto, são uma mistura de edifícios velhos e novos. É perfeitamente normal encontrar ao lado de uma ruína um prédio moderno de vidro espelhado de um banco qualquer. Ainda há algum trabalho de recuperação e reconstrução pela frente, mas consigo entender por que motivo a filha mais velha do tio Guelito do Ramiro prefere viver cá. O ambiente é calmo, o clima é bom e as pessoas são muito

afáveis. Todos os jardineiros que trabalham nos passeios e canteiros da larga avenida central cumprimentam-me no meio de sorrisos.

Encontro-me na marginal, neste momento praticamente deserta, mas julgando pela quantidade de barracas, esplanadas e quiosques, deve animar bastante aos fins de semana. Há bocado, no regresso do deserto, apanhei uma moto-táxi, e passei pela linda praia das Escadinhas e pela praia Amélia, ambas com empreendimentos turísticos bonitos e bem organizados. Fui visitar um deles e contaram-me que aos fins de semana ficam cheios, com gente do Lubango que vem passar uns dias ao pé do mar.

Ao lado da praia, na marginal da cidade, um jovem poeta contempla o mar, enquanto escreve num caderno. Um grupo de jovens de bata branca a sair da escola viu-me passar e vem a correr na minha direção. Querem «fazer umas poses». Terminar assim uma tarde quente e agradável nesta cidade bonita parece-me uma ótima ideia.





#7. ■





PERCURSO #7.

Namibe » Ondjiva » Matala » Lubango » Luanda



O CAMINHO

A viagem do Namibe para Ondjiva é muito grande. É quase impossível de a fazer num só dia. O melhor é agendar uma paragem de uma noite no Lubango.

A parte da viagem entre o Namibe e o Lubango, em circunstâncias normais, leva entre três e quatro horas. Um plano de viagem de dois dias pode começar com a manhã na praia do Namibe e a subida para o Lubango a seguir ao almoço. Assim ganhará forças para a segunda parte

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Lubango » Ondjiva: 385 km
Ondjiva » Santa Clara: 40 km
Ondjiva » Namacunde: 30 km
Namacunde » Oihole: 15 km
Ondjiva » Menongue: 380 km
(caminho normalmente intransitável)

A NÃO PERDER

O **maior embondeiro de África** (há mais alguns países com o maior embondeiro de África, mas este é efetivamente muito grande), perto de Xangongo, em Péu-Péu.

O **monumento do Mufilo**, a sul do Xangongo, em memória da vitória do rei Mandume sobre os portugueses.

O **memorial ao rei Mandume** em Oihole, a cerca de 45 quilómetros de Ondjiva.

Os restos da **Fortaleza Fortes Roçadas** (ou Forte Alves Roçadas), que serviu de base para as atividades militares dos portugueses na região.

A **Barragem do Ruacaná** – Quedas no rio Cunene, na região do Kalueke, quase na fronteira com a Namíbia. A água cai mais de cem metros. A visitar na época das chuvas, seguindo os caminhos de terra batida a partir do Xangongo.



Embondeiros, Cuiene

da viagem, porque vai precisar delas. Depois do Lubango, os primeiros 170 quilómetros fazem-se muito bem, em estrada nova, mas ao chegar a Kahama as coisas mudam rapidamente.

A estrada é péssima entre Kahama e Xangongo, e este pedaço de pouco mais de 100 quilómetros leva umas cinco ou seis horas a fazer. O mais fácil e rápido é fazer esta parte da viagem de moto. Em alternativa, um bom 4x4, uma carrinha ou um autocarro (lembre-se de não se sentar muito lá atrás, os buracos sentem-se menos à frente). Em meados de 2011, estavam a começar as obras nesta parte da estrada. Com alguma sorte, até finais de 2012, a situação já deve estar bem melhor.

A paisagem vai mudando gradualmente entre o verde fresco da província do Huíla para uma vegetação mais espaçada, com muitos embondeiros, sobretudo na zona

do Xangongo, onde supostamente podemos encontrar o maior exemplar do país (segundo alguns, do continente) em Péu-Péu.

A última parte de estrada, depois do Xangongo e até Ondjiva, é recente e está em bom estado. Ao chegar mais perto de Ondjiva e da fronteira com a Namíbia, que fica a pouco mais de 45 quilómetros de Ondjiva, a paisagem torna-se outra vez mais desértica e poeirenta. Na época das chuvas, veem-se grandes lagos temporários ao lado da estrada, em zonas chamadas «chanas». Muita gente apanha um tipo de peixe muito pequeno nas chanas com tudo que sirva para o efeito, até redes mosquiteiras. O peixe é depois seco e vendido.

Pela estrada, há imensos camiões sul-africanos e namibianos. Este é o principal eixo de abastecimento do país a partir do Sul. Uma das razões dos preços muito altos de certos produtos no supermercado prende-se com a dificuldade de transportar os bens em segurança e atempadamente.

Dentro do Xangongo, há um monumento dedicado aos cubanos e angolanos que lutaram nesta zona e, no meio do mato, 15 quilómetros a sul do Xangongo (no Mufilo), podemos ver um monumento em homenagem ao rei Mandume, o último monarca dos cuanhamas, a etnia predominante desta zona do país. Morreu no início



do século xx, em 1917, quando se viu cercado por ingleses e portugueses. Na época das chuvas, não se consegue chegar muito perto do monumento, por estar no meio de uma chana, e nas redondezas é preciso ter algum cuidado com minas. À volta das estradas, as equipas de desminagem limpam tudo, mas poderá haver minas no mato. Preste atenção às marcações pintadas nas árvores. Há bombas de gasolina em Kahama mas nem sempre têm combustível. Por isso, o melhor é prevenir-se e, caso viaje de carro, trazer um jerricã cheio.

ONDJIVA

É uma cidade muito calma, apesar do fluxo intenso de trânsito pesado entre a Namíbia e o norte e centro de Angola. A própria cidade resume-se no fundo a duas ruas cruzadas. Apesar de ter as ruas alcatroadas, Ondjiva é poeirenta. Há muito gado à volta da cidade. Ter gado faz parte da cultura cuanhama, uma etnia de antigos reis nómadas. Em Ondjiva, há agências dos principais bancos, bombas de gasolina, farmácias, um hospital e postos médicos.



O que ver e fazer

A cidade em si não tem muito para ver, para além da praça principal com os edifícios do governo.

Entre Ondjiva e Santa Clara, na fronteira com a Namíbia, existe um monumento em homenagem ao rei Mandume. Há alguma discussão sobre que partes do corpo do rei estarão aqui enterradas ou não, mas o monumento algo estranho vale uma visita, que pode ser feita a caminho da Namíbia ou como pequena excursão a partir de Ondjiva. Em Namacunde, na estrada para a Namíbia, vire à esquerda, e continue durante 12 quilómetros até Oihole. Lá encontrará um empreendimento turístico em triste desuso, com alguns guardas. Terá de lhes dar 500 kz para entrar

e fotografar o monumento. Dentro de uma cerca, está a campa do rei. Segundo a tradição, tem de tirar uma folha de uma das árvores ali presentes (pergunte aos guardas qual a folha) e dar a volta à campa, antes de depositar a folha nela.

Chegar, circular, partir

Há um autocarro da SGO a partir do Lubango. Custa 3000 kwanzas e vai até Santa Clara, na fronteira com a Namíbia. É preciso avisar o motorista que quer sair em Ondjiva. A viagem demora 11 a 12 horas.

Se quiser fazer o trajeto inverso, pode ser necessário ir a Santa Clara, porque os autocarros que passam em Ondjiva estão muitas vezes cheios.

Em alternativa, há turismos que vão

até Xangongo e depois pode pedir boleia numa das carrinhas, camiões ou motos que passam. Será quase sempre preciso pagar-se alguma coisa, mas o caminho é muito duro e a companhia e conversa ajudam a que passe mais rapidamente. Ir a Menongue por terra é quase impossível, apesar de não ser uma distância inultrapassável. A única maneira que os locais aconselham para fazer esta viagem é através da Namíbia, mas só poderá fazê-lo se tiver um visto com múltiplas entradas. Kupapatas dentro de Ondjiva custam 100 kwanzas.

Avião: Há voos da TAAG e outras companhias. Existe também um voo para Menongue, uma ou duas vezes por semana. O melhor é ir ao aeroporto para verificar os horários.

Onde dormir

Pensão Lake

Rua Principal

Telefone 936 452 697

2000 kz com casa de banho

4000 kz com casa de banho, televisão e ventoinha.

AMS

Estrada para Santa Clara

Telefone 926 100 024

5000 kz, com casa de banho, televisão e AC.

Com pequeno-almoço.

SUGESTÕES

Parque Nacional da Mupa

Este parque foi criado em 1964, com o intuito de proteger uma espécie de girafa típica da zona, mas dez anos mais tarde já não havia nenhuma. Neste momento, há leões, leopardos e hienas, o que significa que também deve haver ruminantes. Para chegar ao parque, são 65 quilómetros na direção norte a partir de Ondjiva. Depois do Xangongo, pode seguir a margem do rio Cunene até à entrada do parque. É preciso um 4x4.

Festas de Ondjiva – 10 de julho

Dia do Rei Mandume – 6 de fevereiro

Hotel Vila Okapale

Hotel a caminho do aeroporto.

Telefone 924 071 019

Mais de 10 000 kz

Onde comer

Não há muitos sítios que servem refeições.

Na estrada para Santa Clara, depois da pensão AMS (onde também se pode comer), há um bar/restaurante.

Pérola

No bairro a norte do palácio do governo provincial, perto do hospital.

Churrasco

Pratos: 2000 kz

Entre Lubango e Cahama, Cunene



Barbeiro ao ar livre, Cunene



Igreja evangélica, Ondjiva, Cúene



Taxis de Ondjiva, Cúene



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #7.

São quatro da manhã quando chego ao parque dos miniautocarros do Namibe, pronto para um dia muito comprido. Vou tentar chegar a Ondjiva hoje, mas para fazer isso, tenho de voltar ao Lubango primeiro. Infelizmente, o comboio não está operacional, senão poderia fazer a viagem de uma só vez. Neste momento, só circulam os chineses que estão a recuperar a linha férrea. Ninguém me sabe dizer exatamente quando as ligações Namibe-Ondjiva serão retomadas, mas parece que as obras avançam a bom ritmo.

Entretanto, o meu autocarro enche rapidamente, e às 04h30 viramos para a estrada em direção ao Norte. Pouco tempo depois já consigo vislumbrar a serra, mas de repente, fazemos uma paragem brusca. Um pouco mais à frente, um camião está atravessado na estrada, com a cabina praticamente enfiada no atrelado. Não consigo perceber como ficou nessa posição. Há imensas opiniões sobre o assunto e é difícil decidir entre as várias possibilidades, defendidas com unhas e dentes por alguns dos espetadores mais fervorosos. Mais importante é tirar o camião da estrada. Felizmente há uma alma caridosa que se oferece para puxar o outro, com uma corda forte e um motor potente. Caminho para o miradouro da serra da Leba. Pedi para sair no cruzamento logo a seguir à subida. Hoje não há nevoeiro e quero uma foto da serra com a luz do início do dia. As vistas são maravilhosas. Vê-se carros e camiões a subir e a descer em passo de caracol pelas curvas de uma das estradas mais bonitas que já vi. Infelizmente, continua a haver imensos estragos por causa das chuvas. No miradouro, de uma carrinha rota que só anda desafiando as leis da própria física, sai um trio bastante bêbedo. Nas suas próprias palavras, são artistas aventureiros. Oferecem-me boleia até à estrada principal, mas devido ao estado avançado de «grossura» – como dizem por aqui –, decido não ser aventureiro e palmilho os 2 quilómetros até ao cruzamento.

No Tschioco, já no Lubango, compro o bilhete para o autocarro das 10h00 para o Cunene. À chegada à estrada, tive a sorte de apanhar uma boleia do diretor regional da SGO, e ele telefonou pessoalmente para o *guichet* a reservar-me um bilhete nos lugares da frente. Assim talvez consiga fazer umas fotos pelo caminho. Mas primeiro temos de arrancar, o que não está a ser fácil. Depois de umas centenas de metros, o motorista para e chama os mecânicos da

companhia. Há um problema qualquer com a caixa de mudanças, e ao abrir a cobertura do motor, descobre-se rapidamente o problema. Faltam três dos quatro parafusos que mantêm o manípulo no lugar e bem alinhado. Os primeiros 170 quilómetros fazem-se muito bem, mas depois acaba a estrada nova. Começam mais de 100 quilómetros de «massagem africana», de Cahama até Xangongo. Um daqueles famosos troços que faltam. A estrada, asfaltada no tempo dos portugueses, tem mais buracos do que alcatrão e as chuvas fizeram que a pista alternativa esteja alagada em grande parte do caminho. Somos obrigados a usar o que resta da estrada, ou seja, entrar e sair de todos aqueles buracos. Os passageiros já sabiam o que os esperava, e o motorista também não parece importar-se. Está feliz, porque conseguiu apanhar mais alguns passageiros pelo caminho. Esses não passaram pela bilheteira oficial, e assim o dinheiro também não passou pela empresa e foi parar diretamente à sua carteira. Mais perto do Xangongo, há uma série de embondeiros enormes e, ao que me contam, o maior do continente estaria aqui perto no Péu-Péu.

Pausa na viagem, Cumene



.....

O sacolejo termina ao fim de cinco horas. Hora e meia de boa estrada depois estou nas ruas de Ondjiva. O plural aqui é aplicado à justa. A cidade é muito pequena, mas é um importante ponto de passagem para o comércio da Namíbia e da África do Sul em direção ao Norte do país. Telefono a um amigo de um amigo, com quem janto na cantina da empresa onde trabalha. Encontramos facilmente uma pensão e instalo-me. Às 23h00 falha a luz, e o Tobias, que me atendeu com alguns copos a mais, deve estar num sono profundo. Assim, ninguém liga o gerador. De qualquer maneira, o dia foi longo, e mais vale descansar para descobrir a cidade amanhã cedo.

Passo a manhã nas ruas de Ondjiva, onde as chuvas fizeram estragos e desalojaram muitas pessoas. Em contrapartida, há imenso peixe nos lagos que se formaram ao lado das estradas. Tudo serve para apanhá-lo e muita gente até usa redes mosquiteiras para fazer a sua pesca artesanal. Converso com Maria João Chaves, presidente dos ex-combatentes na província, e Tomás Choweto Sapanale, um soba cuanhama, sobre o povo cuanhama e a história do famoso rei Mandume. Pouco depois, estou a caminho do Oihole, onde supostamente está sepultado o corpo – o paradeiro da cabeça é um mistério até hoje – do último rei independente dos cuanhama. O mistério da sua morte nunca foi resolvido e as versões de todos os envolvidos são diferentes. A história dominante é que Mandume preferiu suicidar-se a entregar-se aos ingleses, alemães ou portugueses. O túmulo e o monumento estão a uns 12 quilómetros da estrada principal e, como não há transportes oficiais, faço-me ao caminho a pé. Felizmente consigo uma moto-táxi ao fim de alguns quilómetros e pouco depois estou à porta do *resort* abandonado onde se encontra o monumento. O empreendimento foi inaugurado pelo presidente da República, mas pelos vistos este facto não impediu que ficasse ao abandono.

No Xangongo, fotografo mais uns monumentos e uma equipa de desminagem. Encontro facilmente uma carrinha aberta para as cinco horas de má estrada de volta em direção ao Lubango. Devido às chuvas, não há possibilidade de viajar diretamente de Ondjiva para Menongue, onde gostaria de ir a seguir. É preciso voltar ao Lubango e ver se lá existe a possibilidade de chegar ao



Kuando Kubango. O sobrinho do Benny – é assim que se apresenta o motorista da carrinha –, um empresário de materiais de construção, está na cabina com duas mulheres que não se parecem importar de dividir o jovem. Eu faço a viagem atrás, ao ar livre, com mais dois rapazes e uma caixa térmica cheia de cerveja e Safari. De vez em quando, o sobrinho bate no vidro da cabina, e umas garrafas passam para dentro. Como a velocidade máxima que os buracos na estrada permitem ronda os 20 km/h, não me preocupo muito com a bebedeira dos meus companheiros.

Tentei, mas «desconsegui», como se diz por cá. Na Matala, fiquei um dia inteiro à espera que um carro para Menongue se enchesse de passageiros, mas a ideia de aguardar vários dias até conseguir avançar não combina com o pouco tempo que me resta até à expiração do meu visto. É por isso que estou neste momento ao lado da estrada entre Lubango e Benguela. Decidi usar os poucos dias que me restam para visitar o Uíge e Malanje. Disse ao lado da estrada, porque o autocarro em que viajo enterrou-se na lama e não parece haver ninguém com uma corda e vontade de nos tirar daqui. Quando aparece finalmente um TIR namibiano disposto a ajudar, um camião do outro lado fica também atolado e bloqueia a estrada. Passam várias horas até resolvermos o assunto e avançarmos em direção a Luanda. Saí às 05h00 do Lubango e quando paramos em frente à Multiperfil são 03h00 da manhã do dia seguinte. O meu vizinho de lado vai apanhar o autocarro para Saurimo às 06h00. Eu preciso de descansar primeiro, antes de voltar a comer quilómetros.



#8. ■





PERCURSO #8.

Luanda » Uíge



O CAMINHO

A estrada para sair de Luanda, em direção ao Cacuaco e depois em direção ao Caxito, na província do Bengo é péssima. Não no sentido de haver muitos buracos ou falta de alcatrão, mas o trânsito é infernal na maior parte do dia. Mesmo nas alturas mais calmas, demora horas para chegar à zona da barra do Dande. A saída de Luanda passa pelo antigo Roque Santeiro, em tempos um dos maiores mercados ao ar livre do continente africano. Neste momento, é um enorme pedaço desolado de terra, com fogos e jovens a jogar

Barra do Dande

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Luanda » Cruzamento barra do Dande/Caxito: 40 km
Barra do Dande (do cruzamento): 30 km
Caxito (do cruzamento): 20 km
Caxito » Uíge: 225 km

A NÃO PERDER

A caminho, descansa na **barra do Dande**, uma zona com vários empreendimentos turísticos.

No Caxito, visite a estátua do mítico **Jacaré Bangão**, o crocodilo que foi pagar os seus impostos e correu com o odiado chefe português.

Atreva-se a tocar nas águas da **lagoa do Feitiço**, desafiando a morte, segundo as tradições locais.

Beba **maruvo**, vinho de palmeira, típico desta zona.

Caso se atreva, coma **funge de macaco**, supostamente uma delícia local.

Visite o **Museu Etnográfico do Congo**, em frente à **casa branca**, a residência protocolar do governador da província.

futebol. Muitos candongueiros continuam a ter aqui a sua paragem. O mercado do Roque Santeiro foi deslocado para a zona do Panguila, bastante mais longe de Luanda e,



sem o encanto nem o carisma do lugar original. Muitas pessoas queixam-se.

Um pouco acima do Roque Santeiro, há o pequeno mercado dos Kwanzas, de onde saem os autocarros em direção ao Norte. Na época das chuvas, as pequenas barracas dos vendedores são sistematicamente engolidas pela lama negra em que se transformam as estradas. Depois do Panguila, chegamos à zona da barra do Dande. Esta é uma zona de lazer e de turismo, com vários complexos turísticos, como o Turitanga (com vista para uma ilha móvel no lago ao fundo) e o Pasárgada, mesmo na barra do rio e gerido por um simpático casal cubano. Ambos os lugares têm piscina e *bungalows* e há

boas indicações na estrada principal. São lugares ideais para passar a noite ou pelo menos parar para o almoço.

Na foz do rio Dande, há muitos pescadores em canoas artesanais. Os amantes da fotografia terão aqui material de sobra para uns retratos inspirados. A paisagem à saída de Luanda é poeirenta, seca, mesmo nas chuvas, e o que se vê à volta da estrada é bastante feio, com edifícios variados que parecem largados por uma mão semeadora distraída. No Caxito, não deixe de ir visitar a estátua do Jacaré Bangão, um lendário crocodilo que não queria pagar os seus impostos ao chefe português e que correu com ele, não sem ter primeiro dado uma dentada

no rabo do sipaio. O jacaré é eternizado nesta cantiga:

*Viva Jacaré, Jacaré Bangão
sacola na boca, jacaré não tem mão,
saiu do Dande pagar o imposto
mordeu no sipaio assustado
e ao valentão chefe do posto
lhe meteu a correr cagado
borrado nos fundilhos do calção.
Viva Jacaré, Jacaré Bangão.*

Depois do Caxito e do Bengo, a paisagem começa a mudar e vamos subindo para o planalto do Norte de Angola. Aqui, a vegetação é abundante, muito verde e com muitas bananeiras. Se estiver interessado em comer um funge de macaco, pelo caminho encontrará barracas que servem o prato. Como não há quintas de criação de macacos para alimentação, os animais são caçados ou vítimas de atropelamento. Se não quiser arriscar a carne de macaco, há nesta zona muita fruta. Não faltam bananas, gajajas e goiabas.

A estrada para o Uíge é toda asfaltada. A subida para o planalto é feita gradualmente, em várias curvas, pelo que a velocidade média não é muito alta. Ao todo são perto de 345 quilómetros. Por causa da confusão a sair de Luanda, a viagem demora cerca de oito horas. Se sair de Luanda antes do nascer do dia e antes do trânsito, a mesma viagem pode ser feita em cinco horas.

Há várias bombas de gasolina pelo caminho, entre Luanda e a saída da província do Bengo. Convém abastecer antes de se fazer a subida para o planalto, porque nessa zona não há bombas até perto do Uíge.

UÍGE

A cidade do Uíge tem uma organização mais tradicional, comparada com os tabuleiros de xadrez de muitas capitais de província. Uma das principais razões deve ser o facto de a praça central ser no topo de uma colina. A partir da praça,





RESORTS

Turitanga

Na estrada para a barra do Dande, com indicações pelo caminho.

Telefone 912 502 719 / 912 204 400

Casal em *bungalow*: 6500 kz

www.turitanga.com (*site* em construção)

Pasárgada

Na barra do Dande, mesmo junto à foz do rio.

Telefone 917 983 125 /

914 275 070 / 934 117 819

Bungalows, piscina, centro de congressos

Mubanga Lodge

Km 56 da estrada entre Catete e Kífangondo.

Na margem da lagoa Kilunda.

Telefone 933 207 093

Piscina, *biking*, barco e muita natureza.

Restaurante gastronómico.

É preciso reserva telefónica.

Aldeamento da Mulemba

Estrada do Cacuaco, km 9

Telefone 222 390 300 / 222 390 265 /

914 750 657 / 921 294 673 / 227 280 125

www.mulembaresort.com

Uma zona verde, mesmo ao lado de Luanda.

Entre 25 000 e 35 000 kz

algumas avenidas descem para a parte mais baixa. Essas avenidas são cruzadas por várias outras, circulares, contornando o centro.

A cidade tem farmácias, postos de abastecimento de combustível, um

hospital, uma universidade e vários restaurantes e hotéis. Dos pontos altos, tem-se uma boa vista da natureza à volta da cidade. O Uíge é perfeitamente seguro, mesmo à noite.

O que ver e fazer

A praça central é um ponto de encontro ao final da tarde e à noite.

Muita gente senta-se aqui num dos bancos de jardim e a frescura do final do dia é bastante agradável neste sítio.

A natureza à volta da cidade é verde e mais tropical do que nas províncias do Sul. Existe uma reserva florestal, o Béu, a leste do caminho entre Negage e a República Democrática do Congo. Embora seja possível fazer a visita à floresta com veículo próprio, o melhor é contratar um guia por um dia numa das povoações perto da estrada. Ainda restam manadas de elefantes e outros mamíferos grandes na floresta.

Na própria cidade do Uíge, os edifícios centrais do governo à volta da praça principal e as ruínas do banco nacional na avenida principal são os maiores pontos de interesse.

Caso esteja na cidade num domingo e haja um jogo de futebol no estádio municipal, não pense duas vezes e compre um bilhete para assistir. Não é preciso gostar de futebol. É sempre uma aventura.

O mercado municipal, na parte oriental da cidade, é a habitual festa de cores, sons e cheiros e vale uma volta.



Fora da cidade, a 70 quilómetros em direção ao Sul, encontra-se a lagoa do Feitiço (coordenadas: 8.043635,14.98665), no município do Quitexe. Segundo as tradições locais, tocar nas águas da lagoa é desafiar a morte. Seja como for, a lagoa é muito convidativa para tomar banho. Saia do Uíge em direção a Luanda, e depois de 20 quilómetros, vire à esquerda em direção ao Quitexe. Depois de passar pela vila, são mais 20 quilómetros até chegar à lagoa.

Chegar, estar e partir

Há autocarros da Macon a partir de Luanda e do Caxito. Custam 3000 kwanzas e saem do mercado dos Kwanzas em Luanda. A base da

SGO no Uíge é numa curva da Rua Comandante Nzage.

Há Hiaces e turismos em direção a Negage, uma pequena cidade na estrada que liga Kwanza Norte ao Zaire e à República Democrática do Congo. Saem perto do posto de abastecimento da Sonangol na saída oriental da cidade. Qualquer kupapata (100 kwanzas) pode levá-lo lá. A estrada existe, mas não há ligação fácil com M'Banza Congo na província do Zaire.

Avião: Há voos frequentes para Luanda e também alguns para M'Banza Congo, na província do Zaire. No próprio aeroporto, a leste da cidade, encontrará os horários atuais. Os preços rondam os 6000 kwanzas para Luanda.



SUGESTÕES

Festas do Uíge – entre 1 e 7 de julho

Festas do Caxito – 24 de abril

Reserva Florestal do Béu

Nesta reserva de floresta tropical densa que se estende até à República Democrática do Congo ainda se encontram elefantes de floresta e vários outros grandes mamíferos. Não há infraestruturas turísticas, mas é perfeitamente possível acampar. Com a ajuda de um ou dois guias locais, será uma experiência única e inesquecível. Saia do Uíge em direção a leste até Negage. Vire para norte e siga até Maquela do Zombo (250 km). Saia da estrada principal logo a norte de Maquela do Zombo e continue até Béu (60 km). É preciso um 4x4.

Onde dormir

Hotel Bengo

Rua Direita do Caxito

Bengo

Telefone 234 281 116

Single: 8000 kz

Casal: 10 000 kz

Suite: 20 000 kz

Suite presidencial: 35 000 kz

Hotel Salala

Rua do Comércio, 33A

Telefone 913 321 764

6500 kz por noite

Pensão Estrela Polar

Rua Comandante Nzage

(segundo outros, Rua B)

Telefone 914 064 627 / 912 708 774

Preço: a partir de 5000 kz/noite

Com pequeno-almoço, bar, televisão, AC e frigorífico.

Pensão Restaurante Rochipinto

Rua perpendicular à avenida principal do Uíge. Qualquer pessoa sabe indicar onde fica.

Preço: 6500 kz

Onde comer

Na esquina acima da rua da pensão, ao fim da curva (Rua Comandante Nzage): Restaurante com *buffet*, a partir de 1000 kz, hambúrguer 700 kz.

Rochipinto

Buffet 1200 kz

No centro, há vários pequenos restaurantes com *buffet*.

Tasquinhas

Há várias barracas informais, mais ou menos ao ar livre. Servem cerveja (três Ekas por 200 kz) e pinchos (espetadas) por 100 kz cada.



Centro do Uíge



Rua do Uíge



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #8.

Circular de carro em Luanda não é fácil. Muitas vezes mais vale andar a pé ou apanhar um candongueiro. Pelo menos esses furam sempre e só não passam por cima dos outros carros porque é fisicamente impossível. Como dizia um amigo meu, «só bate num candongueiro quem quer». Isto é, eles avançam de qualquer maneira e nós ou travamos ou batemos. A escolha é nossa. Mais difícil do que circular em Luanda é entrar ou sair da cidade, e falava dos candongueiros porque estou neste momento sentado num, do Kinaxixi ao Roque. Daquilo que já foi o maior mercado ao ar livre de África só sobram agora algumas estruturas de tijolo e alguns montes de lixo a fumar. O mercado está agora mais longe da capital, no Panguila, num sítio mais bem organizado, mas parece ter perdido algum do seu encanto no processo.

Outro candongueiro depois, chego aos Kwanza e dou graças a Deus por ter as minhas botas calçadas. A estrada tem uma camada de lama num tom negro e denso, misturada com o que parecem trapos. Os produtos dos vendedores à beira da estrada vão sendo gradualmente engolidos pelo lodo negro e há partes em que receio ficar atolado até ao tornozelo. Antes de isso acontecer vejo um autocarro da Macon para o Uíge e subo rapidamente. Avançamos a passo de caracol e alguns arruaceiros bêbedos aproveitam as muitas paragens para entrar no autocarro e fazer-se passar por cobradores. Tentam com um dos passageiros no banco de trás, mas esse não cai na armadilha. O barulho que fazem alerta o motorista, que põe prontamente os desordeiros com os pés na lama e arranca. Ou melhor, quer arrancar, porque o trânsito está completamente parado e passam muitas horas até sairmos de vez da confusão rodoviária da capital.

Na subida da escarpa para o planalto do Uíge, a paisagem muda drasticamente. A terra parece mais vermelha aqui. Um encarnado intenso, acentuado pelo verde vigoroso e forte da vegetação abundante e pelo azul-ultramarino do céu. É neste cenário, com as folhas das árvores a brilhar ao final da tarde, molhadas da chuva que caiu mais cedo, que paramos num kimbo para jantar. Lá dentro estão algumas pessoas sentadas, uns tachos num pequeno fogão e um bebé sentado sobre um pano no chão. Chega um homem de moto, com um macaco morto enviesado sobre o depósito. Atira-o para o chão, ao lado da criança.

Costa-me deduzir com clareza a causa de morte do bicho, se foi um tiro, atropelo, velhice ou uma doença qualquer. Decido deixar o funge de macaco para os outros passageiros. A tese do atropelamento ganha algum peso quando regressamos à estrada. Paramos de repente, depois de um leve choque. O motorista e alguns passageiros saem do autocarro, já na escuridão da noite, e trazem um suricata para dentro. Atropelámos um trio deles, mas os outros dois conseguiram fugir. Este teve mais azar e está morto. Depois de alguma discussão sobre o assunto, chega-se à conclusão de que o motorista deverá ficar com ele para o seu almoço amanhã.

Angola está cheia de vilas e cidades pacíficas e agradáveis. Muitas delas valem uma visita. Chego a esta conclusão depois de andar pelas ruas do Uíge. Não é só por causa desta cidade, mas porque é mais um na série de lugares calmos que visitei, com pessoas acolhedoras e simpáticas, desta



vez no Norte. Claro que, como no resto do país, há uma série de questões que precisam de ser resolvidas o mais rapidamente possível para assegurar uma vida digna a todos os angolanos, mas, de modo geral, sente-se um bom ambiente e muita segurança.

Ontem à noite, quando saí do autocarro no centro da cidade, perguntei a um rapaz sentado num dos bancos da praça principal se sabia de uma pensão boa e barata. Voza – é o nome do jovem – andou meia cidade comigo à procura de um sítio para dormir. Já passava das 21h00, e só pelas 22h30 encontrámos a pensão Estrela Polar, onde me conseguiram arranjar um quarto. Como não era usado há muito tempo e não encontravam a chave, tiveram de arrombar a porta. Acabei por dormir com uma cadeira encostada à maçaneta. Mas antes



paguei um hambúrguer – não sei se era de suricata ou de macaco – ao Voza num pequeno restaurante perto.

No mercado, o ambiente é animado. Algumas pessoas escondem a cara quando veem a máquina fotográfica, mas a maior parte não parece importar-se. Antes pelo contrário, um grupo de vendedoras de galinhas faz-se à pose. A julgar pelos cacarejos, uma das galinhas não está a gostar muito do tratamento brusco às mãos da vendedora. Deixo o mercado e continuo o passeio. À entrada da cidade, passo por alguns homens com um montinho de catanas à frente. Estão ocupados a afiar os gumes com uma rebarbadora. Pouco depois, começa a chover e aproveito para comer qualquer coisa numa barraca que vi mais cedo. É sentado à mesa, com uma Eka na mão, uns pinchos no prato e um cartaz enorme do Cristiano Ronaldo à minha frente, que preencho mais umas páginas no meu caderno de viagem.

O primeiro carro que apanho em direção à estrada entre Luanda e Malanje, leva-me a Negage. Lá consigo um carro para Camabatela, onde, segundo me dizem, posso apanhar outro em direção a Lukala, onde tenciono passar a noite. À saída de Negage, o motorista enche a mala do carro com bidões de gasolina. Quer também encher o pouco espaço que temos para as nossas pernas, mas recusamos, pelo que terá de levar os restantes na próxima corrida. Os bidões não parecem muito bem fechados e muito rapidamente um cheiro muito forte a gasolina começa a invadir o carro. Abrir a janela não parece ajudar muito e sinto-me ligeiramente intoxicado quando saio perto da bonita mas algo bizarra igreja de Camabatela.

O candongueiro para Lukala está cheio de pessoas e, lá atrás, de bidões de maruvo. Para evitar que rebentem, os passageiros no banco de trás abrem de vez em quando as tampas. Ouve-se um *psssssch* e, pouco depois, o cheiro forte a fermento invade o espaço. O cobrador vai tentando eliminar o cheiro com doses descomunais de ambientador que borriфа para cima de tudo no interior da carrinha, mas é uma luta desigual. Maruvo-1, ambientador-0. Em Lukala, encontro uma pensão – para desenrascar, como disse o senhor que me deu a indicação – e termino o dia ao sabor e ao cheiro do delicioso funge de cabrito que a esposa do dono preparou.



#9. ■





PERCURSO #9.

Uíge » Camabatela » Cacuso » Pungo Andongo » Kalandula » Malanje » Luanda



O CAMINHO

A paisagem mais verde e tropical do Uíge dá gradualmente lugar à savana, com uma vegetação menos densa. A primeira paragem é Negage, a leste do Uíge, na estrada entre o Kwanza Norte e o Zaire. Depois, desce-se em direção à Camabatela e, mais longe, Lukala, na estrada entre Malanje e Luanda.

As estradas estão em estado «misto». Algumas são boas e recentes, ou pelo

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Uíge » Negage: 35 km
Negage » Camabatela: 55 km
Camabatela » Lukala: 140 km
Lukala » Cacuso: 60 km
Cacuso » Pungo Andongo: 45 km (até à aldeia)
Cacuso » Lombe (desvio Kalandula): 50 km
Lombe » Quedas de Kalandula: 60 km
Lombe » Malanje: 25 km
Malanje » Saurimo: 550 km
Lukala » Ndalatando: 40 km
Ndalatando » Dondo: 65 km
Dondo » Viana: 150 km
Viana » Luanda: 25 km

A NÃO PERDER

A **igreja «gótica» de Camabatela**, um edifício extraordinário um pouco fora de contexto.

Visite as maravilhosas pedras negras de **Pungo Andongo** e verifique a pegada do «45» da **rainha Jinga** deixada na pedra. Delicie-se com a força da natureza nas segundas maiores quedas de água de África em **Kalandula**, mas leve o seu próprio farnel.

O **monumento** na praça principal de Malanje é feito com **armas e balas**.

menos partes delas, mas outras são mais velhas ou resumem-se mesmo a terra batida. Dito isso, há várias obras e o estado geral deve melhorar bastante. A estrada Luanda-Saurimo (que passa por Malanje) é muito boa. A paisagem é de savana em planalto, com algumas colinas, mas praticamente sem relevo. De transportes comuns, terá de fazer a viagem em várias partes. A primeira é Uíge-Negage, e os Hiaces e turismos iniciaram o percurso na saída oriental do Uíge. São 30 quilómetros e o preço ronda os 150 kwanzas. A segunda parte é Negage-Camabatela. São 60 quilómetros e o preço ronda os 700 kwanzas. O troço Camabatela-Lukala leva-nos à estrada entre Luanda e Saurimo. São 120 quilómetros e custa 1300 kwanzas. Esta parte do percurso alterna com estrada boa e outra em más condições.

Já na estrada principal Luanda-Saurimo, o percurso Lukala-Cacuso é de 70 quilómetros e custa 500 kwanzas. O Cacuso é o lugar ideal para passar a noite, se quiser visitar as famosas pedras negras de Pungo Andongo logo pela manhã.

Do Cacuso a Pungo Andongo são 35 quilómetros e é preciso combinar o preço com um dos taxistas que ficam ao lado da estação de comboios do Cacuso.

Do Cacuso ao Lombe são outros 45 quilómetros e depois faltam 55 em direção ao norte para visitar as quedas de Kalandula.

Há posto de abastecimento à saída do Uíge e em Camabatela. Entre Cacuso e Kalandula, o mais provável é só apanhar gasolina a litro pela estrada.

MALANJE

O que ver e fazer

Dentro da cidade, a praça central tem um monumento estranho, feito com balas e espingardas. À volta encontra-se a habitual coleção de edifícios do governo e do MPLA. Da avenida central da cidade, vê-se a nova estação dos caminhos de ferro de Malanje. A velha estação fica praticamente ao lado e ainda em 2011 havia algumas carruagens antigas completamente desfeitas nos carris.

Embora não seja propriamente uma atração em si, o velho Hotel Malanje, que continua a ter uma estrela desbotada a adornar a fachada, é um bom exemplo da glória passada. Vale uma visita. Há várias igrejas interessantes. A que se destaca mais é a igreja principal ao lado da estação de comboios. O mercado municipal é, como em qualquer cidade angolana, um espetáculo para todos os sentidos.

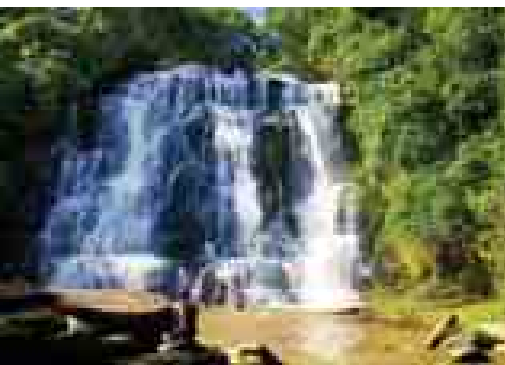
Perto de Malanje, no Parque Nacional da Cagandala, Pedro Vaz Pinto lidera um projeto de criação da palanca negra. O símbolo nacional estava praticamente extinto depois dos longos anos de guerra e foi só com um grande esforço que alguns exemplares voltaram a ser vistos em liberdade.



KALANDULA

É outro dos principais cartões de visita angolanos. São as segundas ou terceiras maiores quedas de água de África, dependendo a quem se pergunta. Ficam a pouco mais de 75 quilómetros de Malanje, a 55 quilómetros a norte da estrada principal Luanda-Saurimo. Vire para norte no desvio do Lombe. Há uma seta a indicar a vila e as quedas. Algumas dessas sinalizações ainda são do tempo colonial e indicam o caminho para as Quedas do Duque de Bragança. As quedas são as mesmas, o duque também, mas a ligação com o legado monárquico português foi cortada há muito tempo. Depois da vila de Kalandula, vire à direita e siga a estrada durante 7 quilómetros. O vapor das quedas é bem visível a alguma distância.

Pelo caminho há várias empresas agropecuárias brasileiro-angolanas. A estrada é recente e muito boa. Nas próprias quedas, não há nenhum ponto de venda de bebida ou comida, pelo que é melhor trazer alguma coisa consigo se quiser fazer um piquenique. De resto, é um sítio muito popular entre os locais aos fins de semana. A maior parte opta por piqueniques líquidos. Por isso, o ambiente pode ser algo exuberante. A nuvem de água que sai das quedas refletida no sol cria um arco-íris espetacular entre as paredes de verde ao lado. O miradouro é um ótimo lugar para fazer umas fotografias e, nas pedras à volta, pode admirar «gravuras rupestres» recentes, na forma de nomes riscados por portugueses, angolanos e, recentemente,



Cachoeiras de Musseleji, Malanje

também chineses, quase sempre acompanhados de uma data. Na outra margem do rio, vê-se os restos de uma abandonada pousada do tempo colonial. Se quiser passar a noite entre as quedas e as pedras de Pungo Andongo, pode dormir em Cacuso, na estrada principal, a partir de 2000 kwanzas. Atravessando a linha de comboio, fica logo do lado esquerdo. É a pensão do Paulo, um simpático adventista do sétimo dia. A estada no Cacuso permite acordar cedo e visitar facilmente tanto as quedas como as pedras no mesmo dia. Perto da pensão, há um pequeno restaurante. Fica a cem metros na estrada e o funge custa 600 kwanzas. A 15 quilómetros de Kalandula, seguindo em frente pela picada depois da vila em vez de virar à direita, há mais umas quedas. São as quedas do Musseleji, bastante mais pequenas e ótimas para um banho de rio. É preciso alguma paciência e corta-mato para chegar lá.

PUNGO ANDONGO

As pedras negras de Pungo Andongo são uma raridade geológica. No meio da savana plana, surgem de repente umas pedras enormes arredondadas, como se tivessem sido largadas ao acaso por algum gigante. Não se sabe ao certo como foram lá parar e é essa a razão principal de serem uma atração turística.

Outro facto que ajuda tem que ver com uma das figuras principais da história angolana. A rainha Jinga terá deixado uma pegada na rocha, ao fugir depois de ser apanhada a tomar banho num riacho. Seja como for, parece que a rainha calçava um generoso número 45, porque o pé marcado na rocha tem este tamanho.

Para visitar as pedras, vire para sul no Cacuso, na estrada principal Luanda-Saurimo. A estrada é ótima e depois de dez a 15 quilómetros, começam a distinguir-se as pedras no horizonte. As pegadas da rainha Jinga estão antes da aldeia de Pungo Andongo, do lado direito, numa casinha que parece um lugar para um guarda.

Dentro da aldeia, no fundo, há um caminho por dentro do capim que leva a umas escadas, por onde se pode subir a uma das pedras. De lá, podemos ver a aldeia e as outras pedras à volta e temos uma vista fantástica de quilómetros sem fim de savana.

Algumas das pedras têm formas sugestivas. Uma tem a forma de um



falo e outra parece o órgão sexual feminino. Os locais podem indicar-lhe essas e outras pedras para fotografias.

N'DALATANDO

A capital do Kwanza Norte está em reconstrução e, para quem passa, resume-se a uma avenida grande, uma rotunda com um busto da rainha Jinga e umas bombas de gasolina. Quem tem mais algum tempo e não está com pressa de chegar à confusão de Luanda, pode comer num dos restaurantes no centro ou visitar o antigo jardim botânico do Quilombo. É uma área na margem da cidade, com um palacete em ruínas que serviu de casa de repouso a Agostinho Neto e o que resta do tal jardim botânico. Uma visita rápida vale sempre a pena.

DONDO

As margens do rio Kwanza na parte baixa da cidade são atraentes e há várias árvores grandes que fornecem sombra para comer uma merenda e descansar um pouco.

Se quiser comer algo mais sólido, o restaurante Paulo Renato, cujo nome oficial é Restaurante Palmeira, é ideal para uma refeição pelo caminho. É muito popular e a comida fica em conta (por volta de 1000 kwanzas). Qualquer local pode indicar-lhe o caminho para o restaurante.

Chegar, estar e partir

Há um comboio confortável a partir de Luanda. A estação mais fácil para se apanhar o comboio é Viana. Em Malanje, a estação fica no centro da cidade. São 424 quilómetros

de linha, que demoram umas oito horas a percorrer. O preço ronda os 2000 kwanzas. As carruagens são parecidas com o Intercidades ou o Alfa em Portugal, com ecrãs de vídeo e bastante conforto.

De autocarro: A SGO, a Ango Real e a Macon vão a Malanje a partir de Viana. O autocarro da SGO continua até Saurimo. A paragem é perto da estação de Viana. O preço fica entre 2500 e 3000 kwanzas e a viagem demora seis a oito horas. Em Malanje partem da Rua António Enes, no centro.

Se quiser viajar de carro, o caminho é bom e recente, com alguns pequenos troços em obras, mas nada que invalide a viagem num carro pequeno. Há vários postos de abastecimento de combustível pelo caminho, nas principais cidades. Passa-se por três

províncias e, por isso, conte com vários controlos policiais na estrada.

Avião: Há voos diários, da Air26, TAAG e outros, com preços entre 10 000 e 15 000 kz. Pode marcar na Agência Paccitur (Telefone 912 399 998), mas cobram-lhe uma taxa de 900 kwanzas por cada bilhete. Se não quiser pagar a taxa, pode ir ao aeroporto e comprar lá o bilhete diretamente.

Onde dormir

Hotel Palácio Regina

À direita, uns quarteirões antes da praça central.

Rua Henriques de Carvalho, Malanje
Telefone 251 231 520

Por volta de 14 000 kz

Pode estar cheio, mas há outro a vinte metros, um pouco mais modesto, com quartos por 8000-9000 kwanzas com AC.



SUGESTÕES

Festas de Malanje – 13 de fevereiro

O dia 4 de fevereiro, feriado nacional, é também um dia importante, por causa do massacre da Baixa de Kassange, na província de Malanje.

Festas de N'Dalatando – 18 de julho

Parque Nacional de Cagandala

É neste parque que começou um projeto para proteger o símbolo nacional, a palanca negra, que se julgava extinta até serem encontrados um macho e nove fêmeas, que vivem no parque nacional mais pequeno de Angola, com 600 quilómetros quadrados. Graças ao projeto, há algumas infraestruturas no parque, embora nenhuma delas seja turística. A entrada do parque fica 30 quilómetros a sul de Malanje.

Reserva do Luando

Logo a sul do Parque Nacional de Cagandala (80 quilómetros em linha reta de Malanje) fica a reserva do Luando, um parque onde foram recentemente construídas algumas infraestruturas turísticas. Esta reserva tem floresta aberta e savana e é mais conhecida como o paraíso das aves.

Apanhe o **comboio** para Luanda na nova estação de Malanje. Passeie por paisagens africanas numa carruagem luxuosa.

Visite a missão e a **igreja evangélica do Quéssua**, à saída de Malanje. Aqui foram para a escola primária muitos dos nacionalistas angolanos.

Passeie no antigo **jardim botânico** em N'Dalatando.

Descanse nas margens do **rio Kwanza**, no Dondo.

Hotel Palanca Negra

Na avenida principal, em direção a Saurimo, 1 quilómetro depois da praça central.

Telefone 251 231 436

A partir de 15 000 kz

Hotel Malanje

Na terceira rua paralela à avenida principal, do lado sul.

Quartos a partir de 4700 kz

Onde comer

O Triângulo

Restaurante num largo triangular, entre a entrada da cidade e o largo principal, com *buffet* a 2000 kz/kg.

Hamburgueria Krisnel

Na perpendicular entre a avenida principal e a rua do Hotel Malanje. Hambúrguer 600 kz

Estreita para Pungo Andongo, Malanje



Quedas de Kalandula, Malanje



A caminho da igreja, Malanje



Igreja de Camabatela, Kwanza Norte



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #9.

Ainda está noite cerrada quando pago a pensão ao Tio. Não tenho a certeza se é esse o nome do rapaz que me abre a porta para receber o pagamento. Estamos os dois a esfregar o sono dos olhos. O dono da pensão é adventista e hoje é o sétimo dia, portanto não pode trabalhar. Eu tenho para este sábado um programa ambicioso e por isso vou com passo firme até à praça de transportes do Cacuso. O motorista que me trouxe ontem de Lukala quer fazer negócio. Propõe-me um preço algo exorbitante, mas como a minha órbita é bem mais junto à terra, opto por um carro de turismo partilhado que me pode deixar ao pé de Pungo Andongo. É a minha primeira paragem hoje.

Pelo caminho, o dia vai nascendo e uma luz difusa ilumina a estrada. Não tarda muito, aparecem as famosas pedras de Pungo Andongo no horizonte. As próprias pedras não são estranhas em si, como pedras, mas o facto de estarem aqui, nesta paisagem, no meio de um planalto sem mais rocha nem pedra à vista num raio de quilómetros, torna-as uma raridade extraordinária. Nesta hora do dia, a surgirem ao longe, envoltas no nevoeiro matinal, são uma presença mágica no meio desta paisagem imensa, só limitada pelas restrições da nossa visão. Pouco depois, estou a olhar para a impressão de um pé na rocha. Não sei como veio cá parar, e por muito que salte, eu não deixo impressão nenhuma na pedra, mas é supostamente da rainha Jinga, deixada ao fugir quando foi descoberta a tomar banho. Demorei algum tempo a encontrar a pegada, porque construíram um género de casota à volta. Pensei primeiro que fosse o abrigo de um guarda e que, devido à hora matutina, ainda não tivesse chegado. Depois notei que não havia entrada para a tal casota, espreitei bem para dentro e lá estava a famosa pegada.

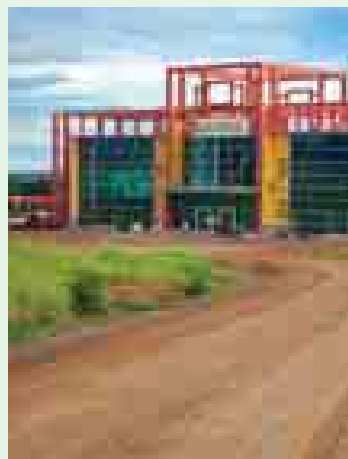
Ao entrar na vila, cumprimento o polícia que vem ao meu encontro. Posso deixar a minha mochila na esquadra, enquanto subo para o miradouro, e ele pode voltar para o ferro com que estava a engomar a camisa. Em cima, vê-se bem a vila, no meio das pedras. Estas permanecem espalhadas pela paisagem, como se fossem deixadas aqui por um gigante. De volta à vila, arranjo boleia com o administrador local até ao cruzamento, onde é mais fácil apanhar um transporte até à estrada principal. Quando vou dizer adeus, a camisa do polícia está imaculadamente passada.



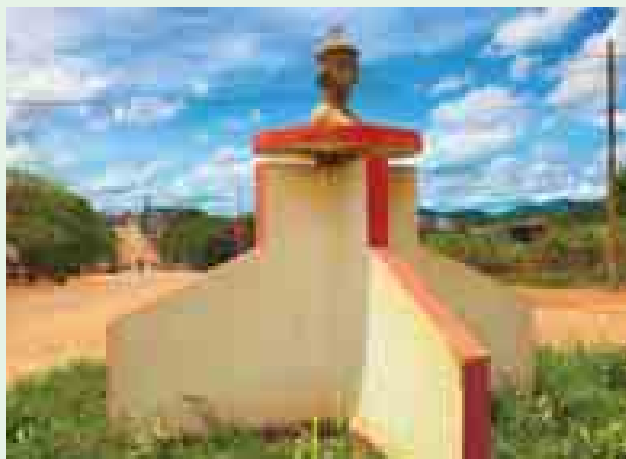
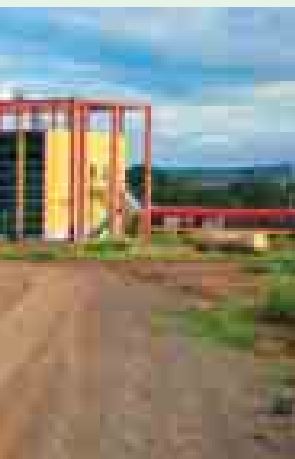
Algures entre o Lombe e Kalandula, todos os carros que passam já estão cheios ou não vão muito longe. Depois de uma pequena eternidade e umas chuvadas, o que não ajuda para o tempo parecer mais curto, para finalmente um carro de turismo. Lá dentro já há seis passageiros, mas alguns deles vão sair na próxima aldeia. Só tenho de me aguentar 15 minutos entre o assento de frente e um par de joelhos afiados. Pouco depois, estou confortavelmente sentado ao lado do motorista e a viagem até Kalandula é rápida. Fico ao fundo da vila, no cruzamento para as grandes quedas de água.

Faço 7 quilómetros a pé. Não passam mais carros nem motos e vou conversando com dois jovens que vão buscar mandioca à lavra da família. Continuo a espantar-me com a velocidade com que as pessoas andam a pé de um lado para outro, muitas vezes com pesos enormes em cima da cabeça. Só tenho uma mochila relativamente leve nas costas e um bom par de botas calçado e tenho de dar gás às pernas para acompanhar as outras pessoas na estrada.

Nas quedas, encontro um grupo de pessoas no meio daquilo que parece ser um piquenique líquido. Como aqui não há nem sequer uma garrafa de água à venda, peço qualquer coisa de beber a um jovem, ao pé da carrinha que os transportou todos até aqui. A caixa térmica só tem cerveja e outras bebidas



alcoólicas mais fortes. Apago a sede com uma Cuca, sento-me ao lado deles nas rochas e meto os pés na água. Consigo fugir a algumas tentativas de um dos homens para que fique «a entreter» uma das duas jovens que estão com ele na água, indo fazer mais algumas fotografias ao espetáculo majestoso dos milhares de litros de água que batem no fundo, numa nuvem de vapor que produz um arco-íris perfeito. Ao final da tarde – provavelmente a coincidir com o final do conteúdo da caixa térmica – posso ir com eles para Malanje, mas a sorte volta a estar comigo. Aparece um jovem casal de Luanda, bastante sóbrio e simpático. Vieram passar o fim de semana a Malanje e posso viajar com eles. Estou hospedado no Hotel Malanje. Tem uma estrela, ou melhor, já teve uma estrela, e alguém se esqueceu de a tirar da fachada quando o hotel deixou de a ter. É um daqueles sítios que teve a sua glória num passado longínquo. Gosto de sítios assim, e a vantagem é que toda a gente em Malanje sabe perfeitamente o caminho para cá. Basta apanhar uma moto-táxi em qualquer ponto da cidade e dentro de alguns minutos estamos a olhar para a fachada, de um azul indescritível. O mesmo não se passa com o Hotel Camila onde dorme o casal jovem. Ninguém sabe onde fica e mostra-se indeciso em



Rainha Jinga, Ndalatando, Kwanza Norte

relação à designação. Na fachada é hotel, no cartão de visita é residencial, nos papéis lá dentro é pensão, mas as condições são bastante boas. À noite junto no Triângulo um funge – não se pode passar por Malanje sem comer funge – com peixe, e passeio pela cidade, antes de voltar ao grandioso Hotel Malanje. Tento fotografar um busto da rainha Jinga numa rotunda da rua principal de N'Dalatando quando três polícias em uniforme e um homem à civil me vêm perguntar se tenho autorização para tal. Parece-me um pouco absurdo, mas aparentemente é necessário pedir uma autorização à administração local para se poder fotografar a estátua. Mostro a minha credencial de imprensa e, depois de uma inspeção meticulosa pelo senhor sem uniforme, este confirma com firmeza «sim senhor, está credenciado». Posso continuar a immortalizar o busto. Situações como estas acontecem de vez em quando, e também devem ter que ver com o próprio material fotográfico. Não me parece que dissessem alguma coisa se fotografasse de telemóvel. Também depende do sítio. Ainda hoje de manhã, fotografei muito à vontade em Malanje, a praça central, as ruas, várias pessoas, a nova estação dos caminhos de ferro. As pessoas foram muito simpáticas, como tem acontecido sempre, país fora.



A barragem, Menongue, Kuando Kubango.

#10.





PERCURSO #10.

Luanda » Menongue



O CAMINHO

Angola é muito grande. Entre Luanda e Menongue, a capital do Kuando Kubango, são 1000 quilómetros e de Menongue até à ponta extrema da província outros mil. O Kuando Kubango é enorme, mas o título de maior província vai para o Moxico. Tal como as outras províncias do Leste angolano, a natureza caracteriza-se por uma floresta baixa e relativamente densa, que é considerada uma das maiores de África, depois da floresta húmida tropical que abrange a zona do Congo até aos Camarões. A cidade de

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Luanda » Viana: 25 km

Viana » Dondo: 150 km

Dondo » Huambo: 420 km

Huambo » Kuito: 150 km

Kuito » Menongue: 320 km

Menongue » Cuito Cuanavale: 200 km

A NÃO PERDER

Tome banho, lave o carro e coma churrasco na **barragem** à entrada de Menongue.

Molhe os pés na água fresca da **ilha do Sol**, em Menongue.

Visite o monumento e o campo de uma das batalhas mais decisivas na história da região sul de África em **Cuito Cuanavale**. Contemple os muitos **tanques abandonados** à ferrugem na zona da batalha.

Aventure-se e visite o **extremo sudeste** de Angola. O marco da fronteira está em -17.625832, 23.476104, e se tivesse três pernas, uma estaria em Angola, outra na Zâmbia e outra na Namíbia.

A partir do fim de 2012, viaje de **comboio** até ao Namibe.

Menongue fica na zona de transição entre a savana e a floresta.



RESORTS

Kambumbe Lodge

Resort perto do aeroporto de Menongue.

Telefone 924 071 019

Bungalow: 22 000 kz

Piscina, ténis e futebol.

Kuando Kubango foi palco de muitas batalhas nos anos de 1970 e 1980 do século passado. A mais conhecida é a de Cuito Cuanavale, de 1987, onde tropas do MPLA, com ajuda externa deram a volta à guerra e venceram a UNITA e tropas sul-africanas. Na zona da batalha, há imensos tanques abandonados e enferrujados ao lado da estrada.

A distância e o difícil acesso ao resto do país tornam a província um pouco mais isolada, sobretudo as áreas mais distantes da capital Menongue.

A única estrada boa é neste momento a estrada que liga o Kuito a Menongue e que continua em direção a Cuito Cuanavale. A ligação às outras duas províncias adjacentes, o Moxico e o Cunene, é praticamente impossível por terra, sobretudo na época das chuvas. Uma pontinha de luz é a linha do comboio que liga Menongue ao Namibe, através do Cunene e do Lubango. Neste momento já opera entre a Matala e Menongue, o que torna possível a viagem a partir do Lubango. Até finais de 2012,

os 750 quilómetros de linha deverão funcionar em pleno.

Pela estrada entre o Kuito e Menongue, há muitas queimadas, que servem para libertar pequenas áreas para o cultivo do milho.

Há bombas de gasolina no centro de Menongue, a seguir à ponte sobre o rio. Há uma farmácia na rua principal e postos médicos. A eletricidade na cidade só funciona a partir das 17h00-18h00 até de manhã cedo.

Está também a chegar a Menongue um cabo de fibra ótica, o que quer dizer que a internet e as comunicações com o exterior serão mais rápidas. Em relação à internet, neste momento, não há 3G, só GPRS.

O que ver e fazer

A praça central da cidade, com a igreja de Serpa Pinto, é o ponto de encontro para jovens e menos jovens ao final da tarde. A praça tem um ecrã gigante, que transmite a maior parte do tempo o sinal da TPA 1 (a televisão nacional) depois de escurecer. O palácio do governo da província fica logo ao lado da praça.

No centro da cidade, onde o rio Kwebe a corta a meio, encontra-se a «ilha», onde muita gente lava roupa e toma banho no rio, debaixo da ponte. Fora da cidade, depois da rotunda do aeroporto, a caminho de Cuito Cuanavale, a barragem é um popular ponto de encontro para uns petiscos, copos e lavagem a tudo, autocarros incluídos.

No outro extremo da cidade, a ilha do Sol, à esquerda na saída em direção ao Kuito, é um ponto de encontro para os jovens ao fim de semana. Parte do encanto deve ser o facto de a água do rio ser suficientemente fresca para guardar as cervejas no ponto. Mais para o final da tarde, jovens bêbedos tornam o ambiente um pouco mais pesado, mas ao almoço a ilha é o lugar ideal para fazer um pequeno churrasco e molhar os pés no rio. Há quatro parques naturais na província, sendo que os parques de Luiana e de Mavinga são os mais conhecidos. Nenhum destes é de

fácil acesso e de circulação, mas os aventureiros com veículo próprio podem perfeitamente visitá-los. O melhor é informar-se nas localidades de Luiana e Mavinga antes. É aconselhável levar um guia local e mesmo assim ter muito cuidado, porque ainda há bastantes minas fora da estrada e o posto médico mais perto pode estar a várias centenas de quilómetros.

Chegar, estar e partir

Há autocarros para o Kuito no Norte da cidade, por 2500 kwanzas. A estrada é muito boa e recente.





A viagem leva três horas. Os autocarros em direção ao Cuito Cuanavale saem na estrada principal entre o centro e a rotunda do aeroporto. É preciso ir muito cedo e não há autocarros ao domingo. Para além dos autocarros, uma frota de turismos e Hiaces também percorre a estrada, e são um pouco mais caros.

Kupapatas na cidade e até ao aeroporto: 100 kwanzas. Praticamente todos os locais dentro da cidade são acessíveis a pé.

O comboio deverá voltar em pleno até finais de 2012 e permitirá fazer a viagem para Matala, Lubango e Namibe mais facilmente. A estação é um enorme edifício novo na rua principal.

Avião: A TAAG tem vários voos por semana por 14 000 kz a partir de Luanda. No regresso, alguns fazem escala no Kuito. Há várias outras companhias a operar também. Como sempre, o melhor é ir ao aeroporto para ver os horários e os preços.

Onde dormir

Pensão Tchingoma

Rua principal do aeroporto

Telefone 924 700 373

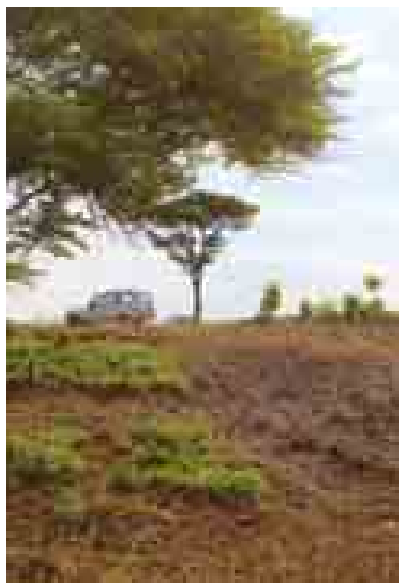
Quarto: 6000 kz

Casa de banho partilhada e AC, sem pequeno-almoço

Onde comer

É difícil encontrar comida feita.

Por encomenda, há algumas casas que servem, entre outras a pensão



Tchingoma. O Kambumbe Lodge serve almoços e jantares, mas são relativamente caros, por volta de 3000-4000 kwanzas.

A «esplanada»

Lugar com duas piscinas, uma vazia e outra cheia de «água». Copos e música.

À entrada há um fogareiro onde vendem churrasco e pinchos. Peça a um kupapata para o levar à zona da «feira». Atrás da praça que também serve como campo de futebol para os jovens, há várias casas onde senhoras congolesas servem informalmente pratos de funge com frango, kizaka e molho por 300 kwanzas. Estômagos sensíveis têm de pesar o risco. De qualquer

SUGESTÕES

Festas de Menongue – 21 de outubro
Celebradas na Feira Comercial, que só abre para a ocasião.

Reserva parcial de Mavinga

Fica a 90 quilómetros a sul de Cuito Cuanavale, ou a 300 quilómetros de Menongue. A estrada não é das melhores. No mês de julho, o mais frio do ano, as temperaturas à noite podem chegar aos 0°C. O parque fica numa altitude de mil a 1200 metros e há várias espécies de mamíferos grandes, entre eles elefantes, leões, hienas, *steenboks*, impalas, hipopótamos e outros. Existe uma população bastante grande de avestruzes, a ave mais comum do parque.

Reserva parcial de Luiana

Esta reserva fica a 450 quilómetros a sul de Cuito Cuanavale e termina no marco da fronteira dos três países no extremo sudeste angolano. A altitude situa-se nos mil metros e a paisagem é a típica da província, entre savana e floresta aberta. Há leões, onças e hienas e também rinocerontes negros e hipopótamos. Em termos ornitológicos, a avestruz e o secretário são as duas espécies mais importantes.

maneira, ponha bastante piripiri. Na barragem, há várias barracas com churrasco e bebida barata.

Praça central de Menongue, Kuando Kubango



Jovem de Menongue, Kuando Kubango



Ilha do Sol, Menongue, Kuando Kubango



Ilha do Sol, Menongue, Kuando Kubango



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #10.

Orlando pede outra Cuca antes de sair do bar onde o encontrei para pedir direções. Vi-o lá com um amigo, ao entrar na cidade. O rapaz da moto-táxi que me trouxe não me soube «especificar» um bom sítio para dormir. Optei por parar neste lugar, para refrescar a garganta e pedir uma segunda opinião. Está um dia quente em Menongue. Orlando vai mostrar-me uma pensão em conta para um viajante de orçamento limitado como eu. É sábado, por volta da hora do almoço, e acabo de chegar à cidade, cheio de energia para continuar a minha odisseia por Angola.

Terminei a primeira parte do meu périplo pelo país em abril, depois de visitar 12 províncias, e uma combinação de saudades e um sentido de missão para completar aquilo que tinha começado colocaram-me outra vez em Angola, desta feita no Kuando Kubango. Vou percorrer as províncias orientais e depois dar um salto a Cabinda e ao Zaire. No final da primeira parte, devido a limitações de tempo e dinheiro, mas sobretudo por causa das chuvas intensas de março-abril, foi impossível chegar facilmente a esta parte do país.

Feliz por estar de volta, estou a apreciar intensamente Menongue, lugar pequeno e aconchegante. A parte central da cidade é uma rua curvada que desce para a «ilha», atravessando primeiro a ponte sobre o rio Kwebe. Da ponte sobre o rio até se vê umas pequenas cascatas onde algumas pessoas lavam a roupa ou tomam banho. Da moto que apanho para seguir Orlando, que bebeu a Cuca em tempo recorde, vejo crianças a brincar na água. Vou passar a noite na hospedaria Tchingoma, bem no centro da cidade, e com vista para as obras de construção da enorme nova estação de comboio da linha Namibe-Menongue.

Depois de me levar à pensão, Orlando quer mostrar-me a sua casa, mas primeiro é preciso fazermos outra paragem para mais uma Cuca, desta vez na «tia Guida», uma tasca no bairro onde mora. Sentados em cadeiras de plástico «espera-condições», num chão de terra batida e com um calor debaixo das chapas de zinco que tira toda a vontade de nos mexermos, faço-lhes um retrato. Da tia Guida até casa continuamos a pé e lá encontramos a mulher dele deitada num colchão, com quatro crianças a brincarem à sua volta. Está algo maldisposta por causa da gravidez, em fase inicial. Das quatro crianças,

os dois mais novos são filhos dele. As outras duas são irmãs. Como o Orlando nunca mais se despachava na paternidade, o pai resolveu fazer alguns filhos para ele criar.

Um pouco mais à frente, Orlando está a construir uma casa. Acredita firmemente na construção de casas. Assegura-me que vai construir uma por cada filho que tem. Enquanto contemplamos o lar em construção, pede mais uma Cuca à vizinha de trás, uma senhora congoleza que está a estender a roupa no quintal. Convida-me para almoçar em casa dele, e como convites desses não se recusam, pouco tempo depois estou a desfrutar de uma deliciosa galinha com kizaka.

Entre a hospedaria e o rio, há um pequeno quiosque onde me aconchego ao cair da noite. Ao longe vê-se um ecrã gigante azul, que de repente se ilumina com a emissão da TPA 1. Chegou a hora em que a companhia começa o fornecimento da eletricidade para hoje. Durante o dia, está sempre desligada.



Está no ar uma discussão viva entre uma mulher e dois homens sobre as vantagens e desvantagens de homens fininhos e gordos. Depois de muito desacordo sobre vários tópicos, conseguem chegar a um consenso sobre pelo menos um ponto da argumentação. Parece que os fininhos fogem mais facilmente, a não ser que tenham barriga de cerveja. Armado com este novo pedaço de sabedoria, dirijo-me à «esplanada», que, segundo me dizem, é o lugar preferido de diversão noturna na cidade.



A esplanada é um lugar coberto de chapas de zinco, com duas piscinas ao meio. Uma delas está vazia e a outra cheia de um líquido de cor indescritível. Julgo que em tempos foi água. Um DJ põe uma mistura de kizomba, tarrachinha, semba, *techno* e kuduro com o volume no máximo. As poucas mulheres que aqui estão são o alvo de todas as atenções dos muitos homens, mas penso que é mesmo esta a ideia. Hoje, a partir das 22h00 há uma atração especial, vinda

de Luanda, mas como amanhã o dia começa cedo, volto para a pensão. A julgar pela animação que se ouve até dentro do meu quarto, fiquei a perder. A barragem fica fora da cidade, na estrada para Cuito Cuanavale. Chego cá com as indicações da Madalena, que conheci ontem a caminho de Menongue. De manhã cedo passei pelo *resort* ao lado da cidade para tomar um cafezinho a convite dela. Madalena foi até há pouco tempo chefe de cozinha lá, mas há uns meses teve uma queda infeliz e partiu o braço em vários sítios, o que a obrigou a receber tratamento médico fora do país. Agora vem só passar alguns dias para arrumar as suas coisas e voltar para Luanda, onde um novo trabalho a espera. No lago da barragem brincam crianças e do outro lado, na água que passa pelas muitas fissuras na estrutura, é dia de banhos. Pessoas, roupa, motos, carros e até um autocarro recebem uma lavagem merecida. Ao lado há uma série de barracas onde se serve comida, mas pelos vistos sobretudo bebida. É lá que conheço João, um camionista ao serviço da Sonangol, que vai descarregar os seus tanques de combustível amanhã de manhã no posto de distribuição local, e depois vai a caminho de Luanda. Promete-me boleia até ao Kuito, paragem obrigatória a caminho do Moxico. Deixo os camionistas nas mãos hábeis das mulheres do Botswana, da Namíbia e da Zâmbia que vendem as cervejas e apanho uma moto para o outro lado da cidade. Vou à ilha do Sol, um nome muito promissor.

O sítio é lindo, com um riacho a rasgar o mato. A luz ao entardecer é quente e deixa o ambiente em tons vibrantes, saídos de um filme dos anos de 1970. Por estes lados, parece que os jovens dominam a paisagem, geralmente bastante bêbedos, ou a caminho de não se lembrarem amanhã do dia de hoje. No meio de muito namoro, banhos e Cucas a refrescar no rio, encontro um grupo com dois médicos cubanos, uma enfermeira e uma dona de loja que vieram fazer o seu churrasco da tarde. Convidam-me para ficar a conversar um pouco com eles. Ficamos até ao momento em que o grau de bebedeira coletivo dos jovens à volta assume proporções alarmantes e eles deixam-me na cidade. Depois de mais uma visita curta à esplanada, onde os domingos são decididamente mais calmos do que os sábados, deito-me. Amanhã, bem cedo, é preciso arrear o caminho para a próxima província.



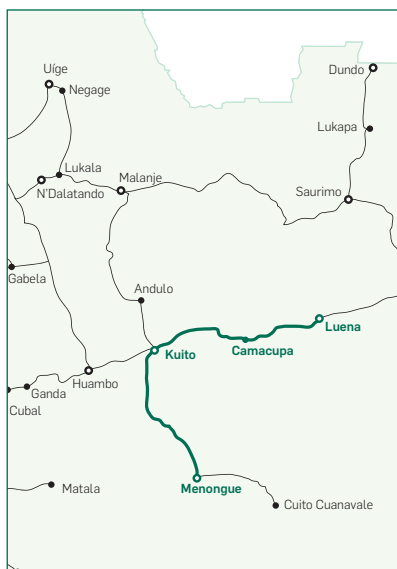
#11. ■





PERCURSO #11.

Menongue » Luena



O CAMINHO

É impossível ir diretamente de Menongue para o Luena, embora sejam as capitais de províncias adjacentes. Continua a ser obrigatório passar pelo Kuito, e a viagem Kuito-Luena faz-se discutivelmente pelo pior caminho de Angola. A estrada Menongue-Kuito é muito boa. São 280 quilómetros, que se fazem facilmente em menos de três horas, se viajar em carro próprio. Ao longo do caminho, a vegetação fica menos densa e um pouco mais reduzida, dando lugar à savana baixa à volta do Kuito.

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Menongue » Kuito: 320 km
Kuito » Catabola: 50 km
Catabola » Camacupa: 25 km
Camacupa » Luena: 325 km

A NÃO PERDER

Em Camacupa, pise o **centro geodésico** de Angola ao lado da estátua de Cristo Rei. Visite o **Monumento à Paz**, inaugurado a 4 de abril de 2012, dez anos depois da assinatura dos acordos de paz. Visite o **túmulo de Jonas Savimbi** no cemitério central do Luena. Deixe-se **fotografar** numa das praças principais da cidade. Saia da cidade do Luena e circule na maior província de Angola, numa das maiores **florestas** (embora aberta) de África.

Informações sobre o Kuito estão na secção Ganda – Huambo – Kuito. A não ser que saia antes do nascer do dia de Menongue e esteja no Kuito por volta das 06h00 ou 07h00 da manhã, não aconselho continuar a viagem para o Luena no mesmo dia. O que pode fazer é percorrer parte da estrada até Catabola ou Camacupa e procurar uma pensão barata para

passar a noite. A estrada a partir de Camacupa e sobretudo a partir do Cuemba é péssima, ou mesmo não-existente e o percurso só pode ser feito em camiões Kamaz e Land Cruisers com motoristas experientes. O terreno é extremamente arenoso e, caso arrisque, leve umas tábuas compridas de madeira para ajudar no caso de ficar enterrado na areia. Outra opção é ir de moto, mas se ler a história da viagem desta parte do percurso, irá perceber que nem assim é garantido chegar no mesmo dia. No total, a distância entre o Kuito e o Luena é à volta de 420 quilómetros. De Land Cruiser, a viagem demora facilmente 18 horas e de camião Kamaz pelo menos 24. Para além dos chineses que estão a fazer as obras da linha de comboio e posteriormente farão as obras da estrada, não encontrará muita gente pelo caminho, nem bombas de gasolina depois de Catabola e Camacupa. Previna-se e leve comida, água, gasolina e roupa quente para passar a noite se for necessário. No Moxico, as noites, sobretudo no cacimbo, podem ficar muito frias. Se tiver tempo, pode fazer uma pausa no caminho para admirar as quedas de água no Cuemba. São visíveis ao longe a partir da estrada. A paisagem muda gradualmente da savana baixa do Kuito para a mata do Moxico, que faz parte da floresta que ocupa toda a parte oriental de

Angola. Como o Moxico foi palco de intensas batalhas durante quase toda a guerra, que acabou aqui com a morte de Jonas Savimbi, tenha muito cuidado com minas. Não vagueie pela mata sem se informar primeiro sobre os perigos. Nas aldeias espalhadas ao longo da estrada, as pessoas costumam conhecer as zonas a evitar. As vistas em muitas partes da província são imensas. Vêem-se colinas e floresta a dezenas de quilómetros de distância.

LUENA

É uma cidade relativamente pequena e agradável em forma de tabuleiro de xadrez. Está neste momento toda alcatroada. Curiosamente, desde o fim da guerra não há água nem luz. A maior parte das pessoas safa-se com geradores e bombas de água, muitas vezes partilhadas entre várias famílias ou entre vários estabelecimentos comerciais. Como foi aqui que se iniciaram as negociações de paz, logo após a morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi, erigiu-se um monumento comemorativo. Sem muitas atrações turísticas, Luena é um lugar calmo, fácil de atravessar a pé e com um ótimo ambiente.

O que ver e fazer

O Monumento à Paz, perto da praça com os edifícios governamentais, vale



uma visita, nem que seja para tentar perceber o impacte de tantos anos de guerra e o significado da palavra paz para o povo angolano.

Do outro lado da cidade, visite a praça com o palácio do governo provincial e um monumento algo estranho, com um grande grupo de fotógrafos locais que lhe podem fazer um retrato no local. Faça um. Para além de ajudar um jovem profissional a sustentar a família, é uma ótima lembrança. A estação dos caminhos de ferro estava em plena obra de reconstrução no final de 2011, e, segundo os responsáveis, deverá estar pronta até finais de 2012, data em que o comboio também voltará a circular pelo Moxico.

Se quiser ver a campa de Savimbi, vá ao cemitério geral, na estrada principal de saída da cidade em direção à Lunda Sul e Saurimo.

Dê cem kwanzas a um dos guardas do cemitério e peça para lhe indicar o túmulo. Segundo alguns mitos urbanos, Jonas Savimbi não estaria enterrado aqui e, segundo outros ainda, nem todo o seu corpo está neste cemitério. Sobre o facto de ele estar morto, não parece haver dúvidas.

Ao lado da estação, há um mercado informal, com moagem de mandioca. Homens completamente brancos de farinha moem a mandioca dos clientes ao abrigo de umas chapas de zinco. As máquinas fazem um barulho infernal, mas a vista é extraordinária.

Chegar, estar e partir

O caminho de ferro deverá estar pronto em finais de 2012 até Luau. Será sem dúvida a melhor opção para visitar o Luena. O preço não deverá ser muito alto.

SUGESTÕES

Festas do Luena – Mês de setembro
Nas comunidades rurais, há festividades à volta da cerimónia de circuncisão dos jovens.

Parque Nacional de Cameia

Com os seus 14 500 quilómetros quadrados, é um parque enorme, na maior província de Angola. A entrada principal do parque fica em Cameia (também chamado Lumeje), a 90 quilómetros do Luena, em direcção a este. Não há infraestruturas turísticas, mas é possível acampar. Convém levar um veículo 4x4 e se possível contratar os serviços de um guia em Cameia. O parque é muito importante para quem gosta de aves.

De transportes comuns, a partir do Kuito, só há motos, 4x4 pesados e camiões Kamaz ou equivalentes. Em 4x4 a viagem custa 6000 kwanzas. É preciso reservar bilhete no mercado à entrada do Kuito. A viagem demora um dia inteiro. Os camiões só chegam no dia seguinte. Viajar a céu aberto é agradável, mas pode chover e as noites são bastante frias, sobretudo no cacimbo. Nessa altura do ano, as mínimas podem chegar perto dos 0°C. A viagem de veículo próprio não deve ser feita de ânimo leve. É preciso um bom 4x4. Os locais dizem que só mesmo um Land Cruiser aguenta

a viagem. Leve comida, água e roupa quente. Há combustível para abastecer no Kuito, na Catabola e em Camacupa.

Pode tentar a sua sorte e apanhar um transporte até meio caminho na praça na saída norte do Kuito. Um lugar num carro custa 700 kwanzas até Camacupa. De lá até Cuemba, pedem 1500 kwanzas.

Em alternativa, vá através do Huambo ao Andulo e de lá a Saurimo, para depois descer ao Luena. Mesmo assim, a estrada Saurimo-Luena está bastante má e demora muito tempo a percorrer. São cerca de 9-10 horas em miniautocarro. O preço ronda os 2000 kwanzas para o troço Saurimo-Luena.

A praça dos transportes encontra-se ao lado do mercado informal, a norte da estação. Um kupapata para lá custa 100 kwanzas a partir do centro da cidade.

Avião: Há voos diários de Luanda com várias companhias. Preços por volta de 15 000 kz. Informe-se no aeroporto sobre os horários. Um kupapata para o aeroporto custa 100 kwanzas.

Onde dormir

Hotel Luena

Rua Sayde Mingas

Telefone 923 815 736

Suite: 17 200 kz

Casal: 11 500 kz

Solteiro *double*: 14 000 kz

Solteiro *single*: 7200 kz



Hotel Kawango

Rua do BAI, perto da estação.

Telefone 923 608 534 / 923 650 854

Preços como Hotel Luena

Pensão Kuwaha

Um quarteirão abaixo da estação,
na esquina com a Rua do BAI.

Com pequeno-almoço

Simple: 7000 kz

Com banho: 10 500 kz

Duplo: 14 000 kz

Onde comer

Tenugar Uma

Vale a pena entrar para ver
os espelhos.

Rua do BAI, ao fundo.

Tosta: 300 kz

Refeição: 2000 kz

Hotel Kawango

Rua do BAI, perto da estação.

Por volta de 2000 kz

Sítio do Hambúrguer

Rua do BAI, ao fundo.

Hambúrguer, Fahita: 700 kz

Super Búrguer: 1300 kz

Roulottes

Rua do BAI, no meio.

Cerveja 100 kz e petiscos simples
por 500 kz

Restaurante Pastelaria Kawissa

Quatro quarteirões abaixo da estação.

Dois quarteirões a oeste da Rua do BAI.

Refeição: 2000 kz

Estrada para Camacupa, Bié



Mata do Moxico





★ HISTÓRIA DO PERCURSO #11.

Um camião de abastecimento de combustível em direção ao Kuito. Apanhei boleia de João, camionista ao serviço da Sonangol. Foi abastecer as bombas de Menongue. Como não há ligação direta entre Kuando Kubango e o Moxico, é preciso fazer este ligeiro desvio através do Bié. Segundo João, esta é a melhor estrada de Angola. O meu companheiro neste pequeno troço a caminho de Luena conta-me que as coisas já foram bem diferentes. Havia nesta parte do país estradas praticamente intransitáveis e bastante perigosas. João chegou a acionar duas minas. À segunda vez, foi catapultado para fora da cabina, ainda sentado no assento, em jeito de cadeira de ejeção de emergência dos pilotos de caça. Fraturou a perna – afirma que não estava partida, mas fraturada –, mas felizmente não teve mais mazelas.

Pelo caminho, vemos a paisagem a mudar gradualmente. A mata de Kuando Kubango, por vezes bastante densa, começa a ter áreas muito abertas à medida que nos vamos aproximando do Kuito. O verde, que nas palavras das pessoas da zona «aleija as vistas», é intercalado com partes negras e outras a arderem. As queimadas, a fim de fertilizar o solo e plantar de seguida milho, são prática comum nesta parte do país. Ao lado da estrada, as placas com o nome das aldeias vão passando em cadência rápida. Há a aldeia Malongo, a aldeia Dumbo, a aldeia Catota, e por fim só Aldeia. Fico sem saber se as letras caíram do sinal, ou se aldeia realmente não tem nome.

Estradas boas não dão para muitas horas de conversa e, quando dou por mim, estou no «desvio» para o Kuito com um pé torcido. Saltar de um camião para o meio de um grupo de quitandeiras tem o seu risco e é uma arte que ainda não domino. Apanho boleia para a cidade num carro que «voa baixo». Antes de entrar no Kuito, paro na praça do Tchinde, de onde saem os transportes para o Moxico, mas estou com pouca sorte: a estrada é tão má que só passam Land Cruisers e camiões Kamaz. O solo arenoso da província faz que seja impossível andar com outro meio de transporte sem ficar pelo caminho. O Kamaz que está a sair não me quer levar por cima da bagagem e o Land Cruiser estacionado está à espera de mais nove passageiros para arrancar. Inscrevo-me na lista, e recuso o pré-pagamento da viagem ao rapaz que faz os registos. Da minha passagem pelo Bié no início do ano, lembro-me da tasca do tio João

à entrada da cidade e ofereço um sumo ao rapaz que me deu boleia até aqui. Na esplanada estão quatro amigos em estado de embriaguez progressiva. Um deles chama-se Lobsang, uma homenagem do pai ao suposto lama tibetano com o mesmo nome. Lobsang afirma-me que o pai ultimamente anda bem menos espiritual e que o *zen* já vai longe, devido ao abuso do álcool. Têm uma empresa de distribuição de cervejas à entrada do Kuito. O próprio Lobsang agora é cristão, por influência da mulher.

Tucho, um dos amigos do grupo de quatro, é gerente de uma pensão e oferece-me a estada. No preciso momento em que lá chegamos, depois de muitas voltas pela cidade ao som das músicas da igreja de Lobsang, a eletricidade falha e é à luz de velas que me instalo no quarto. A cavalo dado não se olha o dente, e neste caso, a quarto oferecido não se olha a cama. De qualquer maneira, não é a visão que me acorda ao meio da noite. O primeiro pensamento é que na escuridão absoluta está alguém dentro do quarto a mexer nas minhas coisas, mas quando aponto a luz do celular, vejo que o meu quarto tem a fauna em franco crescimento. O barulho afinal vem da vida abundante por baixo do plástico que envolve o meu colchão. Lobsang deve estar agora a ouvir um sermão em casa. A mulher teve de ir buscá-lo ao bar da pensão depois da corrente de oração na igreja.

Na paragem, o 4x4 não encheu mais e o próximo Kamaz só sai amanhã. Pondero as minhas opções e decido fazer pelo menos uma parte do caminho hoje. Lobsang, que depois do sermão de ontem já não tem música religiosa no carro, deixa-me na praça para Camacupa e Cuemba, onde apanho um carro pequeno até Camacupa. Pelo caminho há muitas vilas semidestruídas com arquitetura colonial, restos de um passado já longínquo. Alguns edifícios ainda estão esventrados por buracos de balas. Felizmente, as obras na linha do comboio avançam rapidamente e em 2012 os comboios voltarão a fazer o caminho todo entre a costa e a fronteira com a República Democrática do Congo, trazendo consigo bens e pessoas que possam fazer crescer outra vez esta região, para todos os efeitos isolada do resto do país.

A sorte volta a estar comigo. Quase me contento com um lugar noutra carro até Cuemba, por falta de outras opções, quando um dos rapazes com quem

estou a falar à sombra de uma árvore em Camacupa aponta para duas figuras de casacos compridos e óculos escuros, cobertos de uma poeira castanha. Eloísio e Nelinho foram ao Huambo comprar duas motos Discover, novas em folha, ainda com os faróis embrulhados no plástico da fábrica. O conta-quilómetros indica um imaculado zero, pois está desligado e é mesmo como umas «0 km» que pretendem vender as motos no Luena. O mínimo que vão precisar é de uma limpeza profunda.

Sentado atrás na moto do Eloísio, percebo muito rapidamente porque estão tão cheios de poeira. A estrada resume-se mesmo a isso: pó e areia de várias cores. Nós levantamos algum, mas os camiões pesados dos chineses que encontramos pelo caminho deixam atrás uma nuvem que envolve a estrada e tudo à volta durante minutos. Felizmente para nós, as obras do caminho de ferro ainda não terminaram, e há muitas partes onde o traçado já foi nivelado e terraplenado, mas que ainda não têm as traves nem os carris postos, o que permite fugir à «estrada» que muito rapidamente se torna praticamente intransitável devido a uma combinação do solo arenoso do Moxico e da maquinaria pesada dos chineses que circula incessantemente.

Conseguimos fazer bom caminho e ganhar algum tempo. A hora estimada de chegada avança para as 19h00 em vez das 22h00. No entanto, a nossa sorte está prestes a acabar. Ao sentir os primeiros pingos continuo otimista, desafiando o óbvio em época de chuvas, mas depois de alguns minutos sou forçado a rever a minha estratégia e, conseqüentemente, a minha indumentária. Pesco o casaco do fundo da mochila e cobrimo-la rudimentarmente com um pedaço de plástico. Pouco depois, estou molhado até aos ossos, a tremer que nem uma vara verde ao vento.

Pelas 19h00, uma das motos avaria. Não entendo nada de mecânica, mas discos queimados soa-me e cheira-me familiar. Empurrámos a Discover, que de repente parece uma moto bem pesada, apesar dos seus 100 cc, durante algum tempo. Os chineses devem ter instruções para nunca parar pelo caminho ou simplesmente não têm pena de nós, porque nem a intenção de parar demonstram. Quando passamos ao lado de um camião enterrado na areia, parece que uma carrinha um pouco mais à frente nos vai ajudar, mas



afinal estão só à espera que nos afastemos do camião, com medo que lhe tiremos peças.

Resignados com a nossa situação, decidimos passar a noite na mata do Moxico. Entretanto a segunda moto também avariou com o mesmo problema. Tudo leva a crer que os meus companheiros vão ter algum trabalho para poder vender as motos como novas no Luena. Fazemos uma grande fogueira, já que lenha não falta, e tentamos dormir um pouco. As histórias do Lobsang sobre animais ferozes não ajudam muito e acordo todas as horas para alimentar a fogueira. A meio da noite, aparece um Kamaz a caminho do Kuito. Ganhamos um pacote de bolachas e um pouco de água que vai para um dos jerricãs de gasolina. Cheira bastante mal, mas dá para matar a sede. Felizmente, a chuva parou e, com a ajuda do calor da fogueira, toda a roupa seca num instante. O único animal feroz que vejo é um lacrau, fácil de esmagar debaixo do meu chinelo. Umas formigas transparentes à luz da fogueira tratam do resto. Às 05h00, acordamos e depois de empurrar as motos durante quatro horas chegamos à aldeia Kavimbi, onde encontramos um «mecânico», ou seja, alguém com uma caixa de ferramentas. Umas horas mais tarde, voltamos à estrada, os três numa das motos. Com as peças das duas conseguimos pôr uma a funcionar, mas sem embraiagem. Nos troços mais arenosos, é preciso descer e andar a pé até às zonas com areia amarela.

Só caímos duas vezes, e pelas 16h00 chegamos finalmente ao Luena. Arranjo um quarto numa hospedaria barata e a minha sorte também voltou: há água corrente!

As crianças mais pequenas deste lado do país pensam que sou chinês e os chineses pensam que sou americano. Enquanto as primeiras apontam para



Luena, Moxico

mim e afirmam com muita certeza na voz que sou «chinês», um grupo dos segundos faz o sinal de altura física e diz «Obama, *big chief*». Zhang, um engenheiro que encontrei no meio da mata a caminho daqui explicou-me no seu melhor inglês que a linha do comboio estará pronta até à fronteira em 2012, mas penso que será necessário todo o empenho dos muitos trabalhadores chineses que estão no interior de Angola. São tantos que é perfeitamente normal o facto de as crianças terem como referência não-negra os chineses. Há lojas de produtos chineses e até vi uma senhora a vender bebida pela janela do prédio, provavelmente bem barata, porque havia uma procissão constante de pessoas entre o passeio e a casa.

A hospedaria onde encontrei um quarto fica perto da estação do Luena, ao lado de uma mercearia de um mauritano. Os dois partilham um gerador que já viu melhores dias. A luz no corredor parece uma iluminação de Natal de tanto piscar. Cesse, o dono da hospedaria, conta-me que já é o quinto gerador que tem desde que deixou de haver luz na cidade. Afirmo que, paradoxalmente, durante a guerra, sempre houve água e luz, mas quando chegou a paz começou a falhar e agora não há simplesmente nem uma coisa nem outra. Mesmo com esses inconvenientes, a cidade é muito agradável, com avenidas e ruas largas, ladeadas de árvores que providenciam alguma sombra e alívio do sol abrasador. À volta da cidade, a mata do Moxico estende-se para lá do horizonte.

.....

Estudei História, e sempre achei interessante como a personalidade de poucas pessoas marcaram tão profundamente a história do mundo. O que teria sido do mundo se os nossos líderes tivessem uma personalidade diferente? É óbvio que, em grande parte, estão onde estão devido àquilo que são, mas há mais fatores em jogo. Estes pensamentos passam-me pela cabeça porque estou no cemitério central do Luena ao lado da campa de Jonas Savimbi, «presidente e fundador da UNITA», como diz a lápide. O segurança achou muito estranho um jornalista estrangeiro mostrar interesse em ver e fotografar o lugar onde está enterrado o homem que foi responsável por a guerra em Angola ter durado tanto tempo.

Fotografar o Monumento à Paz, ao fundo de uma das avenidas da cidade, afigura-se muito mais difícil. Só será oficialmente apresentado ao público no dia 11 de Novembro e o segurança no lugar é implacável: nada de fotografias, nem sequer da estátua ainda embrulhada numa rede verde. Luto um pouco com a falta de lógica e avanço para uma escola na zona, onde não preciso de pedir permissão para fotografar. Como em tantos sítios em Angola, os jovens chamam-me para «bater uma pose» quando notam que carrego uma máquina fotográfica nas costas. Muitas pessoas perguntam quando é que posso entregar as fotografias. Explico que sou jornalista e que as coisas não funcionam bem assim, mas ficam felizes por saber que talvez apareçam numa revista. O grande grupo de «colegas» que encontro no largo em frente ao governo provincial, todos com máquinas iguais, explica tudo. Fazem retratos dos interessados para vender posteriormente.

Na Casa do Hambúrguer asseguram-me que igual ao deles não há, e quando chega a iguaria com queijo, fiambre, chourição, ovo, tomate, milho, alface e, claro, o próprio hambúrguer, tenho de admitir que igual nunca comi. Ainda bem que optei pelo modelo simples. Pergunto como é o modelo «super», e afirmam que é simplesmente tudo duas vezes. Na hospedaria estão a trocar as janelas, e encontro o meu quarto do avesso, com dois homens a martelarem no meio de uma enorme nuvem de poeira. Volto para a rua e corto o cabelo no «Mestre Malanje». Quem corta é o ajudante, mas quando chega a altura de fazer algumas fotos, é o mestre que quer aparecer em primeiro plano.



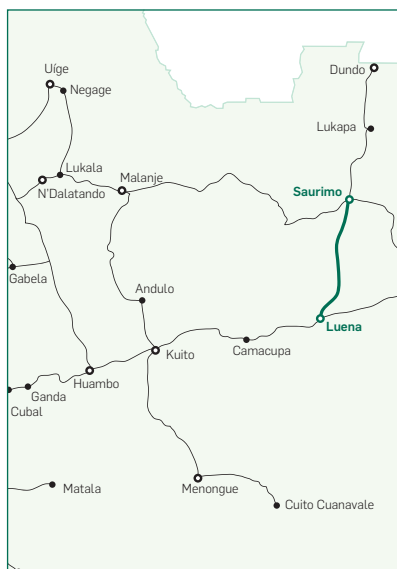
#12. ■





PERCURSO #12.

Luena » Saurimo



O CAMINHO

A estrada sul-norte, tal como todas as outras na província, está bastante má. São menos de 300 quilómetros que levam oito horas num miniautocarro. Duvido que consiga andar muito mais rápido com um carro normal, por causa da quantidade de buracos.

A província de Lunda Sul é verde o ano todo e a vegetação é relativamente densa. É atravessada por muitos rios e há muitas maravilhas da natureza por explorar.

A meio caminho, na zona de Dala, há uma área turística ao lado de umas

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Luena » Saurimo: 270 km
Saurimo » Malanje: 550 km
Malanje » Lukala: 60 km
Lukala » N'Dalatando: 40 km
N'Dalatando » Dondo: 65 km
Dondo » Viana: 150 km
Viana » Luanda: 25 km

A NÃO PERDER

A **Igreja de Nossa Senhora da Assunção**, construída em Saurimo por pessoas locais, sem ajuda de empresas construtoras.

Perca os preconceitos e prove um dos pratos típicos da região, o **macosso** (catato em algumas das outras províncias), um género de lagarta. Descanso ao lado da **lagoa do Luari**, que já deverá ter uma praia acessível. A velha **estação dos Correios**, o **palácio do governador** e o **polo universitário**.

quedas no rio com o mesmo nome. É um lugar ótimo para descansar uns dias longe de tudo e de todos.

SAURIMO

Saurimo, a autointitulada Cidade-Diamante, é relativamente calma,

um pouco maior do que Luena, com mais vida e mais riqueza, devido aos mesmos diamantes. Afinal, estamos nas Lundas, a zona onde se extrai essa pedra preciosa que completa a quase totalidade do PIB angolano que não provém do petróleo.

A cidade tem um polo universitário bastante grande e um bom ambiente. Dos tempos um pouco mais afastados, sobram dois hotéis inacabados, deixados em fase de construção. Saurimo fica na rota de Luanda para uma parte considerável da República Democrática do Congo e, por isso, passa aqui muito trânsito.

Há hospitais, bombas de gasolina, farmácias, internet 3G e Saurimo é casa da famosa pastelaria Bonina.

O que ver e fazer

Uma visita ao polo universitário é um passeio muito agradável, sobretudo quando há treinos de desporto nos campos à volta. A Praça Primeiro de Maio é um ponto de encontro com algumas bancas de venda informal. É aqui que são organizadas festas e comícios políticos. No centro, ao lado da Praça Primeiro de Maio, encontra-se o palácio do governador e a Igreja de Nossa Senhora da Assunção. Não se esqueça de ir provar a pastelaria da Bonina, a única com sinais de trânsito a indicarem o caminho. Por fim, ao fundo da avenida principal da cidade, podemos apreciar a natureza que circunda Saurimo.

Fora da cidade, no caminho para Luau, a 8 quilómetros, há um lago com um pequeno *resort*, que em breve terá uma praia. Peça a um kupapata para o levar ao Luari. Custa 200 kwanzas. Um pouco mais longe, a 15 quilómetros da cidade, há outra zona de lazer, com umas pequenas quedas de água. Chama-se Tchitendi e há turismos que o podem levar lá por 300 kwanzas.

Chegar, estar e partir

A partir de Luanda, há autocarros que passam por Malanje, da SGO. De resto, há mais ligações a partir de Malanje. Os autocarros saem às 04h00 da manhã, nas duas direções, e chegam ao final da tarde (19h00). Preço: 6500 kwanzas. A SGO fica atrás da Praça Primeiro de Maio.

Quem quiser viajar para a República Democrática do Congo, a estrada para Luau é ótima. Foi financiada pela SADC. Os preços de e para Luena rondam os 2000 kwanzas em miniautocarro. Há uma paragem na estrada principal logo à saída sul da cidade. As saídas são a partir das 06h00.

Transportes para Lukapa e Dundo: 2500 kwanzas em miniautocarros que saem do parque logo a seguir à rotunda no ponto final (diga ao kupapata: «Me leva só na praça para ir no Dundo»). É preciso ir muito cedo, um pouco antes das 05h00 da manhã. Kupapata dentro da cidade: 100 kwanzas. Há bombas de gasolina à entrada da cidade.

Complejo turístico, Data, México



Queidas de Data, México





Avião: A ligação com Luanda custa por volta de 15 000 kz. Há várias companhias que fazem o percurso. Verifique os horários no aeroporto.

Onde dormir

Princesinha

Bairro Agostinho Neto

Telefone 938 091 007

Single: 12 000 kz

Sénior: 19 000 kz

Duplo: 21 000 kz

Suite júnior: 19 000 kz

Contentores com AC, piscina, ginásio.

Pensão Cá Te Quero

Rua Martins Soares

Telefone 924 237 890

Single: 9500 kz

Empreendimento Turístico Luari

Estrada para Luau, 8 km

Telefone 277 212 121 / 915 322 063

Motel single: 10 000 kz

Motel casal: 15 000 kz

Pensão Massinga

Perto da Bonina, a dois quarteirões da Praça Primeiro de Maio.

A partir de 7500 kz, com casa de banho partilhada, AC e televisão

Casal e suite: 9000 kz

Onde comer

Cá Te Quero

Rua Martins Soares

Preços a partir de 1500 kz para pratos simples.

Acima de 2000 kz por um funge.



Pastelaria Bonina

É só seguir as setas.

Supostamente a melhor pastelaria da cidade.

Pensão Massinga

Um jardim, com bar e esplanada.

Preço normal: 2000 kz

O Gordinho

Na esquina ao lado da Princesinha.

Petiscos a partir de 500 kz

Bastante simples e popular.

Empreendimento Turístico Luari

Buffet aos fins de semana

1600 kz

SUGESTÕES

Festas de Saurimo – 28 de março

Quedas do rio Chiumbe

Uma das maravilhas da natureza que pode visitar são as quedas do rio Chiumbe, a 90 quilómetros de Saurimo, em direção a Luau, próximo da fronteira com a República Democrática do Congo. Há um complexo turístico perto.

Artesanato

Em Saurimo há algumas lojas com as típicas máscaras do povo tchokwé e poderá encontrar peças interessantes nas zonas rurais.



Crianças, Saurimo, Lunda Sul



Vendedoras, Saurimo, Lunda Sul



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #12.

«Apanha uma moto, que ainda o apanhas. O *Barba d'Aço* anda devagar.»

É com estas palavras que saio da praça para Lunda Sul no Luena. Chego pouco depois das 06h00 e o miniautocarro para Saurimo saiu há cinco minutos. Por uma vez agradeço o mau estado das estradas do Moxico. Em poucos minutos estamos lado a lado com o autocarro de *Barba d'Aço*. De aço não deve ser, mas a barba do motorista é única. Decido não lhe perguntar o verdadeiro nome. A alcunha é fantástica e puxa mais pela imaginação.

Por causa do estado da estrada, uma daquelas que em tempos longínquos teve alcatrão, mas que atualmente se resume a crateras com pedaços de asfalto no meio, avançamos muito lentamente e nada melhor para passar o tempo do que uns dedos de conversa. Muito rapidamente começam a fluir as histórias sobre os «casos da vida». A rapariga do meu lado direito conta a história de duas amigas de longa data que deixaram de o ser. Uma tinha marido e a outra não. Confiou tanto que um dia descobriu que afinal o filho da amiga era do seu marido. Todos os passageiros têm opinião, muitos conhecem histórias parecidas. Na outra, um funcionário foi apanhado na cama com a mulher do patrão. O facto de o patrão não querer vingar-se, nem dele, nem da mulher, envolveu a família toda, sobas e até curandeiros. Todos foram perguntar o que queria então o patrão que fizesse ou pagasse o funcionário, mas sem resultado. «São coisas que acontecem», foi a resposta lacónica. No fim, levou à loucura do funcionário, por não acreditar que o patrão não quisesse um dia exercer a vingança, quando menos esperava, e por isso estava sempre à espera que o fizesse.

A meio caminho passamos por Dala, uma zona com muito potencial turístico, com cascatas no rio numa zona com vegetação menos densa. Ao lado estão a construir um empreendimento que parece estar perto da data de inauguração. Um pouco à frente, *Barba d'Aço* é «penteado» por uns polícias por trazer pessoas a mais no autocarro. Fica com menos 4000 kwanzas no bolso. Não será desta vez que vai mandar instalar no devido lugar o rádio-cassete, que anda a saltitar em cima do *tablier*. Felizmente, os últimos quilómetros até Saurimo estão asfaltados, e tanto o aparelho como nós podemos fazer o resto da viagem sem risco de voarmos do lugar noutra buraco assassino.

Saurimo. A primeira vez que ouvi o nome desta cidade, julgava que se tratava de um lugar saído de *O Senhor dos Anéis*. De certeza que era algum sítio recôndito, a meio caminho entre o Shire e Mordor. Na minha imaginação, plumas de fumo negro saíam de uma cidade com muros de granito escuro, contra um céu pesado e carregado de nuvens turbulentas e sombrias. Nada podia ficar mais longe da realidade. Saurimo, a autointitulada Cidade-Diamante, é luminosa, verde, imbuída de um calor húmido tropical nesta época das chuvas. Avenidas largas em xadrez dão um ar de calma, apesar do movimento constante. Na tarde da minha chegada estão cheias de gente alegre, que anima todos os recantos do centro. No Largo Primeiro de Maio, há um comício do MPLA e por todo lado veem-se *T-shirts* com a cara do presidente. Os vendedores ambulantes estão a ter um dia em cheio. O rapaz que serve à mesa na pensão Cá Te Quero, onde estou hospedado, chama-se Máfia. Pergunto-lhe se é mesmo esse o nome dele, ou se é alguma alcunha com que tenha ficado por alguma razão bizarra, mas confirma-se.



O pai achou por bem batizar o filho desta maneira. Tenho algum receio de ouvir a resposta se inquirir sobre as razões que o pai poderá ter tido, e por isso resolvo deixá-la à imaginação. A minha aposta pessoal é que o pai era um fã incondicional da trilogia *O Padrinho*. De qualquer maneira, não é para a Sicília que o Máfia me envia, ao pedir-lhe informações sobre lugares à volta da cidade onde as pessoas vão passear aos fins de semana. Segundo ele, há duas opções, um lugar chamado Luari e outro chamado Tchitendi. O primeiro soa mais poético, e alguns minutos depois encontro-me sentado numa moto a caminho de lá. Luari é um lago a uns 8 quilómetros de Saurimo, na fantástica estrada para Luau. Muita gente da zona considera esta a melhor estrada de Angola. Foi patrocinada pela SADC, a fim de facilitar a ligação de Angola ao resto do continente, neste caso através da República Democrática do Congo. Saurimo está ligada a Luanda através de Malanje por outra boa estrada. É só no sentido norte-sul que as coisas são bastante mais complicadas. Neste momento é mais



fácil viajar para a RDC do que para Luena ou para o Dundo. O kupapata deixa-me à porta de um empreendimento turístico típico. Alguns *bungalows*, um jardim com mesas, árvores e plantas em abundância e, claro, um restaurante com *buffet*. No centro do recinto vejo um palco, que deve servir de base para muita animação noturna aos fins de semana. Visitar o apetecível lago está neste momento fora das possibilidades, a não ser que queiramos ficar por lá definitivamente, mas o proprietário do empreendimento afirma que está a tratar de assorear a praia, o que permitirá ir e voltar sem ficar preso no lodo. Ao voltar para o centro, deparo-me com alguma agitação debaixo de uma árvore gigante. É uma mangueira e um grupo animado de crianças está a tentar de várias formas tirar as primeiras mangas maduras da época. Alguns dos rapazes mais audazes são verdadeiros artistas a trepar e conseguem subir em poucos segundos até ao topo da árvore. Os colegas em baixo ficam à espera da chuva de mangas que cai no chão. Um jovem com uma crista arco-íris oferece-me uma e eu dou o meu contributo para a bola de futebol que o grupo quer comprar com a venda das mangas na rua e no mercado. Terão de ser rápidos, porque as frutas ficam bastante machucadas com a queda. Perto da pensão, a sede aperta e entro no Botequim do Gordinho, que já me chamara a atenção nas minhas divagações pelas ruas de Saurimo. Na esplanada semicoberta, está ao rubro uma discussão sobre uma parte do discurso de Dilma Rousseff na Assembleia Nacional durante a visita oficial. Terá dito que o Brasil é o segundo país do mundo com a maior população negra. Uma vez que os dois campos não cedem um milímetro nas suas argumentações, fica claro que não poderão resolver a questão nesta hora e neste lugar. De qualquer maneira, a própria discussão parece ser mais importante do que o assunto em debate. Logo que amainem um pouco os argumentos, surge outro tópico de discussão: será que Khadafi realmente morreu? Antes desta nova questão ficar resolvida, o *Gordinho* convida todos para um outro espaço que tenciona abrir brevemente. O Bem Doce fica num bairro popular fora do centro e lá dentro estão a festejar o batizado de uma sobrinha. Num dos tachos está uma especialidade da zona: macosso, um tipo de lagarta. Experimento junto com um molho de cogumelos gigantes que tenho visto à venda nas estradas. «Bem doce.»



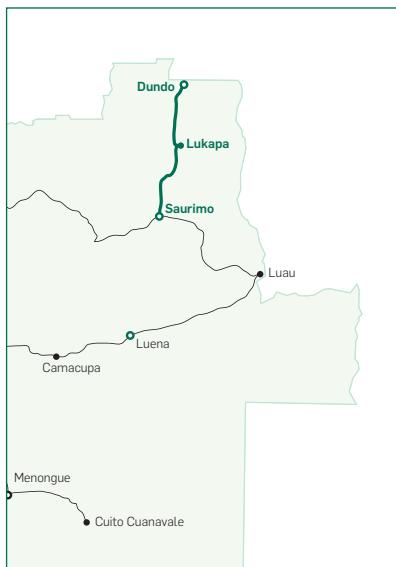
#13.





PERCURSO #13.

Saurimo » Dundo



O CAMINHO

A floresta oriental de Angola fica mais densa em direção ao norte.

A estrada é péssima, algumas vezes inexistente. Na maior parte do caminho são pedaços de asfalto que sobram da estrada colonial, com buracos enormes que não permitem andar a velocidades médias acima de 30 km/hora.

A primeira parte do caminho, até à antiga capital da Lunda Norte, Lukapa, pode ser feita em picada, paralela à estrada. Não é fácil encontrá-la (é preciso andar pelos musseques no norte da cidade), mas uma vez lá é

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Saurimo » Lukapa: 150 km

Lukapa » Dundo: 130 km

A NÃO PERDER

Em **Dala**, na fronteira entre as duas Lundas, as **cascatas** maravilhosas.

O **obelisco** à entrada do Dundo.

A **nova centralidade**, um monstro ou uma utopia? Visite e decida.

A **piscina** do Mussungue, não para nadar mas para ver como já foi.

Se gostar mesmo de correr riscos, pode **garimpar diamantes** num dos afluentes do rio Zaire/Congo.

Se um dia voltar a abrir em pleno, o **museu regional do Dundo** é imperdível.

mais fácil do que a estrada principal. Também evita controlos policiais pela picada. A segunda parte entre Lukapa e o Dundo não tem picada, e é mesmo obrigatório passar-se para a estrada, que é péssima. Resume-se a buracos com pedaços de alcatrão no meio. Os pouco menos de 300 quilómetros demoram nove horas a percorrer. Não encontrei problemas nem constrangimentos na circulação, que supostamente haverá,

SUGESTÕES

Festas

Durante o cacimbo, há festividades à volta da cerimónia de circuncisão dos jovens.

Sagrada Esperança

O Dundo tem um clube de futebol na primeira divisão do campeonato angolano, o Grupo Desportivo Sagrada Esperança. Há um centro de estágio e o estádio fica à entrada da cidade. Mesmo que não goste de futebol, assistir a um jogo em África é sempre uma aventura.

Artesanato

Para além das máscaras usadas nas cerimónias tradicionais, as cadeiras artesanais da Lunda Norte estão em museus e coleções mundo fora.

de estrangeiros a viajarem nas províncias de produção de diamantes. Em Lukapa, para além da estrada principal e do aeródromo com pista de terra batida, não há muitas razões que justifiquem uma paragem prolongada ou uma visita.

DUNDO

O Dundo é uma cidade com uma arquitetura um pouco diferente. Na ruas calmas do Dundo, há muitas casas soltas, tipo vivendas, mais parecidas com as do Congo ou mesmo da África do Sul.

A cidade é muito verde, situada numa leve colina. O conjunto tem um ar

fresco. O Dundo foi recentemente alcatroado, há iluminação pública e uma nova rede elétrica na cidade. A poucos quilómetros do centro, perto do aeroporto, há uma quantidade enorme de prédios em construção. É a chamada «nova centralidade», a nova cidade para onde irão viver futuramente trinta mil famílias. Neste momento, o aspeto é um pouco medonho, mas quando estiver pronta deve ficar parecida com a nova cidade de Kilamba Kiaxi, nos arredores de Luanda, também construída pelos chineses.

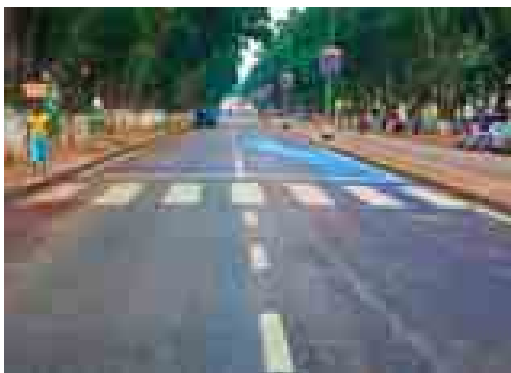
À volta da cidade, há vários projetos agropecuários em colaboração com Israel e outros países. Há pelo menos dois hospitais modernos, um polo universitário e uma biblioteca municipal com duas salas informáticas.

O que ver e fazer

Infelizmente o famoso Museu do Dundo está fechado, porque a coleção «desapareceu», mas algumas peças estão a ser compradas de volta e novas aquisições feitas. Costumava ser o museu com a melhor coleção de artefactos das culturas desta região. Neste momento, só podemos ficar a sonhar que algum dia volte a abrir. O centro da cidade está cheio de novos edifícios, do palácio do governador ao polo universitário e a biblioteca municipal, com as suas salas de informática.

Os bairros periféricos têm todos chafarizes novos, abertos de manhã, o que dá para fotografias fantásticas quando todos vão buscar água. Se tiver um visto com múltiplas entradas e um visto para a República Democrática do Congo, pode fazer uma visita relâmpago ao país. A fronteira fica a 10 quilómetros da cidade.

Dundo, Luanda Norte



Chegar, estar e partir

Autocarros, a partir de Saurimo: Partem muito cedo da saída sul da cidade. O preço é por volta de 2500 kwanzas.

A partir de Lukapa: 1500 kwanzas em miniautocarro, 4x4 ou camião. Há uma praça à saída de Lukapa.

Como sempre, o mais fácil é apanhar um kupapata na cidade e pedir para o deixar na praça para onde pretende ir. Custa 100 kwanzas.

Há bombas de gasolina à entrada sul da cidade.

Avião: O aeródromo tem voos fretados e regulares de várias companhias. São 45 minutos até Luanda. Os preços andam por volta de 17 000 kz.

Guicango

Transporte aéreo de carga e passageiros.

Terça, quinta, sexta, sábado e domingo.

Telefone 222 353 781 / 933 885 416 / 924 627 832 / 923 339 316 / 925 972 579

Onde dormir

Hotel Diamante

Av. 28 de Agosto
Telefone 252 264 720

Single: 21 000 kz

Duplo: 25 500 kz

Suite executiva: 42.000 kz

Residencial Acácias Rubras

Rua sem saída que vai para o centro de imprensa.

Simples: 12 500 kz

Suite: 13 500 kz

Há mais uma ou duas hospedarias mais em conta (por volta de 9000 kz) à entrada da cidade. Mais barato é difícil encontrar.

Onde comer

Hotel Diamante

Av. 28 de Agosto
Refeição normal entre 3000 e 4000 kz

Residencial Acácias Rubras

Refeição à volta de 2000 kz

Museu do Dundo, Lunda Norte



Dundo, Lunda Norte



Culto domingueiro ao ar livre, Lupaka, Lunda Norte



Dundo, Lunda Norte



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #13.

Acordo às 04h30 e dirijo-me à paragem dos carros para o Dundo, mas o único autocarro que faz o percurso todo já está superlotado e pronto para sair. Resta-me um lugar num Hilux que vai a Lukapa. Na parte de trás, por cima da bagagem, vão umas dez pessoas. Algumas delas têm de deixar obrigatoriamente alguns membros pendurados de fora. Durante toda a viagem, vejo pelo retrovisor um pé descalço e uma mão com um cigarro aceso. Vamos pela picada, por duas razões: fugir à má estrada e à polícia. Com tantas pessoas no carro, o mais certo era pagar muitas «gasosas» nos muitos controlos entre Saurimo e Lukapa. A poucos quilómetros do destino, o motorista para no meio da mata a fim de fazer a cobrança, não vá um ou outro passageiro fugir sem pagar a viagem. Um pouco à frente, um homem de bicicleta trava uma luta perdida para juntar todo o peixe que está a cair para a estrada. Começou a descongelar e as caixas de cartão estão a desfazer-se com a água.

Na paragem para o Dundo, as coisas estão animadas. O motorista do miniautocarro insiste em querer encher o veículo até rebentar. Arranjo um lugar apertado no banco de trás, ao lado de uma senhora com um bebé ao colo, e não vejo como se podem sentar mais sete pessoas. É esse o número de passageiros que falta para arrancarmos, mas talvez a ideia não seja ficarem sentados. Depois de uma espera de meia hora, muitos dos passageiros entram e saem constantemente, dificultando ainda mais o trabalho do motorista, para um Land Cruiser ao nosso lado. Metade dos passageiros do autocarro inicia uma corrida – desafia as leis da física, mas vi que é possível correr dentro de um autocarro cheio – para os 14 lugares do todo-o-terreno. Falta-me traquejo e trabalho de cotovelos, e fico de fora. Entretanto são necessárias, pelas minhas contas, 21 pessoas para encher o miniautocarro, o que quer dizer que tão cedo não saímos daqui.

Felizmente, chega uma carrinha Mitsubishi Canter de caixa aberta, com bastante espaço para mais passageiros. Encontro um lugar sentado em cima de um bidão de 250 litros, encostado à cabina. Quando seguimos caminho, o motorista do autocarro, agora completamente vazio, fixa o olhar em nós, os seus últimos passageiros desertores. É na Mitsubishi, no entanto, que as



coisas aquecem. Alguns dos jovens, já bastante alcoolizados, abasteceram-se de saquinhos de Whisky Best, que desaparecem num tempo recorde. No início, limitam-se a meter-se com a galinha de uma das passageiras e ainda arrancam umas gargalhadas, mas muito rapidamente passam para as pessoas e um dos jovens falta ao respeito de um mais velho. A situação escala num ápice e temos direito a um espetáculo de pancadaria, em andamento e tudo. A luta só é interrompida quando os buracos na estrada obrigam todos a segurarem-se. Nem umas chapadas de um polícia num controlo desmotivam o rapaz da continuação do seu exercício físico. Felizmente, estamos a chegar ao Dundo, sem vencedor declarado. Descubro que afinal estava sentado em cima de 250 litros de gasolina. Julgo que tive alguma sorte pelo facto de os fumadores terem ficado a alguns metros de mim. São quase 17h00 quando apanho um kupapata em direção ao centro do Dundo.

Segunda-feira de manhã, acordo cedo numa pensão do Dundo. Cheguei ontem ao final da tarde. Fui recebido por Alcides, o diretor de gabinete do vice-governador da Lunda Norte, e instalado aqui. Tive direito a este tratamento VIP porque arranjei um pequeno trabalho aqui na província, através de um amigo meu em Luanda. Vou fotografar algumas das obras que o governo da província está a realizar, mas primeiro é necessário contornar um nó burocrático. Entretanto, aprecio as casas típicas do Dundo, vilas independentes num estilo mais congolês do que angolano.

Supostamente serei recebido às 08h30 em audiência pelo governador, a fim de me indicar tudo que quer ver fotografado, mas o tempo passa e ninguém dá notícias. A questão é que, como ando a viajar de mochila às costas, ainda por cima uma das pequenas, só dá para carregar o estritamente essencial de um lado para outro. Ou seja, não há fatos e gravatas na minha bagagem, nem *blazers* ou qualquer outra peça de indumentária que possa disfarçar minimamente os muitos quilómetros de poeira, chuva e cansaço que passei até chegar ao Dundo. E diga-se de passagem: as estradas são mesmo muito más. Pelas 11h00, aparece Alcides, junto com o Alcídio – vou enganar-me muito nos próximos dias – do CDI (Centro de Documentação e Informação). A questão ficou resolvida: por razões protocolares, o governador não me pode receber em audiência sem fato e gravata, pelo que o vice-governador fará as honras da casa. Meia hora depois, sou recebido e na mesa há uma folha com a lista de lugares e obras para fotografar. Alcídio andarà comigo, num carro da província, com o fotógrafo do CDI e um motorista.

No início estamos todos com muito ânimo para começar o trabalho, menos o motorista, que parece estar descontente com qualquer coisa. Talvez não estivesse a contar com trabalho hoje à tarde, ou se calhar é só o facto de não lhe terem dado o carro que achou mais indicado para as voltas que é preciso darmos. Seja como for, depois de uma pequena espera na fila da bomba de gasolina à entrada da cidade, estamos a caminho da «nova centralidade». Para lá do aeroporto, vislumbram-se as hercúleas obras de construção daquilo que será um género de nova cidade do Dundo ao lado da atual. Somos recebidos pelo supervisor da obra, o engenheiro Martins, português ao serviço

de uma empresa belga. Estão em construção as primeiras fases daquilo que pretende ser o novo lar para trinta mil famílias. Por todo o lado andam máquinas e pessoas, formigas no meio dos esqueletos dos edifícios que saem da terra a um ritmo estonteante. Para um leigo, é muito difícil ver alguma estrutura no meio desta desordem aparente, mas segundo o engenheiro estamos muito perto de ver estas primeiras fases concluídas. Uns quatro mil trabalhadores, dos quais três mil chineses e os restantes angolanos, trabalham dia e noite para que assim seja. De cima de uma torre de 18 andares, com trabalhadores chineses pendurados nos andaimes para pintar a fachada, conseguimos apreciar melhor a vastidão deste projeto megalómano. O fotógrafo do CDI segue-me os passos e aproveita a oportunidade para fazer também as suas imagens das obras e da cidade do Dundo ao horizonte. As próximas paragens são dedicadas a obras bastante mais pequenas em tamanho, mas nem por isso menos importantes para a população do Dundo e da sua periferia. A cidade está praticamente toda asfaltada e há uma série

Nova centralidade do Dundo, Lunda Norte





de novos chafarizes instalados nos bairros mais carenciados. São uma fonte de atração para muitas donas de casa e crianças que vêm buscar o líquido essencial com baldes e alguidares em cima da cabeça. Ao lado da estrada para Lukapa, essa por asfaltar, vemos também um dos grandes orgulhos do governo: a iluminação pública e a rede elétrica de média e baixa tensão. É preciso atravessar a cidade e ir para o outro lado, a uma empresa agropecuária da zona. É bom começar a ver cada vez mais dessas empresas que diminuem a dependência da importação de produtos alimentares do estrangeiro. Entretanto, as nuvens carregadas e escuras que se estavam a juntar no céu há algum tempo começaram a largar a sua carga e num instante um dilúvio abate-se sobre nós. Ainda tentamos visitar as salas protocolares do aeródromo, mas desligaram os geradores e o motorista não está disposto a andar mais. O fotógrafo do CDI, que há muito já não saía do carro comigo, está a dormir no banco de trás.

À noite, depois do jantar, resolvo ir fotografar a iluminação da cidade, e saio cheio de coragem da pensão em direção ao centro do Dundo. Depois de umas centenas de metros apercebo-me de que afinal está tão escuro que nem vejo os meus próprios pés, muito menos os postes de iluminação, tão escuros como o resto do ambiente. Alcídio explica-me no dia seguinte que os chineses responsáveis pela luz na cidade desligam-na quando há trovoada e chuva. Felizmente, o hospital do Chitato em nada parece um daqueles hospitais que se veem nos documentários sobre os países africanos. Reina a calma e até sobram camas. Por pouco não assisto a um parto. Na maternidade, uma mãe, ainda visivelmente cansada, está deitada na cama com o seu filho, um «novo angolano». Depois de uma maratona com o Alcídio pela cidade, a fim de documentar o resto das obras do governo provincial, só faltam as tais salas protocolares do aeródromo e tenho uma surpresa agradável: uma delegação que fretou um avião vai voltar para Luanda e consigo boleia. Às vezes, a sorte sorri e nem o frio intergaláctico que se faz sentir durante o voo na pequena aeronave (parece que o ar condicionado só tem duas posições, ligado no máximo ou desligado) consegue tirar-me o sorriso de satisfação quando me refastelo num assento para uma viagem sem buracos na estrada.



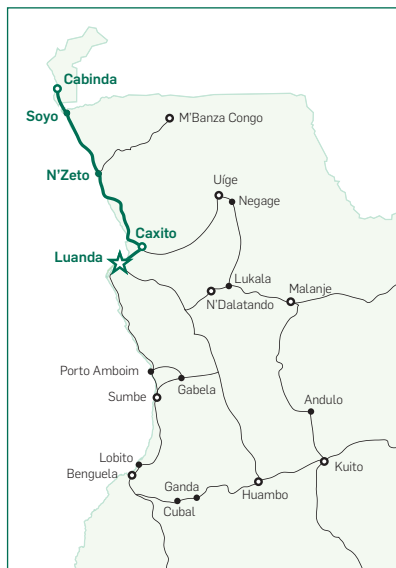
#14. ■





PERCURSO #14.

Luanda » Cabinda » Soyo » Luanda



O CAMINHO

Cabinda é um enclave angolano entre as duas repúblicas congolosas e fica 450 quilómetros a norte de Luanda. A paisagem é algo diferente do resto do território angolano, com floresta tropical húmida densa no interior, fazendo já parte da grande floresta que se estende até aos Camarões.

No mar, são omnipresentes as plataformas de petróleo, com chamas de segurança do gás expelido a iluminarem-nas dia e noite. Cabinda

Vista aérea de Cabinda

i INFORMAÇÕES

DISTÂNCIAS

Luanda » Cabinda (de avião): 400 km

Cabinda » Lândana: 50 km

Soyo » N'Zeto: 150 km

N'Zeto » M'Banza Congo: 240 km

N'Zeto » Caxito: 200 km

Caxito » Luanda: 60 km

A NÃO PERDER

Visite a **floresta de Maiombe**, uma floresta tropical com chimpanzés e gorilas.

Veja as **plataformas de petróleo** na costa e as chamas de segurança durante toda a noite.

Vá à **praia em Lândana** e veja os pescadores a puxarem as canoas para a costa.

Visite a foz do **rio Congo** e veja o rio mais caudaloso do mundo. A outra margem fica a 20 quilómetros. Foi aqui que Diogo Cão chegou em 1482 e foi daqui que saiu a expedição de Stanley rio acima.

Visite as **ruínas** da primeira **igreja** construída em Angola, em 1491, em M'Banza Congo.

é a fonte da maior parte de riqueza do país na forma de petróleo.

O mais provável é chegar a Cabinda através do ar, passando por cima da foz do rio Zaire/Congo, que nasce em Angola e que é o mais caudaloso do mundo. Do ar, é visível o imenso rasto castanho da lama que o rio arrasta para o mar.

CABINDA

A cidade de Cabinda tem mais vida e bastante mais confusão do que as outras nas províncias do interior. De certa forma, parece uma pequena Luanda, com muito trânsito e filas a certas horas do dia. O centro é relativamente pequeno, mas há bastantes musseques nas colinas à volta.

A história de Cabinda também tem as suas guerras. Tanta riqueza gera sempre interesses e o movimento

FLEC/FAC tem lutado pela independência. Recentemente, o descontentamento diminuiu bastante, com grandes investimentos em infraestruturas por parte de Luanda. Infelizmente, de vez em quando ainda há um incidente, como na altura do CAN em 2010, quando um autocarro de uma das seleções foi atacado a tiro. A cidade de Cabinda fica a 20 quilómetros da República Democrática do Congo a sul e a um pouco mais do Congo Brazzaville no Norte. Há muitos congolese presentes no dia a dia da província.

O que ver e fazer

A igreja principal no centro da cidade, a Igreja Rainha do Mundo, vale uma visita. Também no centro, há o habitual mercado central. Fica



ao lado do Hotel Maiombe. A praia da cidade, embora um pouco suja, é ideal para uma vista das plataformas petrolíferas no mar ao final da tarde ou à noite, com as suas chamas eternas.

O novo estádio de futebol, construído para o CAN em 2010, está à saída norte da cidade. Num dia de jogo é sempre bom para uma visita. Na parte de cima da cidade, o Museu Regional de Cabinda, com peças alusivas ao dia a dia na província, fica ao lado do novo hospital (a antiga prisão).

No interior da província, pode ir ver a floresta alta de Maiombe, comer macaco e beber cerveja congoleza. Uma das igrejas mais antigas da província fica no Cacongo, 20 quilómetros a norte da cidade de Cabinda. Na mesma zona, as lindas praias de Lândana, com os seus pescadores tradicionais, umas tascas e o rio com pântanos são ideais para passar uma tarde agradável.

Para os apreciadores de cerveja, a província produz uma cerveja local, a Tchizo, disponível na maior parte das tascas e restaurantes.

Chegar, circular, partir

Por terra, é relativamente fácil chegar de autocarro, mas o visto angolano normalmente não permite mais do que uma entrada, obrigando a vir de avião ou de barco.

Há autocarros para Congo Brazaville (Pointe Noire), na Giracab, na marginal,

RESORTS

Fútila Beach

Resort na estrada para Cacongo.
Piscina, restaurante, junto à praia.
Telefone 913 012 007
Bungalow: 16 000 kz

depois dos edifícios do porto. Saem às 09h00 e depois às 12h00. Custam 500 kwanzas.

Não há kupapatas em Cabinda.

Avião: O mais fácil é informar-se no aeroporto, ou na agência Paccitur.

Pedem uma comissão de 900 kwanzas, que é um pouco mais barato do que apanhar um táxi de ida e volta para o aeroporto. O aeroporto fica fora da cidade.

Afritaxis para o centro: 1000 kz

Voos diários para Luanda através do Soyo: por volta de 14 000 kz.

Paccitur: agência de viagens

Avenida Duque de Chiazzi
Telefone 928 081 657 – Bruno Carmo

Rent-a-car

Rua da Polícia
Telefone 231 224 333

Praça de transportes para Cacongo e Lândana

Rua das Forças Armadas, cruzamento do mercado.
300 kz



Barco:

Agência Zamba

Na marginal, edifícios do Porto de Cabinda

Telefone 922 732 272 – Paulo

Há barcos para o Soyo à segunda, quarta e sexta, com regresso domingo, terça e quinta:

4500 kwanzas

Aparecer um pouco antes das 08h00.

Sem problemas no visto, porque não conta como uma saída do território.

Dá para levar o carro.

É preciso comprar bilhete na Giracab (na marginal, 500m depois dos edifícios do porto).

Meio dia de viagem.

Onde dormir

Hospedaria Feliciano Rodrigues da Costa

Rua da Polícia

Telefone 231 220 483

Single: 9000 kz

Casal: 9000 kz

Duas pessoas: 13 500 kz

Três pessoas: 18 000 kz

Quatro pessoas: 22 500 kz

Seis pessoas: 34 000 kz

Com AC, televisão e quarto de banho, sem pequeno-almoço.

Hotel Maiombe

Av. Dr. António Agostinho Neto

Telefone 231 224 351



Single: 16 000 kz

Duplo: 20 000 kz

Suite single: 22 000 kz

Suite duplo: 26 000 kz

Sishotel

Av. Dr. António Agostinho Neto
(à frente do Maiombe).

Telefone 913 141 523 (gerente
Marlene Oliveira, também *rent-a-car*)
12 000 kz

Onde comer

Restaurante Rolechi

Ao lado da Igreja do Reino do Mundo.
Preços entre 500 e 1300 kz
Muito boa qualidade e muito bons
preços.

Hotel Maiombe

Bastante caro, preços por volta de
3000-4000 kz

Tasca espanhola

Rua da Polícia, ao lado do FCC.
Refeição: 1400 kz

Fútila Beach

15 km a norte de Cabinda.
Resort, restaurante, bar, praia
Preço dos pratos: 3000-4700 kz
Petiscos: 2000 kz
Pizas: 1600 kz

Restaurante Felícia (Cacong)

Ao lado da praia. Por encomenda,
à semana: galinha fiotre (especialidade)



local) 2200 kz, outros 2000 kz
Ao fim de semana não é preciso encomendar.

Mbanda

Depois de Fútila, virar para dentro da mata e continuar durante uns 10 quilómetros.
É uma tasca com cerveja congoleza e carne de macaco.
Tem eletricidade e *bungalows*.

Discoteca Sporting Nightclub

Rua Comendador Henrique Serrano
Diversão noturna.

SOYO

O Soyo fica na foz do rio Congo, onde chegou Diogo Cão, que na altura julgou ter chegado ao ponto mais austral do continente. É uma cidade com uma rua principal e alguns bairros mais pobres ao lado. O aeroporto fica a um extremo da avenida e o mar no outro.
Há pouca diversão ou coisas para ver. O que se vê mais são as movimentações do pessoal que trabalha nas petrolíferas ou nas plataformas.

O que ver e fazer

Pode-se visitar o lugar onde chegou Diogo Cão, embora o padrão já não esteja no local. Para lá chegar, tente alugar um pequeno barco a um dos pescadores que o poderá levar ao sítio certo. Preço: 10 000 kz.

O porto da cidade é bastante industrial e estratégico. Pode ser visto de alguma distância, mas fazer fotos pode não ser boa ideia.

A foz do rio Congo vale uma visita, nem que seja para dizer que esteve na foz do rio mais caudaloso do mundo. A maneira mais fácil de lá chegar é a partir do ponto padrão, o lugar onde ficava o marco de Diogo Cão.

Chegar, estar e partir

Autocarro: em direção a Luanda, às 06h00 numa praça perto do aeroporto, a oeste da rua principal. A estrada para Luanda é péssima, com algumas partes boas.

Há **barcos** para Cabinda.

Avião: Muitos voos de Cabinda fazem escala no Soyo. Preço: 11 000 kwanzas. O melhor é ir ao aeroporto e informar-se sobre horários. Há vários por dia, mas podem estar cheios. Um avião pequeno demora mais ou menos 45 minutos até Luanda.

Às vezes há voos para M'Banza Congo. Informe-se no aeroporto sobre horários.

SUGESTÕES

Festas em Cabinda – 28 de maio.

Festas no Zaire

As festas de M'Banza Congo são celebradas no dia 25 de julho e as do Soyo no dia 5 de abril.

Floresta de Maiombe

No Norte da província, uma floresta verdadeiramente tropical, com árvores de cinquenta metros de altura. Há aqui pau-preto, ébano e vários outros tipos de árvores que não encontrará no resto do país. Aqui há gorilas e chimpanzés, que também não encontrará nas outras províncias.

Fútila Beach

Descanse e faça praia no Fútila Beach, a poucos quilómetros de Cabinda.

Onde dormir

Hotel Porto Rico

Rua principal (a meio do lado direito para quem vem do aeroporto).

Telefone 925 853 116

Duplo: 12 000 kz

Casal: 10 000 kz

Suite: 12 000 kz

Onde comer

Pastelaria Snack-bar Guaca-Mole

Rua principal, a meio, antes da igreja e do quartel.

Churrasco: 750 kz

Hambúrguer: 500 kz

Praça central, Cabinda



Igreja Rainha do Mundo, Cabinda



Lândana, Cabinda



Pescador em Lândana, Cabinda



★ HISTÓRIA DO PERCURSO #14.

Ao meu lado está uma estátua preta de um gorila, o emblema do Futebol Clube de Cabinda. Chego a esta conclusão porque a dita estátua se encontra à porta de uma das instalações desse clube em Cabinda. Encontrei um quarto num sítio simpático aqui ao lado, na Rua da Polícia, no centro da cidade. Ainda bem que a hospedaria é agradável, porque nenhum dos serviços anunciados em letras grandes parece estar operacional. A internet está com um problema e o pequeno-almoço incluído no preço deixou de ser servido há alguns meses. Para se entrar na hospedaria passa-se pela oficina do dono, e pelas cortinas no longo corredor ao lado do restaurante vejo os pés de uma pessoa deitada. O espaço é transformado em lugar de repouso para os trabalhadores quando o patrão não está presente.

Cabinda é bastante diferente das cidades das províncias orientais que tenho visitado nesta parte da minha viagem. De certa forma faz-me lembrar um pouco Luanda em ponto pequeno, com filas de trânsito, sem as avenidas



largas em xadrez do Luena ou de Saurimo. Está simplesmente tudo um pouco mais desarrumado. Não de uma forma negativa, mas aqui as coisas são decididamente menos tranquilas. Pessoalmente gosto bastante da quantidade certa de agitação, coisa que aqui não parece faltar.

Uma volta pela praia leva-me ao porto, onde me informo sobre os barcos em direção ao Soyo. O transporte por terra seria mais fácil e rápido, mas como europeu precisava de um visto para a República Democrática do Congo, e ainda por cima o meu visto angolano só tem uma única entrada, o que invalida essa via. Informam-me que há três barcos por semana, de manhã bem cedo, com destino ao porto do Soyo e não há problemas com o visto, uma vez que o SME está ao corrente das viagens de barco e essas não contam como uma saída e outra entrada no país.

Da praia, veem-se por todo o lado as chamas das plataformas de petróleo no mar. São estas que dão a maior parte da riqueza ao país. Com tanto dinheiro a jorrar do fundo do Atlântico, é fácil entender que haja muitos interesses a gravitar à volta de Cabinda, tanto dos que querem a independência como dos que querem a qualquer custo evitar que isso aconteça.

Não sei se é por causa de pequenos derrames, das estranhas correntes ou da lama que o rio Congo, o mais caudaloso do mundo, leva até ao mar, não muito longe daqui, mas a água da praia está decididamente castanha. Os pescadores e os muitos jovens na praia não se parecem importar e passam uma tarde agradável.

Subo para o centro da cidade e ao lado da igreja encontro pequenos grupos de jovens. Verónica, que come um jarro de azeitonas de uma assentada, convence-me a fazer uma visita ao Cacongo, e Fineza – confirma-me que é assim que se chama – quer o meu «terminal». Um pouco mais à frente, o Célio está a fazer os trabalhos de casa na esplanada do restaurante Rolechi, onde o jantar é bom e barato.

Encontro-me na praia de Lândana, naquilo que sobra do pontão. Segui os conselhos da Verónica e, depois de um compasso de espera, João, o motorista, calça as luvas e saímos da rua cheia de lama preta que é a paragem em direção ao Cacongo. Quando me vê a olhar para as luvas, João conta-me que



Prata de Cabinda



Vista de Lândana, Cabinda

servem para ficar com as mãos mais macias e que a mulher lhe agradece muito. Tudo explicado.

As estradas em Cabinda são ótimas. Não tarda estou no pontão da praia de Lândana. Tento pisar cuidadosamente nas vigas que ainda restam e evito olhar para baixo. Um pescador que está a lançar a sua rede não se importa que o fotografe. Lá no mar, as chamas ardem incessantemente, mas aqui as pessoas dedicam-se à pesca. Há muitas pirogas na água, a lançar e a orientar a recolha das redes ou a chegar com peixe. O cenário é delicioso.

De volta à cidade, entro numa agência de viagens para mais informações sobre todas as formas de viajar de e para Cabinda e o gerente Bruno convida-me para uma cerveja no bar ao lado da minha hospedaria. O dono espanhol convida-nos por sua vez para irmos jantar a um sítio no meio da mata. Saímos da estrada ao lado de Fútila, e andamos um bom bocado até chegar de repente a um lugar cheio de *bungalows*. Estamos em Mbanda e o menu aqui é congolês, com cerveja Turbo King e um prato de macaco. Há maneiras piores para terminar uma visita a Cabinda.

Já no Soyo, vejo ao longe a RDC, do outro lado da foz do rio Congo. Aqui perto está o marco que Diogo Cão deixou quando chegou e julgou que estava no ponto mais a sul do continente africano. Na rua principal da cidade, uma rapariga sobe a uma árvore a fim de conseguir um bom lugar para ver o espetáculo que está prestes a começar no quartel militar. Ouço a música do outro lado da rua enquanto fotografo uma igreja e uma equipa de limpeza de esgotos.

Estou no Soyo, província do Zaire, e posso neste momento declarar oficialmente que visitei todas as 18 províncias angolanas. O que não posso dizer é que conheço bem Angola. Algumas viagens de um ou dois meses como as que estou a terminar dentro de horas estão longe de ser suficientes para conhecer tudo que o país tem para oferecer, mas deram para apanhar um cheirinho e sobretudo muita vontade de vir explorar com mais tempo a beleza que o país tem, não só em termos de natureza. Voltaria sobretudo para conhecer mais pessoas maravilhosas como as que conheci nestas viagens. Em Luanda, restam-me alguns dias para dizer adeus aos amigos recentes ou de longa data. Quando embarco no avião em direção à Europa, tento fixar o calor, o cheiro e os sons do país que ficará para sempre no meu coração. Até breve, Angola. Obrigado, sim.



#15.





Illa de Luanda

Av. 15 de Novembro

Estação Central de Luanda

Av. Congo

Luanda

Refectório

Av. Ngola Muata

Avenida Comendador Valente

Av. San Carlos

Maria

Av. Rui Barbosa

Mina

Av. Sá da Bandeira

PERCURSO #15.

Luanda

Este capítulo é um pouco diferente dos outros, porque não envolve nenhum «como chegar». Partimos do princípio de que quem vai a Angola chega ao Aeroporto 4 de Fevereiro.

Não há uma só Luanda, mas uma série de realidades diferentes dentro e fora da capital angolana. Há, por exemplo, a Luanda antiga: o centro colonial, com edifícios que datam, como os sobrados, de há dois séculos. Em grande parte da cidade, os reclamos luminosos do tempo dos portugueses ainda estão presentes. Deixaram de ser muito luminosos. Circular a pé nas ruas do centro antigo é um constante zig-zague por causa de passeios interrompidos e aparelhos de ar condicionado a pingar para a rua.

A imagem das ruas é marcada pela confusão no trânsito de candongueiros, Hiaces e táxis. Ainda dentro da Luanda antiga, surgiu recentemente uma série de edifícios modernos, arranha-céus e torres como a Torre do Ambiente. Neste momento, está em construção uma «nova» marginal, vários hotéis de luxo e sedes de empresas.

Luanda foi considerada a cidade mais cara do mundo para expatriados pela segunda vez em 2011, mas apesar

disso é possível estar em Luanda sem gastar rios de dinheiro.

A famosa baía de Luanda está a ser diminuída, e haverá mais faixas de rodagem na marginal antiga e a ampliação da ilha de Luanda. A diversão antiga na ilha está prestes a desaparecer, como já desapareceram as barracas no ponto final. Tudo será posteriormente concentrado numa outra zona da ilha. Há quase sempre um trânsito infernal para entrar e sair da cidade, às vezes em momentos inexplicáveis, por controlo policial, um ou outro acidente, ou o presidente que vai a passar. A sul da parte antiga de Luanda, há uma nova área chamada Luanda Sul ou Talatona, com condomínios fechados, um centro comercial e casas caríssimas, mas na maior parte dos casos ainda sem ligação à rede elétrica e sem água ou esgotos. O centro comercial Belas Shopping tem várias salas de cinema. Aconselho vivamente assistir a um filme, porque ir ao cinema é sempre

uma aventura, também pelos comentários das pessoas. Como qualquer centro comercial, há imensas lojas e restaurantes e também um supermercado.

Um novo centro comercial vai abrir na zona de Alvalade, numas torres novas. Terá o nome Mega. Também o Aeroporto 4 de Fevereiro será deslocado para longe da cidade dentro de poucos anos.

Em Luanda, as faltas de luz e água são perfeitamente normais e podem demorar alguns dias para serem resolvidas. Elevadores são por um lado uma coisa do passado e por outro uma coisa recente. Pelo menos os que funcionam. Muitos prédios têm um sistema com cartões para os condóminos que pagaram. Os outros que subam a pé.

A maior parte dos bairros na cidade e na periferia tem muitos musseques, bairros com construção mais frágil e descontrolada. Lá a vida é completamente diferente da vida na baixa ou nos condomínios.

Deslocar-se em Luanda

Há uma rede extensa de candongueiros, que vão basicamente para todo o lado. Veja a secção sobre transportes públicos para saber tudo sobre andar de candongueiro. O preço normal é 100 kwanzas, mas durante as horas de ponta pode ser necessário pagar 200 kwanzas. Nas paragens, o cobrador grita repetidamente o

destino, tornando-se relativamente fácil apanhar o candongueiro certo. Para além dos candongueiros, há carros pequenos, os chamados turismos, que fazem percursos praticamente idênticos pelo mesmo preço.

Se preferir conduzir em Luanda, tenha cuidado e tome em consideração as três principais regras de trânsito luandense:

- 1 – O veículo maior tem sempre razão;
- 2 – Circule o mais à esquerda possível;
- 3 – A prioridade é sempre de quem chega primeiro ou com mais velocidade.

O que ver e fazer

Para efeitos práticos, dividimos esta secção em quatro partes: Centro (Baixa / Miramar / Cidade Alta), Ilha, Mussulo, Luanda Sul / Talatona

CENTRO

O centro propriamente dito da cidade não é muito grande e pode ser conhecido perfeitamente a pé. Proponho uma mistura de passeio e candongueiro por Luanda, a melhor forma de conhecer a cidade em pouco tempo.

O centro de Luanda ocupa uma área que vai desde a Marginal até ao Miramar, passando pelo Cruzeiro, o Bairro Operário, São Paulo, os Combatentes, Avenida Brasil (que hoje tem vários nomes como Hoji Ya Henda, Avenida de Portugal, etc.), Vila

Alice, Maianga, Alvalade, Cidade Alta, e termina nos Coqueiros. Cada bairro tem as suas características específicas.

PASSEIO #1

Começamos de manhã cedo no Largo do Baleizão, onde a cidade toca a Marginal antes de entrar na ilha, com os seus sobrados a caírem de podres. O edifício com a janela redonda serviu de palco para as filmagens de um *videoclip* recente do cantor Don Kikas. No canto do largo, há uma rua de calçada que sobe, com uma cancela e guardas. Vai dar à Cidade Alta e à Fortaleza de São Miguel,

que visitaremos no final do nosso passeio.

Vamos a pé pela Rua Rainha Jinga até à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, de 1679. Antes dos edifícios da Sonangol, viramos à esquerda, para tomar um café ou uma água no Rialto, um estabelecimento que serve refeições, bebidas e gelados há décadas.

Depois do Rialto, seguimos à direita pela Marginal, que está a receber seis novas faixas de rodagem onde há três anos só havia água malcheirosa. Um pouco mais à frente, vemos o Banco Nacional de Angola, outro dos





ex-líbris da cidade e do país. Se estiver muito calor, as arcadas da Marginal são ideais para fugir do sol. Lá, os vendedores ambulantes vendem tudo, desde água até impressos para as repartições públicas.

Nas arcadas, há alguns ministérios.

O primeiro que encontramos no nosso percurso é o Ministério dos Petróleos. Não é preciso realçar a importância deste ministério. A alguns quarteirões, passamos pela Faculdade de Ciências, e chegamos ao Largo do Ambiente, com a nova Torre do Ambiente do lado direito. Este edifício moderno flanqueia um outro, por sinal dos mais antigos da cidade. Trata-se da Igreja de Nossa Senhora da Nazaré, de 1664.

Atravessando o largo, chegamos à esquina do Ministério do Interior. Não

passa demasiado junto à vedação do edifício, porque, por uma razão que não consigo entender depois de dez anos de paz, é proibido.

Ao longe, já podemos ver os edifícios do porto de Luanda e o Hotel Presidente, mas antes passamos pela única esplanada na Marginal. É coberta por um toldo e chama-se Marginal. Servem-se refeições à hora do almoço e lá dentro, com ar condicionado, pode comer ou tomar uma imperial (chamado «fino» em Angola) ao balcão.

A maior parte das linhas aéreas e bancos têm escritórios e lojas na Marginal, e ao virar da esquina há mais duas, a Brussels Airlines e a Ethiopian. No largo em que entramos vemos a entrada do porto de Luanda e o edifício

que alberga o Ministério do Comércio e o Ministério da Família e da Promoção da Mulher. No Hotel Presidente, também do lado direito do largo, há um bar com um terraço no oitavo andar com uma vista fantástica sobre a baía e a ilha.

Para subirmos em direção ao Cruzeiro, é melhor e mais seguro apanharmos um candongueiro na praça. O Eixo Viário (é assim que se chama a subida para o Miramar com muitas torres em construção) parece ter alguma má fama de assaltos. Por isso, a opção candongueiro é ideal. Ainda por cima, assim conhecemos este meio de transporte fantástico e descansamos as pernas.

No cimo da subida, há uma parede branca com um portão. É o cemitério do Alto das Cruzes. Cemitérios não costumam ser famosos em guias turísticos, talvez com exceção do Père Lachaise, em Paris, e do Highgate, em Londres, mas não hesite em entrar. Estão aqui enterrados muitos portugueses desde o século XIX e, claro, muitos angolanos, alguns heróis nacionais.

Depois do cemitério, continuamos em direção a oeste, para o Miramar, com a embaixada dos EUA e uma vista privilegiada sobre as imensas gruas das torres em construção, da baía e do porto em baixo e da ilha ao longe. Voltamos ligeiramente atrás e entramos do lado norte do cemitério no famoso Bairro Operário. Foi daqui

que saíram muitos heróis da luta pela independência. Não se assuste com o aspeto do bairro, que tem algumas características de um musseque.

É perfeitamente seguro. Numa das ruas na parte de cima do bairro, há uma casa-museu dedicada ao primeiro presidente Agostinho Neto. No início de 2011, estava em obras, mas com um pouco de sorte, pode visitar uma das casas onde viveu este símbolo nacional. O artista plástico Vidylson Burga faz parte da Fundação Dr. António Agostinho Neto e do Centro Cultural Dr. Agostinho Neto e pode ser contactado pelo telefone 923 643 137 para pormenores sobre a casa-museu.

Saindo do Bairro Operário pelo lado sul, estamos na Rua Cónego Manuel das Neves e falta subir um pouco para chegarmos à zona de São Paulo. Na rotunda antes da bomba de gasolina, há imensos vendedores ambulantes na rua e, por vezes, é quase preciso pisar um ou outro artigo exposto para garantir a passagem no meio de tamanha confusão. Um pouco mais acima, encontramos o mercado de São Paulo e está na hora de voltarmos para trás.

Se estiver cansado, pode apanhar outro candongueiro em direção ao Kinaxixi, em tempos casa do famoso prédio da Cuca, mas agora de um estaleiro enorme, de alguns edifícios e de um futuro centro comercial moderno. Num dos cantos do Kinaxixi

pode encontrar o Museu de História Natural, que merece uma visita. Caso tenha fome, há um estabelecimento chamado Big Bite que serve fajitas a 800 kwanzas no largo e, ao lado do museu, há uma esplanada à sombra, com o nome original A Nossa Sombra, que serve refeições. Numa das ruas que vão dar à Avenida Brasil, do lado oposto, há uma churrasqueira e o restaurante da Mamã Kiwa, que serve meias doses de funge por 350 kwanzas. Se quiser qualquer coisa mais exótica, descendo para o Largo da Mutamba pela rua do Hotel Trópico, encontramos do lado direito um bom restaurante que serve *sushi*, o Asia Lounge. Do Kinaxixi, vemos ainda a Torre Escom, um dos edifícios novos e altos da cidade. Lá dentro, há um bar-restaurante-cibercafé chamado Oito-Dezoito. Pertence ao semanário *Sol* e tem-se tornado um ponto de referência para a diversão das noites de quinta-feira em Luanda. Descendo numa das ruas em direção ao sul para a Avenida Brasil (que se chama agora Rei Katyavala nesta parte), chegamos ao túnel que conduz à embaixada de Portugal e ao Instituto Camões em Luanda. Como estamos a caminhar, vamos pela parte superior. Do lado esquerdo, há uma loja de sandálias artesanais onde fazem um bom par por um preço razoável. Talvez seja uma boa ideia para uma prenda, uma vez que não há muitas opções

para comprar lembranças para além do mercado do artesanato. Dois quarteirões abaixo, encontramos no Largo Irene Cohen a Igreja do Carmo, outra referência da cidade. Descendo mais um pouco, chegamos ao Largo da Mutamba, com o Ministério das Finanças e o da Urbanização e, um pouco antes do lado direito, ao edifício do Governo da Província de Luanda. A Mutamba, como é chamada pelos milhares de candongueiros que por ali passam, é um nó de linhas de transportes oficiais e menos oficiais. Aqui pode apanhar candongueiros para todas as direções. Seguindo em frente, vemos do nosso lado esquerdo o Estádio dos Coqueiros. Nas traseiras do estádio, vamos subir para a Cidade Alta. Aqui parece que estamos noutra cidade diferente. Tudo é limpo, organizado e verde. Este é o centro nevrálgico do poder em Angola. Seguimos em direção ao norte, para entrarmos na Fortaleza de São Miguel, que podíamos ver do Largo do Baleizão. Este passeio, com alguns intervalos para comer, beber, visitar o museu, as igrejas e descansar, deve levar a maior parte de um dia, pelo que chegamos à fortaleza ao final da tarde, a altura ideal para fotografar a baía de Luanda, o Banco Nacional de Angola e a ilha de Luanda na luz quente do fim do dia angolano. Daqui descemos pela rua com os



guardas para o Largo do Baleizão e estamos no ponto de partida. Podemos tomar uma cerveja ou um gelado no Rialto, ou ficar para o jantar no restaurante do lado direito antes da descida para o Largo.

PASSEIO #2

Em meio dia podemos ver a maior parte daquilo que nos falta. Começamos na Rua Rainha Jinga, juntos dos prédios da Sonangol, e subimos a Rua do 1.º Congresso do MPLA. Antes das bombas de gasolina na rotunda, encontramos do nosso lado esquerdo a Associação Cultural do Chá de Caxinde, no Cineteatro Nacional. Caso esteja com fome ou com sede, servem almoços e têm serviço de esplanada. Voltamos a

subir até passarmos pelo prédio do comércio chinês antes de chegarmos à Assembleia Nacional.

Antes de chegarmos ao Hospital Josina Machel, temos uma vista fantástica do mar e do «foguetão», ou, com um pouco mais de respeito, o mausoléu de Agostinho Neto. Costuma estar fechado ao público, ou seja, uma visita de perto é difícil. Aqui viramos à esquerda, e atravessamos a Rua Amílcar Cabral. Estamos no Largo da Maianga. É fácil de reconhecer, porque tem um daqueles prédios inacabados, em toscar há décadas.

Seguimos em frente e o melhor é apanhar um candongueiro para o Largo Primeiro de Maio, uma rotunda com uma estátua do primeiro



presidente Agostinho Neto. O início da Avenida Deolinda Rodrigues, que sai do largo na direção oposta, chama-se Praça da Independência e é regularmente palco de cerimónias de lançamento de CD com direito a autógrafo de vários artistas angolanos.

Vamos voltar a descer, mas pela Comandante Gika. Passamos agora na zona de Alvalade, considerada em tempos (e, segundo alguns, continua a ser) uma das mais chiques de Luanda. Nesta avenida encontra-se também o famoso Hotel Alvalade. Havia aqui cinema e piscinas. Neste momento, contentamo-nos com algumas esplanadas e pastelarias para as pernas cansadas e as gargantas secas.

No fim da Comandante Gika, voltamos à Rua Amílcar Cabral, que cruzámos mais cedo. O aeroporto fica à esquerda, mas nós vamos apanhar um candongueiro até ao Largo da Mutamba e depois descer sempre em frente para a Rua Major Kanhangulo, que fica a dois quarteirões. Viramos à direita e antes de chegar ao edifício da De Beers, bem visível, encontramos do nosso lado esquerdo o Palácio de Ferro, totalmente restaurado pela empresa nacional de diamantes Endiama. É o melhor exemplo de arquitetura de ferro no continente africano e, segundo muitos, foi concebido nos *ateliers* de Eiffel e transportado de barco até Madagáscar e posteriormente Luanda.

Voltamos agora atrás e depois do Ministério das Relações Exteriores (Mirex), viramos à direita, na Rua Cerqueira Lukoki, até ao Banco Nacional de Angola e apanhamos na Marginal um turismo ou um candongueiro para a ilha, onde terminamos a nossa visita com uma cerveja num dos muitos estabelecimentos com esplanada na praia.

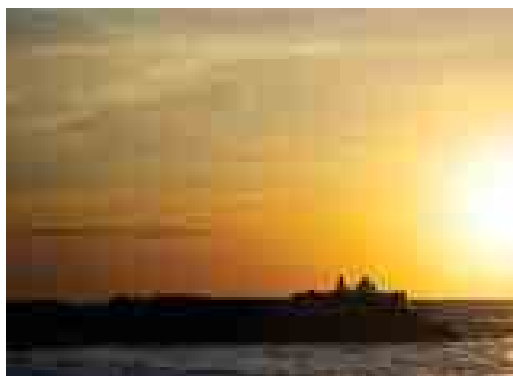
ILHA E MUSSULO

A ilha de Luanda, ou, como é também chamada, a ilha do Cabo, é uma zona de lazer e de praia ligada à Marginal de Luanda. Está neste momento sujeita a uma grande alteração e muitas das referências antigas já desapareceram ou estão em vias de desaparecimento. Seja como for e fique como ficar, a ilha será sempre uma referência na diversão e lazer da vida angolana.

Passando o novo viaduto e a primeira rotunda na ilha, encontramos do lado direito o Clube Náutico e o Clube Naval, e depois, à esquerda, a «nova Marginal». O passeio tem neste momento umas centenas de metros, mas vai ficar maior à medida que avançam as obras de requalificação da ilha. O resultado é que quase todos os bares, restaurantes e discotecas mais para o fundo da ilha desaparecerão e serão deslocados para um lugar mais perto da entrada. Para já, apesar das várias ameaças

de demolição e das muitas «últimas noites», continuam a funcionar o Chill Out, o Miami Beach, o Caribe e vários outros. São ideais para tomar um copo ao final da tarde ou apanhar alguns raios solares no fim de semana. Não é preciso ir muito longe, o trânsito é tolerável e, mesmo assim, parece que estamos muito longe da confusão e do barulho de Luanda.

Mas antes do «ponto final» da ilha existem vários outros lugares. Do lado direito, logo depois do Hotel Panorama, há alguns restaurantes agradáveis. Um deles é o Cais de Quatro, com



um *sushi* para quatro pessoas que não é muito caro para normas angolanas. Ao lado, há um Chimarrão, para os amantes de rodízio à brasileira. Um pouco mais à frente, depois de uma rotunda com uma pequena estátua alusiva ao povo pescador da ilha, temos do lado esquerdo o Tamariz, com bar e praia. Há muitos casamentos ao fim de semana, mas a praia não deixa de ser acessível para tomar um copo ou comer qualquer coisa. O Tamariz é o lugar mais próximo das obras, e será por isso o primeiro a fechar portas no futuro próximo. Aproveite enquanto puder.

Do lado oposto da rua do Tamariz, há uma das melhores padarias da cidade. É aqui que muitos vendedores ambulantes se abastecem. Do mesmo lado da rua, um pouco antes, o restaurante Kintal da tia Guida tem uma ótima seleção de peixe grelhado e o ambiente é agradável. No meio da rotunda do «ponto final», há ainda um restaurante que já existe há décadas. A feira popular que por aqui existiu em tempos fechou há muito, e a zona com tendas e barracas de peixe grelhado também desapareceu. Restam alguns restaurantes na zona adjacente,



ao lado da clínica Sagrada Esperança, uma das clínicas privadas mais populares de Luanda.

O fim de semana é usado por muitos luandenses para fazer uma visita de praia ao Mussulo, um istmo que se estende ao longo de 40 quilómetros na costa a sul de Luanda, criando um género de lago marítimo entre a costa e o próprio Mussulo. Nesta zona, não há muita ondulação e a água é bastante mais quente do que na contracosta.

Para lá chegar, basta sair de Luanda na direção sul até ao embarcadouro na Samba, a estrada principal de saída sul da cidade. O melhor é ir bastante cedo e apanhar um barco até ao Mussulo. Em alternativa, há sempre um conhecido que tem um barco e que costuma passar um dia no Mussulo. Arranjar boleia não é difícil.

LUANDA SUL / TALATONA

A cidade de Luanda foi construída para albergar por volta de setecentas pessoas. Neste momento, a população é pelo menos sete vezes este número. Começou a pensar-se em alternativas, havendo a sul da cidade uma imensa zona por explorar. Daí ter nascido Luanda Sul, ou Talatona. Aqui, tudo é novo e a maior parte das pessoas vive em condomínios privados, embora muitas vezes precisem de geradores e bombas de água por falta de infraestruturas.

Houve uma oportunidade de se organizar tudo isto em forma de tabuleiro de xadrez mas, por razões que me escapam, isso não foi concretizado e circular nas muitas ruas novas nem sempre é tão linear como seria de esperar. Evite visitar a zona ao final da tarde, ou de manhã cedo. O trânsito de e para Luanda é um inferno autêntico. Muitos moradores da zona acordam às 04h00 e saem às 05h00 de casa para chegarem a Luanda, antes das filas. Se esperarem até às 07h00, demoram três horas para percorrer 20 quilómetros até ao centro da cidade. A zona ainda não tem muitas opções para saídas noturnas, mas existem. Uma delas é o Zodabar, perto do Belas Shopping, que foi o primeiro centro comercial de Angola. Tem vários restaurantes, nacionais e internacionais, lojas, um supermercado e várias modernas salas de cinema. Se puder, não perca uma sessão de cinema em Angola. É uma aventura. Se continuarmos na direção sul, depois da ponte de Benfica, chegamos à Feira do Artesanato e, um pouco mais à frente, ao Museu da Escravatura, de que já falámos no primeiro capítulo desta segunda parte do guia. Falta só referir uma zona com alguns hotéis, restaurantes e bares na praia na zona entre Talatona e a Feira do Artesanato e o novo estádio de futebol, construído a sul de Luanda, junto à Via Expresso.

FORA DE LUANDA

Para além de saídas que já mencionei noutras secções, há mais algumas que são relativamente fáceis de organizar a partir de Luanda.

O Calulu situa-se um pouco mais para o interior, depois do Kissama. De carro, pode ir e voltar num dia, embora seja mais fácil organizar a viagem em dois dias. Pode aproveitar uma noite no Parque do Kissama. No Calulu, há vistas incríveis sobre os montes e vales do Kwanza Norte. Fica a sensivelmente 250 quilómetros de Luanda. Para lá chegar, siga a estrada para Viana e depois para o Dondo. Aí, em vez de ir em direção a Malanje, vire para sul. Depois de Binga, vire à esquerda. Pelo caminho encontrará a Fazenda de Santa Isabel, um projeto de sucesso na agricultura angolana. Outra excursão é uma visita ao Santuário de Nossa Senhora de Muxima, onde há uma procissão de velas, uma vez por ano, no início de setembro. A igreja, do século xvii, e a fortaleza valem bem uma visita. Para ir, vá pela estrada do Catete, e lá, vire para sul, em direção a Muxima. A partir de Luanda, são cerca de 125 quilómetros.

Onde dormir

A maior parte dos hotéis é caro ou mesmo muito caro, com exceção da Pensão Globo, na baixa. Seguem alguns exemplos:

Hotel Presidente

Largo 4 de Fevereiro
Telefone 222 311 77 / 222 311 449
Single: 32 000 kz
Double: 37 400 kz
Diplomatic suite: 71 000 kz
Presidencial suite: 97 000 kz
Com piscina, ginásio e bar.

Hotel Celeste

Zona do Primeiro de Maio
Telefone 222 264 591 / 934 760 833
Single: 24 250 kz
Duplo: 26 675 kz
Suite junior ou duas pessoas: 42 680 kz
Com piscina, *wi-fi* e parque privado.

Hotel Relaxe

Av. Hoji Ya Henda, 49
(entre embaixada de Portugal e cidadela desportiva).
Telefone 222 431 935 / 222 431 953
Suite júnior: 26 600 kz
Suite embaixador: 47 025 kz
Ginásio, internet, sala de conferências.
Restaurante: 2000 a 5000 kz

Hotel Continental

Rua Rainha Jinga
(junto ao Largo do Baleizão).
Telefone 222 334 241
Single: 27 840 kz
Duplo: 31 680 kz
Suite júnior: 37 440 kz
Suite sénior: 46 080 kz
Terrace suite: 55 680 kz
Ginásio, bar, sala reuniões, internet/
business lounge.



Hotel Epic Sana

Rua da Missão

Telefone 222 642 600

Quarto: 49 000 kz

Apartamento: 80 000 kz

Hotel Alvalade

Av. Comandante Gika (em Alvalade).

Telefone 222 327 470

Quarto *premium*: 42 000 kz

Suite: 76 500 kz

Piscina, ginásio, internet

Hotel Trópico

Rua da Missão, 103

Telefone 222 335 335

Single: 42 000 kz

Suite premium: 82 500 kz

Ginásio, internet

Hotel de Convenções de Talatona

(HCTA)

Talatona

Telefone 226 424 300

Quarto *single* à volta de 40 000 kz

Hotel Três Palmeiras

Rua Murtala Mohamed, 32

(início Ilha/Chicala)

Telefone 936 683 367

Quarto *single*: 20 000 kz

Casal: 20 000 kz

Hotel Skyna

Av. de Portugal, 29 (junto da embaixada)

Telefone 222 670 900

Single: 39 000 kz

Double: 42 000 kz

Suite: 82 000 kz



Mais barato:

Hotel Soleme

Rua Kwamme N'krumah, 1

Telefone 222 335 941

Single: 14 500 kz

O mais barato em Luanda:

Hotel/Pensão Globo

Rua Rainha Jinga (ao pé do centro de imprensa, antes da Endiama e do Mirex).

Quarto: 6000 kz

Onde comer

Há muitas opções espalhadas por toda a cidade e a ilha, algumas já mencionadas no texto acima.

Segue uma pequena seleção.

Kintal da tia Guida (Ilha)

Pratos a partir de 2000 kz

Muito bom peixe grelhado.

Floresta (floresta de Kinaxixi)

Buffet fim de semana: 5000 kz/pessoa

Resto da semana: carta

Só almoços.

Jantar por encomenda.

Preço: 3000 kz

Asia Lounge Luanda

Rua da Missao, 55 r/c – Ingombotas

Telefone 912 122 895 / 928 476 868

12 peças de *sushi*: 2800 kz

Orquestra das Panelas

Rua Friedrich Engels

Buffet: 3700 kz/kg

Bar Isa

Ao lado da Escom.
 Bitoque: 1200 kz
 Hambúrguer: 700 kz
 Muito básico e simples, mas o ambiente é agradável.

Marginal

Esplanada/café/restaurante na Marginal.
 Pratos: 2000 kz/kg

Conversa Fiada

Entre Mutamba e Serpa Pinto, num jardim.
 Prato do dia: 2400 kz

O Caldeirão

Nas traseiras do Ministério do Comércio.
 2000 kz/kg

Big Bite

Largo do Kinaxixi
 Fajitas e mais à volta de 700 kz

Lanchonete da Zazona

No prédio em frente ao cemitério do Alto das Cruzes (Cruzeiro).
 Pratos simples: 500 kz

Mamã Kiwa

Na rua entre a Av. de Portugal e o Kinaxixi.
 Lanchonete muito básico, mas a comida é bastante boa.
 Meia dose de funge do dia: 350 kz

Jardim Esplanada Nilo

No início da Rainha Jinga, no meio de um jardim, calmo.
 Sandes: 400 kz
 Fino: 270 kz

Pim's

Restaurante mais caro de Luanda.
 Rua Emílio Mbidi (Alvalade)
 Por volta de 8000 kz

Bahia Restaurant Luanda

Av. 4 de Fevereiro, 183 – Marginal.
 Telefone 222 370 610
 Pizas: 1800 kz
 Três andares com bar/pequena pista de dança.

Pizzaria Bela Nápoles ou Bella Napoli

Take away pizza
 Rua Rei Katyavala, 73-A
 Pizas: 1800 kz

Bico do Sapato

Rua dos Coqueiros
 Dentro do Estádio dos Coqueiros, entrada 1.
 Telefone 921 596 666
 Refeição à volta de 5000 kz

O Bordão (Ilha)

Ilha de Luanda, Avenida Murtala Mohamed.
 Ao fundo da ilha, depois dos bares mais chiques.
 Telefone 929 645 596 / 928 978 312
 Refeições a partir de 2000 kz

Broadway Bar

Indiano

Rua Albano Machado, 88

Telefone 222 394 962 / 222 391 589 /
923 592 116

Refeições à volta de 3 000 kz

Cafe del Mar

Ilha de Luanda, Avenida Murtala

Mohamed.

Entre Miami Beach e Coconuts

Telefone 222 309 241 / 912 205 777 /
923 581 333

Refeições a partir de 2000 kz

Cais de Quatro

Ilha de Luanda, Avenida Murtala

Mohamed.

Telefone 222 309 430 / 222 309 286

Sushi boat (quatro pessoas): 10 000 kz

Capricciosa Pizzaria

Augusto Tadeu Basto, n.º 59

Maianga

Telefone 222 393 867

Pizas 3000 kz (grandes, caras e boas)

Caribe (ilha)

Ilha de Luanda, Avenida Murtala

Mohamed.

Ao lado do Chillout

Telefone 222 309 493

Pratos à volta de 4000 kz

Cervejaria Caçarola

Avenida Che Guevara, 43A

Telefone 912 507 645 / 912 529 377

Sandes: 300 kz

Chez Wou (ilha – cozinha chinesa)

Ilha de Luanda, Avenida Murtala

Mohamed.

Telefone 222 309 517 / 924 237 190

Chinês: preços à volta de 2000 kz

Restaurante/Bar Flor das Ingombotas

Rua Dr. Américo Boa Vida

Telefone 222 331 417

Comida portuguesa: 2000 kz refeição

Restaurant Buffet Kimbo (Marginal)

Rua Joaquim de Figueiredo

Telefone 923 474 841

Ao kg: preço à volta de 1500 kz/prato

Le Petit Bistro (Chez Antoine)

Rua Amílcar Cabral, 92 – Mutamba.

Restaurante francês na baixa

Telefone 934 117 817

Pratos à volta de 3000 kz

Al-Amir Restaurante, Pastelaria, Padaria, Geladaria, Take Away

Rua Fernão de Sousa, 21/23

Telefone 923 336 418 / 928 347 666

Shoarma em prato: 1200 kz

Restaurante Mangais Luanda Club

Rua Major Kanhangulo, 3B

Ingombota

Telefone 923 408 673

Buffet: 6000 kz

Pastelaria Marianita

Rua Augusto Tadeu de Bastos, 32 R/C

Maianga

Telefone 222 335 651 / 912 725 658
Bebida e dois pastéis: 1000 kz

Multibocas (Ilha)

Ilha de Luanda, Avenida Murtala
Mohamed.

Do outro lado da rua
do Tamariz Beach Club
Pratos à volta de 2000 kz
Petiscos: 700 a 800 kz

Naquele Lugar Restaurant, ou Fort Restaurant (Fortaleza de São Miguel)

Calçada de São Miguel, Cidade Alta,
na subida para a fortaleza.

Telefone 923 448 311 / 926 323 958 /
926 322 615 / 924 905 859
Refeição à volta de 3500 kz

O Caril

Ilha de Luanda, Avenida Murtala
Mohamed (Hotel Palm Beach).
Telefone 912 527 230 / 912 306 813 /
923 273 674
Indiano: pratos a partir de 2000 kz

A Quentinha

Junto ao Largo do Ambiente.
Buffet: 2000 kz/kg – prato fica à volta
de 1500 kz





Rialto

Rua Rainha Jínga, 12 – Marginal
Luanda
Telefone 222 392 436 / 917 616 617
Pizas, refeições e gelados.
Piza: 1700 kz

Somel Lounge e Restaurant

Rua Luther King, 123/124
3000 kz comida – melhor como bar.

Tendinha

Rua da Missão (do outro lado da rua
do Hotel Trópico).
Refeição: 2000 kz

Tia Maria

No Clube de Ténis dos Coqueiros.
Telefone 912 503 050 / 923 635771
Pratos a partir de 2000 kz

Tamariz

Ilha de Luanda, Avenida Murtala
Mohamed.
Telefone 915 711 161 / 914 399 662 /
917 653 895
Refeições à volta de 3000 kz

Veneza

Rua Comandante Che Guevara,
116/120.
Telefone 222 320 954
Comida portuguesa.
Pratos à volta de 2000 kz

NOITE

Bares/discotecas na ilha

Miami, Caribe, Chill-out, Eden, e todos
os outros na parte final da ilha vão ser
demolidos e deslocados para outra
zona da ilha, mas continuarão a existir.

São os bares mais frequentados à noite. Aproveite enquanto puder.

Teatro Elinga

Perto da torre do banco BPC.
Largo Tristão da Cunha, 17
Rua Amílcar Cabral, Luanda
Telefone 921 271 858 / 912 595 798
O melhor sítio para *clubbing*
Teatro, noites com música e DJ
entre quarta e sábado

Chillout (Ilha)

Ilha de Luanda, Avenida Murtala
Mohamed.
Telefone 924 282 810
Entrada: 2500 kz (inclui algumas
bebidas).

Dom Q

Baixa de Luanda.
Um dos sítios mais *in* para sair à noite.
Rua Rainha Jinga, numa esquina.

Oito Dezoito

Torre Escom (Cruzeiro).
Tem vindo a ser uma referência
das noites de quinta-feira em Luanda.

Jango Veleiro

Ilha de Luanda, Avenida Murtala
Mohamed.
Telefone 222 309 071 / 222 309 068 /
222 309 278 / 222 309 060 /
222 309 154

Lookal São Jorge

Ilha de Luanda, Avenida Murtala
Mohamed.
Telefone 923 596 114
Bar: entrada 3000 kz homens
(inclui algumas bebidas).

Maiombe Discoteca

(junto do estádio da Cidadela).
Rua Olivença, 33/A – Bairro Nelito
Soares
Telefone 222 265 969
Discoteca «rosqueira».
Entrada 2000 kz

Palos disco

Rua Frederic Engels
Telefone 222 394957
Discoteca na baixa.

Rio Kwanza, Kwanza Norte



A capital em construção, Luanda



Mussulo, Luanda



Baía de Luanda vista da Ilha



★ AGRADECIMENTOS

Lançar-se na aventura de fazer um livro destes sozinho é um ato de estratégia e coragem, ou de uma ingenuidade impulsiva. No meu caso, foi a segunda das hipóteses. Seja como for, o desenrolar de um projeto desta envergadura nunca é um assunto linear. Por isso, teria sido impossível chegar a este ponto, sem a preciosa ajuda de muitas pessoas, a quem devo muito.

Tudo começou em 2007, quando fui a Angola pela primeira vez a convite da família Dias Serrão. Na altura visitei Benguela, e lembro-me que não foi fácil encontrar um sítio onde dormir por um preço simpático. De volta a Portugal, fui à procura de guias turísticos. O único que encontrei tinha mais publicidade do que informação prática, e mesmo essa resumia-se na maior parte a referências ao clima e à geografia.

Nasceu então a ideia de fazer eu próprio o guia. Em 2008, desenvolvi um projeto ambicioso e fui à procura de ajuda e apoios, mas nunca fui grande espingarda comercial, daí ter ficado tudo em águas de bacalhau. Em 2011 surgiu a oportunidade de voltar à carga com um empurrão da Karina Carvalho. Infelizmente, as coisas não correram como ambos desejávamos, e uma vez em Luanda vi-me obrigado a virar-me sozinho. Foi nesse momento que este livro começou a ganhar forma.

Fui ter com Luís Costa Branco, do semanário *SOL* e propus fazer uma série de artigos durante a minha viagem. Desde o início, tanto o Luís como o Vítor Rainho acreditaram no projeto e com um adiantamento de 50% sobre o valor das reportagens, fiz-me à estrada.

Agradeço igualmente a ajuda da Crisa Glória Eduardo, por ter-me posto em contacto com Victor Aleixo. Victor foi uma ajuda preciosa. Arranjou-me trabalhos fotográficos a cada visita a Angola. Foi graças a estes trabalhos pontuais que consegui pagar o resto da viagem e ultrapassar os períodos intermédios em Portugal, à espera de tratar do tão temido visto para Angola. Por falar em vistos, um muito obrigado a Fátima Patrício do Consulado do Porto pela ajuda que me prestou vezes sem conta.

A Brussels Airlines patrocinou a maior parte dos voos, graças à delegada em Luanda, Rita Macedo. Desde cedo achou interessante a ideia das minhas reportagens, das exposições e do livro. As exposições fotográficas em Luanda e Lisboa, com o título «Obrigado, sim», foram um sucesso graças ao Luís Costa Branco, Andrew da Silva e aqui em Lisboa, do Filipe Eusébio, administrador do *SOL*, que apesar de todos os problemas logísticos, manteve a exposição no Oito Dezoito.

“No terreno”, os meus agradecimentos vão em especial para a minha grande amiga Iolanda Cristina Pinto e o pai dela, Carlos Pinto, por todo o apoio, comida e o tecto em Luanda, enquanto arranjava apoios para avançar com o projecto.

E apoios preciosos surgem por vezes do nada. Conheci o meu compatriota Herman Boone na festa do dia nacional da Bélgica num hotel entre Luanda e Viana e contei-lhe



o que estava a fazer. Foi o suficiente para me patrocinar generosamente a título pessoal e da família dele. Muito obrigado, Herman.

Os parágrafos sobre o Parque do Kissama são a tradução livre de um texto que o Paul da Eco-Tur me enviou sobre as excursões que essa empresa faz ao parque. Obrigado pela ajuda.

Gostaria também de agradecer ao tio Guelito, à tia Cecília no Ramiro, e a sua filha Né no Namibe, ao meu amigo Nani Vontade, à Alice Fife e a todos os outros que me deram boleia ou guarida durante a viagem. Destas muitas pessoas generosas, sobressaem algumas: O Nininho apoiou-me no Lobito quando tive o primeiro encontro um pouco desagradável com a malária. O missionário Eduardo Sikiya e a sua família acolheram-me na missão batista da Ganda, e recebi deles uma grande lição de humildade e humanismo. A «malta» do Santa Rosa no Huambo ajudou-me bastante e pôs-me em contacto com o grande Carlos, a mulher e os filhos no Kuito, que me alojaram em sua casa. O *Pistola* no Lubango foi incansável. Nas minhas várias passagens pelo Lubango, nunca era cedo ou tarde de mais para lhe telefonar a pedir ajuda. Evelisa da Rocha e Jackson Kumbi aturaram-me durante centenas de quilómetros a falar sem parar sobre as minhas aventuras. Espero não lhes ter estragado o fim de semana em Malanje. Outra compatriota minha, conhecida pela alcunha *Quick* alojou-me no seu Bed & Breakfast exclusivo perto da marginal e pôs-me em contacto com outro duo belga, Machteld e o seu marido, que também me hospedaram durante alguns dias em Luanda. Mara Moreno hospedou-me nos últimos dias antes do meu regresso à Europa. Obrigado a todos.

De volta, apresentei a ideia ao Francisco Camacho, e graças a ele e à equipa toda da Oficina do Livro, está neste momento com o *À Descoberta de Angola* nas mãos. Se comprum um exemplar, obrigado.

Por último gostaria de agradecer à minha filha Helena e à minha cara-metade Nayronga, pelo amor e apoio incondicionais e pela paciência com tudo isto, as ausências prolongadas e os parcos recursos económicos durante o processo todo. Agradeço também a Deus, pela proteção e pela maneira como tudo acabou por encaixar, às vezes pelos proverbiais caminhos tortos.

★ ÍNDICE REMISSIVO

A

Acampamento do Kawa 86
Aeroporto 4 de Fevereiro 25, 56, 291, 292
Aeroporto da Catumbela 102
África do Sul 74, 85, 180, 262
Afrítaxis 53, 55, 57, 102, 277
Agostinho Neto 13, 15, 16, 17, 38, 128, 131, 136, 147, 205, 250, 267, 278, 279, 295, 297, 298
Air26 54, 206
Al-Amir Restaurante 306
Alcides 268
Alcídio 268, 271
Aldeamento da Mulemba 188
Aldeia 26, 27, 128, 201, 204, 211, 232, 238, 241
Alentejo 92
Alice 293, 313
Alto Catumbela 124, 127, 136
Alto Hama 101, 128
Alvalade 292, 293, 298, 303, 305
Angola Adventure Safaris 160
Ango-Real 61, 63
Antílopes 85
A Quentinha 307
Arca de Noé 85
Arco 157, 159
Art Doce 144, 147
Artesanato 37, 84, 251, 262, 296, 301
Asia Lounge 296, 304
A Sombra 104
Assembleia Nacional 257, 297
Associação Cultural do Chá de Caxinde 297
Atlântico Sul 110
Avenida Brasil 292, 296
Avenida Deolinda Rodrigues 146, 298
Avenida dos Aliados 87, 88
Avestruzes 85, 221
Avião 53, 54, 88, 130, 132, 146, 161, 175, 189, 206, 220,

234, 250, 263, 271, 275, 277, 281, 287

B

Bahia Restaurant Luanda 305
Baía dos Tigres 157
Baía Farta 99, 104
Bairro Operário 292, 295
Baixa 110, 162, 292, 304, 309
Bananas 42, 45, 187
Banco Nacional de Angola 293, 295, 296, 299
Barba d'Aço 254
Bar lsa 305
Barracões 143, 145, 153
Barra do Kwanza 13, 15, 83, 84, 86, 90, 91, 94
Barragem 133, 145, 148, 171, 214, 217, 218, 221, 227
do Ngove 133
do Ruacaná 171
Belas Shopping 71, 291, 301
Bem Doce 257
Benfica 37, 57, 84, 301
Bengo 13, 185, 186, 187, 191
Benguela 5, 13, 15, 19, 20, 28, 55, 57, 59, 61, 62, 65, 74, 77, 87, 89, 93, 96, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 146, 181, 312
Bicesse 16
Bico do Sapato 305
Bié 11, 13, 20, 47, 131, 135, 136, 138, 236, 238, 240
Big Bite 296, 305
Bilhete de Identidade 13
Binga 83, 87, 89, 91, 94, 302
Cachoeiras de Binga 87, 89, 91
Botswana 85, 227
Broadway Bar 306
Bruno 277, 287
Brussels Airlines 49, 50, 294, 312
Búfalo preto 105

Bungalows 65, 86, 105, 131, 132, 139, 161, 186, 188, 218, 257, 277, 280, 287

C

Caála 20, 127, 150
Cabinda 5, 13, 19, 45, 54, 55, 57, 73, 224, 272, 275, 276, 277, 278, 279, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287
Cabo Ledo 83, 86, 93
Cachoeira 83, 87, 89, 91, 94, 204
Cacuaco 185, 188, 192
Cacuso 5, 201, 202, 204, 210
Cafe del Mar 306
Cais de Quatro 299
Calulu 11, 42, 302
Camabatela 5, 54, 197, 201, 202, 209
Camacupa 20, 47, 231, 232, 234, 236, 239, 240
Camarão 41, 42
Camarões 15, 41, 42, 217, 275
CAN 57, 101, 111, 146, 276, 277
Candongueiro 25, 26, 28, 35, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 93, 120, 121, 136, 185, 194, 197, 291, 292, 295, 296, 297, 298, 299
Capricciosa Pizzaria 306
Caribe 299, 306, 308
Carlos 34, 36, 38, 139, 312, 313
Casa Verde 102, 109
Cascatas 87, 224, 254, 261
Casper Lodge 144
Catabola 231, 232, 234
Catengue 101
Catete 188, 302
Catota 238
Catumbela 99, 100, 101, 102, 107, 111, 124, 127, 136
Caxito 185, 186, 187, 189, 191, 275
CDI 268, 269, 271

Célio 285
Cemitério do Alto das Cruzes 295, 305
Centro Cultural Dr. Agostinho Neto 295
Centro Geodésico 231
Cervejaria Caçarola 306
Cesse 242
Caminho de Ferro de Benguela (CFB) 115, 120, 128
Chez Wou 306
Chill Out 299
Chimarrão 300
Chinguar 133
Cidade Alta 292, 293, 296, 307
Clínica Sagrada Esperança 77
Clube Náutico 299
Clube Naval 299
Comboio 72, 93, 101, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 130, 146, 161, 178, 204, 205, 207, 217, 218, 220, 224, 232, 233, 239, 242
Complexo Turístico Doce Mar 86
Congo Brazaville 277
Conversa Fiada 305
Coqueiros 293
Cristo Rei 143, 146, 152, 231
Cruzeiro 133, 292, 295
Cubal 5, 61, 101, 111, 112, 115, 116, 117, 120, 121, 123
Cuca 45, 53, 92, 108, 150, 212, 224, 225, 227, 295
Cuemba 232, 234, 239, 240
Cuito Cuanavale 20, 217, 218, 220, 221, 227
Cunene 13, 19, 20, 24, 157, 158, 159, 161, 164, 171, 175, 178, 218

D

Dala 247, 249, 254, 261
Dande 41, 44, 182, 185, 186, 187, 188, 191
Dia do Rei Mandume 175

Diamantes 19, 247, 248, 255, 261, 262, 263, 298
Diogo Cão 15, 275, 280, 281, 287
Discoteca Sporting Nightclub 280
Dólares 48, 93
Dom Q 309
Dondo 201, 205, 207, 217, 247, 302
Dongue 147
Don Kikas 34, 36, 293
Dumbo 238

E

Eco-Tur 56, 57, 84, 85, 313
Eduardo Sikiya 118, 123, 313
Eiffel 298
Eixo Viário 295
Eka 45, 191, 197
Ekuikui 128
Elefantes 74, 83, 85, 147, 161, 188, 191, 221
Eloísio 240
Embondeiro 84, 168, 171, 172, 179
Empreendimento Turístico Luari 250, 251
Escócia 94
Esplanada 42, 83, 87, 89, 102, 105, 109, 111, 128, 130, 158, 167, 221, 226, 227, 239, 251, 257, 285, 294, 296, 297, 298, 299, 305
Esplanada O Tropical 105
Estação dos Correios 247
Estádio dos Coqueiros 296, 305
Ethyopian 294

F

Faculdade de Ciências 294
Fazenda de Santa Isabel 302
Feira do Artesanato 301
Festas da Cidade de Kuito 133

da Cidade do Lubango 147
da Cidade do Namibe 161
de Malanje 207
de Menongue 221
de N'Dalatando 207
de Ondjiva 175
de Saurimo 251
do Caxito 191
do Luena 234
do Mar 87, 161
do Sumbe e de Porto Amboim 87
do Uíge 191
em Cabinda 281
no Zaire 281
Festisumbe 87
Fineza 285
Flamingo Lodge 157, 158, 159, 160
Flamingos 99, 101, 109
FLEC/FAC 276
Floresta 19, 116, 128, 143, 188, 191, 207, 217, 221, 231, 232, 261, 275, 277, 281, 304
de Maiombe 281
Fortaleza de São Fernando 157
de São Miguel 293, 296, 307
Fortes Roçadas 171, 315
Fundação Dr. Agostinho Neto 295
Funge 4, 11, 41, 42, 66, 123, 151, 185, 187, 195, 197, 204, 213, 221, 251, 296
Futebol Clube de Cabinda 284
Fútila Beach 277, 279, 281, 287

G

Gabela 87, 94
Gajajas 187
Gama Beach 109
Ganda 20, 28, 61, 65, 101, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 127, 128, 231, 313
Gazelas 85
Giracab 277, 278

Girafas 74, 83, 85, 175
Gnus 85, 147
Goiabas 187
Governo da Província de
Luanda 296
Guelito 92, 166, 313
Guicango 54, 263
Guida 224, 300, 304

H

Hamburgueria Krisnel 207
Hiace 25, 26, 28, 58, 102, 104,
116, 120, 129, 139, 146, 189,
202, 291
Hienas 105, 175, 221
Hilux 266
Hospedaria
30 de Novembro 104
Feliciano Rodrigues da Costa
278
Jango 116
Snack Bar Chico e Filhos 132
Tchambanyma 130
Tchingoma 224
Hospital
do Chitato 271
Josina Machel 77, 297
Militar 37
Hotel
Alvalade 298, 303
Bengo 191
Camila 212
Cassoma 132
Celeste 302
Continental 302
de Convenções de Talatona
303
Diamante 263
Epic Sana 303
Grande Hotel do Huíla 147
Kawango 235
Kwendale 89
Luena 234, 235
Luso 104
Maiombe 277, 278, 279
Malanje 202, 207, 212,
213
Moçâmedes 161
Navegante 102
Palácio Regina 206
Palanca Negra 207

Panorama 299
Hotel/Pensão Globo 304
Porto Rico 281
Presidente 294, 295, 302
Relaxe 302
Ritz 88, 130
Ritz Roma 130
Salala 191
Sishotel 279
Skyma 303
Soleme 304
Sol Nacional 89
Sumbe 89
Terminus 102
Três Palmeiras 303
Trópico 296, 303, 308
Vila Okapale 175
Huambo 13, 19, 20, 61, 62, 70,
79, 101, 102, 105, 111, 115, 116,
120, 123, 127, 128, 129, 131,
132, 133, 134, 135, 136, 139,
143, 146, 150, 151, 152, 217,
231, 234, 240, 313
Huíla 13, 20, 140, 143, 144,
147, 148, 149, 157, 171, 172, 181
Humpata 143, 144, 146

I

Igreja
de Camabatela 197, 201
de Nossa Senhora da
Arrábida 101
de Nossa Senhora da
Assunção 247, 248
de Nossa Senhora de Nazaré
294
de Nossa Senhora do Pópulo
103
de Nossa Senhora dos
Remédios 293
de Serpa Pinto 218
do Carmo 296
Nossa Senhora de Fátima
104
Rainha do Mundo 276, 282
Ilha
de Luanda 37, 99, 291, 296,
299, 311
do Cabo 299
do Sol 217, 219, 223, 227
Instituto Camões 296

J

Jacaré Bangão 185, 186, 187
Jacil 147, 149, 153
Jango Veleiro 309
Jardim
botânico do Quilombo 205
botânico N'Dalatando 207
de Angola 144
Esplanada Nilo 305
Pouca-Vergonha 127
do Huambo 127
João 127, 132, 180, 227, 238,
285
Jonas Savimbi 16, 17, 231, 232,
233, 243

K

Kahama 172, 173
Kalandula 20, 198, 201, 202,
203, 204, 208, 211
Kamaz 59, 132, 232, 234, 238,
239, 241
Kambumbe Lodge 218, 221
Kapembawé 104, 105
Kavimbi 228, 229, 237, 241
Kilamba Kiaxi 63, 262
Kinaxixi 54, 194, 295, 296,
304, 305
Kinguilas 70, 93
Kintal da tia Guida 300, 304
Kissama 74, 83, 84, 85, 86,
302, 313
Kizomba 12, 24, 34, 226
Kuando Kubango 13, 20, 66,
131, 181, 214, 217, 218, 220,
221, 222, 223, 224, 227, 238
Kuduro 12, 24, 34, 36, 226
Kuito 11, 20, 59, 127, 128, 129,
130, 131, 133, 135, 136, 138,
139, 143, 150, 217, 218, 219,
220, 227, 231, 232, 234, 238,
239, 241, 313
Kupapata 27, 55, 58, 59, 65,
87, 94, 130, 146, 161, 175, 189,
220, 221, 234, 248, 257, 263,
267, 277
Kwanza Lodge 86
Kwanza Norte 13, 20, 54, 189,
201, 205, 207, 209, 213, 302,
310

L

Lady Di 161
Lagoa do Feitiço 185, 189
Lagoa do Luari 247
Lanchonete da Zezona 305
Land Cruiser 59, 60, 130, 132, 232, 234, 238, 266
Largo
da Maianga 297
da Mutamba 61, 296, 298
do Ambiente 294, 307
do Baleizão 293, 297, 302, 306
Irene Cohen 296
Primeiro de Maio 255, 297
Leões 74, 105, 161, 175, 221
Leopardos 147, 175
Le Petit Bistro 306
Libolo 87
Lobito 17, 19, 45, 55, 57, 87, 96, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 116, 123, 128, 146, 313
Lobsang 239, 241
Lombe 201, 202, 203, 211
Lookal São Jorge 309
Luanda 71, 72, 73, 74, 76, 77, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 110, 129, 130, 132, 146, 171, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 194, 197, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 212, 217, 220, 227, 234, 247, 248, 250, 256, 262, 263, 268, 271, 275, 276, 277, 281, 284, 287, 291, 292, 294, 295, 296, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313
Luanda Sul 62, 291, 292, 301
Luari 248, 256
Luau 19, 233, 248, 250, 251, 256
Lubango 5, 19, 20, 55, 57, 61, 79, 101, 102, 105, 108, 130, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 158, 160, 161, 167, 171, 172, 174, 176, 178, 180, 181, 218, 220, 313
Luena 6, 17, 20, 30, 59, 132,

231, 232, 233, 234, 235, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 247, 248, 254, 257, 285
Lufefena 136
Luiana 219, 221
Lukala 197, 201, 202, 210, 247
Lundas 54, 73, 248, 261
Lussongoli 121

M

Macon 61, 63, 189, 194, 206
Macosso 42, 247, 257
Madagascar 298
Madalena 227
Maianga 293, 297
Maiombe Discoteca 309
Malanje 62, 74, 181, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 212, 213
Malongo 238
Mamã Kiwa 296, 305
Mangais Golf 86
Mangais Lodge & Spa 86
Mangal 99, 100, 101, 109
Maquela do Zombo 191
Marginal 28, 39, 50, 58, 71, 83, 86, 87, 88, 89, 94, 154, 158, 160, 161, 163, 167, 277, 278, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 299, 305, 306, 308, 313
Maria João Chaves 180
Martins 268
Maruvo 45, 185, 197
Matala 145, 161, 171, 181, 218, 220
Mavinga 219, 221
Mbanda 280, 287
M'Banza Congo 20, 189, 275, 281
Mega 292
Menongue 20, 66, 131, 145, 146, 161, 171, 175, 180, 181, 214, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 227, 231, 238
Mercado
de São Paulo 295
do Roque Santeiro 185
do Tchingo 131
dos Kwanzas 62, 186, 189
Mestre Malanje 243
Miami Beach 299, 306

Miniautocarros 59, 94, 102, 116, 146, 160, 178, 234, 247, 248, 254, 263, 266
Ministério
da Família e da Promoção da Mulher 295
das Finanças 296
das Relações Exteriores (Mirex) 299
da Urbanização 296
do Comércio 295, 305
do Interior 294
dos Petróleos 294
Miradouro da Lua 84
Miramar 292, 295
Mitsubishi Canter 266
Moçamedes 20, 145
Monte Moco 19, 127, 128
Monumento à Paz 231, 232, 243
Monumento do Mufilo 171, 172
Mordor 255
Morro Bento 62, 92
Morro Tchinghambo 133
Moto-táxis 27, 136, 167, 180, 212, 224
Moura 92
Moxico 6, 13, 16, 17, 20, 29, 30, 130, 132, 217, 218, 227, 228, 229, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 244, 247, 249, 254
MPLA 16, 144, 202, 218, 255, 297
Mubanga Lodge 188
Multibocas 307
Multiperfil 62, 181
Museu
da Escravatura 83, 84, 301
de História Natural 296
do Dundo 262, 264
Etnográfico do Congo 185
Municipal do Huambo 128
Nacional Arqueológico de Benguela 99
Regional de Cabinda 277
Regional de Etnografia 101

N

Namacunde 171, 174
Namibe 5, 9, 11, 13, 20, 21, 37,

58, 61, 73, 75, 102, 143, 145,
146, 154, 157, 158, 159, 160,
161, 162, 163, 164, 166, 171,
178, 217, 218, 220, 224, 313
Naquele Lugar Restaurant (Fort
Restaurant) 307
N'Dalatando 205, 207, 213, 247
Negage 188, 189, 191, 197,
201, 202
Negrão 101, 111, 115, 116
Nelinho 240
Nelito 108
Norton de Matos 128
Nossa Senhora aos Pastorinhos
133
Nossa Senhora do Monte 143,
144, 145, 147
Nova Lisboa 20, 128
N'Zeto 275

O

O Bordão 305
O Caldeirão 305
O Caril 307
O Gordinho 251
Oihole 171, 174, 180
Oito Dezoito 296, 309, 312
Olímpio 48, 93
Oliveira 92
Onças 105, 147, 221
Ondjiva 5, 20, 25, 61, 145, 146,
171, 172, 173, 174, 175, 177,
178, 180
Orlando 224, 225
Orquestra das Panelas 304
O Triângulo 207, 213

P

Paccitur 54, 130, 206, 277
Palácio de Ferro 298
Palácio do Governador 128,
247, 248, 262
Palancas 105, 161
Palancas vermelhas 105
Palos Disco 309
Paludismo 69, 110
Panguila 185, 186, 194
Parque
 ambiental AMAC e
 Kapembawé 105
 Nacional da Cagandala 202

Nacional da Mupa 175
Nacional da Cagandala 207
Nacional de Cameia 234
Nacional do Bicular 147
Nacional do Iona 161
Natural do Kissama 83,
84, 86
Regional da Chimalavera
105
Pasárgada 186, 188
Pastelaria
 Art Doce 144, 147
 Bonina 248, 251
 Marianita 306
 Snack-bar Guaca-Mole 281
Pensão
 Cá te Quero 250, 255
 Central 132
 Dadinha e Filhos 132
 Estrela Polar 191
 Globo 302, 304
 Ivonelar 147
 Kuwaha 235
 Lake 175
 Massinga 250, 251
 Restaurante Rochipinto 191
 Santa Isabel 88, 94
 Santa Margarida 88, 89, 94
 Tchingoma 220
Pérola 34, 36, 175
Péu-Péu 171, 172, 179
Pim's 305
Piscina do Mussungue 261
Pistola 152, 153, 313
Pizzaria Bela Nápoles (ou Bella
Napoli 305
Planalto Central 101, 102, 105,
115, 120, 130, 136
Plataformas de petróleo 275,
285
Polo Universitário 247, 248,
262
Ponte de Benfica 301
População 13, 23, 69, 72, 85,
104, 105, 130, 147, 221, 257,
269, 301
Porto Amboim 83, 84, 86,
87, 101
Porto de Luanda 294
Pousada do Wembele 89
Praça
 da Independência 298

de transportes para Cacongo
e Lândana 277
do Chingo 87
do Tchingo 131
do Xioco 145, 146
João de Almeida 146
Primeiro de Maio 248
Praia
 Amélia 157, 158, 161, 167
 das Escadinhas 158, 161,
167
 de Lândana 272, 278, 285,
286, 287
 Morena 99, 103, 104, 111
Princesinha 250
Procissão de Nossa Senhora
133
Pungo Andongo 201, 202, 204,
208, 210, 211

Q

Quedas do Duque de Bragança
203
Quedas do Musseleji 204
Quitexe 189

R

Rainha Jinga 15, 16, 39, 71,
201, 204, 205, 210, 211, 213,
293, 297, 302, 304, 305
Ramiro 83, 86, 92, 93, 94, 101,
166, 313
Rei Katyavala 29
Rei Mandume 171, 172, 174,
175, 180
Rent-a-car 55, 56, 57, 277, 279
República Democrática do
Congo 19, 115, 128, 188, 189,
191, 239, 248, 251, 256, 263,
276, 285
Reserva
 do Luando 207
 Florestal do Béu 188, 191
 Natural de Kumbira 87
 parcial de Luiana 221
 parcial de Mavinga 221
 Parcial do Búfalo 105
Residencial Acácias Rubras
263
Residencial AGMS 147
Restaurant Buffet Kimbo 306

Restaurante
Felicía 279
Mangais Luanda Club 306
Oásis 89
Palmeira 205
Rolechi 279
Restaurante/Bar Flor das
Ingombotas 306
Restaurante Pastelaria
Kawissa 235
Restinga 96, 99, 100, 101, 102,
106, 109, 110, 123
Rialto 293, 297, 308
Rinocerontes negros 161, 221
Rio
Chiumbe 251
Keve 87, 90, 94, 121
Kwanza 84, 85, 205, 207,
302, 310
Zaire/Congo 261, 276
Roulettes 235

S
SADC 248, 256
Safari 83, 160, 181
Sagrada Esperança 38, 77,
262, 301
Samba 301
Santa Clara 61, 171, 174, 175
Santa Rosa 130, 136, 138, 313
Santuário de Nossa Senhora de
Muxima 302
São Paulo 15, 49, 292, 295
Saurimo 15, 20, 61, 69, 181,
201, 202, 203, 204, 206, 207,
233, 234, 244, 247, 248, 250,
251, 252, 253, 254, 255, 256,
257, 258, 261, 263, 266, 285
Sé 144, 146, 147, 153
Semba 12, 27, 34, 35, 36, 226
Serra da Leba 140, 143, 145,
146, 148, 153, 157, 158, 164,
178
Serviço de Migração e
Estrangeiros (SME) 54, 55,
77, 285
SGO 61, 62, 63, 86, 87, 101,
104, 130, 146, 160, 174, 178,
189, 206, 248
Shire 255
Sítio do Hambúrguer 235

Somel Lounge 308
Sonangol 64, 86, 104, 116, 132,
189, 227, 238, 293, 297
Soyo 20, 275, 277, 278, 280,
281, 285, 287
Sumbe 20, 61, 83, 84, 86, 87,
88, 92, 93, 94, 99, 101, 108
Surf 11, 83, 86
Sushi 296, 300, 304, 306

T
TAAG 49, 54, 130, 161, 175,
206, 220
Talatona 109, 291, 292, 301
Tamariz 300, 307, 308
Tarrachinha 12, 27, 34, 226
Tasca do Tio João 127, 131,
132, 139, 238
Tasca Espanhola 279
Táxis 26, 27, 28, 53, 55, 57, 58,
102, 120, 136, 139, 145, 167,
180, 212, 224, 277, 291
Tchinde 238
Tchitendi 248, 256
Tchizo 45, 277
Tchokwé 13, 251
Teatro Elinga 39, 309
Techno 34, 226
Tendinha 308
Tenugar Uma 235
Tia Maria 308
Tioto 210
Tomás Choweto Sapanale 180
Tómbua 20, 37, 157, 158, 159
Torre do Ambiente 291, 294
Torre Escom 296, 309
TPA 1 218, 225
Tschiooco 178
Tundavala 143, 145, 153
Turbo King 287
Turitanga 186, 188

U
Uíge 13, 20, 45, 57, 61, 62, 181,
185, 187, 188, 189, 191, 192,
193, 194, 195, 197, 201, 202
Ukuma 128
UNITA 16, 17, 128, 131, 153,
218, 232, 243

V
Vanjul Lodge 144
Veneza 308
Verónica 285
Via Expresso 301
Viana 62, 63, 201, 205, 206,
217, 247, 302, 312
Vidylson Burga 295
Vila Doroteia Silva 161
Voleibol 86, 87, 94
Voza 196, 197

W
Welwitschia mirabilis 157, 159,
160, 161, 166

X
Xangongo 171, 172, 175, 179,
180

Z
Zâmbia 19, 87, 94, 217, 227
Zebras 61, 85, 105
Zhang 242
ZodaBar 301
Zungueiras 27, 28, 120

O mundo via Bruxelas



A Brussels Airlines liga Luanda à Europa e ao mundo, duas vezes por semana, via Bruxelas.

Ao escolher a Brussels Airlines, tem garantido conforto, não apenas a bordo, mas também em terra. O aeroporto de Bruxelas possui sinalização em várias línguas, espaço de lazer para crianças e ainda uma variedade de excelentes lojas duty-free.

Quando passar pelo Aeroporto de Bruxelas, já entenderá porquê é que quem escolhe a Brussels Airlines, escolhe viagens mais descontraídas, qualquer que seja o seu destino.

Estamos na
Galeria Hotel Presidente, Nr 9
Largo 4 de Fevereiro, Luanda
Tel: +244 222 311 447
Sales.angola@brusselsairlines.com

Ou através da sua agência de viagens!



brussels airlines

A STAR ALLIANCE MEMBER 